

---

# *O Legado de Nightingale*

*The Nightingale Legacy*

**Catherine Coulter**



***Cornualha, 1814.***

***Sem Medo de amar.***

Caroline Derwent-Jones está a um dia de completar dezenove anos. E está desesperada para escapar do controle de seu primo e guardião, o odioso, obsessivo e assustador Roland Falkes, que tem planos nada agradáveis para ela. Caroline consegue fugir para a casa de sua tia, apenas para descobrir que a pobre mulher morreu em circunstâncias misteriosas. Começa, então, uma série de atentados à vida de Caroline, que procura a ajuda de Frederick North Nightingale, o fascinante cavalheiro que ela conheceu numa estalagem, a caminho da casa da tia.

À medida que o perigo e o mistério aumenta, Caroline se vê cada vez mais atraída por North, que insiste em afirmar que é um homem solitário, talhado para uma vida reclusa. A idéia de levar uma mulher para sua casa é inconcebível para North, até então. Porque, para sua surpresa, ele descobre que o que mais deseja é que Caroline Derwent-Jones entre em sua vida, para nunca mais sair.

***Digitalização: Crysty***

***Revisão e formatação: Aliane***





**Querida leitora,**

*Na véspera de seu décimo nono aniversário, Caroline Derwent-Jones consegue escapar das garras de seu ganancioso primo e tutor, que, obcecado pela herança, tenta forçá-la a se casar com ele. No entanto, ao se refugiar numa estalagem, Caroline se depara com Frederick North Nightingale, um homem irresistivelmente atraente, porém recluso e misterioso. Num crescente redemoinho de aventuras e emoções, este romance arrebatava você para um mundo de sonho, paixão e fantasia!*

**Leonice Pomponio Editora**

Copyright © 1994 by Catherine Coulter

Originalmente publicado em 1995 por Berkley Publishing Group

PUBLICADO SOB ACORDO COM TRIDENT MEDIA GROUP

NY,NY-USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: THE NIGHTINGALE LEGACY

EDITORA Leonice Pomponio

ASSISTENTES EDITORIAIS

Maiza Prande Bernardello

Patrícia Chaves

Vânia Canto Buchala

EDIÇÃO/TEXTO Tradução: Ercília Magalhães

ARTE Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright 2009 Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Paes Leme, 524 — 10 andar — CEP 05424-010 — São Paulo - SP

[www.novacultural.com.br](http://www.novacultural.com.br)

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

## ***Capítulo I***

### ***Promontório St. Agnes — Cornualha Agosto, 1814***

Frederick North Nightingale olhou para a mulher caída a seus pés. Estava curvada, com os joelhos dobrados quase lhe tocando o peito, os braços sobre a cabeça, como se tivesse tentado se proteger ao cair do alto do rochedo. O vestido de musselina azul-claro, antes elegante, estava sujo e rasgado debaixo dos braços. Uma das sandálias pendia do pé direito, presa pelas tiras de couro, rebentadas e torcidas.

North ajoelhou-se ao lado do corpo da mulher e afastou-lhe da cabeça, delicadamente, os braços endurecidos. Avaliou que ela devia estar morta havia pelo menos dezoito horas, pois os músculos começavam a relaxar novamente, o rigor da morte diminuía. Ele pressionou de leve os dedos sobre o pescoço da mulher, onde a gola do vestido tinha sido arrancada. Por que tentava encontrar a pulsação, não saberia dizer. Talvez estivesse esperando por um milagre, mas, claro, não havia batimento nenhum, apenas um corpo frio e morte.

Nos olhos azuis, voltados para North, não tinha o menor sinal de calma aceitação, estavam saltados de terror, com a certeza da morte iminente. Embora tivesse visto muitos homens morrendo numa batalha ou depois do combate, por causa de uma infecção, a morte dessa mulher tocou North de modo diferente. Ela não era um soldado manejando uma espada ou um mosquete. Era uma criatura frágil e desamparada diante de uma queda tão violenta. North fechou os olhos da mulher, depois pressionou o queixo para fechar a boca, muito aberta, num último grito. Não conseguiu fechá-la, e o terror continuou presente para ser visto, uma vez que não podia ser ouvido. Permaneceria ali até que o corpo se tornasse nada além de ossos brancos, descarnados.

North ergueu-se devagar e afastou-se, mas não muito para não despencar da estreita borda, indo cair diretamente no mar da Irlanda, cerca de doze metros abaixo. O cheiro da água salgada era forte e o barulho das ondas batendo nas eternas rochas negras e escarpadas era alto, mas, para ele, essa agitação rítmica era curiosamente calmante. Tinha sido assim desde que ele era garoto, acostumado a fugir de casa em busca de paz.

A mulher morta não era estranha para ele. Não a reconhecera de imediato, mas depois de um instante soube que se tratava de Eleanor Penrose, viúva do juiz de paz, Josiah Penrose, dona de Scrilady Hall, que ficava a uns cinco quilômetros dali, ao norte, perto da angra Trevaunance. Ele a conhecia desde que ela chegara à região, vinda de algum lugar de Dorset e se casara com o juiz de paz. North era na época um garoto de dez anos. Lembrava-se bem de Eleanor, jovem alegre, com grandes seios e

um sorriso maior ainda, os cabelos castanho-claros caídos ao redor do rosto em cachos que balançavam quando ela brincava com o marido, conseguindo arrancar-lhe um sorriso, apesar de ele estar sempre com os lábios comprimidos. Agora Eleanor Penrose estava morta, encolhida como um bebê na estreita borda do penhasco. Tinha sido um trágico acidente, pelo menos era o que devia parecer. Mas ele sabia intimamente que isso não seria possível. Eleanor conhecia toda a região tão bem quanto ele. Ela não sairia andando sozinha pelos rochedos íngremes, tão longe de casa, para escorregar e cair do alto de um dos penhascos. Não fazia sentido. Então, o que teria, realmente, acontecido?

North voltou devagar para o alto do penhasco cerca de dez metros acima do lugar onde se achava, agarrando-se nas saliências das rochas, colocando os pés nos lugares que conhecia bem, até chegar ao alto do promontório de St. Agnes. Ficando de pé, olhou para baixo. Daquela altura o corpo de Eleanor tornou-se de novo a mancha azul que lhe atraíra a atenção quando ele ali chegara vários minutos atrás. Por isso, descera e encontrara a pobre mulher morta.

Subitamente um bloco de terra soltou-se sob suas botas e ele moveu-se depressa para trás, agitando os braços. Com o coração aos saltos viu que estava a menos de um metro da borda do precipício. Ocorreu-lhe que talvez algo semelhante tivesse acontecido com Eleanor Penrose. Ela chegara perto demais da beira do penhasco e não conseguira evitar a queda quando o terreno simplesmente cedera. Não caíra nas ondas espumantes, logo abaixo, mas na borda saliente do rochedo. Isso tinha sido o suficiente para causar-lhe a morte.

North ajoelhou-se e examinou o terreno. Apenas aquele pedaço de terra havia desmoronado. Olhou novamente para o chão e depois para a saliência do rochedo mais abaixo, não muito visível do ponto em que ele se encontrava.

Ergueu-se, limpou a terra das mãos, e caminhou até Treetop, o enorme cavalo baio que ele deixara a poucos passos de distância. O animal estava imóvel, olhando para o dono que se aproximava. Não ergueu a cabeça nem quando um bando de abibes passou voando logo acima dele. Apenas abanou a cauda para espantar uma libélula que acabara de pousar em sua garupa. North considerou que era seu dever procurar o magistrado local. No mesmo instante lembrou-se de que *e/e* era o magistrado. Não estava mais no Exército, não havia ali sargentos a quem ele desse ordens, tampouco havia regras ou protocolos a serem observados.

— Bem — disse ele, saltando agilmente para a sela de Treetop —, vamos até o Dr. Treath. Ele deve examinar o corpo de Eleanor Penrose, para depois ser removido. Agora me diga, Treetop, você acha que ela caiu do penhasco?

O animal não relinchou, mas balançou de um lado para outro a colossal cabeça.

North cobriu os olhos com a mão para protegê-los do sol forte do meio-dia e olhou novamente para baixo, onde estava o corpo sem vida da pobre Eleanor.

— Eu também não acho que ela tenha caído daqui de cima, Treetop. — murmurou

— Na minha opinião, algum bastardo a matou.



— Lorde Chilton! Quando você chegou? Já faz mais de um ano que estive aqui, por ocasião do enterro de seu pai. Em seguida voltou para aquela guerra que parecia não ter fim, e que, finalmente, terminou. Agora nossos valorosos rapazes podem estar em casa novamente. Entre, entre.

O Dr. Treath, alto e ereto como uma árvore nova sob o sol, magro como um rapaz de dezoito anos, o homem mais inteligente que North já conhecera, acenou com a mão e levou o visitante até o pequeno consultório repleto de instrumentos reluzentes e armários cheios de frascos cuidadosamente rotulados. Sobre a mesa muito limpa, logo abaixo dos armários, tinha um almofariz com o pilão. Dr. Treath conduziu North até a sala de visitas, um cômodo aconchegante e aquecido pela lareira que ficava a um canto. Havia ali excesso de mobília e sobre as peças viam-se jornais, revistas e xícaras vazias. North lembrou-se de que era costume do médico tomar chá servido com generosa dose de excelente conhaque francês contrabandeado.

— Ausentei-me durante muito tempo, senhor. — observou ele — Mas estou de volta e, desta vez, para ficar.

Treath sorriu de modo caloroso e acolhedor.

— Sente-se, North. Aceita uma xícara de chá? Ou prefere conhaque?

— Não, senhor. Na verdade, estou aqui como magistrado para informado de que acabei de encontrar o corpo de Eleanor Penrose logo abaixo do promontório St. Agnes. Ela está morta, acredito que tenha morrido há várias horas, há um dia pelo menos.

Benjamim Treath ficou tão pálido quanto à modesta gravata branca que usava. Subitamente sua aparência mudou, foi como se tivesse envelhecido muitos anos e, naquele único instante, perdesse sua vitalidade. Depois, meneou a cabeça.

— Não pode ser. Certamente você não se lembra de como era Eleanor. O corpo que você encontrou deve ser o de outra mulher parecida com ela. Diga-me, North, que você está enganado.

— Lamento, senhor, mas era Eleanor Penrose.

Treath continuou abanando a cabeça, tinha os olhos escurecidos, a palidez mais acentuada.

— Morta, você disse? Não pode ser. Há duas noites jantei com Eleanor em Scrilady Hall. Ela estava ótima, sorridente como sempre. Lembra-se de como ela sorria, não? Comemos ostras à luz de velas, Eleanor estava tão suave e delicada. Riu de minhas histórias sobre a Marinha, particularmente quando lhe contei a respeito de



uma passagem, quando estávamos no Caribe, perto de St. Thomas e roubamos um saco de limões de um navio holandês, porque nossos homens estavam com escorbuto. Não, North, não posso acreditar que Eleanor esteja morta.

Droga, North pensou.

— Sinto muito, senhor, realmente. Eleanor está morta.

Benjamin Treath virou-se e caminhou devagar para as portas francesas no fundo da sala, que se abriam para um pequeno jardim muito florido naqueles meados de agosto, onde as rosas se misturavam com as buganvílias e as hortênsias. Um velho carvalho, com imensa copa, com hera crescendo ao redor do tronco, cobria um canto do jardim. Borboletas adejavam sobre a hera, ao sol ameno. North ouviu o cricrilar de um grilo entre os arbustos.

Treath ficou por mais um momento imóvel, os ombros meio caídos. North notou que ele lutava contra as lágrimas.

— Sinto muito. Eu não sabia que o senhor e a Sra. Penrose eram tão amigos. O senhor deve vir comigo. Há também mais uma coisa que deve saber.

Treath virou-se devagar e olhou para North.

— Você disse que ela está morta. Há ainda mais alguma coisa?

— Não creio que Eleanor tenha caído daquele penhasco. A meu ver, alguém a empurrou. Só toquei nela para sentir se havia pulsação, não a examinei. O senhor deve fazer isso.

— Sim, irei com você. — tornou Treath, por fim — Espere. O que você disse? Alguém a empurrou? Não, isso não é possível. Todos gostavam de Eleanor, todos. Oh, Jesus! Sim, irei com você. — chamou a irmã: — Bess! Desça, por favor. Preciso sair. Jack Marley deve chegar em breve. Bess? Depressa, mulher!

Bess Treath apareceu à porta da sala, ofegante, com a mão no peito. Era uma mulher alta, magra, de cabelos escuros. Havia grande semelhança entre ela e o irmão. Ao ver North, ela fez uma mesura e disse com alegria:

— Está de volta. Como você se parece com seu pai. Bem, na família Nightingale os homens são sempre muito parecidos. — subitamente o tom de Bess mudou — Oh, há alguma coisa errada? Por que você vai sair, Benjie? O que aconteceu? Há alguém doente em Mount Hawke?

Treath olhou para a irmã, depois para North e abanou a cabeça, como se precisasse orientar-se.

— Jack Marley tem um furúnculo no pescoço. Faça o curativo, Bess. Use bastante ácido fênico para fazer a limpeza. Você sabe que ele nunca lava o pescoço. Mas, se não puder cuidar dele, peça-lhe para voltar mais tarde.

— Sim, Benjie, cuidarei dele.

— Temos de ir agora, Srta. Treath. Houve um acidente. — North informou.

Bess voltou-se para o irmão.

— Um acidente? O que foi, Benjie?

Treath abanou a cabeça. Passou pela irmã, cabisbaixo, e deixou a sala, seguido de North.



A casa estava úmida e gelada. Caroline tremia de frio. Havia chovido forte nos dois últimos dias e, finalmente, o aguaceiro cessara. Mas a temperatura caíra drasticamente, castigando todos no Solar Honeymead, inclusive o gato malhado e Lucy, a cachorrinha que não parava de ganir e que a governanta, Sra. Tailstrop, carregava consigo, enrolada num cobertor de lã.

Caroline estava toda arrepiada. Senhor, que frio! Aquele gelo devia ser causado pelos dois fantasmas que moravam em Honeymead e certamente andavam pelo solar, enregelando todos os cantos por onde passavam. Tolice. Na verdade, faltava aquecimento no solar por causa da sovinice de Roland Falkes, tutor de Caroline.

Falkes chegara a Honeymead três dias atrás e, desde então, até os fantasmas estavam quietos, não se manifestavam nem mesmo para assustar o gato, cuja cauda se arrepiava e tornava-se dez vezes mais grossa toda vez que se deparava com as assombrações. Bem, ultimamente os fantasmas não apareciam no solar com frequência. Apenas uma ou duas vezes no ano demonstravam sua presença balançando os quadros das paredes, chegando a derrubá-los, aterrorizando as criadas. Os fantasmas faziam muitas outras coisas simplesmente para atestar que estavam presentes. Coisas que não tinham explicação.

Toda vez que Falkes vinha ao solar, assumia a administração da casa, o que deixava Caroline furiosa. O Solar Honeymead era dela, tinha sido herança de seus pais. Tudo o que ali havia era seu por direito. No entanto, Falkes, muito miserável, proibira os criados de acenderem a lareira antes de novembro. Isso para economizar a lenha. Como se a lenha fosse dele!

Caroline sentia-se completamente só. Não podia contar nem com a Sra. Tailstrop. Sempre que se queixava de Falkes para a governanta, esta abanava a cabeça como se fosse uma mulher experiente e sábia, orientando uma neófito e dizia sem a menor simpatia na voz:

— Os homens são assim mesmo. Devemos dar-lhes o que eles querem. É um direito deles, pois eles são os senhores do castelo. Você deve se adaptar a esse tipo de vida, minha cara.

Nunca!, pensava Caroline. O solar era *dela*, não de Falkes. A Sra. Tailstrop costumava dar palmadinhas na mão dela e acrescentava:



— Ora, querida criança, um dia você terá um marido e se não aprender a obedecê-lo, ele não ficará contente e isso, eu garanto, será muito desagradável. Acredite em mim, pois tenho experiência. Deus abençoou-me dando-me um bom marido.

Um marido! Caroline decidira dois anos antes, quando completara dezessete anos, que não queria, nem precisava de um marido. Desde então não tinha mudado de idéia.

Seus dentes começaram a bater de frio.

Em busca de um lugar mais aquecido, ela foi para a Sala das Rosas que tinha esse nome por causa do papel de parede com imensos ramos de rosas vermelhas, que estava ali havia pelo menos sessenta anos e tinha descolado em vários pontos. Encontrou a lareira apagada. Sobre a grade não havia cinzas, nem mesmo lenha. Evidência de que seu tutor proibira de se acender o fogo até mesmo ali, onde os vizinhos costumavam tomar chá quando a visitavam. Por que diabos Falkes era tão sovina? O dinheiro era dela, não era? Por que ele se importava com a quantia de lenha que era usada para acender o fogo nas lareiras? Por que ele a proibia de fazer novas cortinas, de reformar os sofás e as poltronas? Por que não permitira que ela comprasse a égua baia que sir Roger quisera lhe vender? Por que ela era obrigada a andar na velha carruagem, quase caindo aos pedaços? A pobre e dócil égua que a puxava estava tão fraca e era tão lerda que perderia uma corrida até mesmo para uma tartaruga. E os arrendatários, bom Deus! Suas casas precisavam urgentemente de conserto. Faltavam-lhes sementes e novos arados. Nada tinha sido feito desde que seu pai falecera.

No fundo, Caroline sabia muito bem porque Falkes não a deixava gastar nada. Ele queria apossar-se do dinheiro dela e via como extremo desperdício todos os gastos, fossem eles pessoais, com a casa ou com as terras. Bem, seu dinheiro não iria para as mãos dele. Em breve ela iria falar sério com Falkes sobre a fortuna à qual tinha direito.

Ela sentiu calafrios e esfregou os braços, em seguida balançou a cabeça. Que tolice ficar na sala fria, se o sol começara a brilhar lá fora.

Dirigiu-se para a frente da casa. Inspirou fundo e olhou para o céu. Devia ter tomado o café da manhã ali, em vez de ficar naquela copa escura e fria, tremendo como uma idiota. Mas tudo iria mudar a partir do dia seguinte, quando completaria dezenove anos. Então iria fazer exatamente o que lhe agradasse. Dezenove anos, a idade mágica, escolhida pelo pai para conceder-lhe a liberdade.

No dia seguinte ela iria dizer a Falkes o que pensava dele. O chamaria de avaro, miserável e ordenaria aos criados que acendessem as lareiras em todos os cômodos, sem esquecerem até mesmo a grande lareira do hall de entrada, na qual se poderia assar facilmente um boi inteiro. Depois disso, iria expulsar Falkes do solar e nunca mais seria obrigada a suportar a presença do tutor, tampouco de seu filho, Owen. Gostava de Owen, embora, por vezes desejasse esmurrá-lo por ser tão fraco,

tão submisso e ter tanto medo de desagradar o pai.

— Cara Srta. Derwent-Jones.

Caroline virou-se, a testa franzida. Detestava ouvir Falkes tratá-la daquele modo tão formal. Conseguiu apagar a ruga da testa e substituiu-a por um sorriso frio que aprendera a cultivar nos últimos dois anos, quando o tutor trouxera Owen ao solar para cortejá-la. Conhecia Owen desde bem pequena, tinham sido bons amigos, mas essa visita acabara por afastá-los e a amizade que existira entre os dois desaparecera, da mesma forma que a infância também se fora havia muito tempo. Ah, que drama tolo eles vinham representando nesses dois últimos anos; drama que, na maior parte do tempo, estava mais para comédia.

Falkes era um imbecil pomposo; o filho, um fraco, um rapaz que nunca se tornaria homem enquanto o pai vivesse. Mas Owen, de um modo desconcertante, era um jovem amável, apesar do pai desprezível. Falkes e Owen estavam no solar havia apenas três dias e a cada vinte minutos Caroline tinha de controlar-se para não agredir o tutor com o atizador da lareira. Logo ao entrar no grande hall, Falkes anunciara que ele e o filho tinham vindo para o aniversário de Caroline. Com os olhos fixos nela e sorrindo, acrescentara que Owen ficaria extremamente aborrecido se não estivesse presente num dia tão especial. Owen com aquelas orelhas de abano parecendo ainda mais salientes, permanecera ao lado do pai, calado como sempre. Falkes dissera a Caroline que Owen gostava muito da prima, lhe era extremamente devotado, preocupava-se com seu futuro e sua felicidade. Rindo e todo tolerância, ele prossequira contando como Owen tinha falado com entusiasmo sobre os lindos cabelos dourados de Caroline e seus olhos brilhantes, cor de violeta. Na verdade os cabelos dela eram castanhos e talvez tivessem umas mechas mais claras, queimadas pelo sol, e os olhos eram verdes. Falkes continuara e fracassara redondamente ao chegar aos dentes, comparando-os aos rochedos brancos de Dover. A essa altura Caroline não contivera o riso. Esperava pelo menos que seus dentes fossem comparados a pérolas perfeitas. Logo entendeu que ele esgotara seu repertório poético e recorrera à formação geológica.

Percebendo que estava ali, no alto dos degraus, olhando absorta para o tutor, Caroline esboçou um sorriso frio.

— Olá, Sr. Falkes. O sol, finalmente, está brilhando. Espero que o tempo continue firme e o solar fique mais quente.

— Também, espero. Percebi que você estava devaneando, cara Srta. Derwent-Jones, o que é natural em jovens sonhadoras. Vejo que se levantou muito cedo. São apenas oito horas. Ontem você ficou acordada até bem tarde. Estarei errado em supor que decidiu dar um passeio romântico pelo jardim?

— Mesmo que eu tenha ficado acordada até bem tarde, há alguma lei proibindo uma jovem de se levantar cedo?

— Você e seus gracejos, minha cara. Se eu gostasse de gracejos, poderia achar

este seu humor um traço cativante de caráter. Owen, sim, apreciava seu repertório de brincadeiras, mas ele é jovem e não tem tanta perspicácia. Quanto a ficar acordada até altas horas, como você ficou ontem à noite, devo dizer que isso não é saudável para uma jovem.

— Deitei-me às nove e meia, senhor.

— É mesmo? Pensei que você e Owen tivessem ido para o jardim e...

— Talvez Owen tenha saído para dar uma volta pelo jardim. Quem sabe ele esteve comparando as rosas a cortinas vermelhas de veludo ou a gotas de sangue pingando de um dedo ferido nos espinhos. Contudo, não teria sido possível ele fazer isso, porque estava muito escuro ontem e choveu a maior parte do tempo. O senhor não se lembra disso, não é mesmo? Afinal, esteve muito ocupado tomando o conhaque de meu pai, fazendo brindes a si mesmo, sentado diante da única lareira que estava acesa e saboreando os bolinhos oferecidos pela Sra. Tailstrop. Não, ontem à noite não havia nenhuma estrela para inspirar frases poéticas. E Owen não gosta de flores. Elas provocam-lhe espirros. Quanto a mim, estava deitada, sonhando com o meu aniversário.

— Oh... — Falkes murmurou, confuso e zangado. Zangado porque ele havia estado realmente tomando conhaque diante da lareira acesa, tendo a Sra. Tailstrop lhe oferecendo bolinhos e lhe fazendo companhia, concordando com tudo o que ele dizia. Caroline sabia também que ele obrigava o filho a seduzi-la, e o rapaz sempre o desapontava, deixando que ela escapasse de sua rede. Caroline observou discretamente o tutor e percebeu que ele ainda estava zangado e pensativo. Não demorou muito, ele pigarreou e disse calma e afavelmente:

— Amanhã é o dia de seu aniversário, cara Srta. Derwent-Jones. Estive pensando em reunir a família para almoçar com você.

Para Caroline tanto fazia passar o aniversário em Honeymead ou na lua. Assentiu com um movimento de cabeça e observou.

— Ótimo, senhor. Mas eu não tenho parentes morando na região.

— Owen e eu estamos aqui. Você sabe que a estimamos e a cercaremos de atenções. Owen lhe trouxe um presente. Com certeza é para comemorar duas ocasiões importantes: o seu aniversário e o noivado.

Noivado? Caroline ficou perplexa. Raciocinou depressa, deu um amplo sorriso e respondeu:

— Quanta gentileza de Owen. Mas creio que é muito cedo para comemorar meu noivado com Duncan. Realmente, ele me pediu em casamento, porém decidimos anunciar o noivado no mês que vem. Pretendemos nos casar no Natal. Não fica bem aceitar um presente de Owen antes de Duncan e eu termos anunciado nosso noivado oficialmente.

— *Duncan!* Quem é este Duncan?

Falkes parecia estar tendo um ataque de apoplexia. O rosto tornou-se vermelho e inchado. Caroline gostaria de vê-lo caído, espumando pela boca.

— Duncan? É um vizinho, senhor. Eu o chamo de meu querido escudeiro. A família Duncan é muito antiga. Eles têm terras na localidade há centenas de anos. Duncan e eu temos nos visto com frequência nos últimos três anos. É um cavalheiro muito bonito, forte, tem as orelhas bem junto da cabeça. Planejamos unir nossas propriedades quando nos casarmos.

— Você nunca falou sobre esse homem, cara Srta. Derwent-Jones. Nem eu ouvi falar em um tal Duncan. Não quero isso para você. Terei de conversar com a Sra. Tailstrop sobre o assunto. Vou dizer a ela o que penso da sua falta de responsabilidade como sua tutora.

— Até dois anos atrás o senhor raramente aparecia por aqui. Só nos últimos dois anos suas visitas tornaram-se freqüentes. Tanto que a Sra. Tailstrop tem mantido sua cama com lençóis sempre limpos. E eu não sabia que ela era minha tutora. Bem, o que isso importa? Para ser honesta, quando o senhor está no solar, peço a Duncan para não vir me visitar.

— Owen sempre me acompanha. Você e meu filho estão juntos quase o tempo todo.

— É verdade. Também mantemos a cama dele com lençóis limpos, senhor.

— Parece que o seu humor tornou-se mais mordaz nos dois últimos dias. A Sra. Tailstrop contou-me que a cada ano que passa você se torna mais irreverente. Eu lembrei-a de que era seu dever cortar este seu hábito deselegante, Srta. Derwent-Jones. Uma jovem lady deve ser recatada e modesta. Caso contrário, como irá arranjar um marido?

— Consegui um noivo facilmente. Lembre-se de que Duncan me pediu em casamento.

— Sim, você me disse isso. Bem, eu gostaria que você se esforçasse para responder às minhas perguntas de maneira clara e direta.

— Lamento que o senhor não aprecie a minha inteligência e presença de espírito. Muito bem, o que o senhor deseja?

— Quero conhecer esse tal Duncan. Preciso saber quais são as intenções dele. De amanhã em diante você será muito rica e devo certificar-me de que esse Duncan não é um caça-dotes. Convide-o para jantar, esta noite. Você não acha que deve ter um pouco de consideração com Owen, que a ama?

Owen a amava? Quando os dois estavam juntos pareciam dois cãezinhos entediados que olhavam um para o outro e bocejavam. Realmente, Falkes além de não gostar de seu humor, a considerava uma idiota inútil para dizer-lhe aquelas tolices.

— Não sei se ele estará livre para jantar conosco esta noite.

— Compreenda, minha cara, que não posso, em sã consciência, permitir que você se case com um homem que não tenha a minha aprovação. É minha responsabilidade salvaguardar seus interesses. Na verdade, há uma cláusula no testamento de seu pai que me confere o direito de decidir sobre o seu casamento. Nunca me preocupei com isso por estar certo de que você e Owen tinham sido feitos um para o outro.

Caroline encarou o tutor. Não podia acreditar no que acabara de ouvir. Conseguiu controlar a raiva e protestou.

— Não sei de nenhuma cláusula referente ao meu casamento. Para ser sincera, eu nem pensava em me casar antes de conhecer Duncan. Quero ver o testamento e meu pai.

— Certamente. Entretanto, creio que uma jovem lady não irá entender os termos legais.

— Não se preocupe. Com algum esforço conseguirei elevar meu nível de inteligência para fazer a leitura do documento.

Falkes fitou-a como se desejasse esmurrá-la. Ela não se importou. Também estava louca de vontade de enterrar uma faca entre as costelas dele.

— Posso ler agora essa cláusula do testamento de meu pai?

— Infelizmente o testamento está no meu escritório, em Londres, e levará algum tempo para eu escrever a meu funcionário e pedir-lhe que envie o documento ao solar. Em resumo, era desejo de seu pai que os pretendentes à sua mão tivessem minha aprovação. Se não se casar, continuarei como seu tutor até você completar vinte e cinco anos.

— Muito bem, senhor. Não há nenhum Duncan. Tudo não passou de uma brincadeira. Portanto, amanhã completarei dezenove anos e quero receber o dinheiro que meus pais me deixaram. Todo o dinheiro. O senhor estará dispensado e deixará de estalar seu chicote sobre minha cabeça.

— Uma brincadeira... Foi o que pensei. — disse Falkes — Também não havia cláusula nenhuma sobre casamento. — ele assumiu uma pose conciliatória — Você e eu não devemos ser adversários, minha cara. Na verdade, eu a admiro e devo dizer que se tornou uma linda jovem. Owen pensa como eu. De fato, você terá direito a toda sua herança ao completar dezenove anos. Mas, enquanto não se casar, continuarei como seu curador.

— E qual é a função de um curador?

— Como curador eu a orientarei sobre investimentos, cuidarei de todas as questões legais, lhe concederei uma mesada para suas despesas pessoais e continuarei a zelar pelo seu bem-estar. Eu era primo de seu pai, Srta. Derwent-Jones. Ele encarregou-me de cuidar de você. Alegro-me saber que não há nenhum Duncan. Os homens nem sempre são o que parecem ser. Muitos se aproveitam de jovens inocentes e ricas. Talvez você não saiba disso porque esteve protegida enquanto seus pais



viveram. Eu continuarei a protegê-la.

Ele continuaria a protegê-la da mesma forma que a protegera três anos antes, mandando-a para a academia de Ghudleigh, para moças, em Nottingham, um lugar sufocante, cheio de garotas fúteis e tolas que viviam rindo e que achavam encantadoras as covinhas do professor de dança. O principal objetivo das professoras era tornar cada uma das alunas igual à outra. Todas elas podiam ser idiotas, desde que soubessem agradar os homens, seus futuros maridos. Portanto, Caroline decidira abandonar a academia. Estava com dezesseis anos e criatividade não lhe faltava. Aparecera com caroços na pele e dissera que devia ter contraído a peste, deixando todos na escola apavorados. A diretora, Srta. Beemis, ao ver os furúnculos ficara tão aterrorizada que por pouco não fizera xixi nas calças. Imediatamente despachara Caroline para Honeymead, aos cuidados da Sra. Tailstrop. Uma vez em casa, ela removera com água, bucha e sabão, os caroços que tinham sido feitos com tintura de noqueira e barro cinzento.

A voz de Falkes interrompeu suas lembranças.

— Sim, continuarei a orientá-la. Acredito que você ficará feliz em permanecer no solar. Owen também ama o campo.

— Duvido muito, Sr. Falkes.

— Você duvida que Owen ame do campo? É claro que ele gosta deste lugar.

Caroline não se dignou a responder. Virou-se e entrou no grande hall. No dia seguinte teria o maior prazer de gritar com o tutor, depois lhe ordenaria para sair de sua propriedade.

Morna, uma das criadas, puxou a manga do vestido de Caroline, pôs um dedo sobre os lábios pedindo-lhe silêncio, e sussurrou:

— Venha depressa, senhorita!

Caroline acompanhou a criada. Ambas desceram para o primeiro andar e seguiram pelo corredor até o quarto de Falkes. Encontraram a porta entreaberta. Morna fez com a cabeça um sinal para Caroline e puxou-a para junto dela, ficando ambas coladas à parede. Ela ouviu a voz de Owen, baixa, mas clara.

— Por favor, papai, me escute. Eu sei que o senhor quer que eu me case com ela. Mas entenda, Caroline não é uma pessoa fácil. É muito teimosa. Está acostumada a fazer só o que lhe agrada. Ela gosta um pouco de mim, mas me acha um tolo. Jamais concordará em se casar comigo. Eu já lhe disse isso inúmeras vezes.

— Tem razão. — disse Falkes — Você estragou tudo, Owen.

Caroline estava gelada e atônita. Inclinou-se para mais perto da porta e continuou a ouvir a conversa entre pai e filho.

— Não posso violentá-la como o senhor sugeriu.

— Por que não?



— Ela é muito forte. O senhor sabe disso. Também é muito esperta. Ela vem com suas brincadeiras, mas eu sei que ela é capaz de lutar comigo. Então eu serei obrigado a machucá-la, até a amarrá-la.

— E daí?

— Não sei nem se eu conseguirei fazer o que o senhor quer que eu faça.

— Como? Está querendo dizer que você, meu único filho, será incapaz de desempenhar sua função viril?

— Asseguro de que não será fácil lidar com Caroline. Além de ser arriscado.

— Você tem me desapontado, Owen. Caroline é uma cadelinha mimada, arrogante, uma criatura orgulhosa que precisa aprender quem manda aqui. Ela não confia em mim, não confia em você. É uma pena, mas não há outra saída. — Falkes inspirou fundo — Muito bem, eu a seduzirei. Ela se casará comigo.

— Por Deus! Ter Caroline como minha madrasta? Ela é mais nova do que eu. Fará dezenove anos amanhã!

— Ela é adulta. Muitas jovens têm filhos com a idade dela.

— Isso é assustador. Caroline não é maternal.

— Não importa. Desempenharei com o maior prazer o papel de marido. Não sou tão velho e asseguro que virilidade não me falta. Não me cansarei de levá-la para a cama. Também sou muito mais astuto do que ela imagina. Ainda esta manhã ela tentou ludibriar-me, mas virei o jogo e deixei-a com cara de tonta. Não se preocupe, ela ficará nas minhas mãos. Se for preciso eu a amarrarei e a possuirei até ela concordar em se casar comigo. Depois disso a deixarei grávida. Você não gostaria de ganhar um meio-irmão?

— Não sei. Não seria melhor o senhor entregar-lhe a herança e irmos embora?

— Jamais farei isso. Preciso desse dinheiro. Mantive a fortuna dela maravilhosamente intacta, tudo legal, correto e justo, esperando por esse aniversário. Agora que o grande dia se aproxima, você sugere que eu vá embora com o rabo entre as pernas? Nunca! Se você não pode fazer sua parte, eu farei. Assunto encerrado.

Caroline virou-se. Tinha ouvido mais do que o suficiente. Viu Morna olhando para ela, perplexa, vermelha de raiva. Deu-lhe a mão e as duas subiram depressa para o segundo andar. Caroline compreendeu que não poderia continuar em Honeymead. Teria de partir. Não havia outra opção, pois estava sozinha. A Sra. Tailstrop nada faria para ajudá-la, uma vez que era dedicada a Falkes, de quem recebia o salário.

Ela suspirou. Não teria seu dinheiro como tinha sonhado. Era verdade que esse dinheiro continuaria sendo seu, estivesse ela em Honeymead ou na Rússia. Mas se partisse, estaria a salvo de Falkes quando retornasse para reclamar sua herança?

Oh, precisava urgentemente de uma arma. Quando a conseguisse, precisaria de um homem forte, corajoso e mais astuto do que Falkes. Alguém disposto a protegê-la

com a própria vida, em troca de boa quantia em dinheiro.

Onde haveria um homem como Duncan?



Meia-noite. As batidas longas e graves do grande relógio do primeiro andar ecoavam por todo o solar.

No decorrer dos anos as fortes badaladas tornaram-se simples sons noturnos que não perturbavam ninguém, nem mesmo Lucy, a manhosa cachorrinha da Sra. Tailstrop. Nessa noite Caroline estava bem desperta e tensa.

Quando Falkes, finalmente apareceu no hall de entrada e ia subir para seus aposentos, Caroline saiu de trás da estátua de Aristóteles, no patamar do segundo andar, onde se escondera e correu para seu quarto, trancando a porta. Permaneceu ali em silêncio, esperando. Logo ouviu passos pesados ressoando no longo corredor, aproximando-se cada vez mais. Os passos cessaram. Ela imaginou Falkes parado, levando a mão à maçaneta da porta do quarto dela. Como esperava, viu a maçaneta girar lentamente. Prendeu a respiração e ficou imóvel. A maçaneta girou outra vez, e outra. Tendo percebido que a porta estava trancada, Falkes praguejou. Depois ela não ouviu mais nada.

Sabendo que o tutor não era tolo, Caroline teve certeza de que ele iria fazer alguma coisa para entrar no quarto. De fato, ele bateu de leve na porta e disse com voz lisa como a geléia de morangos sem sementes que a cozinheira havia feito nessa manhã.

— Srta. Derwent-Jones? Sou eu, minha cara. Deixe-me entrar. Preciso falar-lhe sobre sua herança. É assunto sério e do seu interesse.

Hah! Ela pensou. Deixá-lo entrar no quarto seria o mesmo que receber Napoleão em Whitehall. Permaneceu em silêncio absoluto, tendo o ouvido encostado à porta, e aguardou, impaciente, alguns minutos. Por fim, certa de que o tutor desistira e voltara para seu quarto, no primeiro andar, puxou a maleta que havia deixado debaixo da cama, calçou as botas e jogou sobre os ombros a capa de veludo azul.

Com muito cuidado, destrancou a porta e abriu-a bem devagar. Pôs a cabeça para fora, olhou para os dois lados do corredor e, não vendo nada além das sombras da noite, caminhou depressa para a escada central sem fazer o menor ruído. Subitamente, um braço enlaçou-a pela cintura e puxou-a para trás. Ela ia gritar, mas uma palma enorme pressionou-lhe a boca. Ela soube, então, que Falkes tinha sido mais esperto do que ela.

— Ah, sua cadelinha, não faça barulho. Pensou que tinha me enganado, hein? Ninguém me tapeia, ninguém, muito menos uma garota arrogante como você. Agora

iremos dar um passeio. Não tenha medo, vamos comemorar seu aniversário e eu lhe darei de presente as minhas sementes. Você irá gostar de se casar comigo. Mas, se não gostar, não tem importância. Eu terei seu dinheiro e é isso que me interessa. Para seu bem, eu a aconselho a não lutar comigo e aceitar o seu futuro como minha esposa, pois é o que irá acontecer.

Caroline deu uma forte mordida na mão de Falkes. Exultou ao ouvi-lo prender a respiração. Sua alegria durou pouco, pois recebeu um violento soco no queixo e tombou, desacordada.

Caroline voltou a si sentindo forte dor no queixo. Quis mover-se, mas percebeu que tinha os pulsos amarrados na cabeceira da cama estreita na qual estava deitada. À claridade da vela que ardia sobre um banquinho, do lado da cama, pôde ver que tinha sido trazida para um depósito, nos fundos do estábulo.

— Muito bem, você acordou. Eu não queria lhe dar aquele murro com tanto força, mas você mereceu. Que isto lhe sirva de lição. Lição que será repetida toda vez que me desobedecer ou não se comportar como deve. Já a examinei e vi que seu queixo não está quebrado. Agora, minha querida, você será minha. Depois se casará comigo e eu terei a sua herança. O que acha disso?

— Acho que o senhor está louco.

— Nesse caso, pode ficar de joelhos e rezar para que nossos filhos não herdem a minha loucura. Sim, teremos filhos. Muitos deles. Pretendo mantê-la grávida o tempo todo. Uma barriga crescida deixa a mulher mais lenta, mais quieta e com a atenção voltada para seus achaques, suas pequenas dores e, claro, para o bebê que vai chegar. Depois de dar à luz umas doze crianças, quem sabe você se tornará uma esposa modelo. Duvido disso, mas quem pode saber como será o futuro?

— De onde é que o senhor tirou essa idéia absurda?

Falkes sorriu e sentou-se na beirada da cama. Aquele sorriso e seu olhar concupiscente deixaram Caroline gelada. Ele notou essa reação e observou:

— Vejo que você está com medo, embora tente esconder isso de mim. Você é como seu pai. Ele jamais dava sinais de fraqueza. Pode chorar e gritar à vontade, para mim tanto faz. Saiba que ninguém poderá ouvi-la. Na verdade, seus gritos me deixarão mais excitado. E agora, o que acha de iniciarmos nossa festinha?

— É melhor esperar um pouco, Sr. Falkes.

— Meu nome é Roland. Eu lhe dou permissão para me chamar assim. Uma esposa deve chamar o marido pelo primeiro nome.

— Eu o chamarei de idiota. Não. Pensando bem, acho que velho idiota lhe assenta melhor.

Irritado, Falkes esbofeteou Caroline, deixando-a sem ar por um momento. Mas ela agüentou firme, apesar de sentir muita dor. Não iria dar àquele bastardo o gostinho de vê-la gemer, muito menos chorar,

— Ah, agora você está quietinha. É assim que eu gosto. As mulheres devem ser obedientes.

Roland Falkes levantou-se e só então Caroline notou que ele usava apenas um robe de brocado azul-escuro com punhos acolchoados. Ele puxou o cinto e o robe abriu-se. Sua barriga era volumosa e tão branca quanto o toucado de uma freira. Mais abaixo havia tufo de pelos grisalhos ao redor do sexo. Caroline arregalou os olhos e ficou sem fala por um instante.

Depois desceu o olhar para as pernas finas do tutor e começou a rir.

— Você... você... — ela balançou o queixo na direção dele, uma vez que não podia apontar-lhe o dedo — Essa coisinha... é de dar pena. Você é gordo como um rato da Armênia. É um velho ridículo.

Caroline continuou rindo. Falkes não achou graça nenhuma. Ficou rígido, com as veias do pescoço salientes, o rosto vermelho.

— Cadela! Cale essa maldita boca! — ele gritou, avançando sobre Caroline.

Montou sobre ela e esbofeteou-a duas vezes. Estava ofegante e tremendo de raiva. Caroline desejou continuar a insultá-lo, mas não conseguia falar por causa da dor. Ele rasgou a parte de cima de seu vestido, até a cintura, olhou para a combinação que ela usava, passou os dedos ásperos por cima do tecido, sentindo os seios dela.

— Ótimo. Sem dúvida você é uma virgem. Não me deito com uma virgem desde que me casei com a mãe de Owen, há mais de vinte e cinco anos. Ora, como você ficou quieta, Srta. Derwent-Jones. Ou devo chamá-la de Caroline? Odeio esse nome, mas tenho de me acostumar a usá-lo. Sabe, eu gostava de uma moça chamada Caroline mas ela me desprezou porque amava seu pai. Mas seu pai amava sua mãe, com quem se casou, destruindo os sonhos da pobre Caroline. Ah, os triângulos amorosos da vida. Bem, nada disso nos interessa. Vamos continuar, minha querida?

— Continuar, o quê? Isto é uma tolice, seu velho ridículo. Você poderia ser meu pai. Ou meu avô.

Nem bem acabou de falar Caroline recebeu outro tapa no rosto.

— Agora quero ver o resto do seu corpo.

Falkes puxou a combinação de seda para baixo, mas não demonstrou interesse em olhar para os seios delicados e firmes. Caroline sentiu a mão grande e áspera tocando-lhe as coxas e quis gritar de horror, imaginando o que ele pretendia fazer. Ele levantou-se e ficou olhando para ela por um instante. Em seguida balançou a cabeça como se tivesse tomado uma decisão e despiu-a.

— Ótimo. — ele murmurou com expressão lasciva e tirou o robe.

Caroline fechou os olhos. Estremeceu quando as mãos tocaram seu ventre.

— Você tem belas ancas. Poderá ter muitos filhos antes de morrer de parto. Minha pobre Ann morreu ao dar à luz nosso segundo bebê. A criança também não

sobreviveu. Não me importei, era uma menina.

— Se você me violentar eu o mato, seu velho estúpido! — Caroline vociferou — Acredite em mim. Estou falando sério. Também fique sabendo que jamais me casarei com você.

— Casará, sim. Você não terá escolha, pois estará com a reputação arruinada. Seu filho será um bastardo. A sociedade os desprezará.

— Não me importo. Terei a minha herança. O senhor não pode me forçar a desposá-lo.

— Posso. Esteja certa disso. Agora chega!

Ele começou a passar a mão sobre o próprio sexo, inclinou a cabeça para trás e fechou os olhos.

Caroline puxou os braços, tentando soltar os pulsos. Conseguiu afrouxar um pouco as cordas, o que lhe permitiu alguma liberdade nos movimentos. Ouviu a respiração ofegante de Falkes, mas não olhou para ele com receio de vomitar. Empenhou-se em mexer os pulsos para alargar mais as cordas.

Não demorou muito Falkes estava em cima dela. Sem hesitação ela dobrou os joelhos e deu um chute na virilha dele com toda a força que conseguiu reunir. Ele tombou para trás e caiu da cama, gemendo e praguejando. No momento ele estava sem ação, Caroline sabia disso, mas logo se recuperaria.

Desesperada, continuou a mover os pulsos para libertá-los, sem se importar que já estavam sangrando. Deus do céu, tinha de soltar-se depressa. Não queria nem pensar no que iria acontecer se Falkes se levantasse, e ela ainda estivesse amarrada. Finalmente soltou uma das mãos, depois a outra. Falkes estava sentado no assoalho, ainda encolhido e gemendo.

— Seu maldito bastardo! — Caroline xingou-o. Pegou a vela do banquinho, colocou-a no chão, ergueu o banquinho e bateu com ele na cabeça do tutor.

— Oh, meu Deus, o que *você fez*, Caroline?

A voz era de Owen que estava à porta despenteado, descalço, enfiando a fralda da camisa no cóis das calças. Ele aproximou-se do pai, caído, inconsciente..

— Eu o avisei para não tentar seduzi-la. — disse, parecendo estranhamente satisfeito. Ele reparou em Caroline. — Céus, você está nua! — olhou novamente para o pai — Meu pobre pai. Você acabou com ele! Vim até aqui para impedi-lo de violentá-la. Mas você já se livrou dele. Não precisa de ninguém para defendê-la. Eu disse a ele que você era muito forte.

— Eu sei disso. Ouvi vocês dois conversando. Fique tranqüilo. Seu pai não está morto. Mas se eu tivesse uma arma atiraria nele. Agora, fique de costas, Owen. Preciso me vestir.

Num instante ela ficou pronta, tendo fechado bem a capa sobre o vestido



rasgado.

— O que você pretende fazer, Caroline?

— Isso lhe interessa, seu moleirão?

— Não sou moleirão. Vim aqui para salvá-la, não vim? Você ainda corre perigo. Ele não desistirá. Irá atrás de você. Meu pai precisa do seu dinheiro.

Caroline olhou para Owen com simpatia, e atirou-lhe a corda que lhe prendera os pulsos.

— Amarre-o bem. Eu disse *bem*. Se você não fizer um bom serviço, quebro o banquinho na cabeça dele, depois dou em você. Acredite, vai doer.

Owen obedeceu-a e parecia contente. Não demorou muito o pai dele abriu os olhos e surpreendeu-se ao ver-se com as mãos e os pés amarrados.

— Owen, o que você fez? Está obedecendo a essa maldita? Me desamarre, depressa! Oh, um filho não deve ver seu pai sem as roupas. Dê-me aquele robe.

— Não, Owen, não faça isso! Vou precisar desse robe. Seu querido pai, com toda sua gloriosa gordura causará grande consternação a quem aparecer por aqui e encontrá-lo nesse estado. Talvez não o encontrem logo pela manhã, uma vez que este depósito tem permanecido fechado há anos. Mas vou deixar a porta escancarada. Espero que os criados do solar venham todos vê-lo quando souberem do ocorrido.

Os olhos de Falkes dardejavam de ódio.

— Cadela maldita! Você me paga. Eu a pegarei e você irá se arrepender amargamente de estar fazendo isso comigo.

Ela riu. Foi uma risada livre, descontraída. Virando-se para Owen, surpreendeu-se ao vê-lo segurando uma pistola. Que Deus o abençoasse. Ele *viera* realmente defendê-la. Viera disposto a impedir o pai de violentá-la. Mas por que só agora ele pegara a arma? Com um gesto rápido, ela tirou-lhe a arma da mão, empurrou-o para trás e voltou-se para Falkes. Tê-lo aos pés dela causava-lhe uma sensação muito agradável.

— O senhor se deu ao trabalho de trazer uma cama para este depósito. Que maravilha! Eu lhe agradeço por isso. E agora, Owen, volte ao solar para pegar minha mala. Você a encontrará no meu quarto. Dou-lhe cinco minutos para fazer isso. Se não voltar ou se trouxer alguém com você, atirarei no seu pai. Depois irei atrás de você. Estou me sentindo muito perversa, Owen. Acredite em mim.

— Ela não fará nada disso, meu filho. Ela é mulher e as mulheres não têm coragem de matar. Não acredite nela...

Caroline ergueu a pistola, viu que tinha duas balas, fez pontaria e puxou o gatilho. A bala arrancou uma lasca da madeira do assoalho, a poucos centímetros dos pés de Falkes. Ele deu um berro.

— Vá Owen. Agora! — Caroline ordenou e voltou-se para o tutor — Há uma coisa que eu gostaria de saber. Se aquele tiro o acertasse, quem seria meu curador?

— Você não sairá impune desta selvageria, sua vadia. — disse Falkes em tom ameaçador — Mandarei detetives de polícia à sua procura. Eles a trarão de volta para cá...

— Por que mandaria a polícia atrás de mim? E por que eu devo voltar para Honeymead? Fiz dezenove anos e tenho direito de receber a minha herança. Portanto, entrarei em contato com o senhor para tratar do assunto depois que eu estiver instalada na minha nova casa.

— Nova casa? Você não tem outra casa. Aonde você pensa que vai, garota idiota?

— O senhor acha, honestamente, que vou lhe dizer?

— Eu a encontrarei mais depressa do que imagina e você pagará por tudo isto.

— O senhor parece uma criança fazendo ameaças idiotas. Ah, como eu queria que esta pistola tivesse três balas.

Owen apareceu à porta trazendo a maleta, um par de botas e um casaco. Tinha na cabeça um chapéu velho, de feltro.

— Muito bem, Owen. Agora nós vamos partir a cavalo. — ela dirigiu-se ao tutor — Vou levar seu filho como refém. Caso o senhor tente fazer alguma coisa contra mim, mando-lhe uma parte do corpo dele. Pode ser um braço, um dedo... Entendeu?

Roland Falkes proferiu uma série de palavrões.

— Papai, francamente, o senhor não deve usar esses termos na frente de uma lady.

Owen meneou a cabeça e saiu do depósito seguido de Caroline que tinha a pistola apontada para a cabeça dele.

Durante duas horas Caroline e Owen cavalgaram em silêncio por uma estrada rural, escura e estreita, ladeada de árvores. O ar estava seco e a temperatura havia caído um pouco. Finalmente Owen disse pesaroso:

— Eu não devia ter deixado meu pai amarrado e nu. Os criados o encontrarão e será constrangedor tanto para eles como para meu pai. Não é agradável olhar para um homem naquela situação.

— Ele me deu um murro no queixo, me esbofeteou várias vezes e ia me violentar. Você não acha que ele merecia ser castigado?

— O que você pretende fazer? Para onde está me levando?

—Você esteve em silêncio desde que partimos de Honeymead. Não me dirigiu uma só palavra. Por que está me questionando?

— Estive organizando meus pensamentos. Eu tinha de refletir sobre o que iria lhe dizer e em que ordem.

Esse era Owen Falkes, Caroline disse a si mesma. Começava a acreditar que

tinha sido uma loucura trazê-lo consigo. Se ele tentasse reagir, ela não teria coragem de atirar nele. Deus do céu, nem se dera o trabalho de amarrar-lhe as mãos. Se ele quisesse fugir, poderia facilmente esporear o cavalo e desaparecer num minuto.

— Vamos para a Cornualha, Owen.

— Cornualha? Estive lá uma vez, em St. Austell. Por que você decidiu ir para esse lugar tão distante, esquecido por Deus?

— Minha tia mora lá. Não a vejo há três anos. Ela era irmã de minha mãe e cuidará de mim. Seu querido pai nunca permitiu que eu saísse de Honeymead, você sabe disso. Também não queria que tia Ellie me visitasse. Mas ela pôde me ver muitas vezes quando estive na Academia Chudleigh, aquela prisão onde seu pai tentou me manter. Ele é realmente um homem detestável, Owen.

— Quantos dias teremos de cavalgar para chegar à casa de sua tia? Em que parte da Cornualha ela mora?

— Já estamos em New Forest. Teremos de viajar mais três dias, talvez quatro. Não vou lhe dizer para onde estamos indo, exatamente. Você pode resolver fugir para contar a seu pai. Será mais seguro viajarmos à noite e descansarmos durante o dia. Roubei dinheiro do seu pai. Temos o suficiente para as despesas da viagem.

— O que você fará comigo quando chegarmos à Cornualha?

Caroline ficou pensativa por um instante.

— Ainda não sei, Owen. Espero que seu pai seja mais razoável sabendo que tenho você como refém. Talvez ele concorde em assinar os papéis ou fazer tudo o que for legalmente necessário para eu tomar posse de minha fortuna.

— Ele não fará isso.

— Nesse caso, começarei a mandar para ele partes do seu corpo, Owen.

— Um dedo, por exemplo?

— Pode ser. Um dedo, uma orelha...

Owen manteve-se em profundo silêncio. Só voltou a falar depois que eles chegaram à periferia da cidade de Steepleford.

— Eu nunca desejei me casar com você, Caroline. Você é muito bonita, porém não é como toda moça deve ser.

— E como toda moça deve ser?

— Você ainda pergunta? É tão óbvio. Uma moça deve ser suave, recatada. Meu pai tentou violentá-la, deixou-a nua, e você não ficou ali deitada, chorando, nem implorando, ou com cara de mártir como ficaria uma jovem lady frágil, pudica e tímida. Fui até o depósito para salvá-la, mas você não precisava de ajuda. Você tem iniciativa, é forte. Teve a audácia de enfrentar meu pai. Ele é homem e um homem deve desempenhar sua função viril.

— Função viril? E esse o nome que você dá para estupro?

— Meu pai não falou em violentá-la e sim em desempenhar sua função viril.

— Agora me lembro. Ouvi vocês dois conversando. Se ele não fosse tão esperto, eu teria conseguido fugir, e ele não estaria agora deitado, nu, naquele depósito, prestes a aterrorizar um dos cavaleiros.

— É assustador pensar que você vai ser minha madrasta.

— Nunca serei sua madrasta, Owen!

— Será, sim. Meu pai a encontrará e se casará com você. Isso você não poderá evitar, Caroline. Só Deus sabe o que ele fará comigo.

Owen falou com tanta convicção que Caroline sentiu o sangue gelar. Ocorreu-lhe que o pobre Owen ainda via o pai com os olhos de um garoto, não de um homem.

— Owen, talvez esta aventura fará um grande bem para nós dois. Você é meu prisioneiro, sem dúvida, e deve ter sempre em mente que sou má e forte. Mas, quando chegarmos à casa de minha tia, você não terá seu pai por perto lhe dando ordens e controlando tudo o que você deve dizer ou fazer.

— Ele a pegará e você será minha madrasta. — Owen afirmou com a segurança e a certeza de um cristão recentemente convertido.

Tanto ele quanto Caroline estremeceram só de pensar nessa possibilidade.

Um grosso pingo de chuva caiu na cabeça de Caroline.

— Oh, meu Deus, por que as coisas tem de ser tão difíceis? — ela queixou-se, olhando para cima.

— O que está acontecendo é praga do meu pai. — Owen sentenciou.

Choveu forte e fez frio o resto da noite. Owen e Caroline sentiam-se péssimos e estavam encharcados até os ossos, mas continuaram a viagem, parando ocasionalmente em estalagens para tomar uma bebida quente e secarem-se diante de uma lareira. Isso os atrasou consideravelmente, mas não havia outra saída.

A manhã seguinte estava no fim quando eles chegaram à hospedaria *Black Hair*, em Dorchester, onde puderam dormir e secar as roupas. Eram quase onze horas da noite quando Caroline acordou. Vestiu-se depressa e foi até a janela do quarto. Havia no pátio, logo abaixo, alguns cavalos, uma carruagem e vários homens se movimentando. Com a graça de Deus, a chuva tinha parado. Ela sentia-se bem disposta depois de várias horas de sono e imaginava que Owen também estaria descansado. Olhou para ele, ainda adormecido, deitado sobre cobertores estendidos no chão, e cutucou-o de leve com a ponta do pé.

— acorde, Owen, é tarde. Temos de partir. Parou de chover e a viagem não será tão ruim. Vamos! Poderemos descansar depois de chegarmos a Plymouth.

Owen virou-se, abriu os olhos e gemeu. Caroline curvou-se e olhou bem para ele.

Notou que seu rosto estava vermelho e ele parecia febril.

Droga! O imprestável tinha de ficar doente.

— Owen, fale comigo, não fique aí só gemendo.

Ele olhou para Caroline, mas a visão estava embaçada.

— Não me sinto bem, Caroline, e não estou gostando disto.

Deus do céu, ele parecia doente mesmo. Caroline ajoelhou-se no assoalho e colocou a mão na testa dele, sentindo-a muito quente.

— Ajude-me a levá-lo para a cama.

Owen não era um homem grande, mas estava com o corpo mole e foi muito difícil para ela erguê-lo e colocá-lo deitado na cama. Cobriu-o com todos os cobertores que havia no quarto e ficou parada, pensando no que fazer.

Bem que gostaria de deixá-lo ali, mas não podia fazer isso.

— Droga, se eu não o conhecesse bem, iria pensar que você está fazendo isto de propósito. — Owen gemeu — Não se atreva a dizer que isto é praga do seu pai. — ele permaneceu imóvel como as colunas da cama — Acredito que você esteja muito doente. Você não é criativo a ponto de fingir.

Caroline desceu a escada estreita. Chegando ao andar térreo ouviu vozes masculinas vindas do bar e seguiu naquela direção. Parou à porta e olhou ao redor do cômodo enfumaçado à procura do Sr. Tewksberry, o dono da hospedaria. Ele era um homem alto, redondo como um barril e usava um avental branco todo manchado de cerveja. Viu-o perto da lareira conversando com um cavalheiro que estava sentado a uma mesa com as pernas estiradas. Quando ela entrou no bar notou que os homens ficaram em silêncio, olhando para ela.

Segundos depois um dos homens perguntou:

— Quem é ela, Mackie?

— Ora, uma avezinha entrou aqui para se divertir com a gente. Clorie não se importará se dermos atenção a ela. Venha, pequeno pássaro, aceite uma cerveja e uns agradinhos.

Caroline não olhou para os lados. Estava ansiosa para falar com o Sr. Tewksberry. Mal deu um passo na direção dele, um dos homens agarrou-lhe a saia do vestido e obrigou-a a parar.

— Ei, doçura, para que essa pressa? O Mackie, aqui, quer lhe oferecer um drinque.

Caroline virou-se, nem um pouco assustada. Aqueles homens simples eram, certamente, trabalhadores como os arrendatários que cuidavam das suas terras, em Honeymead. Estavam ali apenas para tomar cerveja na companhia dos amigos.

— Não, Sr. Mackie, obrigada. Preciso falar com o Sr. Tewksberry.



— Olhem, ela o chamou de Sr. Mackie, como se você fosse alguém importante.

— Sou importante, Walt, seu miolo de gaivota. E então, doçura, você quer falar com o velho Tewksberry? É mesmo? Quer dividir seu lucro com ele?

— Por favor, solte meu vestido.

Senhor. Tewksberry, finalmente, ergueu a cabeça.

Walt não soltou o vestido de Caroline. Ela hesitou por um instante, depois deu de ombros, sorriu para Walt e Mackie, pegou uma das canecas da mesa e tomou metade da cerveja. A bebida forte e amarga provocou-lhe um acesso de tosse.

— Meu Deus, que droga é esta? Meu estômago está congelado e queimando ao mesmo tempo.

Os homens riram e bateram as canecas nas mesas.

— Mais uma cerveja para este pequeno pássaro. Ei, Clorie, sirva sua amiguinha.

— Não, obrigada, senhores. Para mim, basta.

Encantado com uma mulher, o que não acontecia havia uma década, Mackie puxou Caroline, colocando-a sentada no colo.

— Nunca vi uma garota do seu tamanho tomar meia caneca de cerveja. Me dê um beijo, amor.

Caroline franziu a testa e olhou bem para Mackie, notando que ele tinha bebido mais do que devia, estava com a barba crescida e tanto ele como suas roupas cheiravam a estábulo.

— Preciso ir, Sr. Mackie. Obrigada pela cerveja, mas já bebi o suficiente. Na verdade foi uma experiência que eu não quero repetir. Agora, me escute. Meu irmão está doente e preciso encontrar um médico para cuidar dele. O senhor me ajudaria?

— O seu irmão é aquele rapazinho de queixo pequeno com cara de manhoso? — Walt perguntou, inclinando-se para Caroline.

— Sim. O nome dele é Owen. Estou muito preocupada. Onde posso encontrar um médico?

Tewksberry deixou o cliente e foi até a mesa de Walt e Mackie. Parecia descontente. Por fim o proprietário do estabelecimento iria ajudá-la a livrar-se daqueles homens que a haviam tomado por uma aventureira. Ele quase gritou ao ouvido de Caroline.

— Você disse que seu irmão está doente. Aquele rapaz é de fato seu irmão? Ao vê-lo, imaginei que ele era um jovem cavalheiro que você estava explorando de maneira vergonhosa. — Tewksberry voltou-se para Mackie — Deixe-a ir. Ela é esperta demais para você, e todo o resto, uns pobres ignorantes e grosseiros. Ela não passa de uma vadia que se hospedou aqui com propósitos imorais. Pode ser que tenha roubado o dinheiro do rapaz e agora inventou essa história de que ele está doente. Você o

envenenou, Srta. Smith?

Caroline estava completamente atônita. O miserável acreditava que ela era uma prostituta? Uma sem-vergonha? Sua mente recusara-se a registrar as outras palavras ofensivas.

— Está enganado, Tewks, a mocinha aqui não fez nada para ofender você nem nenhum de nós. O rapaz é irmão dela, sim. Ela é bonita, educada e o rapaz certamente é irmão dela.

— Ouça, Mackie, ela não é...

— Tewksberry, o que está havendo? — perguntou calmamente o cavalheiro que até então estivera sentado sozinho à mesa perto da lareira. Sua voz era grave e havia nela uma nota divertida.

— Desculpe, milorde. Esta pessoa aqui disse que o sujeito lá em cima é irmão dela e está doente. Ela...

— Por que não acredita nela?

— Basta ver seu jeito, milorde. Ela está sentada no colo de Mackie com a maior naturalidade, como se estivesse acostumada a fazer coisas deste tipo. E olhe para Clorinda, toda ouriçada porque esta aqui está tentando roubar seus clientes. Clorinda lhe arrancará os cabelos. Haverá choro, gritos, e isso meus nervos não agüentam. O senhor não viu como ela tomou aquela caneca de cerveja? Que lady teria esse comportamento?

— Esta lady aqui fez isso. — Caroline defendeu-se — Eu nunca tinha experimentado uma cerveja tão ruim e, provavelmente jamais farei isso. Há alguma lei que eu não conheça, proibindo uma mulher de experimentar cerveja amarga?

— Hah! — grunhiu Tewksberry.

— Então seu nome é Srta. Smith? — perguntou o cavalheiro que, agora Caroline sabia, era um aristocrata.

— Não é, mas achei conveniente usar esse nome. — ela voltou-se para Mackie e sorriu — Por favor, Sr. Mackie, deixe-me levantar. Realmente, preciso chamar um médico para cuidar de meu irmão. Além disso, não quero que Clorinda arranque meus cabelos.

— Clorie é uma avezinha forte e seu humor não é dos melhores. Convém deixar ela ir, Mackie. — disse Walt.

— Vamos buscar o médico, senhorita. — Mackie declarou.

Colocou Caroline de pé e levantou-se. Ela notou que ele era o homem mais alto que já tinha visto.

— Muito obrigada, Sr. Mackie. — agradeceu-lhe com um sorriso.

Mackie curvou-se, beijou-lhe a mão e disse:

— Fique aqui, gentil senhorita, e mantenha distância de Clorie.

Ele curvou-se novamente, desta vez de modo mais gracioso, deu uma ordem aos outros homens e todos saíram do bar atrás dele como soldados obedientes.

— Olhe, Srta. Smith, não vou permitir...

— Um momento, Tewksberry, quero falar com a Srta. Smith. Por favor, traga-lhe uma xícara de chá e diga a Clorinda para não se preocupar. Cuidarei para que a Srta. Smith não migre para o território dela. — o cavalheiro virou-se e sorriu para Caroline — Gostaria de sentar-se no meu colo, ou prefere uma cadeira?

— Vejo que o senhor, apesar de bem alto, não tem a altura do Sr. Mackie e pode me derrubar. Prefiro a cadeira.

O cavalheiro olhou demoradamente para Caroline.

— Você tem respostas prontas. — ele observou — Nunca encontrei uma jovem lady com raciocínio tão rápido e com tanta presença de espírito. — ele conduziu Caroline até sua mesa e afastou uma cadeira — Sente-se. Não quero correr o risco de derrubá-la.

— Obrigada, senhor.

Logo depois de ambos se sentarem, o cavalheiro perguntou:

— Como você fez aquilo?

— Aquilo, o quê?

— Aqueles homens pareciam interessados em cerveja e em gracejos. De repente o tal Mackie quase se ajoelhou aos seus pés lhe oferecendo eterna devoção. Como conseguiu isso?

— Não sei. Simpatizei com eles. Eles me fizeram lembrar os arrendatários que trabalham nas terras onde eu moro. São homens que vieram ao bar beber um pouco e esquecer seus problemas. No fundo, eles são bons e gentis, basta alguém despertar neles essas qualidades.

— Eu diria que eles não são tão gentis com todas as mulheres desacompanhadas que aparecem em ambientes considerados essencialmente masculinos. Mas eles foram amáveis com você. Isso é um mistério. Bem, vamos falar sobre o tempo. Tivemos uma noite medonha, mas felizmente a tempestade passou.

— É verdade. Dormi desde que cheguei e só há pouco vi que a chuva tinha parado. Foi horrível viajar debaixo de chuva. Além do desconforto, o mau tempo nos atrasou.

Acabando de falar, Caroline cobriu a boca com a mão e arregalou os olhos. Parecia um soldado leal que tinha, acidentalmente, revelado um segredo militar para o inimigo.

— Se o seu irmão está doente, vocês não devem viajar esta noite. — aconselhou

o cavaleiro.

— Viajamos debaixo de chuva ontem à noite e esta manhã. Ficamos encharcados. Imaginei que boas horas de sono levariam nosso cansaço, mas Owen não é uma pessoa forte.

— Owen é o rapaz que tem o queixo pequeno?

— Ah, você ouviu o que Walt disse, não? Ele tem mesmo o queixo pequeno. Creio que vou aconselhá-lo a deixar crescer a barba. O que você acha?

— Em primeiro lugar quero ver esse rapaz. Não posso dar a minha opinião sem conhecê-lo.

— Não se preocupe. Assim que o Sr. Mackie voltar com o médico, Owen receberá o tratamento adequado e amanhã cedo estaremos na estrada.

— Posso perguntar-lhe para onde vocês estão indo, senhorita?

— Para a Cornualha.

Notando que o cavaleiro erguera uma sobrancelha, esperando que ela continuasse, Caroline acrescentou:

— Não vou lhe revelar mais nada. Na verdade já lhe contei muito mais coisas do que deveria. Você é um completo estranho. Pode ser um homem perigoso. Talvez tenha cúmplices lá fora aguardando apenas um sinal seu para agirem.

— Tem razão. — concordou o cavaleiro.

Ficou em silêncio, olhando para as brasas na lareira. Parecia relaxado, perfeitamente à vontade, pouco se importando com a presença dela.

— Você está sozinho, não está? Não há nenhum cúmplice esperando lá fora.

— Sim, estou sozinho.

— Meu nome não é Srta. Smith.

— Você já disse que esse não é o seu nome verdadeiro.

— Meu sobrenome é Jones.

Ele olhou bem para ela, sorriu, mas não disse nada. Caroline não se conteve e revelou:

— Jones não é meu sobrenome completo, mas sinto novamente que não lhe devo dizer meu nome todo. — ela suspirou — Não entendo o que há comigo. Você não está me obrigando a contar nada e eu abro a boca e, sem querer, digo coisas que não devia. Isso é desconcertante. Você é um homem perigoso.

— Nesse caso, você continuará sendo a Srta. Smith, embora eu ache que esse sobrenome não combine com você. E Jones também não combina.

— Quem é você?

— Eu? Sou Chilton.

— Apenas Chilton? Quando estava falando com você o Sr. Tewksberry tratou-o por "lorde".

— Sou lorde Chilton e esse nome me assenta perfeitamente, como as minhas meias. Já me hospedei aqui várias vezes. Tewksberry gosta de receber hóspedes com título de nobreza. Ele acha que aristocratas, tornam *Black Hair* mais importante. Acredito que ao vê-la no colo de Mackie, ele tenha ficado aflito, imaginando que eu me ofenderia e nunca mais voltaria a este estabelecimento. Ele estava prestes a puxá-la pela orelha e expulsá-la da hospedaria.

— Para onde você vai?

— Para Londres. Tenho de tratar de negócios. Mas isso não pode lhe interessar, Srta. Smith. Ah, aqui está seu chá. Tome-o com calma enquanto eu subo até seu quarto para ver se o seu irmão ainda se encontra entre os vivos.

— Não! — Caroline levantou-se depressa, derrubando o chá que escorreu pela mesa e molhou a saia do seu vestido.

— O que foi, Srta. Smith?

— Meu irmão não quer vê-lo. Você é um estranho. Por favor, não suba. Owen ficará assustado e pode ter uma crise.

Chilton sentou-se. Parecia calmo e, na verdade, indiferente.

— Tewksberry! — ele chamou o proprietário — Outra xícara de chá, por favor, e um pano. A Srta. Smith estava tentando lavar o vestido.

— Obrigada. — Caroline agradeceu e acrescentou sem a menor hesitação: — Na verdade meu irmão não terá crise nenhuma ao ver um estranho. Mas ele pode lhe contar tudo sobre nós e isso não será conveniente.

— Não é você quem está me contando coisas sobre vocês?

— Oh, céus! Não entendo porque eu sempre me surpreendo dizendo impensadamente, coisas que não quero nem devo revelar.

— Se você for católica, talvez eu a faça lembrar-se de um padre com quem você se confessava na infância.

— Não. Nem de longe você lembra um padre.

— Deixe-me adivinhar para que lugar da Cornualha vocês estão indo. Eu moro lá e talvez possamos vir a ser vizinhos.

— Tente adivinhar.

— Bem, eu moro perto de Goonbell.

— Goonbell? Você deve estar brincando. Esse lugar existe? Obrigada, sr. Tewksberry. Sinto muito por ter derramado o chá.

Tewksberry pigarreou. Vendo que Chilton não estava aborrecido na presença da moça, deu um sorriso forçado.



— Manterei Clorie longe de você, Srta. Smith.

— Obrigada, Sr. Tewksberry. — Caroline voltou-se para Chilton — Continue milorde.

— Goonbell existe. Fica perto de Playing Place e ao lado de Cripplesease.

Caroline riu e engasgou com o chá, espirrando gotas na blusa do vestido.

— Oh, veja o que você fez! Por sua causa caiu chá na blusa do meu vestido. Playing Place e Cripplesease? Também são nomes muito estranhos.

— Twelveheads.

— Pare com isso, senão engasgo de novo e espirro chá em você.

— Moro perto desses lugares. Acredite se quiser.

— Quer saber de onde eu venho?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Aposto que se eu ficar aqui sentado, você acabará me contando de onde veio e muito mais.

— Venho de Affpuddle.

— Affpuddle? É uma linda vila. Passei várias semanas lá com minha professora, a Sra. Isabella Oddsbottom.

Caroline meneou a cabeça e desistiu daquela conversa. Terminou de tomar o chá e ficou esperando ansiosa pela chegada do médico. Quanto a Chilton, estava recostado na cadeira com as pernas estiradas, mãos cruzadas sobre o peito, pensando na jovem do seu lado. A Srta. Smith, ou qualquer que fosse o nome dela, era bem estranha. Isso lhe agradava imensamente. Gostaria de saber o que ela pretendia. Não acreditara nem por um minuto que Owen, o rapaz doente, fosse irmão dela.

Seriam os dois namorados e estariam fugindo para se casar?

Iria acabar descobrindo. Não custava esperar. Já era tarde, a temperatura no bar estava agradável, o conhaque de boa qualidade assentara-lhe bem no estômago e ele adormeceu.

Caroline olhou surpresa para ele. Chilton tivera a indelicadeza de dormir na frente dela.

A porta da hospedaria abriu-se e vários homens entraram, falando alto. Caroline sorriu. Chilton não iria cochilar por muito tempo com a chegada daquele grupo barulhento.

Mackie apareceu a porta do bar.

— O Dr. quebra-ossos chegou, senhorita. Walt cheirou o bafo dele e garante que o doutor pode andar sem ninguém para segurar ele. Não se preocupe, o Dr. quebra-ossos não vai matar seu irmão.

— Graças a Deus. — disse Chilton sem erguer a cabeça — O nome dele é Dr. Tuckbucket.

Caroline levantou-se e perguntou:

— O Dr. Tuckbucket é de Mumbles, no País de Gales? A maioria dos Tuckbucket é de lá.

Ela caminhava para a porta e ouviu Chilton rir. Que homem estranho, pensou, seguindo atrás do médico que, caminhava sem a ajuda de Mackie.

O Dr. Tuckbucket constatou que Owen apanhara um resfriado muito forte e forçou-o a tomar um vidro inteiro de um tônico especial. Chamou Caroline em particular, explicou-lhe que seu irmão estava muito doente e devia permanecer na cama durante uma semana.

Ela olhou para o médico, desalentada. Pensou imediatamente em Falkes.

— Uma semana? Oh, não. Impossível. Não tenho dinheiro para pagar nossa hospedagem por mais de dois dias.

— Pague-me primeiro, senhorita.

— Sim, naturalmente. O senhor tem certeza de que meu irmão deve ficar na cama durante uma semana?

— Veremos como ele reage, mas não tenha muita esperança. Olhe para as feições dele.

— Será que ele vai morrer?

— Não, desde que a senhorita cuide bem dele e se mantenha longe da cerveja de Mackie.

Caroline imaginou que cuidar de Owen seria uma tarefa assustadora. Porém, assentiu com um movimento de cabeça e disse resignada como um prisioneiro que aceitava sua sentença:

— Explique-me tudo o que devo fazer, doutor. Cuidarei de meu irmão.

Ela logo constatou que cuidar de Owen era tarefa muito mais difícil do que havia imaginado. Owen estava agitado, debatia-se e chutava os cobertores. A febre subiu, e ele começou a tremer e a delirar.

Às quatro da manhã ela estava sentada na cadeira, com as pernas esticadas, os cabelos soltos caindo no rosto e tão exausta que não tinha coragem de se levantar. Ficou ali olhando para Owen que, finalmente, adormecera.

— Eu o trouxe como refém e olhe o que você está fazendo comigo. — ela murmurou.

Owen gemeu e Caroline foi obrigada a levantar-se. Colocou delicadamente a mão sobre a testa dele, notando que a febre cedera, com a graça de Deus.

Bateram de leve na porta. Ela ficou gelada, pensando imediatamente em Falkes.

Afastou o pensamento, Não havia possibilidade de ele descobrir onde ela estava. Certamente era Mackie, disse a si mesma, contente. Bem que apreciaria um pouco de cerveja.

Levantou-se e abriu a porta. Chilton, todo vestido de preto, com os braços cruzados sobre o peito, estava encostado ao batente, parecendo um gato preguiçoso. Ela sorriu.

— Já é quase de manhã. Por que ainda está acordado? — ele franziu a testa, muito sério e o sorriso dela alargou-se — Entre, milorde. Há apenas uma cadeira no quarto. Suponho que devo cedê-la a você, uma vez que tem um título e eu não.

— Sou um lorde e também sou cavalheiro. Sendo assim, eu deveria ceder-lhe a cadeira. Pelo menos você não teria de sentar-se no meu colo.

Ele entrou no quarto, aproximou-se da cama, pôs a mão na testa de Owen, sentiu-lhe a pulsação no pescoço, assentiu com um movimento de cabeça e sentou-se na cadeira.

— Estou muito cansado e não me sinto nem um pouco cavalheiro. Como Owen é seu irmão, você pode sentar-se na cama, do lado dele.

Caroline conteve-se para não dar um chute em lorde Chilton.

— O que veio fazer aqui? Eu sei que Owen não fez tanto barulho a ponto de acordá-lo, milorde.

— Pode parecer estranho, mas acordei muito preocupado com vocês. Você está cuidando sozinha de seu irmão?

— Não creio que Clorie esteja disposta a fazer alguma coisa para nos ajudar.

— Provavelmente, não. Na verdade ela estava ansiosa para me servir.

— É mesmo? A esta hora? Você não deve beber muito, milorde. Isso não lhe fará bem.

Ele olhou para Caroline com tal expressão de aborrecimento que ela pestanejou.

— Não seja tola. — foi tudo o que ele disse.

Apoiou a cabeça no espaldar da cadeira e fechou os olhos.

Vendo que o *cavalheiro* ocupara a única cadeira do quarto, Caroline sentou-se na beirada da cama.

Com voz sonolenta e arrastada, Chilton observou:

— Este quarto é pequeno e abafado. Tem cheiro de febre. Um horror. Se você não quer que seu irmão seja despachado bem depressa para climas celestiais, aconselho-a a falar com Tewksberry e pedir-lhe para arranjar um quarto maior.

— Não tenho dinheiro para pagar por um quarto maior.

Chilton suspirou.

— Foi o que eu pensei. Droga, quem é você?

— Não sou nenhuma Srta. Prudence, esteja certo disso. Não vou lhe dizer meu nome. Mas pode ser que, por causa do cansaço, eu deixe escapar alguma coisa sem querer.

— Se você cometer alguma indiscrição eu lhe direi.

— Obrigada. Afinal, o que veio fazer neste quarto? Está aí relaxado, me tratando como uma retardada, e não faz nada para ajudar.

— É verdade. — Chilton abriu os olhos — Você está com uma aparência péssima. Aliás, imagino que essa aparência deve combinar bem com alguma moça chamada Prudence.

— Desculpe, lorde Chilton, não quero ser rude, mas por que não volta para seu quarto?

Ele levantou-se, tirou uma chave do bolso e entregou-a a Caroline.

— Pegue esta chave. Meu quarto é o número sete, no corredor, à direita. É o melhor quarto desta droga de hospedaria. Durma um pouco. Cuidarei de seu irmão enquanto isso.

— Está falando a sério?

— Muito sério. Vá logo, antes que eu mude de idéia. Aproveite que a minha generosidade está em alta.

— Não se preocupe com Owen. Ele continuará dormindo por mais duas horas. Depois disso precisará tomar água. O doutor recomendou-me que lhe desse muita água, como se ele fosse um camelo com sede.

— Onde está o urinol?

Caroline arregalou os olhos.

— Urinol?

— Se Owen tomar água como um camelo, há de querer aliviar-se. Não pensou nisso, Srta. Smith?

— Oh. O urinol está debaixo da cama.

Chilton abanou a cabeça, foi até a porta e abriu-a.

— Vá deitar-se, Srta. Smith. Precisa descansar.

Ela saiu para o corredor e foi para o quarto número sete, pensando em lorde Chilton. Não conseguia entender que tipo de homem era ele. O que diria tia Ellie quando soubesse desta louca aventura da sobrinha? Rezou então com fervor para que essa aventura terminasse na casa da tia, e não em uma cadeia porque ela não tinha dinheiro suficiente para pagar a conta da hospedaria. Tudo por causa de Owen. Pobre Owen. Deus, por que ele ficara doente justamente agora? Não podia ter esperado um pouco? Ela só iria sentir-se segura quando eles chegassem à Cornualha. Sim, porque a

intuição lhe dizia que Falkes iria encontrá-los. Não poderia explicar por que esse pressentimento não a abandonava. Sabia apenas que isso iria acontecer.

Caroline dormiu durante seis horas seguidas no macio colchão de penas da cama de lorde Chilton. Acordou ao sentir o toque de dedos movendo-se ao longo de suas sobancelhas. Esse contato agradável e relaxante era também extremamente impróprio, visto estar sozinha em um quarto com um homem. Ela suspirou.

— Eu sei que você está acordada. Vamos, abra os olhos, Srta. Smith. É quase meio-dia. Implorei para Clorinda servir-lhe o almoço e não lhe arrancar os cabelos. Foi muito difícil convencê-la a fazer isso, uma vez que você está na minha cama, e ela sabe que você dormiu aqui. Como também estive sentada no colo de Mackie ontem à noite e tomou a cerveja dele, você pode imaginar a que conclusões Clorinda chegou.

Caroline abriu os olhos. Chilton estava curvado sobre ela.

— Seus olhos são muito escuros, mas não são pretos nem castanhos. Seus pais eram mouros? — ela perguntou.

— Não. Minha mãe era descendente de irlandeses. Dizem que meus olhos são mais escuros do que os dela. Mas, só meus olhos são como os de minha mãe. Sou muito parecido com meu pai. Pelo menos fisicamente. Quanto ao gênio, rezo todas as manhãs... — interrompeu o que estava dizendo e franziu a testa — Que estranho, eu não pretendia falar sobre isso.

— Fale-me sobre Owen. Como ele está?

— Resmungando, queixando-se de tudo. Bom sinal.

Chilton endireitou-se. Caroline sentou-se na cama.

— Ora, Owen tem coragem de reclamar de alguma coisa? Por causa dele tivemos de interromper nossa viagem. E ele se queixa, como se a culpa do nosso atraso fosse minha?

— Ele é apenas um homem, Srta. Smith.

— Owen é um garoto. Precisa crescer um bocado para tornar-se homem.

Acabando de dizer isso, Caroline levantou-se, pegou as sandálias e calçou-as. Para amarrá-las nos tornozelos, estendeu a perna e ergueu um pouco a saia do vestido.

— Não entendo como você pode ficar tão à vontade na minha frente, sendo eu um homem e você uma moça. Chegou até a me mostrar seus tornozelos, Srta. Smith. Não estou acostumado a ver moças tão desinibidas.

— Então não olhe para meus tornozelos, ora. Se você está de pé na minha frente, me observando, como posso amarrar as sandálias sem que veja?

— Boa pergunta. Agora venha comigo. Vamos descer para almoçar. Clorinda está cuidando de Owen. Arrisco-me a dizer que logo, logo, ele estará febril, mas não será por causa do resfriado e sim por outra razão bem diferente.



— Que razão será essa? Oh, espero que Clorinda não esteja dando vinho para ele, nem carne ou comida pesada.

— Não, Srta. Smith. Ela está dando a Owen apenas mingau com uma colherada de mel.

— Ótimo. E trate de não me deixar preocupada novamente. Oh, meus cabelos.

Chilton deu um pente a Caroline e indicou-lhe o espelho sobre o lavatório. Ficou à porta com os braços cruzados, observando-a pentear-se, lavar o rosto e enxugar-se.

Veio-lhe à mente a imagem de uma outra lady que ele havia observado, muitos anos atrás, arrumando-se diante de um espelho, quando ele era ainda pequeno. Só de recordar a cena, apesar de a face da lady estar quase apagada em sua memória, sentiu forte dor no peito. Lembrou-se de que ela cantarolava e sorria para ele. O sorriso era o mais lindo e mais doce que poderia existir. Ele virou-se, foi até a porta e saiu para o corredor.

— Vamos, Srta. Smith.



Era meia-noite. Caroline e Owen estavam na hospedaria *Black Hair* havia três dias. Lorde Chilton planejava ir para Londres, mas permanecera ali. Mudara apenas de quarto, pois cederia o seu a Owen e Caroline. Quando ela perguntara qual a razão de ele não ter ido embora, ele respondera prontamente:

— Estou me divertindo no momento.

Ela desejara esmurrá-lo, pois o tom dele era o de quem via Owen e ela como excentricidades para seu entretenimento. No entanto, não podia deixar de lhe ser grata por tudo o que ele estava fazendo. Além de cuidar de Owen, de ceder-lhes o quarto, era graças a ele que Tewksberry não os havia expulsado da hospedaria.

O antigo pressentimento de que Falkes em breve iria encontrá-la, tornara-se uma certeza. Sabia que ele apareceria diante dela a qualquer instante e estava preparada para recebê-lo. Por isso, quando ouviu uma batida na porta, à meia-noite, permaneceu sentada na poltrona, sem dizer uma palavra. A porta abriu-se com violência, batendo contra a parede, e Falkes entrou no quarto.

— Ah! — ele exclamou.

— Boa-noite, Sr. Falkes. Como nos encontrou?

— Como os encontrei? Ainda pergunta, sua imbecil?

— Por favor, abaixe a voz, senhor. Seu filho continua doente e agora está dormindo.

Falkes resmungou e olhou para a cama onde estava Owen, encolhido, debaixo de uma montanha de cobertores.

— O que ele tem?

— Viajamos a noite toda debaixo de chuva, e Owen apanhou um forte resfriado. Felizmente ele melhorou e deve ter alta no fim da semana.

— Você trouxe meu filho como refém, depois tentou matá-lo?

— Refém? Uma lady trouxe um cavalheiro como *refém*?

Falkes virou ao ouvir a voz. Logo soube que o homem parado à porta do quarto era um nobre. Podia reconhecer um aristocrata a quilômetros de distância devido a sua maldita arrogância, suas maneiras superiores, a fala arrastada, coisas que excitavam seu ressentimento. Ele, certamente, devia ter nascido rico, devia ser um aristocrata como o primo, aquele maldito, que finalmente estava morto.

— Sim, eu trouxe Owen como refém. Estou surpresa por ele não lhe ter dito isso. — tornou Caroline — Este é o pai de Owen, Sr. Roland Falkes. Falkes, este é lorde Chilton.

— Então o senhor é pai dela. — disse Chilton.

— O quê?

— Bem, se ela é irmã de Owen, o senhor deve ser pai de ambos.

Falkes empertigou-se.

— Sou o noivo dela. — declarou — Mas isso não é da sua conta, lorde Chilton.

— Não é mesmo. Mas acho o senhor um pouco velho para ser noivo desta moça. Posso perguntar-lhe por que seu filho é refém dela?

— Refém coisa nenhuma! Que absurdo! Não, não quero saber de perguntas. É um intruso e deve ir embora, milorde.

— O senhor não é meu noivo! — Caroline levantou-se — Vamos parar com esta tolice, Sr. Falkes. Lorde Chilton, este homem era meu tutor até a semana passada, quando completei dezenove anos. Ele quis me obrigar a casar com Owen, mas mudou de idéia e tentou me violentar, certo de que, se eu estivesse com a reputação arruinada, concordaria em ser sua esposa. Eu fugi, trazendo Owen como refém, mas ele ficou doente.

— Entendo. — disse Chilton.

— Deve ir embora, milorde. — repetiu Falkes.

Owen acordou e ficou surpreso ao ver o pai.

— Como nos encontrou, papai?

Falkes olhou para o filho que estava com os cobertores puxados até os olhos.

— Choveu muito e vocês tiveram de parar em algumas estalagens. Em todas elas

conseguimos informações sobre o caminho que tinham tomado. Além disso, contratei cinco homens que saíram em direções diferentes à procura de vocês.

— Aposto que o senhor pagou esses homens com o meu dinheiro, seu ladrão miserável! — Caroline desferiu, vermelha de raiva.

Chilton notou que ela segurava o atizador de ferro, tendo o cuidado de mantê-lo escondido atrás da saia do vestido.

— Sr. Falkes, se a Srta. Smith...

— Srta. Smith? Que idiotice é esta? Smith? O sobrenome dela é Derwent-Jones. Ela é minha noiva. E nos casaremos antes de sairmos daqui.

— Se a Srta. Derwent-Jones é maior de idade e não quer se casar com o senhor, ela não pode ser obrigada a desposá-lo. — alegou Chilton, calmamente.

— Ela se casará comigo, claro. Uma moça não pode ficar com a reputação arruinada. Ninguém a aceitará na sociedade.

— Prefiro me casar com Owen! — tornou Caroline.

Owen gemeu.

— Quietos, garoto! Eu vou me casar com ela, embora saiba que irei me arrepender.

Chilton, observou as três pessoas que se encontravam naquele quarto. Falkes, homem obstinado, teimoso como uma mula, estava disposto a tudo para conseguir o que queria. A Srta. Derwent-Jones, esperava o momento certo para atingir o ex-tutor com o ferro da lareira. Owen, que havia fechado os olhos, não fazia outra coisa senão reclamar e gemer.

— Sabe, Sr. Falkes, que a Srta. Derwent-Jones dormiu na minha cama nas três últimas noites? Sabe que pela manhã eu a acordava passando a mão nas suas sobrancelhas? Sabe que era para mim um prazer ficar admirando-a enquanto ela se penteava e se lavava?

Falkes encarou Chilton, atônito.

Caroline também olhou para ele muito surpresa. O que ele acabara de dizer era verdade, porém havia soado como se ela fosse uma vadia. Compreendeu, porém, que ele estava tentando salvá-la de Falkes.

— Quero a minha herança, Sr. Falkes. Quero que o senhor assine os papéis agora. Quero o que é meu por direito. — ela declarou.

— Nada é seu realmente, minha garota. — contradisse Falkes — Você é mulher e não entende de negócios. Seu pai foi tolo o bastante para me encarregar de administrar seus bens. Eu serei seu marido e cuidarei de tudo. Cuidarei de você e de meu filho. Eu a aceitarei, embora você tenha tido uma aventura com este homem enquanto seu pobre primo estava doente e abandonado.

— Que melodrama. — tornou North — Péssimo melodrama, bem parecido com o que estava em cartaz em Londres há alguns meses...

— Basta! — cortou Falkes.

— Na verdade o senhor deve me tratar por "lorde". — North corrigiu-o — Procure não esquecer as boas maneiras ou terei de desafiá-lo para um duelo e o deixarei muito ferido. Então o senhor e seu filho Owen ficarão lado a lado na cama, gemendo.

— Seu cãozinho arrogante.

— Chega! — Caroline ordenou — Sr. Falkes, agora que o senhor está aqui, tome conta de Owen pois eu vou embora. Lorde Chilton, obrigada por sua ajuda. Realmente, eu lhe agradeço de coração.

— Você não vai a lugar nenhum, garota. — Falkes agarrou o braço de Caroline e puxou-a para trás.

North ficou paralisado ao ver Caroline erguer o atizador e abaixá-lo com força no ombro de Falkes. Este deu um berro e soltou-a.

— Cadela maldita!

Ela golpeou-o novamente no outro ombro e jogou o ferro no assoalho.

— Você me matou! Estou morrendo!

— Não o matei, mas deveria tê-lo matado. Deixe-me em paz! Meu advogado entrará em contato com o senhor.

Ela pegou a capa e saiu do quarto. Falkes quis ir atrás dela, mas Owen saiu debaixo da fortaleza de cobertores e gritou.

— Não, papai, deixe Caroline ir embora. Ela não vai se casar comigo nem com o senhor. O senhor sabe que ela não se preocupa com sua reputação. Por favor, dê o dinheiro a ela. Acabe logo com isto e vamos para nossa casa.

— Não vou dar um centavo a essa vadia! Quanto a você, seu ranhento, receberá um castigo por ter causado toda esta confusão, estragando meus planos.

— Confusão? Se eu não tivesse ficado doente o senhor nunca nos encontraria.

— Não seja idiota! Sei muito bem para onde Caroline pretendia ir. Para onde mais ela iria senão para a casa da tia Ellie? E Ellie mora em Trevellas, um lugarejo esquecido por Deus, na Cornualha. Se eu não os tivesse encontrado aqui, teria continuado a viagem.

North teve a sensação de ter recebido um soco no estômago. Trevellas? Tia Ellie? Caroline era sobrinha de Eleanor Penrose?! Por um instante a cabeça dele parecia girar. Em seguida sentiu uma dor violenta, uma dor que em breve seria de Caroline.

— Foi uma grande experiência, senhor. — disse a Falkes e acenou com a cabeça

para Owen.

Owen agradeceu-lhe, contente.

— Obrigado, milorde, por tomar conta de mim. Espero vê-lo novamente. Talvez possa me ensinar mais umas daquelas estratégias de pique e outros jogos de cartas.

— Hum! — resmungou Falkes com pouco caso.

— Quem sabe. — North respondeu — Adeus, Owen, adeus Sr. Falkes.

Falkes apenas inclinou a cabeça. Virou-se para o filho e recomendou-lhe:

— Fique aqui, Owen, não saia da cama. Aliás, não sei como você suporta ficar debaixo de todos esses cobertores. Vou atrás da Srta. Derwent-Jones. Ela não deve estar longe e não me escapará. Sou um homem astuto e desta vez tudo será à minha maneira.

North que tinha saído para o corredor, pensou: *Será mais fácil o inferno congelar do que você conseguir o que quer.*

North olhou para Tewksberry, contendo-se para não rir, ao lembrar-se do que a Srta. Derwent-Jones tinha feito.

— Sim, milorde, vejo que o senhor também ficou decepcionado com aquela pequena vadi... Com aquela moça. Eu disse que ela iria fugir sem pagar a conta. E agora, o que devo fazer?

— No momento o pai dela está lá em cima com o filho. O nome dele é Roland Falkes. Naturalmente ele irá pagar o que deve. — North respondeu.

— Mas por que ela fugiu como um pássaro que estava preso numa gaiola, se o pai acabou de chegar?

North inclinou-se para a frente e disse em tom confidencial:

— Parece que a esposa do sr. Falkes, Mathilda, fugiu com um criado alemão. A filha tomou as dores da mãe e também saiu de casa com o irmão. Ela não gosta do pai, de jeito nenhum. Você verá, Tewksberry, que o homem é um tipo desprezível.

— Ah... Então é assim. Um criado, hein? Alemão, o senhor disse? Pobre criança.

North balançou a cabeça, muito sério. Pagou a própria conta, despediu-se de Tewksberry e saiu para o pátio. Caminhou até o estábulo batendo de leve o chicote de montaria contra a coxa.

A manhã estava nublada e ameaçava chover. Mas na Inglaterra, especialmente na costa sudoeste, havia sempre ameaça de chuva. Ele chamou um dos cavaleiros e pediu-lhe para trazer-lhe Treetop. O cavalo devia estar aborrecido por ter ficado tantos dias sem atividade e iria correr como o vento. Tinha de alcançar Caroline e faria isso bem depressa. Treetop era um animal magnífico, forte e veloz.

O cavaleiro curvou-se diante de North e entrou correndo no grande estábulo. Voltou poucos segundos depois, vermelho e com os olhos arregalados.



— Seu cavalo desapareceu, milorde.

— Como? O que você disse? Treetop é aquele cavalo baio com uma faixa branca em cada pata dianteira, logo acima do casco.

— Eu sei, milorde, mas Sparkie disse que aquela moça levou Treetop e deixou o cavalo dela para o senhor. É uma égua com o peito largo, mas não acredito que seja veloz.

Ele não devia ficar surpreso, North pensou. Desta vez, não teve vontade de rir e, sim, de praguejar. Caroline o enganara, da mesma forma que havia enganado Falkes. E fizera isso com a maior facilidade. Sem dúvida, ao ver Treetop, ela compreendera que um soberbo animal como aquele faria a viagem em muito menos tempo do que a égua que parecia sonolenta, preguiçosa e faminta. A pobre criatura não devia ter comido desde que chegara à hospedaria.

— Muito bem, velha égua, o que me diz?

A égua olhou para ele com indiferença.

— Lamento, mas não tenho escolha. Vamos atrás de sua dona? Parece que ela foi embora com o meu cavalo.

Em seguida North encontrou um pedaço de papel colocado na aba de uma das bolsas da sela.

Ele leu:

*Lorde Chilton,*

*Perdoe-me por levar seu cavalo. Não quero que o Sr. Falkes me alcance. Se ele aparecer na minha frente, atirarei nele. Devolverei seu cavalo, prometo. Aonde quer que eu vá, farei perguntas sobre um lugar chamado Goonbell.*

*Sua criada,*

*Caroline Derwent-Jones.*

Cinco minutos depois North estava no caminho de volta à Cornualha. A viagem a Londres, seus negócios e a encantadora amante, Judith, teriam de esperar.

Agora estava cavalcando atrás de uma garota irritante que lhe roubara o cavalo. Treetop nunca tinha sido montado por uma mulher. Esperava não encontrar Caroline caída em alguma vala, com o pescoço quebrado.

North não a encontrou. Ela devia ser excelente amazona, pois Treetop muitas vezes era um animal indócil, até mesmo com ele. Como se comportaria com uma estranha, uma mulher que tivera a ousadia de colocar-lhe no largo lombo uma sela feminina para cavalgar sentada de lado?

Ao contrário de Caroline, North não precisava se esconder e pôde viajar tranquilamente durante o dia e pelas melhores estradas. Atravessou Exeter, continuou

até Bovey Tracy, descansou durante algumas horas à sombra de pés de bordo que marginavam a estrada e prosseguiu até Liskeard. Ali, parou em uma estalagem onde passou a noite. Às seis horas da manhã seguinte pôs-se na estrada novamente.

O tempo manteve-se firme, com a graça de Deus, e ele cavalgou sem parar durante várias dezenas de quilômetros. A princípio desdenhara da velha égua, mas acabara descobrindo que ela era resistente e corajosa. Acostumara-se tanto, que nunca lhe passara pela cabeça vendê-la ou deixá-la em uma estalagem e alugar um bom cavalo para continuar a viagem. Não sabia nem o nome dela, mas já gostava da égua. Na véspera, quando estava chegando a Liskeard, dera-lhe o nome de Regina.

— Vou chamá-la de Regina. Ou melhor, para mim você será Reggie. É mais carinhoso. O que você acha? — ele dera palmadinhas no pescoço gordo da égua — Este nome é apenas temporário. Quando encontrarmos a danada da sua dona, você terá de volta seu nome verdadeiro, certo?

Pela manhã, ao ver North saindo da estalagem, Reggie balançou a cabeça e relinchara.

— Você é uma sedutora, garota! — North brincou e acariciou o focinho da égua — Coma esta cenoura, e sua ração, depois vamos para a estrada novamente.

North alimentou Reggie até vê-la satisfeita. Podia jurar que a égua havia sorrido para ele. Então montou-a e cavalgaram até St. Agnes. Durante a viagem a maior preocupação de North era seu encontro com Caroline. Não seria nada agradável dar-lhe a notícia da morte da tia. Pior ainda seria dizer-lhe que Eleanor Penrose tinha sido assassinada, algum bastardo havia enterrado uma faca nas costas dela e a empurrara do alto dos rochedos do promontório St. Agnes.

Ele cavalgou diretamente para Mount Hawke, sua propriedade. O Castelo de Mount Hawke erguia-se imponente acima da vila que tinha o mesmo nome. O castelo fora construído pára proteção dos moradores da vila e existia desde o tempo em que Henrique VIII mandara decapitar a quinta esposa, Katherine Howard. Na verdade, segundo os registros mantidos na biblioteca do castelo, as grandes portas de entrada de Mount Hawke haviam sido afixadas nos batentes no dia exato da execução da rainha.

North detestava aquele castelo que parecia um mausoléu. Era uma enorme construção quadrada com quatro torres, largas escadarias, longos corredores com correntes de vento, piso de mármore, cujos passos das pessoas ecoavam como se por ali estivesse um exército marchando. O castelo era frio, exceto nos aposentos mais usados, os quais eram revestidos de grossos tapetes turcos. Mount Hawke fora construído com pedras cinzentas, extraídas de uma pedreira perto de Baldhu. Um observador mais atento certamente iria admirar a beleza daquelas pedras envelhecidas, cujo tom fora suavizado pelo tempo. Mas North não era esse tipo de pessoa. Enfim, aquele monte de pedras lhe pertencia e ele devia amá-lo. A propriedade havia passado de pai para filho numa cadeia ininterrupta durante quase trezentos e cinquenta anos, o que era um feito. O castelo era impressionante, ele admitia, embora

tivesse uma certa aparência ameaçadora, ali no alto daquela colina particular, lançando sua sombra pelas encostas e sobre a vila, logo abaixo.

Escurecia quando North subiu pelo largo caminho de acesso ao castelo até chegar aos imponentes portões de ferro.

Tom O'Laddy, o guarda, cumprimentou North com um grande sorriso, mostrando a falta de um dente.

— Oh, milorde, está de volta! Sua viagem a Londres foi bem curta. Ainda bem. Londres é um lugar horrível. O Sr. Coombe e o Sr. Tregeagle o esperavam só daqui a duas semanas.

— Boa noite, Tom. Vejo que você está admirado por eu não estar montando Treetop. Esta doce garota é Reggie, uma égua muito valente. Como está seu sobrinho?

— Ainda fraco, milorde. Aos poucos está melhorando.

— Excelente. Da próxima vez, diga-lhe para ter mais cuidado e não cair do barco.

— Sim, milorde. O rapaz aprendeu a lição. Na verdade foi aquela garota, filha do ferreiro que empurrou ele para fora do barco. Parece que ele estava tomando liberdades, e ela não gostou disso.

North sorriu. Atravessou os grandes portões e continuou a subir pelo caminho até o enorme edifício que, transcorridos aqueles séculos, tornara-se mais um lar do que uma fortaleza.

Ele refreou Reggie no pátio do castelo. Estava pensativo. Os homens achavam que deviam lutar e conquistar. Não se contentavam com o que tinham. Nunca achavam que possuíam o suficiente. Ele tinha sido um soldado e seu objetivo era impedir ou, pelo menos tentar impedir Napoleão de querer conquistar o mundo. Verdade seja dita, ele gostava de um bom combate. Estava sempre disposto a provar sua força, sua presença de espírito, qualquer que fosse seu oponente. Agora, estando Napoleão exilado em Elba, North achava que não haveria mais uma guerra nas proporções, da que tinha terminado. Às vezes o fato de levar uma vida pacata, sem ter de enfrentar perigos, o deixava deprimido.

Ele deixou Reggie no magnífico estábulo com baias amplas, cômodos para selas, arreios e ferramentas, com grandes caixas para feno e tudo mais que seu obsessivo avô poderia ter pensado em construir. O velho Pa-Du, chefe dos cavaleiros, foi ao encontro do patrão assim que o viu e segurou as rédeas de Reggie.

North conversou com o empregado, observando ao mesmo tempo como era possível o bom homem trabalhar e cuidar dos animais com aqueles dedos tortos, deformados pela artrite.

No dia seguinte ele iria a Goonbell, decidiu, deixando o estábulo. Subiu os degraus de entrada do castelo e bateu com força a pesada aldrava de bronze da enorme porta de carvalho.

Coombe, seu mordomo, abriu a porta e espantou-se ao ver o patrão de volta.

— Seja bem-vindo, milorde. Mas não posso imaginar o que terá acontecido para o senhor estar de volta duas semanas antes do esperado.

## *Capítulo II*

Certo de que Caroline iria em primeiro lugar a Goonbell, North foi até lá. Fez perguntas aos pescadores que sabiam tudo sobre todos daquele lugar. Também conversou com a Sra. Freely que ganhava dos pescadores quando o assunto era dar informações sobre as pessoas do vilarejo e sobre quem quer que aparecesse por lá. Ninguém tinha visto uma moça de sobrenome Derwent-Jones.

North montou Reggie novamente e em trinta minutos chegou a Scrilady Hall, na saída de Trevellas, a oitocentos metros de distância do mar. Scrilady Hall era um encantador solar de tijolos vermelhos, cercado de lindo jardim cheio de buganvíleas, rosas e jasmims. Havia ali três criadas. A linda residência, North supôs, agora devia pertencer a Srta. Derwent-Jones. Ela acabaria chegando ali.

Ele foi recebido pelo Dr. Benjamim Treath que estava mostrando a casa a um senhor que North desconhecia. O médico apresentou-o.

— Este é o Sr. Brogan, advogado, e está aqui para fazer o inventário de tudo para que o testamento seja executado.

— Compreendo. — disse North — Quando o senhor espera que a Srta. Derwent-Jones chegue, Sr. Brogan?

O advogado arqueou as sobrancelhas. Foi o único indício de que ficara surpreso com a pergunta.

— Eu não sabia que o senhor conhecia bem a família. De fato, os únicos herdeiros são a Srta. Derwent-Jones e o Sr. Bennett Penrose. Este tem aparecido na região com certa frequência nos últimos cinco anos. Naturalmente, não posso lhe adiantar mais nada enquanto eu não ler o testamento para esses dois herdeiros.

— É claro, Sr. Brogan. — North voltou-se para Treath — O senhor está bem?

— Está sendo difícil, North. Muito difícil. Nada mais foi esclarecido desde que você partiu para sua viagem a Londres. A propósito, você não demorou muito por lá.

— Realmente, não me demorei. — North voltou-se para o advogado — Suponho que o senhor tenha escrito para a Srta. Derwent-Jones.

Novamente Brogan arqueou as sobrancelhas.

— Sim, escrevi há algumas semanas. Não sei por que não recebi resposta da Srta. Derwent-Jones. Espero que ela chegue a qualquer momento. Se ela não chegar até o fim da semana, eu lhe escreverei novamente. O correio não é muito confiável.

— O senhor tem razão.

— O senhor conhece a Srta. Derwent-Jones, milorde?

— Sim.

— Como? Não compreendo, milorde.

— É uma história complicada. Por que não esperamos pela Srta. Derwent-Jones?

A governanta, Sra. Trebaw serviu-lhes chá e bolos na sala de visitas. A conversa estava agradável. North deixou Scrilady Hall alguns minutos depois. Não queria dar a Treath ou ao Sr. Brogan a chance de fazer-lhe perguntas sobre como ele havia conhecido Caroline Derwent-Jones, ou por que ele viera até Scrilady Hall.

Na noite seguinte, às dez horas, Coombe bateu de leve na porta da biblioteca de North. Pigarreou ao entrar e olhou diretamente para a cornija da lareira onde estava o velho relógio, que acabara de bater a décima badalada.

— Sim, Coombe?

— Milorde, o que aconteceu é algo desagradável e inusitado. Há *uma moça* lá fora e disse que deseja vê-lo. É muito tarde e ela parece em péssimo estado. Eu ia mandá-la embora, quando ela apontou uma pistola para mim e exigiu que eu o chamasse, milorde.

North passou apressado pelo mordomo e atravessou correndo o hall de entrada. Caroline estava de pé à porta da frente, tinha a cabeça inclinada, os ombros curvados, a capa estava horivelmente amassada e suja. Ela havia puxado o capuz para trás e North pode ver os cabelos enrolados em tranças grossas, presas no alto da cabeça. Das tranças saíam longas mechas que lhe tocavam os ombros. Ela ainda segurava a pistola.

Quando, por fim, Caroline ergueu a cabeça, North sentiu o coração apertado. A expressão dela não era de cansaço, era de dor. Dor profunda.

— Srta. Derwent-Jones. — ele se aproximou — Meu Deus. Sinto muito. Muito mesmo.

Num gesto involuntário, North estendeu os braços e Caroline atirou-se neles. Ficou ali rígida, com as mãos fechadas contra o peito dele, tendo deixado cair a pistola e começou a soluçar. Parecia prestes a desmaiar nos braços de North. Toda a sua coragem, sua impetuosidade a abandonara por causa da dor e do choque que havia sofrido.



North puxou-a para mais junto do peito e acariciou-lhe os cabelos, tentando confortá-la. Finalmente, ela ergueu a cabeça.

— Você sabia. Você sabia e não me disse nada.

— Não tive oportunidade. Você saiu correndo da hospedaria.

— Tia Ellie está morta, lorde Chilton. Alguém a matou. Não posso...

Ele colocou um dedo sobre os lábios dela.

— Shhh. Você está exausta. Venha até a biblioteca e se aqueça. Um pouco de conhaque e comida lhe farão bem.

Coombe, que estava atrás de North, com expressão desaprovadora, observou:

— Vou buscar um refresco, milorde. Duvido que Polgrain tenha alguma coisa na cozinha a esta hora.

— Obrigado, Coombe. Traga o que houver. Srta. Derwent-Jones, venha comigo.

Uma vez na biblioteca, Caroline tirou a capa, dobrou-a devagar e com cuidado, como se aquele gesto a ajudasse a manter o autocontrole. Depois colocou a capa no encosto de uma cadeira. Suspirou e foi de cabeça baixa até a lareira e estendeu as mãos espalmadas para as chamas. Permaneceu ali em silêncio e imóvel. Não parecia a mesma moça que ele conhecera havia pouco tempo, sentada no colo de Mackie, tão sorridente e mágica, tomando cerveja e tossindo até ficar com o rosto vermelho. Ele fechou a porta da biblioteca e foi para perto de Caroline sem saber o que dizer.

Por mais um instante ele a observou. Pouco depois Coombe entrou na biblioteca carregando uma bandeja na qual havia um bule de prata muito velho e amassado, duas xícaras lascadas, duas fatias de pão, uma jarrinha com creme muito amarelo e um único bolinho de aveia que parecia tão duro que certamente poderia ser usado como arma.

North dirigiu a Coombe um olhar severo. O mordomo deu de ombros e não encarou o patrão. North controlou-se para não repreendê-lo. A última coisa de que sua hóspede precisava naquele momento era ouvi-lo gritar com um serviçal.

Procurando manter a calma, serviu o chá. Coombe não havia trazido nem um cubo sequer de açúcar. Ele não serviu o creme porque estava com péssima aparência.

— Obrigada. — Caroline agradeceu-lhe e tomou um gole do chá quente.

Imediatamente cuspiu, tossiu e cobriu depressa a boca com o guardanapo.

— Oh, sinto muito. É que este chá... tem gosto de...

Cauteloso, North tomou apenas um gole do estranho chá e teve a sensação de que a língua iria cair fora da boca. O chá era mais forte do que uma tempestade no mar da Irlanda e estava salgado como o diabo.

— Está horrível! Lamento. — ele desculpou-se e pegou a xícara de Caroline — Descanse um pouco enquanto vou buscar alguma coisa para você.



Sua vontade era ir até a cozinha e chutar o traseiro de cada um dos criados. Mas decidiu que não devia fazer aquilo, pelo menos não agora. Caroline estava pálida e arrasada. Indo até o aparador, pegou a garrafa de conhaque e despejou um pouco da bebida num cálice.

— Beba. Isto a deixará bem aquecida. Polgrain não tem noção do que seja chá.

Ela tomou o conhaque devagar e aos poucos a cor voltou-lhe ao rosto.

— É gostoso. Não é amargo e forte quanto a cerveja do Sr. Mackie. E muito melhor do que esse chá. — ela observou — É a primeira vez que tomo conhaque.

— Pense nele como remédio. Quer experimentar o bolinho de aveia?

Caroline olhou para aquela coisa na bandeja e voltou-se para North, alarmada. Ele teve vontade de chutar os traseiros dos criados com muito mais força do que havia pensado cinco minutos antes.

— Não estou com fome. Obrigada. — ela respondeu.

North olhou para o fogo por um momento, depois disse:

— Eu queria ser o primeiro a lhe contar sobre a morte de Eleanor Penrose, mas não sabia quando você iria chegar nem para onde pretendia ir em primeiro lugar. Fui a Scrilady Hall esperando encontrá-la, mas o advogado, um tal Sr. Brogan, estava lá. Creio que a minha presença não o agradou. Senti demais o que aconteceu à sua tia. Eu gostava muito de Eleanor. Quando ela chegou aqui, eu era um garoto de dez anos. Ela era muito querida.

— Parece que não era tão querida assim. — os olhos de Caroline encheram-se de lágrimas — A Sra. Freely, da estalagem de Goonbell, me disse que foi você quem encontrou o corpo de minha tia.

— Sim, fui eu. Ouça, Caroline, você está muito cansada e é tarde para ir a Scrilady Hall. Fique aqui esta noite e eu a levarei até lá, amanhã, logo depois do desjejum.

Alegrou-se ao ver Caroline dirigir-lhe um breve sorriso.

— Café da manhã? Não é mais seguro eu tomar conhaque?

North riu.

— Não tenha medo. O café da manhã será excelente, prometo. Vou conversar seriamente sobre receitas com Polgrain e os criados.

— Pensei que o seu mordomo fosse bater a porta na minha cara. Tive de ameaçá-lo com a pistola, eu não sabia mais o que fazer para convencê-lo a ir chamá-lo, lorde Chilton.

— Ele mereceu. Não se preocupe. Coombe sobreviverá ao choque. Posso explicar o comportamento dele. É que nenhuma mulher entra em Mount Hawke há muitos e muitos anos. Suponho que meu mordomo e os outros criados não saibam como tratar

uma lady.

— Sua cozinheira, evidentemente, também não queria me ver aqui.

— Cozinheiro. — North corrigiu — Polgrain é o cozinheiro.

North notou que ela estava cabeceando, sentada na cadeira, com muito sono.

— Com licença, Caroline. — disse ele — Vou pedir a Tregeagle para arrumar um dos quartos para você.

— Tregeagle usa saias?

— Não. Augustus Tregeagle é o chefe dos criados. Como eu disse, há muito tempo não entra uma mulher neste castelo. Aqui só há homens.

— Oh, sinto muito. Deve ser difícil para você e para eles receberem uma mulher como hóspede.

— Não é tão difícil assim. — tornou North com um, sorriso.

Imaginou como seria o castelo com mulheres caminhando pelos corredores, cheirando o ar para ter certeza de que o aroma era agradável e não ofendiam suas narinas delicadas, mulheres reclamando porque os lençóis estavam velhos e alguns até rasgados mulheres queixando-se por que as lareiras estavam pretas de carvão...

North interrompeu o pensamento. Estava ali sorrindo para Caroline quando devia dizer a ela que vivia muito feliz no seu castelo, sem a interferência de mulheres e agradecia a Deus por isso. Conviver com mulheres poderia ser bom para outros homens, não para ele. Ele ia continuar a conversa, mas notou que Caroline estava quase adormecida. Deixou-a recostada na poltrona, na frente da lareira, e saiu da biblioteca para falar com Tregeagle.

Apesar da idade, Tregeagle era um homem alto, forte, com fartos cabelos grisalhos encaracolados e tão bonito que causava inveja até a homens bem mais jovens do que ele. North esperava que o criado não tivesse nessa noite tomado a cota de cerveja que costumava ingerir depois que terminava suas tarefas. Toda vez que exagerava, o homem tornava-se incapaz de distinguir um lençol limpo de um pano de chão.

Ficou aliviado ao vê-lo conversando com Coombe e Polgrain. Tregeagle estava de pé e continuava ereto e magro como se estivesse nos verdes anos da juventude. Certamente ele não tinha ido a Goonbell tomar cerveja. Por um momento North observou os três homens que conhecia desde que viera morar em Mount Hawke, aos cinco anos de idade. Depois pigarreou.

— Ah, milorde, que bom vê-lo. — disse Coombe em tom lisonjeiro — Estava tudo do seu gosto, milorde?

— Não. Não estava, e vocês sabem muito bem disso. Mas conversaremos sobre o comportamento execrável de vocês três, amanhã. Tregeagle preciso de um quarto para nossa hóspede.

— Mas não há nenhum quarto disponível!

— Não seja idiota, Coombe. Este castelo é maior do que a vila inteira. Deve haver pelo menos duas dúzias de quartos disponíveis.

— Certo, milorde. — disse Tregeagle, empertigando-se — Mas Coombe tem razão, milorde. Já acolhemos e alimentamos essa jovem. Portanto, lhe demos ajuda suficiente. Mas mantê-la no castelo? Uma mulher? Impossível, milorde. Nunca se ouviu falar nisso. Esta é uma casa de cavalheiros. É a nossa reputação?

— Nossa reputação? Que idiotice é esta? Fique quieto e me escute. Nossa hóspede é a sobrinha da Sra. Eleanor Penrose e acaba de descobrir que a tia foi assassinada.

— Oh, meu Deus! — tornou Coombe — Ela não me disse quem era. Apenas me apontou aquela maldita pistola. Pensei que ela fosse doida, milorde.

— É uma pena, certamente. — comentou Tregeagle por sua vez — Receber uma notícia dessas é para deixar uma mulher histérica.

— Sendo assim, ela ficará mais feliz em Scrilady Hall. — apontou Polgrain — Lá há mulheres que cuidarão dela e a confortarão. Além disso, pelo que ouvi dizer, a comida de lá é excelente.

— Sem dúvida, o que quer que lhe sirvam em Scrilady Hall será muito melhor do que o chá horrível que você preparou para ela. E o bolinho de aveia! Estava duro como uma pedra. Por Deus, Polgrain, se eu o atirasse na sua cabeça, por certo o mataria. E agora chega! Começo a acreditar que vocês não passam de um trio de misóginos. Mas vamos ao que interessa. A Srta. Derwent-Jones é muito jovem. Se ela não me conhecesse, não teria a quem recorrer. Ela está cansada, precisa de uma boa noite de sono. É tarde para eu levá-la a Scrilady Hall. Portanto, Tregeagle, cuide de preparar um quarto para ela. Não quero mais ouvir reclamações nem resmungos.

— Perfeitamente, milorde. — disse Tregeagle, muito sério — Acho que vou preparar o Quarto de Outono.

— Não. Esse quarto é escuro e muito frio. — North objetou — A Srta. Derwent-Jones pegará uma pneumonia se tiver de dormir lá. Aquele quarto precisa de ventilação.

Os três homens se entreolharam.

Coombe comentou:

— Lembrem-se de que, se ela pegar uma pneumonia, terá de ficar aqui por muito tempo...

— É verdade. — North concordou — Como vocês não querem uma mulher no castelo, tratem de preparar para ela um quarto arejado, amplo e bem limpo.

— Uma observação pertinente. — aprovou Coombe. Limpou a garganta e acrescentou: — Creio que o Quarto Rosa é o melhor para essa moça. As jovens gostam

de cor-de-rosa. Essa cor combina com o temperamento delas.

— Bem lembrado. Timmy, o rapazinho que contratamos, está sendo treinado e passou o dia limpando aquele quarto. Suas janelas ficaram abertas ontem, o dia todo.  
— Tregeagle informou.

North assentiu com um movimento de cabeça, mesmo sabendo que isso era tolice. Aqueles três faziam o que queriam. Mount Hawke praticamente pertencia aos criados desde a morte de seu pai.

Voltando para a biblioteca, ele encontrou Caroline adormecida e carregou-a para o lindo quarto que ficava a um canto do castelo com as janelas voltadas para o pomar de macieiras. Só de pensar nas maçãs graúdas e quase maduras, ele sentiu água na boca. Os moradores da vila teriam maçãs durante todo o inverno. As macieiras cobriam a encosta da colina, continuavam onde o terreno era plano e chegavam ao riacho que seguia serpeando por mais de três acres das terras de Mount Hawke.

Embora detestasse aquele mausoléu de pedra, North teve de admirar o cuidado que todos tinham com o castelo. Timmy, o novo criado, realizara um ótimo trabalho. Ter um quadro de funcionários essencialmente masculino não era, afinal, tão ruim assim. Isto é, desde que esses criados não tivessem de demonstrar boas maneiras para com uma mulher que ali se hospedasse.

North tirou as botas e as meias de Caroline. Assustou-se ao notar que o pé esquerdo tinha uma bolha, estava vermelho e inchado. Examinou as meias e, como esperava, viu que uma delas tinha um furo, o causador da bolha. Não gostou do aspecto do machucado, mas só poderia cuidar disso no dia seguinte.

Depois de cobrir Caroline e de apagar a vela, saiu para o corredor, onde Coombe o esperava.

— Como está a moça, milorde?

— Adormeceu. Só amanhã saberemos se ela está bem.

— O quarto está do seu agrado, milorde?

— Sim, Coombe. Timmy fez um bom trabalho. Agora, ouça bem. Diga a Polgrain para servir um café da manhã magnífico, tudo delicioso. Exijo que ele use toalhas e guardanapos de linho, impecáveis, a porcelana deve estar limpíssima, sem um trincado, a prataria reluzente. Compreendeu, Coombe?

— Certamente, milorde, não somos idiotas. Como a moça vai partir logo depois do café da manhã, faremos nossa obrigação. Queremos garantir que ela esteja com o estômago cheio para a viagem até a casa dela.

North ficou um instante pensativo. Onde seria a casa dela? Em breve Roland Falkes apareceria por ali com Owen, o que, sem dúvida, representaria mais um problema para Caroline. Ocorreu-lhe que era seu dever orientá-la e protegê-la, principalmente do antigo tutor. De que forma poderia protegê-la, não tinha a menor idéia.

Ele fechou a porta do quarto devagar. Coombe notou que ele tinha uma ruga funda na testa.

- Precisa de alguma coisa, milorde?
- Não, não. Boa noite, Coombe.
- Boa noite, milorde. Sobreviveremos a isso.
- A isso o quê? À visita temporária de uma moça?
- Lembre-se, milorde, de que ela estava armada.
- Vá dormir, Coombe.
- Ela parecia má. Poderia ter atirado em mim, milorde.
- Você merecia levar um tiro. Vá para a cama.
- Sim, milorde.



Um grito terrível acordou North no meio da noite. Por um momento ele pensou que estivesse de volta ao campo de batalha, em Toulouse, cercado de canhões que vomitavam a morte.

Ele sentou-se na cama, desorientado. Ouviu outro grito. E outro. Gritos femininos. Não eram gritos de soldados. Uma mulher em Mount Hawke? Ele passou as mãos pelos cabelos e organizou os pensamentos.

Sim, Caroline, a moça que fugira de casa trazendo consigo um pobre homem como refém, que roubara Treetop, a moça que aparecera nos degraus do castelo, exausta, em lágrimas.

Ele saltou da cama e saiu do quarto correndo, arrastando o robe pelo corredor. Bateu de leve na porta e ao mesmo tempo girou a maçaneta, entrando no quarto escuro.

— Caroline!

Ouviu-a respirando com dificuldade, e correu para a cama sem pensar duas vezes. Uma réstia de luar que entrava pela janela foi suficiente para ele ver Caroline sentada na cama, rígida como uma coluna, parecendo muito assustada.

Ela olhava o guarda-roupa laqueado de cor-de-rosa, que ficava à frente da cama com dossel.

— O que está acontecendo? Você teve um pesadelo? — North indagou, passando os braços ao redor de Caroline, que estava com o coração batendo aceleradamente, como se ela tivesse corrido por toda a vila de Mount Hawke e subido a colina até o

castelo.

— Há alguém escondido atrás do guarda-roupa. — ela sussurrou.

— O quê?

— Alguém está atrás do guarda-roupa. — ela repetiu baixinho — Acho que é um homem. Acordei e ele estava do lado da cama, meio curvado, olhando, para mim. Senti sua respiração e gritei. Ele afastou-se depressa depois de fazer um ruído semelhante ao silvo de uma cobra e escondeu-se atrás do guarda-roupa.

North afastou-se um pouco de Caroline e recomendou-lhe em voz baixa:

— Fique aqui, não se mexa.

Levantou-se e, com os olhos já acostumados com a penumbra, olhou na direção do guarda-roupa. Não viu nada, nenhum sinal, nenhum movimento, nenhuma sombra sequer. Havia sim, um espaço entre o guarda-roupa e a parede, onde alguém poderia esconder-se. Mas um homem? No quarto de uma moça? Parecia impossível. Mesmo assim, ele foi até o guarda-roupa, puxou-o um pouco para frente e empurrou-o para trás com violência.

Um grito. Grito de homem.

— Saia daí, seu patife!

Quem saiu de trás do guarda-roupa, engatinhando, não era um homem, era Timmy, um garoto de doze anos, ruivo e sardento. Estava apavorado, a boca aberta, como se quisesse gritar ou chorar de medo.

North deu um passo para trás e cruzou os braços.

— Posso perguntar o que você está fazendo no quarto de uma moça no meio da noite?

— Eu limpei este quarto, milorde.

— Sim, mas eu quero saber por que você está aqui, agora.

O jovem criado olhou ao redor, como se precisasse de socorro. Depois manteve a cabeça baixa.

— A moça que está na cama quase me deixou surdo com seus gritos, milorde. Foram os gritos mais altos que eu já ouvi.

— Eu lhe fiz uma pergunta, Timmy. Ela gritou porque você a assustou, aparecendo do lado da cama quando ela dormia.

Timmy olhou trêmulo para o patrão, esperando ser punido severamente, considerando a falta cometida. Ele ouvira contar que o pai de lorde Chilton castigava os criados por qualquer motivo. Havia até a história de que o falecido lorde quase quebrara a bengala nas costas de McBride só porque o velho tinha feito um comentário sobre o tempo, discordando da opinião do patrão.

Timmy baixou a cabeça e disse contrito:



— Eu só queria ver ela, milorde, nada mais. Ouvi dizer que ela era muito bonita. Linda como a cauda aberta de um pavão.

— Você, o quê? Linda como a cauda de um pavão? Ora, garoto, ela é apenas uma moça como as outras que moram aqui por perto.

— Ele estava de pé, do lado da cama, curvado sobre mim, segurando uma vela. Foi o calor e a luz da vela que me acordaram. — Caroline explicou.

Timmy espichou o pescoço para ver bem Caroline.

— Meu Deus, ela é tão bonita como um anjo, como uma princesa, como... Ela não é parecida com a cauda de um pavão.

— Chega de história! — North zangou-se — Quase a matou de susto. O que devo fazer com você, hein, Timmy?

— Anjo? Foi o que você disse? — Caroline perguntou.

— Sim, senhorita. Os seus cabelos parecem fios de ouro, são macios como seda...

Caroline voltou-se para North.

— Certamente o que ele fez não foi tão grave, milorde.

— Você diz isso porque ele a está bajulando descaradamente. Anjo! Hah! Você está de dar medo. Olhe-se no espelho. Seus cabelos estão sujos, embaraçados, parecem palha...

— Chega, North! — Caroline inclinou-se para o garoto — Por que você veio até aqui, Timmy? Diga a verdade.

Ele inspirou fundo. Havia um brilho de esperança nos olhos verdes ligeiramente puxados. A moça parecia ter pena dele, mas o patrão, com certeza não teria a menor clemência.

— Foi Coombe, ouvi ele dizendo para Tregeagle que a senhorita apontou uma arma para ele. A arma que meu pai usava para caçar quebrou e ele precisa de uma nova porque tem armadilha que não funciona. Sem caça a gente passa fome.

— Você veio a este quarto para roubar a pistola?

Timmy fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Compreendo. — Caroline sorriu — Parece que seu pai precisa muito mais de uma arma do que eu. Entretanto, há um homem mau que está me perseguindo e quer todo o meu dinheiro. Preciso dessa arma para me defender. Depois que eu acertar as contas com esse homem, eu lhe darei a arma. Está bem, Timmy?

— Oh, senhorita, isso é maravilhoso. Meu pai vai ficar falando da sua beleza e da sua bondade e...

— Acabe com essa conversa, Timmy. Posso saber por que você não me procurou em vez de vir aqui?

— Coombe me disse para não aborrecer o senhor, nem fazer brincadeira. Disse também que gosta de ficar sozinho. Tregeagle disse que ninguém pode perturbar um cavalheiro Nightingale. É nosso dever proteger nosso patrão. Não podemos deixar pessoas intrometidas e muito menos mulheres aborrecerem o senhor.

— Pois eu estou aborrecido por sua causa. Eu estava dormindo, tendo um sonho agradável e tive de sair da cama correndo...

— Chega, milorde. — Caroline interrompeu-o — Timmy se desculpou. Está tudo bem agora.

— Vá dormir, Timmy. Amanhã conversaremos. Boa noite. — disse North.

Timmy balançou a cabeça solenemente. Sorriu para Caroline e saiu do quarto. Assim que a porta se fechou, North disse a ela:

— Seu grito me deixou apavorado.

— Sinto muito. Timmy quase me matou de susto. Ah, seus; cabelos estão despenteados, milorde. Gosto deles assim.

— Tolice. — North passou as mãos nos cabelos — Agora vamos falar sobre você. Afinal você parece um anjo, uma princesa, é linda como a cauda de um pavão, é bondosa, sua beleza...

Caroline deu uma boa risada.

— Pare com isso. Estou rindo como uma tonta. Que horror. Lamento tê-lo acordado. — Caroline olhou para os pés — Você tirou as minhas botas.

— Tirei as botas e as meias, nada mais. Veja, você está toda vestida. A propósito, sua meia esquerda tem um furo. Vi que seu pé está vermelho, inchado e há uma bolha. A aparência não é das melhores. Cuide disso amanhã, assim que se levantar.

— Está bem. Gosto quando me chama de Caroline. Meu nome soa forte quando você o pronuncia. É um som muito agradável. Me deixa emocionada.

— E mesmo? Que bom. Nós nos conhecemos há pouco tempo, mas, considerando as experiências pelas quais passamos, creio que podemos deixar de lado as formalidades. Pode me chamar de North.

— Qual é seu nome todo?

— Sou Frederick North Nightingale, barão de Penrith, visconde Chilton. Devo os títulos e as terras a meus ancestrais. Quando o primeiro visconde Chilton mandou construir este castelo, deu-lhe o nome de Mount Hawke. A vila também passou a ter esse nome.

— Seu nome é muito bonito e romântico. Quem o escolheu? Sua mãe?

— Duvido que tenha sido ela.

— Seu pai, então? Se foi ele, devia ser romântico.

North ficou em silêncio. Caroline percebeu que ele sentia-se desconfortável e

mudou de assunto.

— Obrigada por ter vindo me socorrer tão depressa.

— Não precisa me agradecer. Deite-se e durma.

Caroline deitou-se. North puxou as cobertas sobre ela, até o pescoço, prendeu-as bem ao redor dela, como se ele fosse seu pai ou um tio. Para ambos isso foi agradável e reconfortante.

— Fique tranqüila, Caroline, Falkes não fará nada para prejudicá-la.

— É muita bondade sua, North, mas eu devo cuidar disso. Já me defendi dele uma vez e conseguirei defender-me novamente.

— Ótimo. Mas não pense que vou me afastar de você. Naturalmente, você sabe que ele irá aparecer a qualquer momento e lhe trará problema.

Uma mecha de cabelos tinha caído sobre a testa de Caroline e North afastou-a. Segurou o rosto dela, sorriu e passou os dedos pelas sobrancelhas finas. O gesto suave comoveu-a tão profundamente que ela irrompeu em lágrimas.

North ficou paralisado, sem saber o que fazer. Sentou-se na cama, passou os braços ao redor das costas de Caroline e a manteve junto do peito.

— Tudo vai dar certo, prometo. Eu não pretendia assustá-la quando lhe falei sobre Falkes.

— Não é por causa dele. — ela disse entre lágrimas — Ele é um verme. Se for preciso eu o matarei. Você me cobriu com tanto cuidado, acariciou meu rosto e me fez lembrar de minha mãe, deixando-me comovida. Faz tanto tempo. Nessa época eu era uma criança.

Caroline chorou mais ainda e North abraçou-a, compreendendo o que ela sentia. Pobre criança, tão sozinha. E agora teria de enfrentar mais dor e tragédia.

Ela afastou-se dele.

— Desculpe. Seu robe ficou molhado de lágrimas. Não costumo chorar. Chorar é tolice e perda de tempo.

— Não seja tola. As lágrimas limpam a mente e nos fazem ver as coisas de modo mais claro, na suas exatas dimensões. É bom chorar de vez em quando.

Depois, de um instante em silêncio, Caroline suspirou e disse:

— Tem razão. Não há uma maneira de impedir as lembranças. Elas simplesmente nos surpreendem quando menos esperamos. Mais uma vez, muito obrigada, North.

— Agora você está bem?

— Muito bem. Fique descansado.

North levantou-se e desta vez não cobriu Caroline.

Apenas deu-lhe uma palmadinha no rosto e saiu do quarto, fechando a porta em

silêncio.

Caroline esperou uns segundos, levantou-se, tirou o vestido, o único que possuía, alisou-o com as mãos para desamassá-lo e colocou-o no espaldar de uma cadeira. Voltou para a cama, puxou as cobertas e colocou os braços cruzados sob a cabeça. Sentiu que iria chorar e fechou os olhos com força para afastar as lágrimas. Ainda estava emocionada, lembrando-se da mãe, cujo rosto não conseguia mais visualizar em pensamento. Mas aquelas lembranças realmente não importavam em face do que tinha acontecido a tia Ellie. Quem poderia tê-la matado? Subitamente nada lhe pareceu fazer sentido, especialmente estando ela deitada naquela cama, no castelo de um cavalheiro que conhecera havia apenas uma semana. Um castelo onde só tinha homens e mulheres não eram bem-vindas.

O que iria fazer?

Caroline sabia que sua aparência era horrível, mas pelo menos estava limpa. Ao acordar encontrara um jarro com água morna sobre o lavatório. Despira-se e lavara-se. Quatro dias sem um banho decente era demais. Apreciaria muito se o criado fantasma que trouxera o jarro com água lhe tivesse trazido uma banheira para ela tomar um banho completo. Entretanto, depois da recepção que tivera na noite anterior, supôs que um jarro com água quente chegava a ser uma grande concessão.

Ela desceu devagar a grande escadaria, larga o suficiente para que três ladies vestidas com saias armadas, descessem os degraus lado a lado. Havia um candelabro imenso que pendia do piso acima, e descia dois andares, chegando ao grande hall de entrada. Era todo ornamentado e parecia haver muito ouro nos braços curvos que sustentavam as velas. Tudo estava tão limpo e reluzente que dava a impressão de que até as velas tinham sido polidas.

Caroline parou por um momento e olhou ao redor. Imaginou que aquele enorme edifício tinha sido reformado e decorado algumas vezes no decorrer dos séculos, para tornar-se um grande e magnífico solar. Mas continuava sendo um castelo com toda a sua grandeza. Ela sentiu-se estranha ao ver-se naquele ambiente. Tinha a sensação de reconhecer o lugar e, ao mesmo tempo, uma saudade de algo indefinido. Sacudiu a cabeça, mas aquela sensação não desapareceu. Continuou a admirar o castelo.

As paredes do grande hall de entrada estavam quase totalmente cobertas com retratos de homens, só de homens. Todos eles pareciam ter vivido no século dezesseis. Ela observou os retratos de perto. Realmente, nenhum deles era retrato de mulher.

Estranho. Aqueles homens certamente tinham tido mãe e esposas. Por que não havia retrato de nenhuma delas?

— Bom dia.

North estava ao pé da escada, esperando por Caroline. Usava calça de camurça, botas hessianas perfeitamente engraxadas, camisa de cambraia branca, aberta no pescoço, e casaco marrom-claro. Pela primeira vez ela viu North como homem e achou-

o extremamente bonito. Seus cabelos eram mais longos do que estava em moda, mas combinava perfeitamente com o dono de um castelo situado naquela região agreste da Cornualha.

— Olá. Bom dia. — ela respondeu ao cumprimento.

— Você lavou o pé machucado?

— Não apenas o pé. Lavei o corpo todo, embora eu tivesse apenas uma bacia com água morna. Gostaria de tomar banho de banheira. Não que eu esteja reclamando. Agradeço a atenção de vocês. Foi Timmy quem levou a água ao quarto?

North ignorou a pergunta.

— Quero saber se ao lavar o pé esquerdo você prestou atenção ao machucado. Está muito vermelho?

— Ah, continua vermelho, e está doendo. Mas não há nada o que eu possa fazer. Deixei minha maleta em Dorchester. Só tenho as roupas que estou usando, inclusive a meia furada.

North franziu a testa e chamou o criado.

— Tregeagle!

Em poucos segundos o criado apareceu.

— Sim, milorde.

— Tregeagle, leve até a biblioteca a pomada para bolhas, bandagens limpas, e uma bacia com água quente. Agora.

— Sim, milorde, mas é um pedido estranho. Posso perguntar...

— Não. — North cortou — Faça o que eu disse.

— Perfeitamente, milorde. Senhorita.

Ele inclinou a cabeça e afastou-se com a imponência de um bispo.

North imaginou que Caroline iria dizer-lhe que não ficava bem, ele, um lorde, fazer o curativo nela. Mas ela comentou:

— Este lugar é lindo. É um castelo incrível, muito diferente dos que tenho visto em livros. Não é tão severo. Tenho vontade de ficar aqui sentada, admirando-o. Qual é o brasão da família?

— Você deve estar pensando que há um rouxinol no brasão. Mas nele estão representados dois leões lutando, atrás deles há duas espadas cruzadas. O lema é simples, diz apenas: *A Virtude se assemelha a um carvalho*.

— Não é uma frase romântica nem profunda.

— É essa a minha opinião. Talvez o meu ancestral não tenha tido idéia melhor.

— Você falou em dois leões e espadas cruzadas. Há também um carvalho representado no brasão?

— Há, bem no fundo.

— Moro no Solar Honeymead. É muito bonito, mas nada tem de extraordinário. Foi construído há menos de sessenta anos. Eu não tenho brasão, não tenho família, nem uma vila. — Caroline deu um suspiro e olhou para a armadura que ficava a um canto, perto da enorme lareira — Você deve considerar-se muito feliz por ter este castelo. Aqui há magia, é tudo maravilhoso.

Tregeagle apareceu na sala.

— Ah, Tregeagle, você trouxe meu estojo de primeiros socorros. Por favor, leve tudo à biblioteca e coloque sobre a escrivaninha. Caroline, venha comigo.

— Caroline? — Tregeagle olhou surpreso para o patrão — O senhor chamou-a pelo primeiro nome. Não é correto chamar uma moça com tal intimidade. Ela chegou ontem à noite e irá embora depois do café da manhã. Chamá-la pelo sobrenome seria mais apropriado.

Caroline ficou perplexa com a insolência do criado. North cerrou os punhos, com vontade de torcer o pescoço de Tregeagle. Controlando-se, desferiu:

— Fazer uma observação dessas, Tregeagle, é a mesma coisa que perguntar se eu estou disposto a quebrar-lhe o pescoço. Suma daqui! Vá cuidar do café da manhã. Diga a Polgrain que iremos nos sentar à mesa em dez minutos. Ah, Tregeagle...

— Sim, milorde.

— Lembre-se de que o café da manhã deve estar tão bom como se tivesse sido enviado do céu.

— Não me esquecerei, milorde.

Caroline esperou que Tregeagle se afastasse e observou:

— Ele não esconde que não me tolera. Não entendo, North, não há retratos de ladies aqui. Talvez haja uma galeria especial com os retratos das senhoras. Mesmo assim, não deixa de ser estranho. Outra coisa, todos os seus criados são homens. Obviamente eles não querem saber de mulher nenhuma no castelo. Por quê?

— Esqueça. Isso não lhe diz respeito. Vamos, sente-se, apóie o pé esquerdo sobre aquela almofada.

— Posso cuidar do meu pé, North. — Caroline protestou — Dá para eu alcançá-lo e fazer o curativo.

— Quieta. Sente-se!

Ela obedeceu. North ajoelhou-se e tirou a bota e a meia do pé esquerdo. Caroline tinha amarrado o pé com um lenço dele, com suas iniciais elegantemente bordadas. Ele removeu o lenço e examinou a bolha. A área estava vermelha e inflamada, mas não havia vergões irradiando-se do centro dela. Ainda bem. Nos anos em que estivera no exército, ele tinha visto homens com ferimentos menores do que aquele infeccionarem e eles morrerem em delírio febril.



— Este medicamento vai doer um pouco no início. — ele avisou, mergulhando o pé de Caroline na água quente.

Ela quase saltou da poltrona.

— Agüente firme. A dor logo passa.

— É bom que passe mesmo. — disse ela por entre os dentes — Senão vou gritar tanto que os criados atirarão em mim.

— Eles não farão isso. Tiros são complicados e barulhentos. Será mais fácil eles rebentarem sua cabeça com um porrete e enterrarem o corpo no jardim.

— Que maravilha. — tornou Caroline, relaxando um pouco. Manteve-se assim até North erguer o pé dela novamente e passar a esfregá-lo. — Talvez eles apenas me expulsem daqui.

— Coragem, Caroline. Agüente só mais um pouquinho. Pronto. Está tudo limpo. Agora vou desinfetar com meu excelente conhaque francês. Não, não tente escapar. Eu sei que queima.

A dor era tanta que Caroline cerrou os dentes e segurou nos braços da poltrona com tanta força, que as juntas dos dedos ficaram brancas. Ela quis gritar, mas conseguiu dizer calmamente:

— Você disse que queima, milorde? Fique sabendo, North Nightingale, que queimar é apenas parte da agonia. Isto é horrível. Está...

— Pare de reclamar. Pronto acabou. Agora só um pouco de pó de basilicão.

North foi muito delicado, Caroline reconheceu. Ela não tinha notado que o ferimento era tão sério. Continuou segurando firme nos braços da poltrona até North terminar de enrolar o pé com faixas de linho branco.

— Acho que não conseguirei calçar mais a bota. — ela observou, olhando para o pé todo envolto em bandagens.

— Você não poderá calçar a bota, nem a sandália. Na verdade vai andar muito pouco durante uma semana. Quando estiver em Scrilady Hall, o Dr. Treath cuidará desse ferimento.

North ainda estava de joelhos, e ela olhou para a cabeça dele, com fartos cabelos escuros, para as mãos bronzeadas que seguravam seu pé. Tudo aquilo era muito estranho. Durante os minutos anteriores ela não tinha pensado na sua situação, nem na tia morta, nem em si mesma, agora completamente só.

— Ainda dói? — North quis saber, referindo-se ao pé.

— Não. Obrigada.

— Muito bem. Vamos tomar o café da manhã, depois a levarei para Scrilady Hall.

Lá ela esperaria pelo antigo tutor, Caroline pensou. Sabia que ele iria aparecer, pois precisava de dinheiro desesperadamente e ela era a única pessoa muito rica que

ele poderia deparar. Em Scrilady Hall teria tempo de refletir e encontraria um meio de livrar-se de Falkes. Também iria empenhar-se em descobrir quem tinha matado sua tia Ellie. Lágrimas encheram-lhe os olhos. Lágrimas inúteis. Idiotas. Esforçou-se para contê-las.

North não disse nada, com a graça de Deus. Esperou que ela recuperasse o autocontrole. Só depois a levou para a sala matinal.



Caroline tentou sentir um pouco de compaixão do rapaz sentado diante da lareira, na sala de visitas de Scrilady Hall, com a cabeça curvada, as mãos unidas entre os joelhos. Não sentiu piedade nenhuma. Conseguiu apenas reunir um bom estoque de paciência, o que foi difícil, uma vez que desejava esmurrá-lo.

— Bennett, eu sei que não é fácil para você. — disse ela, indo até ele, mancando — Também não é fácil para mim. Vamos tomar chá. Isso o fará sentir-se melhor. O Sr. Brogan está aqui para ler o testamento de tia Ellie.

— Quem se importa com essa droga de testamento? — Bennett questionou sem olhar para Caroline — Eu quero saber é do testamento de meu tio. Esse é importante, não o testamento *dela*.

— Por quê? Seu tio morreu há cinco anos e deixou tudo o que possuía para a esposa, tia Eleanor.

— Não acredito nisso. Nunca acreditei. Eu sou o único herdeiro do tio Josiah. Ele devia ter deixado tudo para mim. Eu sei que ela mudou o testamento, deve ter contratado o Sr. Brogan para fazer a alteração. Talvez tenha até se tornado amante dele.

A paciência de Caroline estava no limite.

— Se você tinha tanta certeza disso, por que não cuidou dos seus interesses cinco anos atrás?

— Quando meu tio morreu, eu tinha apenas vinte e três anos, era pobre e não conhecia ninguém importante. Quem acreditaria em mim? Todos acreditariam na viúva. Você sabia que ela era uma vadia? Aposto que dormiu com o Sr. Brogan.

— Bennett, cuidado com sua língua! E pare de agir como um tolo. Por que está sentado na frente da lareira, tremendo? Não estamos no inverno, nem está tão frio.

— Faz muito frio, neste maldito fim de mundo. — ele retrucou, levantando-se — Deus do céu, odeio este lugar, esses penhascos nus e aquelas horríveis minas de estanho. Esta é a região mais desolada da face da Terra. Odeio isto aqui, ouviu bem?

— Essa é a sua opinião. Acho este lugar o mais bonito da face da Terra. O

estanho tem sido extraído das minas há séculos. Mesmo antes da chegada dos romanos. As minas empregam muita gente. Deixe de ser tão crítico. .

— Não entendo o que houve com seu pé, nem como você chegou aqui, tampouco por que não tem roupas e por que está acompanhada desse visconde Chilton, quando devia ter uma senhora para servir-lhe de dama de companhia. Esse visconde Chilton tem péssima reputação. É um homem sombrio e misterioso como um herói byroniano. Todas as criadas locais são loucas por ele. Como você o conheceu? Naturalmente sabe que seu comportamento é muito impróprio.

— E uma longa história. Você ficará entediado de ouvi-la. Seu único interesse é contar que foi enganado, que detesta a Cornualha. O sr. Brogan está aqui e em breve saberemos o que há no testamento de tia Ellie. Você tem parte nele, claro, se não tivesse, não teria sido convidado para ouvir a leitura do mesmo. Venha e faça um esforço para agir educadamente.

— Para você é fácil dizer isso. — Bennett resmungou.

Caroline preferiu não dizer nada. Conhecera Bennett na véspera e achara-o muito bonito, dono de um sorriso encantador, cabelos loiros como os de um anjo e lindos olhos azuis. Entretanto, trinta minutos depois de eles terem se cumprimentado, Bennett começara a revelar seus verdadeiros sentimentos. Caroline logo compreendeu que ele era um homem ressentido, mal-humorado e ambicioso. Vendo-o no momento tão carrancudo, desejou dar-lhe um chute. Pelo que tinha sido informada, tia Ellie deixara tudo para ele. Afinal, Caroline já era uma rica herdeira e não precisava de Scrilady Hall, nem de mais dinheiro.

Entretanto, ela logo constatou que estava errada. Brogan indicou duas cadeiras e pediu aos herdeiros que se sentassem.

— O testamento de Eleanor Penrose é curto e objetivo, pelo menos no início. — disse ele, desamarrando a fita do documento e alisando-o — Preparei-o há apenas dois anos, a pedido de Eleanor Penrose, pois ela quis deixar parte da herança para os criados e diversas associações de caridade de Trevellas. O restante do dinheiro vai para você, Srta. Derwent-Jones, e é uma quantia considerável.

— Não! — Bennett protestou, pulando da cadeira — Esse dinheiro era do meu tio e vai ficar para Caroline? Não aceito isso! Vou lutar...

— Sente-se, Sr. Penrose. Há muito mais no testamento da Sra. Penrose, mas não continuarei esta reunião se o senhor não se controlar.

Bennett sentou-se e olhou para o advogado e para Caroline como se quisesse matá-los.

Brogan colocou os óculos, limpou a garganta e dirigiu-se a Caroline:

— Sua tia pediu-me para escrever-lhe esta pequena carta que passarei a ler.

*Minha querida sobrinha,*

*Espero ansiosa o dia em que você virá para a Cornualha morar comigo. Assim que completar dezenove anos irei buscá-la. O Sr. Falkes, aquele homem horrível, não terá mais direito nenhum sobre você. Juntas, minha querida, iremos tornar Scrilady Hall um lar novamente. Um lar cheio de alegria, de risos e festas. Nunca se esqueça de que eu sempre a amei e lhe desejei tudo o que há de melhor.*

*A tia que a ama,*

*Eleanor Penrose*

Caroline baixou a cabeça e não conteve as lágrimas.

— Srta. Derwent-Jones, sua tia, naturalmente, deduziu que você viria morar com ela em Scrilady Hall, até que se casasse. Como eu lhe disse, ela escreveu o testamento quando você estava com dezessete anos. Decidiu também escrever-lhe esta carta como se fosse morrer naquela época.

Brogan notou que Caroline estava chorando.

— Oh, sinto muito, Srta. Derwent-Jones. Perdoe-me. Compreendo que isto seja um choque para você, uma tragédia dessas...

— E eu?

— Como? Ah, Sr. Penrose. Por que não continuamos a nossa reunião depois que a Srta. Derwent-Jones melhorar? Naturalmente, isto é muito triste para ela.

— Por quê? Ela herdou todo o dinheiro.

Caroline passou a mão nos olhos, assoou o nariz no lenço e disse:

— Está tudo bem, Sr. Brogan. E que a carta de minha tia deixou-me comovida. Foi como se ela estivesse aqui.

— Compreendo. Sua tia era uma senhora admirável. Quer que eu continue?

— Certamente.

— Muito bem. — Brogan colocou os óculos novamente — Agora o testamento torna-se complicado para vocês dois. Adianto que se trata de algo incomum e surpreendente. Suponho que para vocês entenderem melhor a intenção da Sra. Penrose, devo explicar que ela era uma mulher forte e muito generosa. Uma mulher consciente de que o dinheiro trazia consigo responsabilidades e devia ser empregado para ajudar os menos afortunados.

— Naturalmente eu devo ser considerado menos afortunado do que a desagradável viúva de meu tio.

— Sr. Penrose, modere sua linguagem. — tornou Brogan em tom severo — Bem, a Sra. Penrose era uma pessoa muito conhecida na região e muito influente. Ela havia começado a trabalhar com mães solteiras. Essas moças, invariavelmente tinham sido seduzidas, ou violentadas pelos patrões ou filhos dos patrões e acabaram sendo

expulsas de casa por suas famílias. A Sra. Penrose acolhia essas moças, colocava-as em uma pequena casa em St. Agnes e tinham o acompanhamento médico do Dr. Treath. Devo esclarecer que a Sra. Penrose e o Dr. Treath tornaram-se grandes amigos nos últimos anos. Depois que as moças tinham os bebês, Eleanor as ajudava, orientava-as e arranjava-lhes emprego. Caso a mãe não quisesse ficar com o bebê, este era encaminhado para a adoção.

— Que idiotice. — criticou Bennett Penrose, ficando de pé e andando no escritório de um lado para o outro — Um bando de moças tolas que não podiam manter as pernas unidas. O que isso tem a ver conosco? O senhor disse que elas tinham sido seduzidas pelos patrões? Pelos que eram superiores? O que há de errado com isso? Elas tiveram culpa de ficar grávidas.

— Fique quieto, Bennett! — ordenou Caroline — Se não calar essa boca, juro que darei em você. Posso até lhe dar um tiro.

— Não seja violenta, Caroline, e me escute. Nada disso tem a ver conosco.

Brogan estava zangado, mas conseguiu dizer com calma:

— Tem a ver, Sr. Bennett. A Sra. Penrose deixou Scrilady Hall, todas as terras, as minas de estanho, tudo para vocês dois. Entretanto...

Bennett Penrose virou-se depressa, o rosto vermelho de raiva.

— O quê? Isto é outra idiotice! Ela deu a Caroline todo o dinheiro e deixa para mim metade da casa, metade das terras, metade do rendimento das minas, metade dos criados e metade desta droga de mobília?

— Não é exatamente assim, Sr. Penrose. Vocês dois serão os curadores de Scrilady Hall, das minas de estanho, das fazendas e todos os rendimentos que vierem de outras fontes. Scrilady Hall irá tornar-se um abrigo dessas mães solteiras. Era desejo de Eleanor Penrose que vocês providenciassem, não apenas uma casa para essas mães, mas também treinamento, orientação, para que elas tivessem como se manter depois que os bebês nascessem. Eleanor deixou fundos suficientes para manter Scrilady Hall só com o rendimento das três minas.

Bennett Penrose encarou o advogado com expressão de incredulidade e revolta.

— Segundo esse testamento eu devo morar aqui com Caroline e com um bando de moças barrigudas? Elas não passam de prostitutas que choramingam, e vêm com essa história de que foram seduzidas pelos cavalheiros que as empregavam. Depois, que seus filhos bastardos nascem, elas os deixam aqui para que outros cuidem deles. Minha tia certamente estava louca quando preparou esta droga de testamento. Não aceito isto, Sr. Brogan. Não tenho mais vinte e três anos nem sou um rapaz sem recursos e amigos. Vou contestar este testamento absurdo.

— Aposto que você não tem mais amigos importantes agora do que tinha aos vinte e três anos.

— Por Deus, você herdou a melhor parte e ainda tem a desfaçatez de zombar de



mim? Vá para o inferno, Carolinel!

— Acalme-se, Sr. Penrose. Eu sei que o senhor ficou desapontado, mas sente-se. Lembre-se de que é um cavalheiro. — o advogado voltou-se para Caroline — Quero saber a sua opinião, Srta. Derwent-Jones.

Caroline também estava vermelha de raiva, com vontade de esmurrar Bennett. Inspirou fundo e respondeu:

— Deve ser terrível para uma moça ficar grávida, sendo solteira. Não conheço nenhuma garota que tenha passado por uma situação dessas. Quantas moças grávidas há nessa casa, em St. Agnes, atualmente?

— Apenas três. Uma delas tem apenas catorze anos. Essas moças têm a assistência do vigário, Sr. Plumberry e da esposa dele. Elas ficaram profundamente abaladas com a morte de sua benfeitora, a quem viam como uma santa.

Caroline levantou-se devagar, pensando na noite horrível em que Falkes tentara violentá-la. Se não tivesse conseguido libertar-se e não lhe desse aquele chute entre as pernas, poderia ter ficado grávida. Esse pensamento a deixou gelada. As moças eram muito, muito vulneráveis, particularmente aquelas que trabalhavam em casas de homens devassos. Finalmente, ela virou-se para Bennett.

— Ouça, Bennett, vamos parar de discutir. Você deve entender que uma pessoa pode fazer o que quiser com seu dinheiro. Nada sei sobre o papel de curadora, nem imagino como poderei orientar moças grávidas. Mas era essa a vontade de tia Eleanor. Você e eu temos de assumir nossa responsabilidade. Acho que devemos pelo menos tentar.

— Agora você quer se fazer de santinha, não é mesmo? Minutos atrás estava discutindo e gritando comigo. Você me dá enjôo, Caroline.

Bennett lançou a Brogan um olhar furioso e saiu da sala.

— Ele não é um homem agradável. — queixou-se Brogan — Eu o conheço desde garoto. Vejo que não melhorou suas maneiras.

— Acredito que ele aguardava a leitura desse testamento com grandes expectativas. O senhor sabe qual a razão de tia Eleanor deixar esta casa e as terras para mim e Bennett?

— Certamente Eleanor conhecia Bennett muito bem e achava que ele poderia se regenerar se lhe desse responsabilidade em vez de dinheiro. Discordei dessa idéia, mas compreendi que ela acreditava que uma pessoa, *por* pior que fosse, merecia uma chance. Bennett estava sempre pedindo dinheiro emprestado a ela depois da morte do tio e nunca empregou esse dinheiro em alguma coisa útil. Talvez não seja justo para você ter um sócio como ele. Eu sei que a esperança de sua tia era que você pudesse orientá-lo e ajudá-lo a agir corretamente e, quem sabe, amadurecer. Eleanor tinha grande confiança em você.

— Como poderia tia Ellie saber que eu iria pelo menos tentar cumprir a vontade



dela? Afinal, sou uma tola, não tenho experiência nenhuma.

— Eleanor me disse que você tinha o senso de justiça de seu pai e a bondade de sua mãe. Disse também que você era determinada e não se detinha diante de dificuldades.

Caroline suspirou.

— Não quero desapontar tia Ellie, Sr. Brogan, mas a responsabilidade é enorme e há outras pessoas envolvidas nisto. Talvez seja necessário incluirmos malandros e mal-educados entre os que precisam de conselhos e lições de bom comportamento.

Pela primeira vez Brogan sorriu.

— Ótima idéia.

— O senhor acha mesmo?

Caroline convenceu Brogan a ficar para o almoço.

Porém, quando a Sra. Trebaw, a governanta, colocou na mesa o prato principal, arrependeu-se de haver feito o convite. O advogado, no entanto, esfregou as mãos e exclamou:

— Torta de sardinha pilchard! Que delícia! Caroline olhou para a enorme torta redonda, franziu a testa ao reparar nas cabeças dos peixes com os olhos abertos, saindo para fora da massa.

Após o almoço o Dr. Treath apareceu em Scrilady Hall, e Caroline logo percebeu que o médico tinha sido mais do que simples amigo de tia Ellie. Assim que ele olhou para o seu pé enfaixado, fez-lhe algumas perguntas, aprovou o curativo feito por North e pediu a ela para ir mais tarde ao consultório.

— Muito bem — disse ele antes de sair —, eu sei que você quer falar com todos os moradores. Pode contar comigo para o que precisar. Será um prazer ajudar a sobrinha de Ellie.

Caroline inspirou fundo.

— Precisarei muito de ajuda, Dr. Treath. O senhor entenderá por quê, assim que eu colocá-lo a par do que está acontecendo comigo.

Procurando ser bem objetiva, Caroline contou ao médico quem era Falkes e o que ele pretendia; falou sobre sua fuga de Honeymead, trazendo Owen como refém e como North Nightingale a havia ajudado quando Owen ficara doente.

— Finalmente, graças a lorde Chilton, cheguei a Scrilady Hall. Tenho certeza de que o Sr. Falkes virá até aqui. Ele está decidido a casar comigo para ter a minha fortuna. — ela concluiu a narrativa — Preciso muito da ajuda dos senhores.

— Conte com a minha ajuda também. — disse North à porta da sala.

Caroline virou-se depressa, sorridente e feliz. Levantou-se e foi mancando até ele. North segurou a mão dela e levou-a aos lábios.

— Ah, North, você veio nos visitar. Entre. Você conhece o Dr. Treath e o Sr. Brogan, certamente.

— Sim, eu os conheço. E então, cavalheiros, o que vocês acham de contratarmos um assassino para rebentar a cabeça do Sr. Falkes?

— É uma idéia. O homem é detestável. — disse Treath.

— Nunca ouvi história como essa. Imaginem, o tal Falkes era primo do pai da Srta. Derwent-Jones! Vejam o que ele tentou fazer. — comentou Brogan.

— Eu gostaria de deixá-lo por um bom tempo na masmorra de Mount Hawke. Garanto que ele aprenderia a lição. — opinou Treath.

— Podemos pôr o Sr. Bennett Penrose com ele.

— Provavelmente eles se matarão. — sugeriu Brogan.

North ajudou Caroline a voltar para a cadeira.

— Como está seu pé?

— Muito bem, obrigada.

— Você fez um excelente trabalho, North. — elogiou Treath.

Os três cavalheiros estavam olhando para Caroline e ela perguntou a Brogan:

— Sr. Brogan, o senhor poderia ser meu advogado? Não quero que o Sr. Falkes seja meu curador. Fiz dezenove anos e posso administrar a minha herança.

— O Sr. Falkes disse que era o seu curador? — indagou Brogan.

— Disse.

— Provavelmente ele mentiu.

— Não se preocupe, Caroline. Se o Sr. Falkes aparecer, irá arrepender-se amargamente. — disse North — E agora, senhorita, como o Dr. Treath disse que você está bem, vou levá-la para um passeio a cavalo. Está pálida, precisa tomar sol.

Os olhos de Caroline iluminaram-se.

— Ótimo. Gosto muito de cavalgar. Oh... não tenho traje de montaria.

Foi Treath quem sugeriu:

— Use as roupas de sua tia. Elas ficarão largas em você, naturalmente, mas serão úteis enquanto as suas não chegam de Honeymead. Eleanor gostava demais de um lindo traje azul com botões dourados.

— Obrigada. — Caroline levantou-se — Sei que esse traje servirá bem em mim.

O conjunto ficou muito grande, claro. Ao vê-la, North olhou para o busto dela e observou:

— Devo dizer que sua tia era uma mulher muito bem dotada.

Ele deu um sorriso malicioso e Caroline achou que tinha à sua frente o homem mais lindo do mundo.

Caroline quis ir até o promontório St. Agnes. Quando North e ela se aproximaram da extensão de terra que ficava entre a vila de St. Agnes e os altos rochedos da costa, ela inclinou a cabeça para trás e aspirou o ar levemente salgado. O lugar, lindo e selvagem, não era como nenhum outro que ela já tinha visto. Invadiu-a uma agradável sensação de estar de volta em casa, o que não deixava de ser estranho, uma vez que nunca estivera na Cornualha. Entretanto, sentia uma atração mágica por aquele lugar. Voltando-se para o norte, olhou para a praia St. Agnes, imenso semicírculo de areia, cercado por penhascos nus. Pensou na tia que provavelmente costumava vir a cavalo até aquele local para admirar tanta beleza e acabara morrendo ali. Imaginou que ela certamente havia lutado com a pessoa que a assassinara. Fechou os olhos sentindo aumentar a dor que lhe oprimia o peito.

— Vamos desmontar, Caroline. — propôs North — Não confio neste terreno. Ele pode ceder por causa da chuva forte de ontem à noite.

Caroline usava apenas uma das botas de montaria que tinha pertencido a tia Ellie. O pé esquerdo continuava enfaixado. North ofereceu-lhe o braço e ajudou-a caminhar até a beirada do rochedo.

— Logo abaixo há uma saliência com uns setenta centímetros de largura. — ele explicou — Vim a cavalo até aqui e estava neste exato lugar, olhando para o sul, na direção de St. Ives, quando notei uma mancha colorida logo abaixo. Gritei para saber se havia alguém ali e não houve resposta. Então desci e encontrei o corpo de sua tia.

Caroline ficou em silêncio pensando na tia morta, nunca mais iria vê-la. Suspirou e afastou-se dali. Subitamente começou a soprar um vento tão forte que assobiava ao passar por entre os rochedos. Caroline virou-se na direção do vento, sentindo-o bater em seu rosto. Ficou imóvel apreciando aquele momento e ouvindo o som das ondas quebrando-se contra os rochedos negros. Aspirou o aroma das urzes e cocleárias que cresciam em profusão onde havia um pouco de terra, entre as fendas das rochas, e saíam em tufos dos penhascos, tão velhos quanto a própria terra. O promontório escarpado, tosco, era surpreendentemente bonito. No alto voavam gaivotas-tridáctilas e fulmares. Caroline admirou-se ao ver diversos papagaios-do-mar pousados na saliência de uma rocha, entre botões de ouro.

Um lugar tão encantador não se harmonizava com violência e morte.

— O que aconteceu com o cavalo de tia Ellie? — ela quis saber.

— Não sei. Sou o magistrado deste lugar e nem pensei que a Sra. Eleanor Penrose provavelmente tinha vindo a cavalo até aqui.

— O cavalo, sem dúvida, voltou para Scrilady Hall. Vou conversar sobre o assunto com Robin, o cavaleiro.

— Pode deixar, cabe a mim interrogá-lo. — tornou North.

Caroline fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Se tia Ellie já estava morta quando foi empurrada do alto do rochedo, o corpo não iria cair naquela saliência lá embaixo.

— Imagino que ela tenha caído num dos arbustos que crescem entre as rochas, depois o corpo rolou para a saliência do rochedo, onde a encontrei.

Caroline sentiu uma tristeza imensa, mas conteve as lágrimas. Tia Ellie não precisava de lágrimas. Precisava de alguém que descobrisse quem a havia matado.

— North, quero saber a verdade. Diga-me, exatamente, como tia Ellie morreu.

— Ela recebeu uma facada nas costas.

— Como alguém pode fazer uma coisa dessas? O sr. Falkes é um homem mau e está desesperado por causa de dívidas. Mas nem mesmo ele esfaquearia alguém pelas costas e o empurraria daqui de cima dos rochedos. Isso é pura maldade.

— Pura maldade, muito ódio ou ambição, Caroline. — North observou.

— Você acha que alguém poderia odiar tanto a minha tia, a ponto de matá-la?

— Não sei. Quanto à ganância, você é a herdeira, Caroline, portanto, sua tia não foi morta por ganância. Você nem estava aqui.

— Foi por maldade. Uma grande maldade.

North franziu a testa.

— Contratei um homem para me ajudar na investigação deste crime. Ele era um batedor de carteira, mas é muito inteligente e esperto. Meu vizinho, o capitão Raphael Carstairs, garantiu que esse homem é confiável e muito competente. Ele resolveu um mistério e graças a isso, o capitão livrou-se de ir para a cadeia. O nome dele é Flash Savory.

— Flash? — Caroline sorriu — Será que ele escolheu esse nome por causa da rapidez com que batia as carteiras?

— Imagino que sim.

— O Dr. Treath gostava muito de minha tia. — observou Caroline.

— É verdade. Logo que encontrei o corpo de Eleanor, procurei o Dr. Treath. A notícia deixou-o em estado de choque. Sua dor foi visível. Senti pena dele. A irmã, Bess, tem tido muito cuidado com ele.

— Bennett disse coisas horríveis sobre tia Ellie. Chamou-a de vadia e disse que ela devia ser amante do Sr. Brogan. Pode ser que ele espalhe essas mentiras. Por favor, não acredite nele.

— Bennett é um vagabundo, um gastador e ficou revoltado quando soube que não iria herdar todo o dinheiro da Sra. Penrose. Você acha que ele irá causar problemas?

— Não sei. No momento ele simplesmente não está de acordo com o testamento

de tia Ellie. Ela deixou o solar Scrilady Hall para ele e para mim, com a condição de o administrarmos e torná-lo um abrigo para mães solteiras. Será uma tarefa difícil, mas farei de tudo para cumprir a vontade de tia Ellie.

North olhou para Caroline com admiração. Ela prosseguiu:

— Há no momento três moças grávidas morando numa casa, em St. Agnes. O pastor Plumberry, embora a contragosto, é o responsável por elas. Ainda não o conheço, mas eu soube que ele é contra acolher essas moças.

— Com certeza o Sr. Plumberry receia que elas corrompam a vila de St. Agnes. Ouvi o que ele disse no enterro de Eleanor Penrose. Se é verdade que há fantasmas, sua tia voltará para atormentar aquele homem.

— O que ele disse?

— O Sr. Plumberry enalteceu as virtudes da Sra. Penrose, naturalmente, mas referiu-se às moças que ela acolhia como mulheres indignas, desprezíveis.

— Que língua a desse pastor!

— Não consigo entender por que sua tia quis que você cuidasse dessas moças. Você acaba de completar dezenove anos, não tem experiência para orientá-las.

— Evidentemente elas não são apenas moças solteiras que engravidaram. São garotas que foram seduzidas por seus patrões e não têm pai nem irmão para protegê-las. São muito vulneráveis, North. Quando a família é pobre, eu imagino, a proteção é apenas uma palavra vazia, não tem sentido nenhum.

— Uma lady certamente não deve conhecer este lado da vida.

— Por que não? Tia Ellie fez isso. Ela ajudou essas moças. Tentarei ajudá-las também. Sei que uma só pessoa não pode fazer muita coisa, infelizmente. Duvido que eu possa contar com Bennett.

— Você é muito jovem, Caroline.

Ela sorriu.

— Ora, North, uma moça com dezenove anos não é tão jovem assim. A Sra. Tailstrop, minha governanta, vivia repetindo que eu devia me casar, pois já estava velha e iria acabar ficando encalhada. Segundo ela, a minha sorte era ser muito rica. Uma moça com dinheiro conseguia marido mais facilmente, mesmo sendo velha.

— Ficar *encalhada*?

— Sim. Ficar velha sem casar. Tornar-se uma solteirona.

— Esqueça essa tolice. Você é muito jovem e não terá dificuldade para arranjar um marido nem mesmo daqui a um ou dois anos.

— Quantos anos você tem, North?

— Vinte e cinco.

— Oh! Você, sim, é um solteirão.

— Esse termo não se aplica aos homens. Só às mulheres.

— Isso não é justo! Mas, pensando bem, faz algum sentido. Já notei que os homens precisam de mais tempo para amadurecer. O pobre Owen, por exemplo, é dois anos mais novo do que você e precisa ainda de muitos anos para tornar-se um adulto aceitável. Quanto a você, milorde, está perfeito.

— Quer dizer que o meu amadurecimento está no ponto exato?

— Isso mesmo. Como um pêssago pronto para ser colhido.

Eles ficaram ali, por mais um momento, olhando para o mar da Irlanda. Finalmente, North disse:

— Olhe para a esquerda, na costa. Lá é St. Ives. Observe as casas coloridas junto dos rochedos e aqueles barcos de pesca na baía. Na maré baixa os barcos ficam na areia. É uma paisagem bem original. Além da baía fica o promontório Trevose. Aqui na costa norte tudo é escarpado, agreste. As árvores são tortas e mirradas por causa dos ventos tempestuosos vindos do mar. É muito diferente da costa sul onde se pode sentar debaixo de palmeiras, apreciar a brisa suave e ler poesia para a pessoa amada.

— North fez uma pausa, depois acrescentou, pensativo: — Não me lembro de haver conversado com uma mulher como estou conversando com você. As mulheres, em geral, só fazem observações sobre o tempo, esperam que as elogiemos. O que eu quero dizer, é que sua companhia é agradável. Você até me faz rir.

— Não o entendo, North. Eu já percebi que você é perspicaz e espirituoso, além disso é gentil, tem um grande coração e é muito bonito. Entretanto não tem namorada. Você não gosta de mulheres?

Por um instante North pareceu chocado. Logo percebeu que Caroline não fazia idéia de que tinha tocado num ponto tão íntimo. Ele respondeu:

— As mulheres são importantes na vida de um homem, mas são dispensáveis.

— Essas palavras soam como uma ladainha. Parecem frases que foram marteladas na sua cabeça desde muito cedo, quando você ainda era criança. Deve ser por isso que você não gosta de mulheres. Bennett disse que você tem má reputação, que é sombrio, misterioso, melancólico, perigoso e que só queria divertir-se com as moças da localidade.

— Esse Bennett Penrose deve ser um idiota. Lembre-me de dar-lhe um bom murro no queixo quando encontrá-lo. Agora, quanto às mulheres, como eu disse, elas são importantes. Os homens precisam delas para lhes dar conforto.

— Você fala como se achasse que todas as mulheres são iguais. O que diria se eu o considerasse igual ao Sr. Falkes, ao pobre Owen e ao ranhento Bennett?

— Eu sei que as mulheres não são todas iguais. Mas até o momento não senti necessidade... Ora, Caroline, vamos parar por aqui. Este assunto é muito impróprio. A



propósito, não é correto você ficar sozinha comigo, ainda mais neste lugar deserto. Uma moça deve ter uma *chaperon* quando estiver na companhia de um homem. Por outro lado, quero ficar sempre por perto até o Sr. Falkes aparecer. Eu sei que ele está tramando alguma coisa. Está desesperado, e você é a única tábua de salvação no mar de dívidas em que ele se encontra.

— North, você é sombrio, misterioso, melancólico e perigoso?

— O que você acha?

— É possível que seja tudo isso. Bennett disse que você parece um herói byroniano rústico, e isso é verdade. Mas você tem sido maravilhoso comigo. Portanto, aceito essas duas facetas do seu caráter. Se você gosta de sair com seus cães e ir para a charneca a fim de espairar ou para afastar a melancolia, problema seu. Uma pessoa deve ter liberdade de expandir seu espírito. O espírito precisa desenvolver-se como se fosse uma bela tapeçaria que vai sendo tecida com fios coloridos, formando cenas variadas, umas suaves, outras mais vibrantes.

— Talvez. — North respondeu, olhando firmemente para Caroline. Nenhuma mulher jamais havia falado com ele tão abertamente. Também era verdade que ele nunca tinha passado tanto tempo com uma mulher que não fosse sua amante. — Diga-me, Caroline, como você sabe que eu tenho cães? Quando você esteve em Mount Hawke meus galgos estavam presos no canil, longe da casa.

— Ouvi Tregeagle perguntar a Polgrain alguma coisa sobre a comida dos cães. Ele chamou-os de "verdadeiros porcos danados".

— E bem próprio de Tregeagle empregar esses termos. Mais uma coisa, Caroline, que segredos você esconde?

Ele continuou a fitá-la. Admirou o rosto lindo e sincero, aqueles incríveis olhos brilhantes, intensamente verdes, cheios de humor, travessura e inteligência. Havia neles muita curiosidade e interesse por tudo. Não, Caroline não era como nenhuma outra mulher, ele reconheceu e por um breve momento ficou amedrontado. Então, de repente, foi como se visse o pai gritando com ele, furioso, impaciente, com toda a sua amargura e raiva, tendo o rosto vermelho. North afastou essas lembranças. Não queria pensar no pai. Ergueu a mão, pegou uma mecha dos lindos cabelos encaracolados que se soltara da longa trança de Caroline, colocou-a atrás da orelha dela e acrescentou com voz suave:

— Não, você não tem segredos. Vejo isso em seus olhos. Você é uma pessoa franca, leal, doce e extremamente generosa, considerando o tutor que a atormentou durante vários anos.

— O Sr. Falkes foi meu tutor desde que eu tinha onze anos. Eu sei que tenho algumas qualidades, mas não me agrada ser considerada uma pessoa doce. Soa como um cãozinho gordo deitado, esperando que lhe cocem a barriga.

— Devo acrescentar que você também é uma pessoa confiante e sem malícia

para estar aqui neste promontório batido pelo vento, a sós com um demônio como eu. Deixe-me beijá-la.

Ele inclinou-se e beijou-a suavemente. Caroline ficou tão surpresa que não se moveu. Apenas olhou para North. Ele acariciou-lhe o rosto, as orelhas e o pescoço.

— Desculpe-me. — ele se afastou de Caroline — Devo me lembrar de que sou um cavalheiro e cavalheiros não tomam liberdades com uma jovem lady.

Caroline levou a mão aos lábios, pensativa.

— Você me pegou de surpresa, North. Não seria melhor fazer isso de novo? Acredito que desta vez será ainda mais agradável.

— Pare com isso. Vou lhe mostrar um caminho escondido que desce até a praia.



No fim da tarde seguinte, às seis horas, Roland Falkes bateu a grande aldrava de bronze com o formato da cabeça de um grifo, presa à porta de entrada de Scrilady Hall.

Caroline encontrava-se sozinha na copa, jantando. Na casa estavam apenas as duas criadas e a governanta, Sra. Trebaw. Bennett tinha ido à estalagem da Sra. Freely, em Goonbell para beber quantas cervejas agüentasse. Caroline bendizia aquela tranquilidade quando a Sra. Trebaw apareceu à porta.

— Com licença, Srta. Caroline, está aí o Sr. Roland Falkes. Ele disse que é seu tutor, seu primo ou tio, e está ansioso para vê-la. Devo deixá-lo entrar?

Não houve tempo de Caroline responder, pois Falkes havia seguido a governanta e parecia seguro de si, forte e muito bem-disposto.

Caroline sentiu um momento de terror. Levantou-se da cadeira devagar e dirigiu-se à governanta.

— Sra. Trebaw, mande Robin ir buscar lorde Chilton imediatamente.

— Não creio que seja necessário, Sra. Trebaw. — tornou Falkes, entrando na copa com um sorriso nos lábios — Minha pupila e eu tivemos um ligeiro desentendimento. Estou aqui para acertarmos nossas diferenças, por assim dizer.

— Como o senhor consegue ter esse sorriso nos lábios? Sra. Trebaw, não acredite neste homem. Ele está mentindo. Não é meu tutor coisa nenhuma. Ele é um criminoso. Vá, Sra. Trebaw. Faça o que pedi. Mande buscar lorde Chilton imediatamente!

A governanta, perplexa e amedrontada, afastou-se depressa.

— Tudo isto é desnecessário, Caroline. — disse Falkes, olhando para a

governanta que saía da sala apressada — Se lorde Chilton se der o trabalho de vir até aqui, não a encontrará, pois vou levá-la comigo. Está pronta, minha querida?

— Vá para o inferno! Esta é a minha casa. Saia imediatamente! Não tenho nada para lhe dizer. Meu advogado entrará em contato com o senhor. Não quero mais vê-lo, quero apagar da memória sua figura repulsiva.

Ele manteve o sorriso nos lábios, fechou a porta e caminhou na direção de Caroline. Ela pegou a faca que estava do lado do prato e ergueu-a.

— Não se aproxime. Se der mais um passo eu corto seu pescoço com esta faca. Pode ter certeza de que farei isso com imenso prazer.

— Dúvido. Naquela noite, na hospedaria, você me pegou de surpresa, mas agora, não. Fique calma e me aceite porque você não tem escolha.

Caroline assustou-se ao vê-lo tirar do bolso um pequeno frasco, destampá-lo e despejar seu conteúdo sobre um lenço branco.

— Que líquido é esse? — ela perguntou.

Ele riu e contornou a mesa.

— Largue essa faca, Caroline.

— Não! Se chegar mais perto, corto seu pescoço, já disse. O senhor sabe que sou forte. Infelizmente deixei minha pistola no quarto. Mas isto aqui irá lhe fazer um bom estrago.

Falkes estava a menos de dois metros de Caroline e deu mais um passo, tendo na mão direita o lenço encharcado com o líquido transparente. Subitamente ele puxou uma das pesadas cadeiras de mogno e empurrou-a com força na direção de Caroline. Ela tentou desviar-se, mas a cadeira bateu em seu braço. No instante seguinte Falkes estava sobre ela e pressionando o lenço sobre seu rosto.

— Pode se debater, minha querida. Lute como uma louca, assim o efeito do clorofórmio será mais rápido.

Ela tentou esfaqueá-lo, mas sentiu-se sem forças, não conseguiu coordenar os pensamentos, os braços ficaram adormecidos e a faca caiu de sua mão.

North não se lembrava de haver sentido tanto medo na vida. Treetop venceu os quilômetros entre Mount Hawke e Scrilady Hall com incrível velocidade, mas North estava com o coração apertado, pressentindo que não encontraria mais Caroline. Falkes era um miserável e certamente tinha ficado à espreita, esperando Caroline ficar sozinha com os criados para entrar na casa. Bennett, aquele imprestável, tinha sido avisado para não sair do lado dela se não houvesse na casa outro homem para protegê-la. North pretendia jantar com Caroline, mas tivera de ficar em Mount Hawke porque Spring Rain, sua égua favorita, ia dar cria e estava tendo problemas. E veja o que acontecera.

Caroline era, sem dúvida, corajosa, forte e decidida, mas não passava de uma

garota. Falkes, por outro lado, além de ordinário, estava desesperado e não se arriscaria à toa. Desta vez ele certamente viera preparado para conseguir o que queria. North sentiu o sangue gelar.

Em questão de minutos ele ultrapassou Robin e galopou com o corpo inclinado sobre o pescoço de Treetop, fustigando o animal para ir bem depressa. Quando chegou a Scrilady Hall a Sra. Trebaw estava à porta torcendo as mãos, pálida como a geada de novembro.

— Ele a levou, milorde. Aquele homem é muito mais do que perverso. É um demônio. Eu não podia acreditar, mas ele apareceu aqui e a levou. Meu Deus! Pobre Caroline. Não pude impedir que ele a levasse. Ele me empurrou para longe.

North refreou Treetop, mas não desmontou.

— Para onde ele a levou?

— Ela parecia estar morta, quando ele a carregou, milorde. A cabeça dela e os braços estavam caídos, frouxos. Ele tinha uma carruagem com um cocheiro. Eles foram na direção norte, seguiram pelo caminho que leva a Newquay.

— Assim que Robin voltar, diga-lhe para ir buscar o Dr. Treath e trazê-lo para cá imediatamente. Quando ele chegar, conte-lhe o que aconteceu e peça a Robin para levá-lo a Mount Hawke e esperar por mim. Está tudo bem, Sra. Trebaw. Trarei Caroline sã e salva.

Jesus e se... Não, ele não iria pensar nas coisas terríveis que Falkes poderia fazer a Caroline. Agora era importante juntar suas energias e seguir os sulcos deixados pela carruagem. Tinha chovido durante a tarde e as marcas das rodas estavam bem visíveis. Pelo menos isso era uma vantagem com a qual Falkes não havia contado. Porém, ele teria de conduzir Treetop mais devagar do que desejava. Tinha certeza de que Caroline não estava morta. Falkes não iria matá-la, pois não lucraria nada se ela morresse. Mas será que ele tentaria violentá-la na carruagem, enquanto ela estava inconsciente? North afastou o pensamento.

Manteve os olhos fixos nos sulcos deixados na estrada, agradecendo a Deus por haver ainda alguma claridade. Em uma hora, talvez menos, iria anoitecer. Então, ele viu que as marcas das rodas da carruagem seguiam na direção da estrada muito estreita que acompanhava os rochedos. Era na verdade apenas um caminho perigoso, traiçoeiro, cheio de valetas e dava muitas voltas. Ninguém passaria ali numa carruagem. Alguma coisa estava errada. Ele refreou Treetop e desmontou. Ficou feliz por ter parado. Logo percebeu que alguém tinha cortado o galho de uma árvore e o arrastara pelo chão para apagar os sinais deixados pelos cascos dos cavalos. Mas esse truque não funcionou a contento, uma vez que a terra estava molhada e as marcas não foram totalmente apagadas. North constatou que havia três cavalos e eles tinham deixado a estrada principal. A maldita carruagem fora usada para despistar quem a seguisse.

North ficou pensativo. Deduziu que Falkes montava um dos cavalos e carregava Caroline. Os outros dois cavaleiros deviam ser bandidos que ele contratara para

executar seu plano sórdido.

Fustigou Treetop e dentro de minutos os cascos de mais um cavalo ficaram impressos na estrada.



— Ela está acordando, patrão.

— Que alívio, Trimmer. Receei ter exagerado na dose de clorofórmio. Aquele maldito boticário estava tão bêbado que não sabia o que eu estava comprando. Eu poderia tê-la matado e não lucraria nada com isso. — resmungou Falkes.

— Ela é uma belezinha, patrão.

— É muito alta, tem seios pequenos e uma boca danada. Mas quando está com a boca fechada, até que é bonita.

— Fiquei olhando para ela, vendo ela respirar. Achei os peitinhos dela bem bonitos. E o rosto, então, que amor, tão delicado. Dá uma olhada nas sobrancelhas, tão curvadinhas, os cílios compridos e escuros. Ah, patrão, ela é uma doçura.

— Cala essa boca! Quero chegar àquela casa antes de anoitecer.

Trimmer, rapaz magro, maltrapilho, com sobrancelhas grossas e escuras, calou-se simplesmente porque o velho que o contratara era dono da grana, portanto tinha o poder. Trimmer pensou na pobre moça. O que o velho iria fazer com ela? Bem, não seria difícil imaginar. Ah, quisera ele divertir-se um pouco com uma teteia daquelas, depois que o velho patrão a possuísse. Mas por que todo aquele drama para o velho ter uma mulher? Trimmer achou isso mais do que estranho. Nada mais fácil do que conseguir uma mulher e era tão baratinho.

Caroline olhou para o queixo de Roland Falkes, acima das dobras da gola do casaco preto e da gravata branca. Ele a carregava junto do peito, e ela sentia o movimento suave do cavalo que seguia na sua andadura natural. Agora tinha consciência de que fora derrotada e foi invadida novamente pelo terror que experimentara ao ver Falkes entrando na copa do solar.

— Para onde está me levando? — perguntou com voz sumida e ainda sonolenta.

— Ah, você acordou. Agora você não tem nenhum protetor. Está apenas com seu futuro marido e um indivíduo jovem e bruto que saberá usar sua força se você me provocar. Por isso eu lhe peço para ter boas maneiras.

— Quando se cansar de dizer essas tolices, só para admirar o som da própria voz, queira me dizer para onde está me levando.

— Você continua desbocada. É a mesma garota insolente e arrogante. Nunca



entendi de quem você herdou essa petulância. Seu pai era calmo. Quanto à sua mãe... Ah, é isso. Foi de sua mãe que você herdou essa língua ferina. Ela sempre dizia o que pensava. Mas não era irônica nem insolente. Sua mãe podia ferir profundamente um homem apenas dizendo o que pensava a respeito dele. Mas você não precisa saber como era sua mãe. O mais importante é ter consciência de que, assim que se tornar minha esposa, deixará essa tendência de fazer brincadeiras sem graça.

— Para onde está me levando? Responda de uma vez!

Falkes deu um tapa no rosto de Caroline.

— Ei, patrão! Não precisa bater nessa coisinha linda.

— Cale-se, Trimmer! E então, Caroline, vai se casar comigo ou prefere que eu a violento?

— Nunca me casarei com você, seu velho feio, perverso e imoral.

Sem pensar nas conseqüências, Caroline virou-se e bateu com toda sua força no pescoço de Falkes com a lateral da mão, tentando ao mesmo tempo empurrá-lo e derrubá-lo da sela. Continuou a bater nele, deixando-o sem respiração. Ele diminuiu a marcha do cavalo, desesperado para encher os pulmões de ar. Não conseguia falar e emitia sons gorgolejantes e furiosos.

— Ei, moça, pare com isso! — Trimmer interveio.

Tentou segurar Caroline, mas ela também lutou com ele e gritou:

— Eu lhe pago muito mais do que esse velho miserável prometeu lhe pagar! Fique sabendo que ele não tem nada e provavelmente irá matá-lo, Trimmer. Ele quer casar comigo para roubar meu...

Falkes bateu a coronha da pistola no lado da cabeça de Caroline, e ela tombou inconsciente contra o peito dele.

— O senhor a matou, patrão?

— É claro que não. Jesus, como dói até para falar. Esta vadia me machucou e vai pagar por isso. Está quase escuro, preciso chegar àquela casa. Temos apenas de atravessar o bosque.

— Ela é uma lady. — Trimmer observou — Onde será que aprendeu a fazer uma coisa dessas? Ela bateu o lado da mão no seu pescoço, patrão.

Uma voz grave soou atrás deles.

— Acho que terei o prazer de terminar o trabalho começado por Caroline, Falkes. Não, não, cavalheiros. Sugiro que não façam um único movimento. Não mexam um dedo sequer. Vamos, Falkes, desmonte devagar e deixe Caroline deitada na relva. Quanto a você, Trimmer, jogue esse revólver e sua faca no chão. Certamente uma criatura da sua laia carrega também uma faca.

Trimmer fez um movimento brusco e ergueu o revólver, mas North, num



relance, disparou a pistola de duelos, atingindo o bandido no pulso.

— Eu o avisei para jogar o revólver no chão. A próxima bala será na sua cabeça. Isso. Muito bem. E pare de gemer, Trimmer. Você continuará vivo se não for idiota. — North voltou-se para Falkes, tendo a pistola apontada para sua cabeça. — Vamos, Falkes, o que está esperando? Desmonte bem devagar e faça o que eu disse ou se arrependerá amargamente.

Eram evidentes a raiva e a frustração de Falkes. Ele desmontou muito desajeitadamente com Caroline desmaiada nos braços.

— Deite-a na relva com muito cuidado.

— Vou matá-lo por isto, Chilton!

— Tente fazer isso, seu bastardo sem honra. Passei a última hora ansioso para encontrá-lo e torcer esse pescoço enrugado.

— Meu pescoço não é enrugado.

North sorriu. Esperou que Falkes deixasse Caroline deitada na relva e disse:

— Muito bem. Agora vou levá-lo até Goonbell para deixá-lo na cadeia fedorenta e cheia de ratos.

— Olhe aqui, Chilton, será a sua palavra contra a minha. Você não pode me prender.

— Acha que não? Creio que me esqueci de mencionar que eu sou o magistrado local. Talvez você seja deportado para Botany Bay, na Austrália. Quem sabe acabará se tornando um homem de caráter. Mas, pensando bem, você está velho demais para mudar.

— Não sou velho! Vá para o inferno! Caroline será minha. Se você acha que alguém irá acreditar nela, deve estar louco. Ela é apenas uma mulher. Ninguém acredita numa mulher. Eu direi que ela ficou histérica e me implorou para fugir com ela.

— Trimmer, suma daqui e dê-se por feliz se amanhã você acordar com apenas uma bandagem nesse pulso imundo. — ordenou North — Não quero mais ver sua cara.

Trimmer não se mexeu. Segurava o pulso ensangüentado e mantinha-se imóvel como um poste.

— Acho que não vou embora, não, milorde. — disse ele, os olhos fixos num ponto atrás de North.

— Ora, Trimmer, não venha com esse velho truque.

— Não é truque, não, milorde. Chegou a sua vez de jogar a arma no chão. — Soou uma voz atrás de North.

O *terceiro cavaleiro*, North pensou, lembrando-se de que tinha visto na terra molhada os sinais dos cascos de três cavalos. Invadiu-o uma raiva súbita por ter sido tão estúpido, por ter subestimado Falkes. Não fora suficientemente cuidadoso e iria

pagar caro por isso. Que inferno!

— Que bom ver você, Treffek! — exclamou Falkes, esfregando as mãos de contentamento. — E então, Chilton, não vai fazer o que ele disse? Jogue a arma no chão. Isso... Bem, preciso ir ver a minha pombinha.

Nesse momento Caroline gemeu. North desmontou, ajoelhou-se junto dela, ergueu-a nos braços, curvou a cabeça e sussurrou-lhe:

— Caroline, sinto muito. Muito mesmo.

Ela olhou para ele tentando clarear a mente. Sorriu, ergueu a mão e tocou-o no rosto.

— North... é você... — murmurou com voz débil e aconchegou-se ao peito dele.

— Basta, milorde e levante-se! Treffek, amarre os pulsos dele — Falkes ordenou — E você, Trimmer, pare de choramingar, seu covarde. Depois que Treffek amarrar Chilton, cuidaremos do seu ferimento.

North não teve escolha senão deixar que o bandido lhe amarrasse os pulsos.

— Eu sei, milorde, que você está perguntando a si mesmo de onde é que Treffek surgiu — tornou Falkes com um sorriso sarcástico — Deixei-o guardando a casa para onde estamos indo. Logo chegaremos lá. Pois bem, foi o seu tiro que atraiu Treffek até aqui. Veja que ironia! Bom homem esse Treffek. Vou dar-lhe uma boa recompensa assim que esta vadia estiver casada comigo. O vigário já deve ter chegado.

— Sim, o velho Sr. Barhold chegou, senhor e está reclamando de tudo. Não sei, não, o homem é gago demais. Espero que os guinéus que o senhor lhe deu o anime e ele consiga dizer as frases do casamento.

— Não vou casar-me com você. Nada que faça me obrigará a aceitar esse casamento. — Caroline protestou.

Falkes riu. Ergueu-a do chão e colocou-a sobre os ombros. Ela tornou a desmaiar por causa da forte dor na cabeça.

## ***Capítulo III***

Caroline abriu os olhos e viu-se num pequeno cômodo, deitada numa cama estreita e suja. Um velho baixinho, com voz estridente e muito gago, conversava com

Falkes. A um canto estava North amarrado a uma cadeira, sob a mira das armas de Treffek e de Trimmer, que se achavam de pé, à porta desse cômodo.

— O-o-lhe a-aqui, s-senhor, is-isto é irre-gu-gular! A a mo-moça es-tá in-inconsci-ciente e não po-pode repetir as pro-promessas do ca-casamento. A li-licença especi-cial está em o-ordem e o senhor pa-pagou uma boa quan-tia por ela ao arcebispo de Canterbu-bury, mas a no-noiva não tem condições de...

— Minha noiva repetirá as promessas do casamento. — assegurou Falkes, indo até a cama.

Caroline fechou os olhos.

— Caroline — ele a chamou e bateu-lhe de leve no rosto. — Acorde, minha querida, você não quer perder o nosso casamento, quer?

— Não vou me casar com você, velho nojento!

— Não é-é po-possível fa-fazer o casa-amento, eu já di-disse. — insistiu Barhold.

— Caroline, aquele é o vigário, Sr. Barhold e vai nos casar. — para impedir Caroline de protestar, Falkes colocou um dedo sobre os lábios dela e sussurrou: — Olhe ali no canto. É lorde Chilton e ele não parece feliz, como você pode ver. Pois bem, vamos fazer uma troca. Se você se casar comigo eu o deixarei livre. Se você me recusar, ordenarei a Treffek que atire na cabeça dele. Não tenha dúvida de que ele fará isso, minha querida. Treffek faz qualquer coisa em troca de dinheiro.

North disse com toda clareza:

— Cuspa na cara dele, Caroline. Não faça o que ele está lhe propondo.

Caroline assim fez. Cuspiu no rosto de Falkes sem a menor hesitação. Ele afastou-se furioso, com vontade de matá-la. Ergueu o punho, os olhos faiscando de ódio e, devagar, muito devagar, baixou o braço.

— Não. Não vou deixá-la me irritar. Não agora, quando já estou quase conseguindo o meu objetivo. — ele sorriu e voltou-se para Trimmer — Trimmer, leve o Sr. Barhold para fora apenas por um instante. Há luar, tornando a noite muito romântica. Eu o chamarei quando estivermos prontos para a cerimônia.

— S-senhor Fa-falkes eu não a-acho que...

— Saia, Sr. Barhold. Minha noiva simplesmente ainda não compreendeu a sorte que tem de se casar comigo. Mas em breve ela concordará com o casamento.

Falkes esperou que Trimmer saísse com Barhold e fechasse a porta da velha casa. Limpou o rosto com um lenço e dirigiu-se a Caroline, perfeitamente controlado.

— Vou retomar o que eu estava propondo, minha querida. Se você se casar comigo, lorde Chilton voltará para Mount Hawke são e salvo. Caso você não aceite o casamento, Treffek irá matá-lo e o enterrará aqui mesmo. Alguém matou a sua querida tia e estão procurando o assassino, não estão? No caso de lorde Chilton, não haverá

corpo nenhum para ser encontrado. Acredite em mim, Caroline. Preciso muito do seu dinheiro e farei qualquer coisa para consegui-lo. Agora, decida: você me aceita como marido em troca da vida de lorde Chilton?

Caroline olhou para North com os olhos cheios de lágrimas e respondeu sem hesitação:

— Sim, aceito, desde que ele seja libertado e saia daqui antes do casamento.

— Oh, não. Não confio em você, garota. Terá de acreditar em mim.

— Muito bem. Casarei com você. Se lorde Chilton não for libertado ou se estiver ferido, eu o matarei. Posso até ser enforcada por isso que não me importo. Naturalmente você também não se importará, uma vez que estará morto e podre. Não pense que Owen irá chorar sobre sua carcaça inútil. Ele não gosta de você.

Falkes desejou dizer alguma coisa para demonstrar que não acreditava nela. Contudo, lembrou-se da pancada que recebera no pescoço nem uma hora atrás e do forte chute que Caroline lhe dera na virilha. Era melhor não duvidar de que ela o mataria se ele fizesse algum mal ao amante dela. Sim, porque lorde Chilton e ela eram amantes. Quanto a Owen, certamente seu filho gostava dele e iria pranteá-lo.

Ele afastou o pensamento. Não podia perder tempo com divagações. Voltou-se para lorde Chilton para dizer em tom provocativo:

— Você agiu bem depressa, hein, Chilton? Conheceu minha noiva há poucas semanas, e ela já é sua amante. A princípio imaginei que você a tivesse possuído naquela hospedaria em Dorchester, mas não pude ter certeza. Naturalmente estive entre as pernas dela depois que ela chegou à Cornualha. Você tem talento. A devoção que sente por você chega a ser tocante. Confesso que fiquei surpreso. Ela é falsa, arrogante, independente, desbocada, não é nem um pouco recatada. Mesmo assim parece capaz de fazer tudo e dar tudo por você. Ah, é comovente.

North ficou atônito demais para dizer alguma coisa. Como era possível Falkes ter chegado àquela conclusão?

Não parecendo satisfeito, Falkes prosseguiu, dirigindo-se a Caroline:

— Não parece que lorde Chilton nutre por você sentimentos tão ternos. Acho que a sua paixão é unilateral, minha querida. Mas as mulheres são românticas por natureza. Os homens não são inclinados a essas tolices, graças a Deus. E agora vamos tratar da cerimônia.

Trimmer entrou na sala com Barhold que estava com a cabeça baixa e calado.

— O senhor se diz um homem de Deus? O senhor não passa de um covarde patético! É uma fraude, um verme! — Caroline gritou.

Muito depressa e com um sorriso nos lábios, Falkes deu-lhe um tapa no rosto.

— Já chega, Caroline! Treffek, vá para junto de lorde Chilton. Mostre para a minha adorável noiva que, se ela não cooperar e não mantiver a boca devidamente

fechada, o queridinho dela irá para perto do Criador bem mais cedo do que o esperado.

— Você irá pagar por isso, Falkes. — tornou North, a voz grave e ameaçadora.

Caroline teve muito medo, não por ela, mas pelo que poderia acontecer a North.

— Estou pronta. — disse ela, levantando-se da cama.

— Veja quem acaba de chegar, patrão. — disse Trimmer — É o seu garoto e...

Antes de terminar a frase, Trimmer caiu de bruços, sem sentidos. Owen entrou na sala, empunhando um revólver.

— Não, papai, trate de não gritar comigo. O senhor não vai forçar Caroline a nada. Acabou. Não vou permitir que isto continue.

Falkes foi ao encontro do filho.

— Ouça, Owen...

Owen conhecia o pai muito bem e ficou, atrás de Barhold.

— Não se aproxime, papai, ou matarei o vigário. Então não haverá ninguém para fazer o casamento.

— E-eu não so-sou vi-igário. Sou r-reitor do se-semi-nário. O b-bispo a-achou que eu n-não podia ser vigário po-porque s-sou lii-geirame-ente gaa-go.

— Olhe aqui, garoto, vou atirar em lorde Chilton...

— Cale a boca seu idiota! — Caroline gritou e foi até North, mantendo os olhos fixos em Treffek — Não se atreva a machucá-lo. Se você tiver um pouquinho de cérebro nessa cabeça medonha, trate de pegar Trimmer e ir embora.

— Mas o patrão aqui me prometeu cinco guinéus. Com cinco guinéus eu posso tomar quatro canecas de cerveja por noite durante seis meses!

— Eu lhe darei seis guinéus e você poderá tomar sua cerveja durante oito meses. Se for a Scrilady Hall, terá os seis guinéus esta noite. — apontou Caroline — Você não precisa esperar por ninguém, não terá de matar ninguém nem estará fazendo nada errado e terá seis guinéus.

— Pois eu lhe darei sete guinéus, Treffek. — Falkes prometeu — Não dê atenção a essa maldita garota, nem ao meu filho imbecil. Continue com a arma apontada para a cabeça de lorde Chilton. Ouviu bem?

— Atenção, Treffek, largue esse revólver e me desamarre. — disse North — Se você não fizer isso imediatamente, juro que jamais tomará uma caneca de cerveja, pois não viverá para isso.

Treffek suspirou, largou o revólver e disse a Falkes:

— Sinto muito, patrão, mas parece que todos estão contra o senhor, até mesmo seu filho. E o bom Deus sabe que um filho é o último a ir contra o pai. Acho que o senhor não é um bom pai e não é querido. É esse o problema. Vai ver que é um homem

mau como o mocinha aí disse.

— Cala a boca, covarde maldito!

— Olha, patrão, não me xingue. Este homem é um cavalheiro e também é um militar. Não posso ir contra ele. E eu digo que ele é muito mais corajoso do que Trimmer. Agora, senhorita, eu vou levar Trimmer daqui e irei a Scrilady Hall. Então você me dá oito guinéus?

— Nada disso, seu ladrão. Seis guinéus. Um a mais do que o sr. Falkes lhe tinha prometido.

— Você é uma garota dura, hein? — Treffek resmungou, abanando a cabeça — Mas eu gosto de mulheres severas e obstinadas.

Ele ergueu Trimmer que ainda estava desacordado, colocou-o sobre o ombro, olhou para Falkes e saiu da casa.

Caroline desamarrou North. Ele esfregou os pulsos para ativar a circulação e dirigiu-se a Owen:

— Muito bem, Owen. Obrigado por nos salvar.

— Eu tinha de fazer isso. Era meu dever. Você e Caroline cuidaram bem de mim. — Owen olhou para ela — Espero que você não me leve como seu refém novamente.

— Não, Owen, é claro que não. Eu lhe darei tudo o que você quiser. Agora, North, o que faremos com o sr. Falkes?

— A primeira coisa é esta. — North deu um forte murro no queixo de Falkes, que gritou de dor e caiu sentado na cama.

Levantou-se segurando o queixo, recebendo novo murro, desta vez tão violento que o deixou caído no assoalho, inconsciente.

— Sinto muito, Owen, mas seu pai esmurrou Caroline. Ele merecia muito mais do que dois socos. Conversaremos sobre isso mais tarde. Agora temos de cuidar do reitor.

— Ele é um homem desprezível para fazer o que fez, mas... — Caroline interrompeu o que estava dizendo, levou as mãos à cabeça, olhou para North e caiu no assoalho sujo da casa.

— Minha cabeça dói terrivelmente. — Caroline queixou-se.

— Infelizmente não pude impedir que Falkes lhe desse aquela coronhada na cabeça. — North lamentou — Quando você desmaiou pela segunda vez naquele casebre, fiquei apavorado. Pelo menos agora está acordada e parece bem. Demonstrou ter muita força e coragem, Caroline.

— Você me salvou, North, obrigada.

Ele não disse nada. Passou delicadamente a mão sobre o calombo que havia do lado da cabeça dela. Caroline controlou-se para não gemer, mas não conseguiu.



— Shhh. Está tudo bem. Na verdade foi Owen quem nos salvou. Vou montar Treetop e a carregarei no colo. Iremos todos para Mount Hawke. O Dr. Treath deve estar à nossa espera para examiná-la e cuidar do seu ferimento. Deixarei meus criados tomando conta de Falkes até decidir o que fazer com ele. Meus rapazes podem não gostar de mulheres, mas detestam bandidos mais ainda.

— Pode ser que o Sr. Polgrain dê veneno para ele.

— Parece boa idéia. — North riu. Montou Treetop, acomodou Caroline no colo e a manteve bem junto dele. — Fique quietinha. Em breve estaremos em casa.

Caroline sentia a cabeça latejando e não respondeu nada. Fechou os olhos e aconchegou-se ao peito de North. Ele tinha dito *em casa*, pensou. Essas palavras soaram como música aos seus ouvidos.

Em Mount Hawke, no Quarto Rosa, o Dr. Treath terminou de examinar Caroline, fez um sinal para Bess e olhou para North.

— Contusão, milorde. Não posso lhe dar láudano, por enquanto. Ela deve permanecer acordada. Agora é com você, Caroline. Quantos dedos você vê?

— O senhor está movendo três dedos e North está olhando para mim com uma expressão sombria como uma nuvem negra de trovoadas. E eu estou aqui muito consciente.

— Sua Senhoria parece desorientado, Caroline. Convém eu conversar com ele até que se recomponha. Você o deixou muito assustado quando vomitou.

— Sei disso. Sinto muito. O movimento do cavalo me deixou com enjôo. Pensei em pedir a North para parar, mas não houve tempo. Acho que sujei as lindas botas dele:

— Não, Caroline, você errou o alvo. — North respondeu — Agora fique deitada e quietinha. Quer um pouco de água de cevada?

— Sim.

Treath observava Caroline e notando que suas pálpebras pesavam e ela ia fechar os olhos, chamou-a depressa.

— Caroline, acorde. Sinto muito, minha pequena, mas você tem de lutar contra o sono. Quantos dedos vê agora?

— Cinco. Estou com muito sono, Dr. Treath. E não sou pequena, não sou criança, tenho dezenove anos, vou receber a minha herança, basta o Sr. Falkes reconhecer que o dinheiro é meu. Se ele insistir em se casar comigo por causa do meu dinheiro, atirarei nele. Mas não quero fazer isso. Não quero ser enforcada. Como pode ver, estou raciocinando bem, Dr. Treath.

— Admirável. — tornou North. Ele voltou-se para o médico — O senhor quer passar a noite aqui?

— Não posso. A Sra. Treboggan vai dar a luz e será um parto difícil. Devo estar

do lado dela. Se alguma coisa acontecer a Caroline, mande um dos homens me avisar.

Tregeagle apareceu à porta e pigarreou.

— Milorde.

— Sim. O que é?

— Está aqui um sujeito com cara de bandido, exigindo uns guinéus.

— Ah, é Treffek. Dê-lhe seis guinéus, nem um centavo a mais. Provavelmente ele irá reclamar, mas seja firme. Caroline prometeu-lhe seis guinéus.

— Perfeitamente, milorde. E como está a jovem que ocupa novamente o Quarto Rosa?

— Ela ficará boa.

— Se me permite dizer, milorde, é uma pena que essa pessoa esteja de volta a esta casa se saiu daqui não faz muito tempo.

Caroline gemeu.

— Vá embora, Tregeagle. — North ordenou.

— Ah, Tregeagle, espere. — Treath chamou o criado — Temos de conversar com Polgrain sobre a alimentação de minha paciente.

— Não é necessário. Amanhã essa jovem pessoa estará restabelecida e poderá voltar bem cedo para Scrilady Hall.

— É improvável. Tregeagle, seja camarada. Não se preocupe, falarei com Polgrain antes de ir embora.

O criado saiu e Treath bateu afetuosamente no rosto de Caroline.

— Vejo muito de sua tia em você. Ela era uma senhora encantadora e tão alegre. — os olhos dele encheram-se de lágrimas.

— O senhor deve ter amado muito minha tia. — disse Caroline, suavemente.

— Ainda a amo.

— Eu também. Sinto não ter convivido mais com ela. Não pude conhecê-la tão bem como o senhor a conheceu.

North sentou-se na cama do lado de Caroline depois que o Dr. Treath e Bess foram embora. Preocupado em mantê-la acordada, ficou batendo a ponta dos dedos no rosto delicado.

— Não durma.

— Se você continuar tamborilando os dedos no meu rosto desse jeito, não conseguirei dormir, nem que eu queira. Mas vejo rugas na sua testa. O que o preocupa?

— Estou pensando em quebrar o nariz de Bennett Penrose, aquele irresponsável.

— Deixe Owen fazer isso.

— Você acha que ele será capaz de lidar com Bennett?

— Acho. Owen tem demonstrado um inexplicável amadurecimento, coisa que eu não esperava. Tenho um plano, North, mas preciso estudar alguns detalhes e a minha cabeça dói muito.

— Não é o momento de se preocupar com isso. Deixe para resolver os problemas amanhã.

— O que faremos com Falkes?

— Francamente, não sei. Hesitei em matar aquele imprestável e não vou deportá-lo. Ele não sobreviverá à deportação. Por outro lado, se o deixarmos livre, ele tentara raptá-la de novo, custe o que custar. Devo admitir que admiro a tenacidade do homem. Falkes lembra-me um cão que eu tinha quando era garoto. O nome dele era Teimoso.

— Teimoso? Isso é nome de cão?

— Não é apropriado, mas combinava com meu cão. Ele era persistente, nunca desistia. Assim é Falkes.

Para ele, você representa a salvação. Ele está fora de si. E agora, Caroline, quantos dedos estou batendo no meu queixo?

— Todos eles. Você tem uma linda mão, North.

— Obrigado. Quer mais água de cevada?

— Não. Aquele primeiro copo que Polgrain preparou estava com um gosto horrível. Será que ele colocou veneno na água?

— Ele não se atreveria, pois sabe que estou atento e o matarei se tentar contra a sua vida. Essa água é ruim mesmo. Eu a experimentei. Desta vez pedi para Polgrain adoçar a água com mel.

Na manhã seguinte Owen entrou no Quarto Rosa cabisbaixo e com os ombros curvados.

— Por Deus, Owen! Endireite-se. Você parece o cão de um aristocrata que vai ser decapitado. Vamos, preciso de você.

Imediatamente Owen empertigou-se.

— Você precisa de mim, Caroline?

— Certamente. Precisei de você ontem à noite e você me salvou. Por que não agora?

— Bem, foi North quem a salvou.

— North tentou me salvar, mas foi *você* que nos salvou. E pare de abanar a cabeça. Você foi um herói. Deixe de ser modesto. Isso não combina com você. Ouça o que lhe vou propor.

— É alguma coisa que diz respeito a meu pai?

— Não, Owen. Diz respeito a você. Mais tarde conversaremos sobre o que fazer com seu pai. Ouça.



Duas horas depois, em Scrilady Hall, Owen encontrou Bennett Penrose na sala de fumar, sentado numa *bergère*, imóvel como uma estátua. Como tinha decorado o que devia dizer a ele, durante o trajeto de Mount Hawke a Scrilady Hall, Owen foi direto ao ponto.

— Você não devia ter deixado Caroline sozinha, Penrose. Você foi um tolo. Ela poderia ter sido forçada a se casar com meu pai.

Bennett, que havia tomado uma quantia exagerada de conhaque, capaz de matar um boi, estava de ressaca. Ouviu as palavras de Owen, mas tudo o que fez foi gemer. Sua vontade era mandar o inoportuno visitante embora.

— Vou repetir...

Bennett ergueu a cabeça e sua expressão era a de quem sentia muita dor. Apesar dos vinte e oito anos, não parecia homem feito. Era um rapaz imaturo e crescera sem orientação. Vendo que Owen não estava disposto a ir embora, ele disse:

— Não precisa repetir nada. E não se preocupe com Caroline. Ela sabe cuidar de si mesma. Ela está bem, não está? Cansei-me de ouvir a Sra. Trebaw choramingar ontem à noite. Deus, aquela garota é pior do que eu, mete-se em uma encrenca atrás da outra. Além disso, ela me roubou. Por que devo me importar com ela? Não sou seu guardião. Tenho, sim, e de cuidar de três moças grávidas, o que já é demais. A propósito, quem é você?

— Sou Owen Falkes, primo de Caroline, mas não sou como meu pai. E não quero me casar com Caroline. Vou morar aqui na qualidade de sócio dela na administração das fazendas Penrose e das minas de estanho. Vou cuidar das pobres moças que em breve chegarão a esta casa.

Bennett gemeu alto.

— Oh, Deus, isso é demais. Você juntou forças com Caroline?

— Sim, estamos juntos. Se você não está contente, pode ir embora, entendeu? Ou nos ajuda ou sai daqui.

— Ora, rapaz, você não tem o direito de dizer nada. — a medida que a ressaca de Bennett diminuía sua raiva aumentava — A tia de Caroline me tapeou e agora Caroline quer fazer o mesmo. Fui enganado e não aceito isso. O que aconteceu a tia Eleanor pode acontecer a Caroline. Não pense que irei me importar se ela, que pensa

que é santa, for empurrada de um dos penhascos.

Owen inclinou-se sobre Bennett, agarrou-o pelo colarinho, colocou-o de pé, cambaleante, e deu-lhe um murro na boca, deixando-o caído no assoalho.

— Se você repetir isso novamente eu o jogarei pela janela.

Bennett não se moveu. Conseguiu dizer, apesar da boca machucada:

— Você se arrependerá do que fez, seu bastardo!

— Não sou bastardo. Sou filho legítimo. — Owen replicou — Eu já lhe disse o que tinha a dizer. Agora vou voltar para Mount Hawke.

Ele pensou no pai e balançou a cabeça. Duvidava de que o pai iria perdoá-lo. Saiu da sala e ao passar pela Sra. Trebaw, esta perguntou-lhe:

— O senhor vai mudar para cá?

— Sim. Amanhã, provavelmente.

— É seu pai, aquele homem horrível?

— Ele não virá. Apenas eu.

— E a Srta. Caroline?

— Ainda está de cama. Meu pai lhe deu uma coronhada na cabeça. Em breve ela voltará para cá.

— Não convém a Srta. Caroline ficar em Mount Hawke, onde só há *homens*. Diga-lhe isso. Nenhuma mulher entra naquele castelo há muitos anos, e ela está sem uma *chaperon*. Convença-a a voltar para casa senão a reputação dela ficará arruinada. Não custa nada para um Nightingale arruinar a reputação de uma lady.

— North não é homem de arruinar a reputação de ninguém, Sra. Trebaw.

Ela torceu o nariz com ar de pouco caso.

— Veremos. North é um Nightingale e todos eles são iguais.

— Transmitirei a Caroline o que a senhora disse, mas eu sei que ela fará o que quiser. Ela só faz o que lhe agrada.

— Sua tia Eleanor também era assim. — a Sra. Trebaw suspirou — Faça o possível para convencê-la a sair do castelo. Os homens Nightingale não são confiáveis. Nenhum deles. Pobre garota.



North observou Caroline adormecida. Parecia tão delicada. Ele não pensou duas vezes. Sentou-se na beirada da cama, curvou-se e começou a beijá-la. Sua boca era

tão suave, a mais suave que ele já havia tocado. Passou de leve a língua sobre os lábios macios.

Ela abriu a boca e ele compreendeu que devia parar de beijá-la antes que fosse tarde demais. Os homens Nightingale eram apaixonados, impacientes e nenhuma mulher conseguia impedir seus avanços se eles estivessem excitados. Roubar alguns beijos de uma moça adormecida não era uma falta grave. Só que Caroline havia acordado, estava com os lábios entreabertos e correspondia ao beijo.

— Não. — disse ele com esforço enorme e levantou-se. Olhou para Caroline cheio de desejo, com raiva de si mesmo, os punhos cerrados.

— Estava tão bom, North. — murmurou ela, olhando para ele e sorrindo — Fiquei contente de acordar e retribuir o beijo.

— Você tem os olhos mais verdes que eu já vi. — North observou — A princípio eu achava que eles eram verde-acinzentados, mas me enganei. Eles são intensamente verdes como as folhas dos pilriteiros que crescem em abundância perto de St. Erth.

— Obrigada. Talvez você possa levar-me a St. Erth para eu ver essa planta. Por que não me beija novamente?

North deu um passo para trás.

— Não, Caroline. Isto não é direito. Perdoe-me por tomar liberdades com você quando estava dormindo, indefesa.

— Eu quero seu beijo.

— Quieta. Você ainda está meio adormecida e não sabe o que diz.

— Sei o que estou sentindo e é uma coisa muito agradável. Nenhum homem me beijou, North, só você. Nunca imaginei que um homem punha a língua dentro da boca de uma mulher quando a beijava. É normal fazer isso?

North arregalou os olhos.

— É.

— Você estava lambendo meus lábios como se fosse uma coisa gostosa.

— Fique quieta.

— Por quê? Não posso dizer o que sinto?

— Pode, mas não deve. — North abanou a cabeça — Não é decente, Caroline. Você é uma jovem solteira e está comigo sem uma dama de companhia. Além disso, eu devo protegê-la, entende? Portanto, vou me controlar para não tocar em você novamente.

Caroline suspirou, parecendo frustrada.

— Que homem duro você é, North Nightingale.

— Você não faz idéia de como. — ele respondeu, sentando-se numa cadeira de



espaldar reto, longe de Caroline — Diga-me, como se sente agora?

Ela compreendeu que North se afastara dela porque era um cavalheiro e tinha um código de honra.

— Sinto-me bem melhor, obrigada. Owen já voltou de Scrilady Hall?

— Ainda não. Gostei muito de sua idéia. Você disse que o rapaz precisava afastar-se do domínio do pai. Aposto que ele será bem-sucedido nessa primeira tarefa que você lhe atribuiu.

Caroline riu, feliz.



Naquela mesma tarde, às cinco horas, Tregeagle entrou no Quarto Rosa carregando um livro muito grande e pesado, com a capa de couro marroquino, marrom-escuro. Aproximando-se da cama, colocou-o delicadamente sobre a colcha.

— Que livro é este? — Caroline perguntou ao olhar para o grande volume e depois para Tregeagle — Seria um tratado histórico discorrendo sobre todas as razões por que uma moça não pode ficar mais de dez minutos em Mount Hawke?

— Dez minutos já é demais.

— Você não me disse que livro é este e por que o trouxe para mim.

— Sua Senhoria achou que a senhorita talvez fique entediada por estar sem fazer nada. Ele não quer mais gastar o tempo dele com a senhorita, o que é compreensível, pois ele é um Nightingale. Por isso me pediu para trazer-lhe um livro que a distraísse. Escolhi este. É sobre o rei Mark da Cornualha. Conta que ele foi enterrado aqui, nas terras Nightingale, com todos os seus tesouros. Mas muitos acreditam que isso é lenda e que o rei foi enterrado lá no sul, em Fowey, onde viveu, lutou e morreu.

— O que você acha disso, Tregeagle?

— Tudo o que sei é que a maioria dos ancestrais Nightingale acreditava nessa história.

— E quanto ao atual visconde?

— Sua Senhoria é jovem e esteve durante muitos anos longe de casa, por isso não posso afirmar o que ele pensa sobre o assunto. Os anos que passou no Exército, sem dúvida, afetaram seu modo de pensar. Agora ele está de volta e começa a demonstrar que tem mesmo o bom-senso dos Nightingale. Uma prova disso é querer manter-se longe da senhorita que é uma mulher e, infelizmente está hospedada nesta casa.

— Conheço toda a história do rei Mark. Ele era muito romântico. — observou Caroline, já acostumada ao modo como Tregeagle falava sobre as mulheres.

— Romântico! — disse Tregeagle com menosprezo — Bem, talvez seja essa a opinião de mulheres jovens. Mas os ancestrais Nightingale sentiam simpatia pelo pobre rei, porque ele foi traído pela rainha Isolda e também pelo amado sobrinho Tristão. Leia o livro, se isso lhe agradar. A propósito, a senhorita parece bem melhor. Depois de tomar a sopa de cabeça de sardinha que terá ao jantar, poderá partir pela manhã.

— Sopa de cabeça de sardinha, Tregeagle?

Ele balançou a cabeça afirmativamente.

— Quanta atenção de Polgrain. Como ele sabe que sopa de cabeça de sardinha é a minha preferida? A cozinheira de Scrilady Hall preparou para mim um prato delicioso com cabeça de sardinha. Imagino que Sua Senhoria tenha mencionado isso a Polgrain. Agradeça a ele. Eu não esperava ser tão bem tratada. Desse jeito eu nunca sairei de Mount Hawke. — Caroline levou a mão à testa — Oh, minha cabeça começa a doer novamente e sinto-me fraca, com as pernas trêmulas. É a minha constituição feminina, tão delicada. Chego a pensar...

Ela interrompeu a frase ao ver que Tregeagle tinha ficado visivelmente pálido.

— Vou deixá-la a sós, senhorita. — disse ele, depressa — Recupere suas forças. Procure andar um pouco pelo quarto. Isso lhe fará bem. Talvez seja melhor a senhorita dormir em vez de começar a ler esse livro que é realmente uma baboseira. A história diz que o rei Mark mandou Tristão à Irlanda para buscar Isolda que era uma mulher pérfida, aliás, como todas as mulheres. E veja o que aconteceu. Os dois beberam a poção do amor preparada pela criada de Isolda, e traíram o pobre rei. Apesar de traído, o bom rei não mandou decapitá-los, nem lhes arrancar as unhas, tampouco quebrar-lhes os ossos. Não, o generoso e nobre rei deixou-os ir embora, grande idiota.

— Concordo. Ele foi um idiota, sem o menor senso de justiça.

Tregeagle saiu do quarto depressa, a testa franzida, sem encontrar palavras. Ele, que se orgulhava de ter sempre uma resposta pronta para tudo.

Caroline seguiu-o com o olhar, rindo de orelha a orelha.



— Caroline, este é Flash Savory, sobre quem lhe falei e que ajudou Rafael Carstairs a resolver um sério problema quando estava em St. Austell.

— Olá, Srta. Caroline. — disse Flash, estendendo a mão.

Flash era ainda jovem, muito bonito, loiro, magro, sorridente e simpático.

Caroline não pôde deixar de admirá-lo. Então apertou-lhe a mão.

— Você é destro, canhoto ou ambidestro, Sr. Savory? — ela indagou.

— Ambidestro. — ele respondeu, sorrindo.

— Ah, sorte sua. Quer dizer, então, que você introduzia os dedos ágeis em qualquer bolso, *com* incrível rapidez.

— É verdade. Mas isso foi antes de o capitão me apanhar com os dedos no seu bolso esquerdo e agarrar-me com a mão direita, quase me quebrando o pulso. Agora sou um homem honesto. Tão honesto quanto aquela pobre sardinha, cuja cabeça está flutuando no caldo da terrina, sobre a mesa. Senti enjôo só de olhar para aquilo. É verdade que acha o tal caldo uma especialidade, Srta. Caroline?

— Não. — ela respondeu.

Viu que a terrina estava sem a tampa e cobriu-a *com* o guardanapo. Havia subestimado Polgrain, Tregeagle e Coombe, o trio que odiava mulheres. Ao trazer o caldo Tregeagle olhara bem para ela, tendo um sorriso afetado ao apresentar-lhe a terrina de prata para ela inspecionar a iguaria. Caroline controlara-se para não vomitar. Não iria fazer isso na frente daquele criado insolente.

— Então por que lhe ofereceram caldo de cabeça de sardinha? A senhorita tem problema de fígado? — Flash insistiu.

— Que eu saiba, não. Porém, há alguns cavalheiros nesta casa que acreditam que uma torturazinha culinária os livram da presença de pessoas indesejadas, ou, melhor dizendo, especialmente da minha presença.

Ela sorriu para North que estava com a testa franzida, olhando para a terrina, agora coberta.

— North, Flash está aqui para conversarmos sobre o que aconteceu a tia Eleanor, não é mesmo?

— Sim. Eu já disse a ele tudo o que sei. Agora é a sua vez.

North e Flash sentaram-se perto da cama. Flash sorriu para Caroline. Era um sorriso luminoso, irresistível.

— Não sei de nada, Flash. Eu não estava aqui. Fazia quase três anos que eu não via tia Eleanor. North levou-me até o promontório St. Agnes, onde minha tia foi assassinada. Você descobriu o que aconteceu ao cavalo dela?

Foi North quem respondeu.

— Conversei com Robin, o cavaleiro de Scrilady Hall. Ele assegurou de que o cavalo da Sra. Penrose não saiu do estábulo. Portanto, ela não estava cavalcando naquela tarde. Quando encontrei o corpo caído na estreita borda no rochedo, não prestei atenção num detalhe importante: Eleanor não usava traje de montaria e, sim, um vestido azul. Que droga! Esse detalhe não podia ter passado despercebido. Foi uma grande falha minha.

— Não creio que o fato de tia Eleanor ter saído ou não a cavalo faça alguma diferença, North.

— A Srta. Caroline tem razão, milorde. Não se aborreça por causa disso. Muitas coisas podem ter acontecido. A prezada lady talvez tenha saído de carruagem com alguém. Provavelmente com alguém que ela conhecia.

— Isso me ocorreu. Procurei a Sra. Trebaw e lhe fiz algumas perguntas sobre o que aconteceu no dia do crime. Ela disse que a Sra. Penrose saía para cavalgar todas as tardes. Quando mencionei que na tarde do crime o cavalo dela permanecera no estábulo, a governanta lembrou-se de que a patroa naquela tarde tinha saído para dar um passeio a pé. Disse também que ela gostava muito de caminhar. Então lhe perguntei se alguém tinha ido a Scrilady Hall e convidado a Sra. Penrose para um passeio de carruagem, e ela respondeu que não se lembrava disso. Pois bem, Caroline, quando você voltar para Scrilady Hall, converse com a Sra. Trebaw e com os outros criados. Naturalmente eles terão mais confiança em você, pois é a dona da casa, e ficarão mais à vontade para responder o que você lhes perguntar. Todos eles ficaram inibidos na minha presença, mantiveram a cabeça baixa, e repetiram o tempo todo que não sabiam de nada.

— Isso é normal. — observou Flash — Os criados costumam ser muito cuidadosos, principalmente quando se trata de assassinato.

— Farei o que você sugeriu, North. Parece que tia Eleanor encontrou-se com alguém longe de Scrilady Hall.

— Ou ela estava saindo para um passeio e foi levada por alguém que tanto pode ser um estranho como uma pessoa conhecida e em quem ela confiava. — North apontou.

— Há inúmeras possibilidades, realmente. — opinou Flash — Conheço muitos malandros em Goonbell, na vila de Mount Hawke e em Trevellas. Vou fazer algumas investigações nesses lugares. — ele inclinou-se e perguntou a Caroline: — Srta. Caroline, o que me diz sobre Bennett Penrose? Acha que ele poderia ter matado sua tia?

— Não sei. Bennett comportou-se de maneira vergonhosa durante a leitura do testamento de tia Eleanor. Ficou furioso, dizendo que tinha sido roubado, acusou o Sr. Brogan de desonesto, de ter sido amante de minha tia. Diante disso, acredito que ele poderia, sim, ter matado tia Eleanor.

— É um bom começo, Flash. Descubra onde o Sr. Penrose estava no dia do crime. Se ele estava na área, deve ser considerado o principal suspeito. — North levantou-se — Agora, Caroline, vou falar com Polgrain e exigir que ele lhe sirva um jantar que não cause náuseas. Conhecendo Polgrain, Tregeagle e Coombe, não estou surpreso que isso tenha acontecido, mas lamento o fato.

Caroline sorriu para ele, apesar da forte dor de cabeça e da fome que sentia.

— Está tudo bem, North. Admiro a criatividade daquele trio e fico imaginando o que eles irão aprontar em seguida.

— Que livro enorme é aquele? — Flash quis saber. — É a Bíblia da família Nightingale, milorde?

— Não. — North olhou para o volume e franziu a testa — O que é, Caroline?

— São relatos e observações escritos por seus ancestrais, expressando o que eles pensavam a respeito do rei Mark que teria sido enterrado aqui com seus tesouros, e não em Fowey. As primeiras anotações são do quinto barão Hawke, Donninger George Nightingale que foi também o primeiro visconde Chilton. Ele era seu bisavô, North?

— Sim. — North pegou o pesado volume e começou a folheá-lo — Eu não imaginava que meu bisavô gostasse de lendas. Ele escreveu quase metade deste livro. Fez isso regularmente. Isto é quase um diário. Ouçam este trecho: "Perto da mina Weffel, o jovem leiteiro, Barney, encontrou uma jóia enrolada em um velho pedaço de tecido dourado e trouxe a jóia para mim, segurando-a com todo cuidado. Era um bracelete de ouro muito antigo e tinha a inscrição *REX*. Tenho certeza de que pertenceu ao rei Mark. Vou guardá-lo e quando eu encontrar o lugar onde foi enterrado o rei, o bracelete voltará para junto do abençoado e nobre dono para toda a eternidade." — ele olhou para Caroline e Flash com expressão indagativa — Interessante. Onde estará esse bracelete de ouro? Nunca ouvi falar nele.

— Eu gostaria de ver essa jóia. Se ela existe deve valer muito dinheiro. — Flash observou.

— Se ela existir... — Caroline frisou.

North continuou olhando o livro e comentou:

— Lembro-me de que meu pai me contava histórias sobre o rei Mark. Ele dizia que os homens não podiam confiar nos amados sobrinhos, nem nos amigos ou nos irmãos. Parece que meu pai escreveu apenas umas doze páginas. Depois você me conta se ele escreveu coisas de abalar a Terra, Caroline.

— Está bem.

— Seria muito mais excitante se a lenda fosse a respeito do rei Arthur. — disse Flash com entusiasmo — O rei Arthur era fascinante, enérgico, valente e é muito mais famoso do que o rei Mark. O rei Arthur com os seus cavaleiros da tábua redonda, o velho Merlin.. Imaginem se o Santo Graal tivesse sido enterrado aqui nas terras Nightingale!

— Tem razão. — Caroline concordou — A história do rei Arthur é empolgante e romântica... Mas o que foi, North? Parece cético. Você ainda é jovem. Talvez, quando for velho, também irá escrever sobre o rei Mark e seu tesouro. Registrará que ele foi enterrado à sombra das macieiras que cobrem a encosta da colina.

Caroline ficou pensativa. Olhara brevemente as inúmeras anotações feitas no livro, tinha visto um mapa indicando os lugares onde o rei estivera e observara que



nesse livro também nenhuma mulher havia redigido uma linha sequer. Mais uma prova de que entre os Nightingale a misoginia era muito séria. Podia-se constatar pela aversão que Polgrain, Tregeagle e Coombe tinham por ela. Por quê? O que teria acontecido? Certamente isso era relacionado com traição. Quem teria traído o esposo? A bisavó de North?

A voz de North interrompeu seus pensamentos.

— Flash está de saída, Caroline. Vou até a cozinha exigir que aqueles três lhe sirvam uma refeição decente.

Antes de sair Flash disse a Caroline:

— Quero lhe apresentar lady Victoria, esposa do capitão. Creio que vocês irão se dar bem.

— Será um prazer conhecê-la. — Caroline respondeu sem muito entusiasmo.

No momento tinha problemas demais e não queria pensar em novas amizades.



Foi o próprio North quem trouxe o jantar de Caroline. Havia numa grande bandeja uma travessa com uma porção de porco assado, suficiente para meia dúzia de pessoas comerem à vontade, e mais seis pratos cobertos com cúpulas de prata reluzentes. Ele sentou-se na cadeira do lado da cama.

— Coma.

Ela não se fez de rogada. Experimentou a carne que estava uma delícia, muito macia, e serviu-se de batata e ervilha. North ficou satisfeito e começou a contar:

— Rafael Carstairs era capitão de navio. Na verdade, era um espião a serviço do ministério da guerra e tinha como objetivo sabotar os navios de Napoleão. De volta para casa, sendo conhecido por seu valor, recebeu a missão de destruir um clube ilegal, um antro de jogatina e devassidão. Em reconhecimento por seus trabalhos, ele foi sagrado cavaleiro. Rafael está me ajudando nas minas de estanho, aqui em Mount Hawke. O veio David, em particular, precisa de muitos reparos. Há uma inundação que não se sabe de onde vem. Esse veio fica bem perto de uma de suas minas, a Kitty, que está funcionando muito bem.

— Conversei com meu administrador, o Sr. Peetree, apenas uma vez. Ele me disse que minhas minas estão uma beleza. Fale com ele e explique seu problema. Talvez ele possa ajudá-lo.

— Rafael e eu iremos procurá-lo.

— Flash quer apresentar-me a esposa de sir Rafael.



— Ah, lady Victoria. Rafael parece apaixonado por ela. Eles estão sempre rindo. Eu os vi se beijando.

— Você fala como se achasse isso estranho. O marido não pode demonstrar que ama a esposa?

North deu de ombros.

— Eu não disse isso. Lady Victoria é bonita, mas comum.

— O capitão deve achá-la linda e especial. E você, North? Nunca pensou em uma mulher como sendo linda e fora do comum?

— Não.

— Um homem com vinte e cinco anos pode ser considerado jovem. Talvez você precise de amadurecimento antes de pensar em unir-se à mulher que você escolheu.

— Unir-me à mulher que eu escolhi? Você se refere a casamento? Amor? Uma união como a de Rafael?

— Por que não? Segundo o que você disse, sir Rafael e a esposa se amam.

— Provavelmente. Isso porque eles estão casados há pouco tempo.

— North Nightingale, além de não estar amadurecido, você é um cético!

— Caroline, acabo de me lembrar que suas moças grávidas chegarão a Scrilady Hall amanhã.

— Covarde, você mudou de assunto. — ela disse em voz baixa. Subitamente exclamou: — Céus, as moças! Tenho de estar em casa, North. Sinto-me bem melhor. Mais uma noite nesta cama maravilhosa e estarei pronta para cuidar das minhas moças.

— Mandarei buscar Treath para examiná-la, amanhã cedo.

— Não é necessário. Aqueles três misóginos estão tão ansiosos para me ver pelas costas que irão dançar uma valsa quando eu for embora.

— É possível que eles façam isso. Muito bem, eu a levarei para sua casa amanhã.

— North?

Ele olhou para Caroline, com expressão indagativa. Uma mecha de cabelos escuros e brilhantes tinha caído sobre a testa, e ele parecia sedutor, misterioso, decididamente fascinante e magnífico.

— Sim?

— Você não quer me dar um beijo de boa-noite?

North recuou como se tivesse recebido um soco. O herói sedutor e fascinante havia desaparecido. Em seu lugar estava um homem desesperado para sair dali.

— Não. — ele respondeu.

Entretanto, depois de um momento de hesitação, voltou para perto de Caroline.

Inclinou-se sobre ela e segurou-lhe o queixo.

— Droga, eu não resisto. Sua boca é tão deliciosa e macia. — murmurou e começou a beijá-la.

Provocou-a com a língua, acariciou-lhe os lábios com os seus, mordiscou-os e depois passou a língua sobre eles. Segurou o rosto de Caroline entre as mãos e sentou-se na cama.

— Isto não é uma boa idéia. — disse, voltando a beijá-la — É péssima idéia.. É mais do que péssima. É perigosa como o diabo.

O beijo tornou-se mais intenso, Caroline entreabriu os lábios e sentiu o gosto de North, o que lhe deu imenso prazer.

— Oh, céus! — ela puxou North com força para bem junto dela.

Ele tentou afastar-se, mas sem dar por si, estava deitado sobre ela. Podia sentir o coração dela pulsando forte sob as cobertas.

Embora não quisesse continuar a beijá-la, não conseguia parar. Sua boca tornou-se mais insistente e ele começou a acariciar os seios de Caroline. Tocar naquele corpo jovem, mesmo sobre o tecido da camisola, sentir-lhe o calor quase o fez saltar da cama, assustado. Mas permaneceu sobre Caroline, arfante, com os olhos cheios de desejo, sabendo que se ela não fosse tão inocente, a tomaria naquele momento. Tinha certeza de que possuí-la seria a coisa mais prazerosa que poderia experimentar na vida.

— Caroline, você irá partir amanhã. — lembrou-a, ofegante, como se tivesse corrido alguns quilômetros — Não devo continuar. Simplesmente, não devo. O que estou fazendo é um erro.

Levantou-se, atravessou o quarto e não parou ao ouvir Caroline gritar:

— Está sendo covarde novamente. Um grande covarde.

Ele saiu para o corredor e bateu a porta.



O Dr. Treath e a irmã visitaram Caroline na manhã seguinte. Bess Treath ficou sentada a pouca distância do irmão, pronta para ajudá-lo se necessário. Ele sentou-se na cama, segurou o pulso de Caroline e ficou compenetrado, os olhos atentos ao relógio de algibeira.

— Excelente. Pulsação normal. — declarou depois de um instante — Deixe-me ver seus olhos.

Ele examinou-lhe os olhos e depois o calombo do lado da cabeça.

— Você está bem. O calombo quase desapareceu. Sentiu dor de cabeça esta manhã?

— Não, doutor. Estou ótima.

Treath apertou de leve o pescoço de Caroline, os ombros, em seguida encostou a cabeça em seu peito para ouvir os batimentos cardíacos.

— Ela já disse que está bem. Sua aparência é ótima, Benjamin.

Caroline abriu os olhos e viu Bess de pé, encostada na cama, junto do irmão.

O médico segurou a mão de Caroline e sorriu para ela.

— A Srta. Caroline parece com Eleanor, você não acha, Bess?

— Um pouquinho, talvez. Há nesses olhos verdes um brilho travesso. Mas Eleanor era diferente, tão cheia de alegria e riso. Daqui a alguns anos, quem sabe, a Srta. Derwent-Jones terá aquele tipo de beleza. Treath sorriu.

— Caroline tem uma beleza própria, mas ela lembra Eleanor. — ele levantou-se, ainda olhando para Caroline — Sua Senhoria me disse que irá levá-la para Scrilady Hall. Você está muito bem. Entretanto, amanhã irei visitá-la. Não devemos correr riscos.

Bess Treath sorriu para Caroline e apertou-lhe a mão.

— Você é você mesma, Srta. Derwent-Jones. Sua tia era uma mulher muito especial, principalmente para meu irmão. Você sabe disso, naturalmente. Acompanharei meu irmão quando for visitá-la, amanhã. Boa sorte com seus pardais.

— Pardais?

— As moças grávidas. — Treath explicou — Bess tem interessante senso de humor.

Os dois saíram do quarto e Caroline recostou-se ao travesseiro, frustrada. Por que North não viera vê-la também?

Ela fez essa pergunta a North quando ele apareceu para ajudá-la a descer a grande escadaria. Não precisava de apoio nenhum, mas era muito agradável segurar no braço dele e sentir sua proximidade.

— Não fui ao seu quarto porque tive de tratar de assuntos importantes. — North respondeu, secamente.

— Que assuntos?

Ele parou e voltou-se para ela.

— Acho que você não tem nada com isso, Caroline. Por favor, não fica bem me fazer essas perguntas.

— Parece que os seus criados exigiram que só o Dr. Treath fosse me examinar e lhe assegurasse de que eu estava muito bem, pronta para ir embora.

— Foi o que aconteceu. Veja, lá estão os três, ansiosos para lhe dar um carinhoso adeus. Só não estão dançando.

— Espero que eles apodreçam no inferno! — ela disse para si mesma, mas North ouviu e começou a rir.

— A senhorita está indo embora. — anunciou Tregeagle, antes mesmo de Caroline descer o último degrau.

— Sim, mas voltarei para o jantar. Isso não é maravilhoso, Coombe?

— Será muito agradável. — Coombe respondeu — Mas receio que Polgrain esteja começando a sentir uma forte enxaqueca. Sabe Deus o que teremos ao jantar. Convém esperar, senhorita. Isso mesmo, fique em Scrilady Hall esta noite.

Ela riu. Aqueles homens eram ótimos. Todos eles.

— Bem, seja como for, diga a Polgrain que eu gostei muito da sopa de cabeça de sardinha, mas um visitante que viu aquele caldo quase vomitou.

— Que palavra forte e vulgar para uma jovem lady empregá-la. *Sentir enjôo* talvez seja menos deselegante. Ah, já abri a porta da frente e o Sr. Owen está pronto para levá-la para longe... Quero dizer, para levá-la para casa.

Caroline não disse mais nada. Atravessou com North a enorme porta dupla e desceu os velhos degraus de Mount Hawke. Owen estava muito compenetrado, de pé, junto de uma velha carruagem puxada por um cavalo igualmente velho.

— Por Deus, Owen, onde você arranjou essa coisa?

— Bom-dia, North, bom-dia, Caroline. Esta relíquia foi idéia da Sra. Trebaw. Espero que as rodas não saiam do eixo.

Caroline virou-se para North e colocou a mão sobre a manga de sua camisa.

— Obrigada. — agradeceu. Sua vontade era dizer a Owen para ir naquela velha carruagem para Londres ou para qualquer lugar e deixá-la mais algum tempo com North. Mas perguntou apenas: — Você irá jantar conosco esta noite?

— Irei.

Ela esboçou um sorriso maroto, deu-lhe um beijo no rosto e sussurrou-lhe ao ouvido:

— Lá não teremos Polgrain, nem Coombe, tampouco o detestável Tregeagle nos aborrecendo, durante uma hora, pelo menos.

North respirava depressa, desejando possuir Caroline naquele momento, ali mesmo, na frente do castelo, talvez inclinada no banco da carruagem, com as saias levantadas, ou... Ele balançou a cabeça para afastar aqueles pensamentos. O que dera nele? Parecia um devasso. Dirigiu a Caroline um olhar gélido.

— Ora, Caroline, você fez isso de propósito.

— Sim, e foi muito bom. Eu o verei esta noite. Agora tenho de ir. Preciso ver se

está tudo em ordem para receber minhas moças grávidas.

— Esta noite nós dois e Owen iremos decidir o que fazer com o pai dele.

— North, os seus homens não prenderam meu pai na masmorra, não é mesmo? — Owen perguntou.

— Não, Owen, Falkes está num pequeno quarto, lá em cima, na ala leste. Ele não tem como fugir.

— Se meu pai visse Caroline beijando você, iria entender que para ele tudo está perdido.

North estremeceu.

— O que você quis dizer com isso?

— Ora, tenho observado vocês dois. Caroline olha para você de um jeito especial, não para de sorrir quando vocês estão juntos. Quanto a você, North, notei que olha para ela como se fosse um homem faminto ao ver um prato de comida. Isso é óbvio para todos que...

— Nada é óbvio para ninguém. — Caroline cortou, olhando muito séria para Owen.

Segurou no braço dele e foram ambos para a carruagem.



Caroline observou cada uma das três moças que agora estavam sob sua responsabilidade. Alice era a mais nova das três. Tinha apenas catorze anos, era muito pálida e estava assustada. O ventre sobressaía naquele corpo tão magro. Caroline não pode deixar de sentir pena da garota, quase uma criança, e muita raiva do homem que a violentara. Se o encontrasse, certamente o mataria. Porém, no momento tinha de manter-se calma e controlada.

— Aceita mais biscoitos, Alice? — ofereceu, gentilmente — Eles estão recheados com geléia de groselha e são deliciosos.

— Obrigada, Srta. Caroline, aceito mais um.

Ao ver Alice pegar um dos biscoitos, Caroline reparou na mão muito branca, os dedos finos, as veias azuis bem visíveis sob a pele clara. A garota parecia mais frágil e delicada do que a estátua de fina porcelana de Dresden que estava sobre a cornija da lareira.

Ela voltou-se para Evelyn, moça de quase vinte anos que fora seduzida pelo filho da dona da casa onde trabalhava. Ao saber da gravidez da moça, o rapaz dissera à mãe que Evelyn era uma vadia e tinha ido ao quarto dele com o intuito de comprometê-lo e

obrigá-lo a se casar com ela. Como era de se esperar, a mãe do rapaz a demitira imediatamente. Ela não quis voltar para a casa dos pais, o que era compreensível, uma vez que já havia oito crianças na casa, o pai era alcoólatra e quando bebia tornava-se violento.

Eleanor Penrose encontrara Evelyn chorando na praia, em Penzance, sentada na areia, sem perceber que a maré alta já alcançara os seus chinelos.

— Quer outra xícara de chá, Evelyn?

— Não, obrigada. Estou satisfeita. A senhorita ofereceu-nos uma bela recepção. Está tudo delicioso. Você não acha, Mary?

— Certamente, Evelyn. — concordou a moça.

Mary Patrícia, uma das cinco filhas de um vigário de Dorset, tinha vinte e dois anos, era ativa e educada. Recebera treinamento para ser governanta e no seu primeiro emprego cuidava de duas crianças malcriadas que quase a mataram de tanto aborrecimento. O dono da casa certo dia a surpreendera no jardim dos fundos e a violentara. Sem saber o que fazer, Mary procurara emprego em um bar, em Truro, onde Eleanor Penrose a encontrara e a trouxera consigo.

Caroline serviu-lhe o chá e ofereceu-lhe sanduíches de pepino. Nesse instante lembrou-se de que dois homens moravam em Scrilady Hall: Owen e Bennett. Homens tinham seduzido aqueles três pardais. Pardais, não, ela pensou, irritada consigo mesmo. Aquelas moças eram seres humanos e quem sabe, algum dia teriam tudo o que desejassem.

Notou que Alice tremia e logo imaginou que a garota devia estar sabendo que havia homens morando na casa. Oh, Deus, o que fazer para acalmar aquelas moças? Owen não oferecia perigo, pois era educado e respeitador. E Bennett? Ele era bonito, parecia um anjo, mas não era confiável.

— Eu vi um homem, Srta. Caroline, ele não é velho, é muito bonito e parece que mora aqui. — disse Alice em voz baixa.

— Oh, os homens bonitos. São uns convencidos. — observou Evelyn segurando a mão de Alice — Eles acreditam que tem o poder de conquistar qualquer mulher. As tolas se deixam levar pela lábia deles. Mas não se preocupe, Alice, a Srta. Caroline cuidará muito bem de nós.

Ela faria isso, certamente, Caroline pensou. Sorriu para as moças e assegurou:

— Meu primo Owen Falkes mora aqui e é um rapaz muito bom e respeitador. Meu outro primo, Bennett Penrose, também mora aqui e, para ser honesta, não é boa pessoa, entretanto, falarei com ele. Não vou permitir que ele as perturbe. Fiquem tranquilas, porque aqui vocês estão seguras.

Evelyn riu e pôs a mão no ventre.

— Homem nenhum estará interessado em nós enquanto estivermos grávidas.



Fique calma, Alice. Ninguém irá nos magoar. Mas se um deles tentar fazer isso, eu furo a barriga dele com minha faca e acabo com seu precioso órgão. — ela ergueu a saia e mostrou uma faca presa na perna — Nunca mais serei uma mulher indefesa. Os homens são como cobras traiçoeiras.

— Eu também não quero estar indefesa, mas sou tão medrosa. — Alice murmurou.

— Você é uma criança, não é de admirar que tenha tanto medo. — disse bondosamente Mary — Nenhum mal irá nos acontecer, não é mesmo, Srta. Caroline?

— Não. Aqui vocês estão seguras.

Ela lembrou-se da chegada das moças a Scrilady Hall naquela manhã. O Sr. Plumberry as trouxera na pequena carruagem, apertadas, uma sentada no colo da outra. Caroline ficara sabendo que tinham sido tratadas pelo vigário sem a menor consideração. Ao ver Caroline, o vigário dissera que as moças não podiam ficar em Scrilady Hall, tendo apenas uma jovem inexperiente e ingênua para cuidar delas. Ao que ela revidara:

— Aqui elas terão conforto e ficarão muito felizes. Eu cuidarei disso.

— Elas não merecem ser felizes. São umas pecadoras. Você e sua tia estão erradas...

— É certo abandoná-las, deixá-las desamparadas?

— Elas são uma vergonha para a sociedade. Não merecem conviver com pessoas decentes.

Naquele momento Caroline olhara no rosto de Alice e se comovera. A pobre garota estava tão pálida, encolhida, como se as palavras do vigário fossem golpes reais. Quanto a Evelyn, tinha os olhos vermelhos de raiva e os punhos cerrados. Mary mantinha a cabeça erguida e parecia distante, como se nada daquilo se referisse a ela.

— Pode ir, Sr. Plumberry. Nem pense em voltar aqui. Se fizer isso, serei capaz de atirar no senhor.

— Você é muito jovem, está passando por um período difícil, não sabe o que está dizendo. A sua querida tia não devia deixar todo esse peso sobre seus ombros e...

— Adeus, Sr. vigário. Pode ir agora. — ela dissera.

Assim que o Sr. Plumberry partira, Caroline voltara-se para as três moças.

— Sejam bem-vindas a Scrilady Hall. Meu nome é Caroline Derwent-Jones. Tudo ficará bem, eu lhes prometo.

Agora, olhando para aquela jovens, ela se perguntava se conseguiria manter sua promessa. Alice já se mostrava um pouco mais animada, mas havia tanto medo, tanta cautela nos pálidos olhos azuis, que Caroline teve vontade de gritar que a vida era injusta. Alice lhe havia contado que fora violentada por três rapazes, perto de St. Ives. Quanto a Evelyn, era esperta, aprendera a se defender e andava armada com

uma faca. Mary Patricia parecia calma como uma freira fazendo suas preces, mas observando-a bem, Caroline pode notar um leve tremor em suas mãos brancas.

— Acho que nós, mulheres somos vulneráveis porque temos menos força do que os homens. Infelizmente, alguns homens são maus, sem caráter, sem honra. Eu quase fui violentada por um homem assim. Portanto, compreendo um pouco do que aconteceu a vocês. Acho que todas nós devemos carregar uma faca. Vocês estão de acordo?

Alice começou a chorar. Evelyn a abraçou.

— Acalme-se, minha garota. A Srta. Caroline vai cuidar de nós. Não tenha medo.

— Creio que seria melhor termos um revólver ou uma pistola. — opinou Mary — Hoje em dia há armas bem pequenas.

— É uma idéia brilhante. — Caroline aprovou com entusiasmo — Podemos mandar fazer uma correia para prender a arma na perna. E isso que você tem em mente?

— Sim. Obrigada, Srta. Caroline.

— Agora, garotas, teremos nossa aula. Vocês precisam aprimorar a leitura.

— Hoje continuaremos a ler aquela história interessante escrita pelo Sr. Voltaire? — Evelyn indagou.

— Claro. — Mary olhou para Caroline — Evelyn gosta muito de ler *Cândido*, de Voltaire.

— Muito bem, Evelyn. Agora podem subir. A Sra. Trebaw irá mostrar-lhes seus aposentos. Espero que gostem deles.

— Tenho certeza de que será muito melhor do que o quartinho entulhado que ocupávamos no sótão da casa do vigário. — disse Mary — Depois da morte da Sra. Eleanor, ele resolveu fechar a casa onde ela nos abrigava. O vigário não perdia a ocasião de nos dizer que não prestávamos e ele não iria gastar dinheiro com mulheres como nós.

— O Sr. Plumberry fez uma maldade dessas?

As três moças balançaram a cabeça afirmativamente. Caroline sentiu uma raiva súbita.

— Ele vai pagar por isso. — murmurou por entre os dentes.

Mary subira com Alice e Evelyn ao último andar de Scrilady Hall, onde ficava a sala de aula, para ensiná-las a falar corretamente e para incentivá-las a cultivar o hábito de uma boa leitura.

Assim que as moças se afastaram, Caroline chamou Owen e mandou-o ir a Trevellas comprar uma pequena pistola e duas facas iguais à de Evelyn. Owen protestou.

— Elas não precisam de armas, Caroline. Você e eu restamos aqui para protegê-las.

— Não é por isso que eu acho melhor elas andarem armadas. Elas estão com muito medo, o que é natural depois do que os homens fizeram com elas. Se elas se sentirem mais seguras carregando uma faca ou uma pistola, por que não lhes dar uma dessas armas? A propósito, a segunda faca é para mim. Se eu carregasse a minha faca quando seu pai me seqüestrou, eu teria me defendido e talvez o esfaqueasse.

— Caroline, ele é meu pai.

— Eu sei. — Caroline suspirou — Lamento que você seja filho de um homem como Falkes. Depois decidiremos o que fazer com ele. Vá comprar as armas.

— Tem razão, Caroline, as moças devem andar armadas. Quem sabe elas atirarão em Bennett por engano. — disse Owen com os olhos brilhando.

— Bem pensado. Nesse caso, compre três pistolas. Por falar em Bennett, por onde ele anda?

— Foi a Goonbell. Deve estar bebendo até ficar inconsciente.

— O imprestável. Meu Deus, há tanta coisa para ser feita. Owen, vou lhe dar mais uma tarefa. Quero que você fale com o Sr. Peetree, administrador das minas. Preciso saber o que está acontecendo por lá. Pergunte a ele se está a par da inundação no veio David, que fica nas terras de North, bem próximo da nossa mina Kitty. Pode ser que haja problemas também nas nossas minas, seja na Kitty, no veio Daffel ou no veio Bealle. Enfim, informe-se sobre tudo. Pergunte qual a produção das minas, se os equipamentos estão em ordem.

Owen ficou nervoso.

— Eu não entendo nada de minas, Caroline. Não sei nem o que dizer ao Sr. Peetree. Meu pai sempre fez...

— Pare de choramingar e de agir como um imbecil, Owen. Você me salvou duas vezes, salvou North e já provou que é competente e esperto. Agora pode ir. Apresente-se ao Sr. Peetree, explique que você é meu sócio e como você nunca esteve em minas de estanho, quer aprender um pouco do assunto. Ah, não se esqueça de perguntar ao Sr. Peetree sobre os salários dos mineradores. Enfim, use o cérebro, Owen. Você é inteligente. Se tiver dificuldade para memorizar as informações, anote tudo o que o administrador lhe disser. Só mais uma coisa: seja humilde. Não queremos nos mostrar superiores a ninguém.

Owen afastou-se muito compenetrado. Caroline pôde ouvi-lo dizer enquanto caminhava:

— Sr. Peetree, o senhor poderia me informar qual é a produção anual das minas?...

Assim era Owen. Com o tempo, quem sabe, ele conseguiria vencer sua timidez e ganhar confiança em si mesmo. Ela meneou a cabeça e foi para o estábulo. Tinha de ir a Trevellas para encontrar uma costureira. As moças haviam chegado a Scrilady Hall somente com as roupas do corpo. Mary lhe contara que a esposa do vigário tinha

vendido todas as roupas que a Sra. Eleanor mandara fazer para elas. Depois de encontrar a costureira, Caroline continuou a refletir, iria falar com o Sr. Dumbarton, administrador das cinco fazendas Penrose para tomar conhecimento da situação em que as mesmas se encontravam.

Entrando no estábulo, ela esfregou o focinho de Reggie e deu-lhe uma cenoura. A égua tinha sido devolvida a dona e parecia feliz na sua nova casa, apesar da grande afeição que sentia por North. Robin selou o animal e ajudou Caroline a montar.

— Robbie, avise a Sra. Trebaw que estarei de volta daqui a duas horas, no máximo. E, se tiver sorte, trarei uma costureira.

— Pode deixar, darei o recado, Srta. Caroline. E...

— O que é Robbie?

— É sobre as moças grávidas... — Robin hesitou. Estava vermelho até a raiz dos cabelos. — Eu queria dizer para senhorita que se eu puder ajudar em alguma coisa, pode contar comigo.

— Sim, preciso de você. Quero que fique atento a tudo enquanto eu estiver fora. A moça mais nova está muito amedrontada. Seja gentil com ela.

Caroline tocou Reggie e quando se afastou um pouco de Scrilady Hall, olhou para trás e admirou o solar de tijolos cor de pêssego que brilhava ao sol do meio-dia.

Amava aquela construção sólida, mas harmoniosa, com suas cinco torres e quatro chaminés bem altas. Scrilady Hall era agora sua casa. Só faltavam ali algumas árvores e uns arbustos. Não podia se esquecer de falar com o jardineiro sobre isso. Ocorreu-lhe que poderia contratar uma mulher para cuidar do jardim. A idéia lhe agradou e ela sorriu. Seria interessante tornar Scrilady Hall uma casa de mulheres.

Subitamente lembrou-se de Honeymead e da Sra. Tailstrop. Iria pedir a North para mandar alguém tomar conta da propriedade. Ninguém melhor do que ele para saber o que devia ser feito. O fato de pensar em North em primeiro lugar não a surpreendeu. Ele estava sempre ali, na sua mente, quando não estava diante dela, talvez a beijando.

— Veja só, Reggie, começo a acreditar que North Nightingale já faz parte do meu cérebro. Não há uma coisa em que eu pense que não esteja, de um modo ou de outro, ligada a ele. E você, sua preguiçosa, também o adora, hein? Gostou do nome que ele lhe deu, não é mesmo? Reggie! Eu devia voltar a chamá-la de Petúnia.

Caroline pensou no jantar da véspera, em Scrilady Hall. Tinham se sentado à mesa North, ela e Owen. Bennett como sempre, tinha ido a Goonbell beber com os amigos.

Depois, da sobremesa, os três haviam conversado sobre o que fazer com Falkes.

— Fui ver seu pai esta tarde, Owen. — North dissera — Assim que ele me viu começou a praguejar. Me amaldiçoou, amaldiçoou meus antepassados, amaldiçoou

Caroline e todos os seus amigos. Quando se acalmou perguntei-lhe o que eu poderia fazer com ele, uma vez que ele tinha verdadeira obsessão por Caroline e não a deixaria em paz se fosse libertado. Ele me assegurou de que não existia mais obsessão nenhuma. Disse que já a havia perdido e perdera também o dinheiro dela.

— Você acreditou nele, North? — Caroline indagara.

— É claro que não acreditou, não é mesmo, North? — Owen estava curioso — Conheço meu pai. Ele é o homem mais ardiloso que pode existir. Esteja certo de que ele não desistiu de Caroline.

— Eu sei que não. Owen, quero que você vá a Londres para falar com o sócio de seu pai. Descubra qual é a situação financeira de Falkes. Já escrevi ao meu advogado para aguardar a chegada do Sr. Brogan. Os dois estão encarregados de tirar toda a herança de Caroline do controle de Falkes.

Owen concordara em fazer a viagem e logo depois deixara a sala.

Ficando a sós com North, Caroline dissera:

— Eu também conheço bem Falkes, sei que ele é um homem obstinado e precisa do meu dinheiro. Talvez eu deva me casar. Como você disse, North, se eu estiver casada, Falkes não tentará nada contra mim.

— Eu disse isso?

— Você aceita casar comigo?

Ele ficara olhando para Caroline, atônito, calado e imóvel.

— Eu serei muito rica, North.

Ele continuara em silêncio.

— Você acha que não sirvo para você?

Ele inclinara-se e a beijara. No instante seguinte ambos estavam abraçados, os lábios unidos num beijo longo, intempestivo, devorador.

— Não pare, North. — Caroline pedira com os lábios tocando os dele — Hum, como isto é bom.

— Bom? Apenas *bom*? — North tentara controlar-se, mas não conseguira resistir e quando dera por si suas mãos acariciavam todo o corpo de Caroline. Segurando-a pelas nádegas, ele a trouxera para junto dele. Ela ficara gelada ao sentir que ele estava excitado. Logo o choque desaparecera e ela passara a experimentar sensações indescritíveis. E queria mais.

— Não. — ele dissera, segurando os braços de Caroline e afastando-se dela — Não quero me casar com você. Tudo o que eu desejo é tocá-la, beijá-la, acariciá-la por inteiro. Quero sentir o gosto de sua pele, perceber que você estremece nas minhas mãos. Sim, eu quero tudo isso. Você é inocente e não faz idéia do que seja para um homem sentir desejo. É algo imperioso, forte... Droga, esqueça o que eu disse. Não vou



mais beijá-la. Por isso, não quero vê-la com os lábios entreabertos. E não me olhe desse jeito. Céus, mesmo as mulheres inocentes sabem instintivamente deixar um homem louco de desejo. Basta. Estou no meu limite.

Ele lançara a Caroline um olhar furioso, sacudira a cabeça e saíra da sala batendo a porta.

— Bem, parece que ele ficou zangado. — Caroline dissera a si mesma — Para um homem de poucas palavras, ele falou demais. Evidentemente, North Nightingale é um homem movido pela paixão. Isso é uma coisa muito boa, eu acho.

A noite, ela não conseguira dormir. Era como se North estivesse deitado na cama. Sentira o gosto dele e até o calor do seu corpo tocando o dela. Ah, e as coisas que ele tinha dito sobre desejo e paixão. Como dormir com aquelas palavras ecoando em seus ouvidos?

Caroline deixou os pensamentos de lado e fustigou Reggie. Uma pergunta não lhe saía da cabeça. Por que North tinha tanta aversão ao casamento? Seria essa aversão uma coisa comum nos homens da família

Nightingale? Mas o pai dele tinha se casado, bem como o avô e o bisavô. Nada disso fazia sentido! Onde estaria a mãe de North? Teria ela morrido quando ele nascera?

Caroline esquecera-se completamente de que o Dr. Treath prometera ir a Scrilady Hall examinar as moças grávidas.

— Então a Srta. Treath tomou chá com as três moças, Sra. Trebaw? — Caroline perguntou, surpresa, ao voltar para casa.

— Sim, Srta. Caroline. Depois que o Dr. Treath as examinou, Bess ficou aqui mais um pouco e foi extremamente simpática. Ela é muito discreta e não gosta de mexericos, se é que entende o que estou dizendo. Para ela não importa se os pacientes do irmão são humildes ou importantes. A Srta. Treath não torceu o nariz para nossas moças e as tratou com todo o respeito. Ela nunca se casou, mas parece muito feliz em continuar solteira, cuidando do irmão, principalmente depois que a esposa dele faleceu, ainda jovem.

— Eu não sabia que o Dr. Treath era viúvo.

— Sim, ele se casou. A esposa dele era muito jovem e simpática. Morreu ao dar à luz, nem um ano depois do casamento. Para a senhorita ver, ninguém sabe, quanto tempo terá de vida. Não há garantia nenhuma de que nossa vida será boa ou má, nem mesmo se irá continuar.

— A senhora tem razão.

— Não devemos nos preocupar com o futuro. Era isso que eu sempre dizia ao Sr. Trebaw, meu marido. Ele era um homem bom, mas pensava demais, vivia preocupado em vez de fazer alguma coisa útil. Foi levado desta vida sete anos atrás.



— Sinto muito, Sra. Trebaw.

— Já faz muito tempo. Mas lembre-se de minhas palavras: não perca tempo preocupada com o futuro. A vida é mais incerta do que um copo de leite que fica no peitoril da janela, exposto ao sol numa tarde quente.

— A senhora está certa.

— Eu disse a mesma coisa para a sua tia Eleanor, logo depois que ela decidiu se casar com o Dr. Treath. Pobre e querida senhora.

Caroline ficou muito surpresa.

— O Dr. Treath nunca me disse que ia se casar com tia Ellie.

— Suponho que ele não chegou a fazer o pedido de casamento. Não houve chance. Mas ele ia se casar com ela, tenho certeza disso. Pobre senhora, tão cheia de vida. Nunca se importava se o dia amanhecia ensolarado ou chuvoso. Estava sempre feliz.

Evidentemente emocionada, a Sra. Trebaw foi para fora, chamar Dumpling, a moça que ajudava na cozinha. Caroline subiu até o terceiro andar. Reservara um dos amplos cômodos para a Sra. Wiggihis, a costureira vinda de Trevellas, contratada para confeccionar roupas para as três moças grávidas. Era uma senhora agradável, com seios grandes e sem gosto nenhum. Felizmente, Mary tinha um gosto finíssimo e encarregou-se da escolha dos tecidos e de desenhar os modelos dos trajes. No momento, a Sra. Wiggins tirava as medidas das moças enquanto Mary começava a traçar um modelo para Evelyn e tentava convencer a moça, de gosto exuberante, a fazer um vestido mais discreto.

Satisfeita com o andamento do trabalho, Caroline desceu para o andar térreo, onde deu de encontro com Bennet Penrose.

— Bom dia, primo. — cumprimentou-o.

— Quero falar com você, Caroline.

— Ótimo. Eu também quero falar com você. Vamos até o escritório.

Muito a contragosto, ele acompanhou-a. Detestava conversar com Caroline, estando ela sentada atrás daquela escrivania, encarando-o.

— Agora que as nossas moças chegaram, Bennett, você deve ser educado com todas elas. — disse Caroline sem preâmbulos — Tenha cuidado para não assustá-las, particularmente Alice. Ela é muito jovem e tem medo de homens.

— Se ela tem medo de homens, por que ergueu a saia para um deles?

— Bennett, Alice tem catorze anos e foi violentada por três homens que provavelmente estavam bêbados. — Caroline armou-se de paciência — Ela é uma criança. Tenha muito cuidado quando ela estiver por perto. — Bennett fez um ar de desdém e deu de ombros. Caroline quis esmurrá-lo, mas apenas observou: — Scrilady Hall é o abrigo dessas moças. E sua nova casa. Aqui elas estão seguras, livres de

aborrecimentos e ameaças. Você entendeu?

Bennett deu de ombros novamente.

— Bennett, se você quiser, pode ir embora daqui.

— Para onde irei? Você me dará dinheiro para eu *ir* embora? Não pense que vou desistir da parte a que tenho direito. Mas se *você* me der uma boa quantia, aí, sim, irei embora muito feliz.

Era uma idéia excelente, Caroline reconheceu. Mas sabia que a intenção de tia Ellie era tornar Bennett um homem de caráter, o que talvez fosse impossível. Porém, a vontade da tia devia ser respeitada.

— Não, Bennett. Por que você não trabalha? Você não é tolo, só é preguiçoso.

— Sou um cavalheiro. Tenho berço.

— Quer dizer que fugir do trabalho, viver mal-humorado e beber até cair, são atitudes de um cavalheiro? Tenho certeza de que essa não é a opinião de North.

— North tem dinheiro, eu não tenho nenhum.

— Ele não tinha dinheiro até herdar o título. Esteve no Exército desde os dezesseis anos, fazendo alguma coisa útil, ganhando para se manter.

— Napoleão já era, Caroline. Não há mais motivo para eu entrar para o Exército. Além disso, eu precisaria ter uma patente de oficial. Você me daria setecentas ou oitocentas libras para conseguir uma?

Caroline suspirou.

— Afinal, o que você quer, Bennett?

Ele levantou-se, foi até a janela e olhou para o jardim. Depois virou-se para Caroline.

— Quero me casar com uma herdeira.

Bem, já era alguma coisa, Caroline pensou.

— E o que você pretende fazer para conquistar uma herdeira?

— É claro que não encontrarei herdeira nenhuma nesta área desolada. Quero ir a Londres onde há filhas de cidadãos ricos. Sou bem-nascido, pertencço a uma ótima família, embora não tenha título de nobreza. Só preciso de capital. Se eu tiver dinheiro, garanto que em seis meses estarei casado com uma herdeira.

— Então você quer que eu lhe empreste o dinheiro? Seria um investimento para a sua caçada?

— Isso mesmo. Se você me der cinco mil libras eu lhe devolverei esse dinheiro e mais dez por cento. Até lá, talvez você decida comprar a parte que tenho aqui em Scrilady Hall. Deus sabe que a última coisa que eu quero na vida é tomar conta dessas vadias grávidas. E então? Não é uma proposta razoável?

Caroline não soube o que dizer, o que era estranho. Normalmente as palavras saíam com grande facilidade de sua boca. Olhou para Bennett perguntando a si mesma que tipo de homem era ele. Respondeu pouco depois:

— Vou pensar no assunto. Enquanto isso, procure fazer alguma coisa útil aqui na propriedade.

— Fazer o quê? Encontrar-me com aqueles arrendatários tolos? Ser obrigado a ouvi-los reclamar das péssimas colheitas por causa do excesso de chuva? Você quer que eu me sente com o Sr. Dumbarton e reclame com ele por ter você como patroa e não um homem? Quer que eu cuide dos livros de contabilidade ou que eu gaste meu tempo nas minas de estanho, lambendo as botas do Sr. Peetree como faz Owen? Vi Owen andando pela mina Kitty com o administrador, ouvindo atento as explicações daquele idiota.

— Se você se casar com uma herdeira, Bennett, terá de trabalhar, claro. Caso a sua esposa seja herdeira de uma grande propriedade, caberá a você manter essa propriedade funcionando bem para ser produtiva. Se a sua esposa pertencer a uma família de banqueiros, você, forçosamente, terá de entender do assunto para trabalhar no banco do qual você também será dono.

— Posso contratar um administrador ou um gerente. — Bennett argumentou, encolhendo os ombros — Eu lhe disse, Caroline, sou um *gentleman*, e um *gentleman* não trabalha.

Caroline levantou-se e olhou bem para o petulante rapaz.

— Bennett, você é um imbecil. Mas vou pensar na sua proposta, embora eu não ache certo dar-lhe dinheiro para você iludir uma pobre moça.

— Nesse caso você nunca ficará livre de mim, Caroline. Esta casa é tão sua quanto minha. E há aqui três vadias grávidas. Depois que elas tiverem seus bebês, eu posso me divertir com elas. Talvez não fique tão entediado neste lugar miserável. — disse ele e caminhou para a porta assobiando como se não tivesse nenhuma preocupação neste mundo.

Droga. Ele tinha razão. O que ela iria fazer?



— O que foi, Caroline? Parece até que você quer atirar em alguém.

Caroline estava andando de um lado para o outro na sala de visitas de Mount Hawke, ainda furiosa.

— É Bennett.

North levantou-se imediatamente, alarmado.

— Aquele bastardozinho insultou-a?

Caroline parou de andar. Então North se importava com ela? Ele ficara indignado só de pensar que Bennett a insultara. Ela deu um lindo sorriso, o que fez North arrepender-se de ter dito alguma coisa.

— Não, Bennett não me insultou. Ele quer cinco mil libras para ir a Londres conquistar uma herdeira. Se ele se casar, quer que eu compre a parte que ele tem em Scrilady Hall, o que seria muito dinheiro.

— Isso não é tudo, Caroline. Se fosse apenas questão de dinheiro você não ficaria assim. Vamos, o que aconteceu, realmente?

— Bennett me disse que se eu não lhe desse o dinheiro ele continuaria em Scrilady Hall para divertir-se com as moças grávidas depois que elas tivessem os bebês.

— O que você quer que eu faça com ele?

— North, isto não é problema seu. Perdoe-me aborrecê-lo. Mas eu montei Reggie e ela veio até aqui sem que eu lhe dissesse para onde queria ir. O que você fez com minha égua, além de mudar-lhe o nome? Ela é louca por você. Chega a ser irritante. Eu a alimentei e a amei desde que ela nasceu, mas toda a sua afeição é para você que estive com ela apenas alguns dias.

— Você deve dar Reggie para mim.

— Não posso. Por que Treetop não se afeioou a mim? Tratei-o tão bem, cantei para ele. Mas assim que ele viu você, foi ao seu encontro correndo. Não é justo.

— Devo ser mágico.

— Deve ser. — Caroline suspirou — Ah, North, deixe eu lhe contar. Coombe quase caiu morto ao abrir a porta e me ver parada à sua frente. Eu batia nervosamente o chicote na minha bota como se estivesse batendo nas costas de Bennett.

— Posso imaginar a cena. — disse North — Bem, Caroline, o que você quer?

— Quero abraçá-lo, North. Quero que você me abrace. Depois, pode me beijar, se sentir vontade.

Ele estremeceu, cerrou os punhos, mas não se mexeu.

— Vá embora, Caroline. Estou ocupado e não tenho tempo para esse tipo de coisa. Posso matar Bennett, se você quiser. Se não for isso, vá embora. Não estou interessado em você.

— Não vou, não. — ela replicou.

Foi ao encontro de North, lembrando-se das palavras da Sra. Trebaw. A vida era tão incerta, por que se preocupar com o amanhã?

North estava rígido e imóvel como um poste. Caroline aproximou-se e deu-lhe um beijo nos lábios. Passou muito suavemente a mão no rosto dele.

— Você é tão lindo. Por favor, me beije.

— Droga, não sou lindo. Os homens são grandes, desajeitados e...

No instante seguinte ela estava nos braços dele, e ambos se beijavam como loucos. North segurou-a pelas nádegas e ergueu-a para ficarem bem unidos. Ele respirava com dificuldade, mas continuou a beijá-la, a acariciá-la e queria simplesmente gritar de prazer.

— Milorde.

North não ouviu Coombe chamá-lo. Queria levantar a saia de montaria de Caroline, passar a mão em suas coxas, queria despi-la, deitá-la...

— Milorde!

— Que inferno! — ele murmurou, os lábios encostados nos de Caroline, relutando em separar-se dela.

Ainda tremia de desejo. Deus, como queria continuar a beijá-la, a tocá-la, Queria possuí-la na sala...

— Milorde, isto é mais do que impróprio! É inaceitável. O senhor precisa controlar-se e afastar-se dessa pessoa feminina. Temos visitantes. O senhor não pode ignorá-los.

North respirou fundo algumas vezes. Olhou para Caroline que estava parada à sua frente com uma expressão que o deixou assustado. Viu nos olhos verdes tanta confiança, tanta expectativa, tanta fé e inocência, que ele sentiu que não podia abandoná-la. Ela precisava dele.

— Caroline, sinto muito. Fique quietinha por um instante. Está bem?

Ela balançou a cabeça. North voltou-se para Coombe.

— Saia imediatamente e feche a porta. Que visitantes?

— Sir Rafael e lady Victoria Carstairs, milorde.

North praguejou.

— Diga a eles que não me demoro. Convide-os para ficar para o almoço e leve-os para a sala.

— Sim, milorde.

— Saia, Coombe. Agora!

— Sim, milorde.

North esperou que o mordomo saísse, foi até a porta e trancou-a. Voltou para junto de Caroline, a jovem que o fazia sentir coisas que ele jamais imaginara ser possível. Ela continuava de pé, com os braços caídos, os lábios ligeiramente entreabertos. Ele desejou abraçá-la, mantê-la aconchegada junto do peito e beijá-la nos lábios, no pescoço, nos seios. Ela usava um chapéu verde com uma pluma verde-

escura que combinava com seus olhos. Caracóis dos cabelos castanhos emolduravam-lhe o rosto e cachos mais longos caíam ao redor do pescoço. Ela parecia embriagada. Ele perguntou a si mesmo se também estaria com aquela expressão. Deus, não podia mais ter aquela mulher perto dele.

— Caroline, sinto muito...

— Pare de dizer a mesma coisa, North. Não precisa se desculpar. Eu quis que você me abraçasse e me beijasse.

— Você não tem um pinga de juízo. Uma virgem deve gritar e por as mãos sobre o peito se um homem aproximar-se dela. Deve esbofetear-lo se ele tentar tomar liberdades... Mas você me agarrou, gemeu e parecia que ia morrer se eu deixasse de beijá-la... Ah, dane-se , tudo o mais. Você é maluca. Gostaria de ficar e almoçar conosco?

— Quanta gentileza sua me convidar para almoçar.

— Eu não queria fazer isso. — North ofereceu-lhe o braço — Não tive escolha. Se eu a mandasse embora sem apresentá-la a Rafael e à esposa eles iriam pensar que você era minha amante. Além disso, eles também são seus vizinhos e você deve conhecê-los.

Caroline deixou Mount Hawke no meio da tarde. Tinha chovido um pouco, mas a chuva havia passado e o sol começava a aparecer entre as nuvens. Ela montou Reggie e foi para o promontório St. Agnes. Desmontou, caminhou até a beirada dos rochedos e ficou por um momento olhando para as ondas que se quebravam contra as rochas negras.

— Quem fez isso com você, tia Ellie?

Reggie relinchou. Havia ali perto uma trilha estreita que levava até uma praia extensa, em forma de meia-lua, e Caroline desceu por ela com cuidado. Em dez minutos estava andando pela areia molhada, escura e coberta de detritos, pedaços de madeira e conchas, trazidos pela maré. Ela sentou-se numa grande rocha, dobrou os joelhos, abraçou as pernas e ficou observando as rochas ao redor que pareciam ser de xisto e arenito, o que explicava a severa erosão que tinham sofrido no decorrer do tempo. Observou também o movimento das ondas e deduziu que na maré alta a água do mar devia chegar até os rochedos.

Ela não queria pensar na vida nem se preocupar com o futuro. Mas também não queria que a vida simplesmente acontecesse. Não queria ser como o marido da Sra. Trebaw que nada fizera de importante.

Queria ser responsável por sua existência, queria tomar decisões, queria ser a dona do seu destino. Não iria permitir que a vida a levasse para um rumo indesejado. Mas havia North, o homem que ela desejava de todo coração, e ele, ao que tudo indicava, sentia por ela apenas luxúria e indiferença. North não gostava dela. Caroline suspirou. Distraiu-se olhando um caranguejo que andava de um lado para o outro até se



enterrar na areia. O que ela iria fazer? Como forçar North a concordar em torná-la a mulher mais feliz da face da Terra?

— Caroline! Não agüento mais isto! Você quase me matou de susto.

Caroline levantou-se depressa com o coração aos saltos. Se North estava ali, preocupado com ela, não lhe era de todo indiferente.

— Oh, olá, North. Lamento se o deixei assustado. — ela presenteou-o com um sorriso radioso — Desci até a praia porque precisava refletir. E você, por que veio até aqui?

Ele deu de ombros.

— Montei Treetop para ir até as minas. Passei por aqui e quando vi Reggie e não vi você, a primeira coisa que me ocorreu foi que você tinha caído do alto do rochedo. Nunca mais me faça passar por um susto destes!

O sorriso dela alargou-se.

— Não farei. Prometo.

— Trate de cumprir o prometido senão a estrangulo.

— Está bem. — ela assentiu, ainda sorrindo.

— Pare com isso, Caroline.

Ela olhou para o mar.

— Gostei dos Carstairs. Lady Victoria não é uma mulher comum. É muito bonita, simpática e encantadora. O marido a adora. Sir Rafael é quase tão bonito quanto você. Eu disse *quase*.

— Lady Victoria está grávida.

— É mesmo? Como você sabe disso? Ela está tão magra.

— Você que é mulher, não percebeu que ela estava grávida?

— Não. E você, sendo homem, como pode perceber isso?

Ele respondeu com arrogância masculina:

— Olhei para ela e notei aquele brilho no rosto, a pele bonita. E Rafael estava sempre tão cuidadoso quando tocava na esposa.

— Nossa, eu não fazia idéia de que você era tão observador. Eu não precisava conversar com o Dr. Treath para examinar as moças de Scrilady Hall. Bastaria você olhar para elas para dizer tudo sobre o estado delas. Estou impressionada.

— Já vi que você não acredita em mim. Bem, esqueça. Disse que veio aqui para refletir. Estava pensando em sua tia?

— Não. Eu pensava em você e em como você mudou a minha vida.

North ficou rígido.

— Pare com isso, Caroline. Não quero que você pense em mim.

— Por que não?

— Porque eu simplesmente não estou interessado em você.

Era uma mentira tão deslavada, que Caroline olhou atentamente para North, estudando-o.

— Não me olhe desse jeito. Você me obriga a ser rude. Eu já lhe disse que sinto apenas desejo por você. Não a amo. Vocês, mulheres, querem que um homem as cerquem dessa tolice sentimental, querem que eles as lisonjeiem, que lhes ofereçam rosas, que sejam românticos, que falem em amor espiritual, essas coisas.

— Se é assim, por que você veio me procurar? Está precisando aplacar o seu desejo?

— Eu já disse que ia ver as minas. Você sabe que estou com problemas no veio David. Em compensação o veio Malcom está funcionando muito bem e pretendo empregar muitos homens na mineração. Há tanta coisa que preciso aprender.

— Eu também, mas por enquanto estou sem tempo. E Owen quem tem procurado o Sr. Peetree, meu administrador, para aprender como as minas funcionam.

— Ótimo! Deixe Owen lidar com os mineiros. Esse tipo de trabalho não é para mulheres.

— Por que não?

— Os mineiros são rudes, brutos, estão acostumados ao perigo. O perigo faz parte da vida deles. As mulheres são delicadas demais. Além disso, uma mulher bonita pode distrair aqueles mineiros e provocar um acidente. Você é linda, Caroline. É uma tentação para qualquer homem.

— Você me acha linda?

— Chega, Caroline. Quero saber quais as minas que lhe pertencem, além da Kitty.

— O veio Daffel e o veio Bialle.

— De acordo com Rafael eles produzem bem, o veio Kitty é o melhor de toda esta região. Rafael também conhece o Sr. Peetree e disse que ele é um administrador competente e de inteira confiança.

— E uma ótima notícia. Vou dizer isso a Owen.

— Por falar em Owen, não há mais necessidade de ele ir a Londres.

— Como você sabe disso?

— Owen visitou o pai esta manhã e eles conversaram durante muito tempo. Falkes foi franco. Disse que não vai desistir de você porque precisa muito de dinheiro e você é sua única salvação. Ele jurou que irá raptá-la novamente e desta vez será bem-sucedido.

Caroline praguejou alto.

North olhou para ela, surpreso, e deu uma boa risada.

— Ora, North, vejo que você não é melancólico nem sombrio. Sua risada é muito agradável. Quero ouvi-lo rir mais vezes.

— Não costumo ser risonho, mas admito que você me faz rir. Meu amigo Marcus Wyndham referia-se a mim como sendo nostálgico, sombrio e perigoso. As primas dele, Antonia e Fanny me consideravam romântico.

— Sombrio, perigoso, romântico, hum? Eu acrescentaria que você tem magnetismo e mistério, outras características do herói byroniano.

North sentiu as botas molhadas e deu a mão para Caroline.

— Hora de nos retirarmos.

Os dois foram para o fundo da praia, junto dos rochedos.

— North, voltando ao assunto de Falkes, o que iremos fazer com ele?

— Acho que você deve se casar com alguém.

— Com alguém? Por que não com você?

— Não estou disponível.

Caroline afastou-se dele e começou a subir a trilha, de volta para o alto dos rochedos. Olhou por sobre o ombro e disse:

— Muito bem. Então, vou me casar com Owen. Assim Falkes terá o meu dinheiro sem que haja tragédia nenhuma.

— Owen? Você perdeu o pouco juízo que Deus lhe deu, Caroline? Owen não passa de um garoto. Você é uma tirana e o matará em pouco tempo. O pobre Owen escapou do domínio do pai e ficará sob o seu jugo. E tem mais: gosto muito dele e acho que ele não merece casar com uma mulher tão dominadora.

— Bom... Então me caso com Bennett. Ele é muito bonito, pelo menos externamente, tem vinte e oito anos, portanto, não é nenhum garoto. E precisa de uma herdeira. Se Falkes atirar nele para me deixar viúva, eu não lamentarei perder o marido. O que você acha, North?

— Vá para o inferno, Caroline. — North alcançou-a, puxou-a pelo braço e chacalhou-a.

Caroline deixou que ele a sacudisse à vontade.

Subitamente ele parou e beijou-a com urgência, apertando-a contra o peito. Ela soube com a maior certeza de que North tinha sido feito para ela. Haveria uma ligação espiritual entre eles? Entreabriu os lábios e sentiu um gosto doce de vinho.

Nesse momento as nuvens se afastaram e o sol brilhou mais forte sobre eles. Para Caroline era estranho sentir o calor externo e o fogo que havia dentro dela.

Queria que North não parasse de beijá-la e estava disposta a entregar-se a ele sem se preocupar com o que aconteceria no instante seguinte, no outro dia ou na próxima semana. North precisava entender que o amor dela era desinteressado e que ela tinha tanto a lhe oferecer.

Ah, ela lhe daria risos e alegria e certamente não havia nada mais sedutor do que o riso e a alegria.

Contudo, ele se afastou e olhou para ela como se a odiasse.

— North?

— Ouça, Caroline, se eu não parasse, acabaria deitando você na areia. Você não quer que eu tire sua virgindade numa praia molhada, quer?

— O lugar não importa. Faça o que tem de fazer, North.

Ele ficou olhando para ela, parecendo confuso, depois argumentou:

— Fazer amor na praia não é agradável. Quando eu tinha quinze anos deitei-me na areia com uma garota. Foi muito constrangedor. Senti coceira nas partes íntimas durante uma semana.

Caroline não se conteve e riu.

— North, você é maravilhoso. Não me importo se você fizer amor comigo aqui ou em qualquer outro lugar. Eu quero você. Quero que você me ensine tudo. Que me mostre como devo fazer para lhe dar prazer, alegria e para excitá-lo.

— Se eu tiver um pouco mais de excitação, explodirei. — ele respondeu com humor.

Ela inclinou a cabeça com expressão interrogativa.

— Caroline, não me olhe desse jeito. Os homens não são complicados em matéria de sexo. E agora, me diga, Srta. Derwent-Jones, o que faço com você?

— Case-se comigo.

North passou nervosamente a mão pelos cabelos.

— Não pensei em me casar tão cedo. Fiz vinte e cinco anos há quatro meses. Um homem deve se casar aos trinta e cinco ou mais, para ter um herdeiro.

— É claro que você deve pensar em um herdeiro. Mas há outras coisas no casamento que dão prazer e alegria. Talvez você deva considerar que se casando comigo seremos felizes, iremos rir juntos, teremos a companhia um do outro, conversaremos sobre assuntos agradáveis...

— Você brigará comigo, sem dúvida.

— Certamente. É tudo parte da vida. Mas não serei uma esposa tirana.

— Desde quando você entende das coisas da vida?

— Fiquei muitos anos sozinha e, para ser honesta, eu não entendia nada da vida.

Deixava apenas o tempo passar. Mas agora eu tenho tudo o que alguém poderia desejar, inclusive tenho um homem como você. A vida que se apresenta para mim é completamente nova e a encaro como um desafio. Cresci muito na noite em que Falkes tentou me violentar. Saí de Honeymead, tive de tomar decisões sozinha... Então o conheci e compreendi que você é o homem que eu amo e com quem desejo passar o resto da vida. Sou uma boa pessoa, North. Juro que tentarei não desapontá-lo. Não o perturbarei se você quiser ficar só. Não exigirei que você me diga coisas românticas ou que me lisonjeie. Não serei sentimental.

— Caroline, talvez você esteja confusa, em relação aos seus sentimentos. Se quer que eu a proteja de Falkes, não há necessidade de nos casarmos. Posso matar aquele sujeito.

— Não é isso. Quero me casar com você porque o amo e porque você é o homem mais maravilhoso do mundo. Quero sentir durante os próximos cinquenta anos de minha vida essa luxúria de que você fala.

— E se eu estiver mal-humorado e resolver ir para a charneca com meus cães?

— Se isso acontecer eu direi a Polgrain para preparar-lhe um bom lanche e o acompanharei até a porta para me despedir. Quando você voltar estarei sorridente, lhe darei muitos beijos.

— Estou acostumado a ficar sozinho e gosto da minha vida de homem solitário. Tenho pouquíssimos amigos. Não sou de fazer amizades nem procuro companhia, principalmente à companhia de mulheres, isto é de mulheres respeitáveis.

— Isto não é verdade. Você tem sido maravilhoso comigo. Você me faz rir, me faz desejar tocá-lo, beijá-lo...

Ela parou de falar, ficou na ponta dos pés e beijou North na boca. Ele tomou-a nos braços e ambos continuaram se beijando até ficarem sem ar.

— Está vendo? Eu sou a mulher perfeita para você. — disse Caroline, com os lábios tocando os de North — Pare de se preocupar. Eu sou o seu destino. Faça amor comigo porque eu quero ser sua.

## *Capítulo IV*

North ajoelhou-se diante de Caroline.

— Se você quer ser minha, veja se aceita isto. Espero não deixá-la escandalizada. — disse ele, erguendo a ampla saia de montaria e as anáguas de Caroline — Segure-as e separe as pernas.

Ela obedeceu-lhe, embora achasse aquilo estranho.

— North, você quer mesmo ficar olhando para mim desse jeito? É muito constrangedor. Ninguém olhou para a minha cintura antes.

— Não estou olhando para a sua cintura e, sim, para o lugar onde vou acariciá-la e beijá-la. Por Deus, como você é linda!

— Mas...

Assim que North tocou-a intimamente e beijou-a. Ela ficou gelada, estremeceu, os joelhos fraquejaram e teve a sensação de que iria desmaiar. North segurou-a, deitou-a na areia e curvou-se sobre ela.

— Você é adorável. — disse ele e beijou-a, desta vez na boca.

Em seguida levantou-se e continuou a admirá-la.

— Inúmeras vezes a imaginei assim como você está, deitada, com a roupa erguida. Mas você é muito mais linda na realidade do que na minha mente. Gosto dessas meias brancas e das botas pretas. Acrescenta mistério à cena. É erotismo. — ele estendeu a mão — Levante-se, vamos para casa.

Ao tocar não mão dela North sentiu-a gelada e trêmula. Caroline ficou de pé, ajeitando as roupas no mais absoluto silêncio.

— Meu Deus, você está envergonhada e muda! — ele exclamou, rindo — Finalmente eu a vejo de boca fechada.

Caroline deu-lhe um murro no estômago. Ele continuou rindo, esfregou o abdômen, depois ficou sério.

— Vamos nos casar na sexta-feira da próxima semana, está bem? É tempo suficiente para você se preparar?

— Na sexta, não. Prefiro na quarta-feira.

— Você não podia deixar de contestar, não é mesmo? Quer ter a última palavra. — disse ele em tom provocativo — Mas gosto disso. Então nos casaremos na quinta. Tenho de falar com o bispo para conseguir uma licença especial. A não ser que você queira esperar pela leitura dos proclamas.

— Isso demora?

— Quatro semanas. É tempo demais. Quero tê-la nua na minha frente para acariciá-la de novo. Você erguerá as roupas para mim?

— North!

— Como é bom superá-la verbalmente. Eu gostava de ficar sentado, refletindo, em silêncio, ou observando os outros conversando, rindo e fazendo pilhérias. Mas



agora, com você, acho muito agradável deixá-la vermelha, encabulada e reclamando sempre que consigo escandalizá-la. — ele deu um tapinha afetuoso no rosto de Caroline — Venha, temos muito que fazer. Ande com cuidado, não é fácil subir por está trilha.



North estava na biblioteca tendo à sua frente Coombe, Tregeagle e Polgrain.

— O que está acontecendo com vocês? Vou me casar com Caroline Derwent-Jones. Ela será lady Chilton, a dona desta casa. Vocês a conhecem e sabem que ela não quer se casar comigo por interesse.

— Sim, nós a conhecemos e não a consideramos interesseira, milorde. — Tregeagle entregou a North um livro fino de capa vermelha — Por favor, milorde, leia isto. É importante.

— Que livro é este?

— Já fazíamos idéia do que o senhor iria nos dizer quando nos chamou aqui. Por isso viemos preparados. Este livro contém os escritos de seu bisavô, seu avô e de seu pai, milorde.

— Não bastou o que eles escreveram sobre o rei Mark? Há aqui mais histórias de traição? Vocês acreditam que depois de ler este diário eu passarei a odiar as mulheres, seus lunáticos? O que meu pai, meu avô e bisavô fizeram não pode ser mudado, mas eu não tenho nada a ver com eles. Agora, saiam daqui! Caroline e eu nos casaremos na semana que vem e se houver uma alusão que seja à cabeça de sardinha, os três sentirão na barriga o aço frio da minha baioneta.

— Por favor, milorde, ouça-nos. Mulher nenhuma morou em Mount Hawke desde o tempo de seu bisavô. — Coombe argumentou.

— Da semana que vem em diante, haverá em Mount Hawke a nova lady Chilton. Saiam. Os três.

Coombe, Tregeagle e Polgrain dirigiram-se para porta. Antes de sair, Tregeagle virou-se.

— Leia o livro, milorde. É tudo verdade.

— Está bem, mas não pense que mudarei de idéia.

— O senhor não devia ter saído daqui aos dezesseis anos. Estando longe de casa não ficou sabendo a verdade. Por isso não compreende...

— Se você tivesse um pai como o meu, Tregeagle, também iria embora de sua casa. Por favor, saia.

— Sim, milorde. Mas lembre-se de que nós só queremos protegê-lo,

proporcionar-lhe conforto, privacidade e vê-lo feliz.

— Saia, seu idiota!

— Sim, milorde.



— Três semanas antes de Eleanor Penrose ser assassinada, Bennett Penrose esteve em Goonbell em atitude muito suspeita. Foi visto rondando à propriedade Penrose e usando o nome de Bennett York. — informou Flash Savory — O que o senhor acha disso, milorde?

— Bem, se ele já estava planejando matar Eleanor, era porque não sabia da existência de Caroline e considerava-se o único herdeiro da fortuna Penrose. — concluiu North.

— Ou, se soubesse que Eleanor Penrose tinha uma sobrinha, por certo acreditava que ninguém deixaria tanto dinheiro para uma garota.

— Se foi o que aconteceu, Caroline pode estar em perigo, mas não por muito tempo. Quando nos casarmos todo o dinheiro pertencerá a mim. — North recostou-se na cadeira e fechou os olhos por um instante — Resta Falkes. Não quero esse homem em Mount Hawke depois que eu me casar.

— Mande-o embora, milorde. Mas não deixe de lembrá-lo que se ele fizer alguma coisa contra o senhor, irá para a forca.

— Creio que ele não nos perturbará. E você continue com as investigações. Precisamos de evidências. Nem a faca usada pelo assassino foi encontrada. Segundo informação do Dr. Treath, era uma faca simples, de cozinha, não era uma faca de pescador ou de caçador.

— Tenho mais uma coisa para lhe dizer, milorde. Conversei com a Sra. Freely que sabe de tudo o que acontece nas redondezas. Segundo ela, a Sra. Penrose não foi a única mulher a morrer em misteriosas circunstâncias. Três anos atrás, Elizabeth Godolphin, viúva de um comerciante que morava perto de Perranporth, também foi esfaqueada nas costas. Ela não era rica como a Sra. Penrose, mas tinha suas economias.

— Há outras semelhanças com o caso de Eleanor Penrose?

— A Sra. Freely lembrou-se de que a Sra. Godolphin às vezes era vista na companhia de um cavalheiro. Apenas isso.

— Muito bem. Alguma coisa mais?

— Pretendo ir a Scrilady Hall esta noite para revistar o quarto de Bennett,

enquanto ele estiver em Goonbell. — Flash respondeu — Voltarei a procurá-lo, milorde, assim que tiver novidades.

— Precisamos de evidências, Flash, evidências.



À uma da manhã, North estava sentado na cama, recostado nos travesseiros, tendo na mão o livro de capa vermelha. Não podia acreditar no que acabara de ler. Estava atônito. Ele viera para Mount Hawke aos cinco anos de idade e, sempre que perguntava pela mãe, o pai respondia que ela era uma ordinária e estava morta. Ele era muito novo para entender aquelas palavras, mas gravara a raiva e a amargura impressas na voz do pai ao falar sobre a esposa. Meneou a cabeça e fechou os olhos. As palavras escritas pelo pai queimavam em sua cabeça.

*Os homens Nightingale não sofrem como os outros homens porque compreendem que são diferentes. Eu não acreditava em meu pai nem em suas palavras, mas agora acredito. Pelos deuses, eles estavam certos. Pelo menos tenho um filho para continuar a linhagem Nightingale, o próximo visconde Chilton, e aquela prostituta miserável foi embora. Educarei North e pedirei a Deus que ele siga meus ensinamentos e acredite em mim. Não há necessidade de ele passar pelo que passei. Quero evitar que ele sofra. Assim que ele tiver seu herdeiro, deverá livrar-se da vadia que serviu apenas para carregar no ventre o próximo Nightingale. Então meu filho ficará livre. Ele não sofrerá nem por um momento, não conhecerá a angústia que meu avô, meu pai e eu conhecemos. North acreditará em mim.*

Aquelas palavras tinham sido escritas quando North estava com cinco anos de idade. Ele tentou desesperadamente lembrar-se daquele tempo, mas só lhe vinham à mente gritos, queixumes e choro. Uma mulher chorava. Seria sua mãe? Ele não sabia. Então o trouxeram para Mount Hawke e lhe disseram que a mãe estava morta. Ali ele conhecera ano após ano, sofrimento, ódio, tristeza, desprezo. O que teria acontecido?

North folheou as páginas onde o avô e o bisavô tinham escrito, mas não as leu. Bastava-lhe ter lido as escritas pelo pai.

Estava horrorizado.

— Milorde.

— Sim, Tregedagle, o que é?

— O senhor leu o livro que lhe dei ontem?

North deixou de lado a pena com a qual escrevia a notícia do seu casamento com

a Srta. Derwent-Jones, para ser publicada na *Gazette* e no *Times*.

— Li a parte escrita por meu pai. Nada daquilo foi novidade para mim. Tive a sensação de ouvir meu pai gritando, falando mal das mulheres, sentindo pena de si mesmo, afogando as mágoas em conhaque. Meu pai piorou tendo recebido a influência de meu avô. Lembro-me de que os dois eram inclementes, cruéis, sádicos, odiavam todo mundo e, obviamente, perderam o pouco juízo que tinham.

— Ele era seu pai, milorde!

— Era um velho sujo e lunático, Tregeagle! Como eu o desprezava. Agora, chega. Dentro de quatro dias haverá em Mount Hawke uma viscondessa Chilton. A primeira em quantos anos? Você pode me dizer? Pode me dizer também por que minha mãe não morou aqui, tendo sido casada com meu pai? E claro que você não tem respostas para essas perguntas, uma vez que você era sabujo de meu pai. Bem, minha esposa não ficará escondida em Londres como se fosse uma amante, nem a mandarei para uma de minhas propriedades. Esta casa é a minha e será dela também. Se você e os outros criados não aceitarem isso, podem ir embora.

— Permaneceremos aqui para protegê-lo e para servi-lo, milorde.

North suspirou.

— Eu não devia ter falado assim, Tregeagle. Contudo, não quero mais ouvir uma palavra sobre este assunto. Pode sair.

Ficando sozinho, North terminou o que estava escrevendo e pensou em Caroline. Iria protegê-la, seria um marido devotado e teria Caroline na cama sempre que desejasse, e isso era sem dúvida, algo maravilhoso. Ela era adorável e parecia ansiosa para conhecer os mistérios do amor e do sexo.

Naquele momento ele compreendeu que seu desejo de solidão vinha de muito tempo atrás e tinha como origem a amargura contínua do pai, a raiva incontida que o velho visconde nutria por tudo e por todos, a sua falta de confiança nas pessoas, em geral, e nas mulheres, em particular. Ele guardara as palavras do pai durante toda a juventude e tornara-se solitário, achava que não precisava de ninguém, acreditava que assim se afastava de toda possibilidade de traição. Ao contrário de Caroline, ele não havia compreendido que estava perdendo o encanto da vida. Não aprendera a viver com entusiasmo, sem temer a tristeza e os desapontamentos.

Iria casar-se com Caroline.

E a vida de ambos seria repleta de risos e alegria.



Um grito lancinante ecoou pelo quarto. Caroline sentou-se na cama, assustada.

Jogou as cobertas para o lado, vestiu o robe e no minuto seguinte estava no corredor.

Ouviu outro grito, desta vez abafado. Vinha do quarto de Alice. Ela correu, abriu a porta e logo viu, à luz da vela que ardia do lado da cama, que Alice não estava sozinha. Bennett estava em cima dela, que lutava com ele desesperadamente.

— Cala a boca, sua vadia! — disse Bennett, dando um tapa no rosto da garota — Se você não gostasse disto, não estaria com esta barriga.

— Não! — disse Alice, entre lágrimas, continuando a se debater.

— Bennett!

Ele ficou imóvel. Virou-se devagar e irritou-se ao ver Caroline.

— Ora, o que está fazendo aqui?

— Você está bêbado, seu porco imundo! Saia de cima dela!

— Não! Ela é minha. Você devia ter visto como esta vadia me olhou o dia inteiro. Era um convite para eu vir aqui esta noite.

Caroline desejou ter uma arma. Como não tinha, o jeito era usar o estivesse ao seu alcance.

Pegou um banquinho para descanso dos pés, forrado com linda tapeçaria, e ergueu-o.

— Bennett, estou falando com você. Vai deixá-la em paz ou não?

— Vá embora, Caroline, a não ser que você queira ser a próxima.

Mal pronunciou essas palavras Bennett virou-se e ficou enregelado.

— Não, Caroline! — gritou e saiu de cima de Alice.

Não foi rápido o suficiente e o banquinho atingiu-o na cabeça, deixando-o caído lado da cama.

— Juro que eu não disse para ele vir aqui, Srta. Caroline.

— Quietinha, Alice, deixe-me ver se este imprestável está morto. — Caroline ajoelhou-se e pôs a mão no peito de Bennett — Está vivo. Que pena.

Alice se debulhava em lágrimas, estava muito pálida e trêmula.

— Calma. Agora está tudo bem. Este ordinário nunca mais a perturbará, prometo.

— Oh, céus! Ele bateu em mim e me chamou de nomes horríveis.

— Eu sei, eu sei. — uma raiva súbita invadiu Caroline, que deu um chute nas costelas de Bennett. Em seguida sentou-se na cama — Pronto, me sinto melhor. Quer chutá-lo também, Alice?

Alice parou de chorar.

— Dar um chute nele?

— Isso mesmo. Pelo que ele tentou, fazer com você.

Alice franziu a testa, depois esboçou um sorriso.

— Sim. — saiu da cama e chutou as costas de Bennett.

— Dê outro chute. Ele merece.

Alice não se fez de rogada.

— Meu Deus, o que está acontecendo aqui? — Owen estava parado à porta, ofegante por ter vindo correndo até o quarto. Então ele viu Bennett caído. — Bennett! Ah, esse bastardo, vou...

— Fique calmo, Owen, Ele já foi castigado. Obrigada por ter vindo tão depressa. Oh, ali estão Evelyn e Mary.

As duas moças entraram no quarto.

— Jesus! — exclamou Evelyn, tendo entendido a situação — Alice, minha pequena...

— Ela já está melhor. Mas acredito que um copo de leite morno a deixará bem calma.

— Ótima idéia. Vou buscar o leite. — Mary ofereceu-se.

— Quanto a você, Owen, leve Bennett para o quarto dele. Oh, meu Deus, a cabeça dele está sangrando. É melhor você ir chamar o Dr. Treath. A última coisa que quero é que este miserável morra aqui em Scrilady Hall. Afinal, fui eu quem lhe deu aquela pancada e se ele morrer, irei para a forca.

— Deixe-o apodrecer, Caroline. — Owen resmungou.

— Quietos, Owen! Vamos carregá-lo para o quarto. Eu o ajudo. Depois quero que você vá chamar o Dr. Treath.

Assim que viu Caroline entrando no quarto de Alice, Evelyn perguntou:

— Ele morreu, Srta. Caroline?

— Não. Mas certamente irá acordar com uma terrível dor de cabeça e com as costelas doendo como o diabo. E agora não se preocupem mais com isso.

Caroline, contudo, estava muito preocupada. Bennett continuaria em Scrilady Hall e poderia tentar fazer a mesma coisa novamente. Ela afastou o pensamento.

— Foi bom você ter gritado, Alice. Graças a Deus ouvi seu grito bem alto e vim correndo ver o que era.

— Eu não gritei, Srta. Caroline. Apenas chorei. Ele ficou zangado, me bateu e cobriu minha boca para eu não chorar.

Caroline encarou-a, surpresa.

— Eu a ouvi claramente, como se você estivesse no meu quarto.



— Não entendo. Meu choro mais parecia guinchos de um ratinho.

Bess Treath acabara de chegar com o irmão e esclareceu o suposto "mistério" da amplificação do som.

— Eleanor me contou que há diversas passagens atrás dos quartos, possibilitando a comunicação entre eles. A maior delas é a que liga este quarto ao seu, Caroline. A chaminé da lareira funciona como um túnel e isso aumenta o volume dos sons.

— Ah, então foi por isso que ouvi o choro de Alice como se fosse um grito muito forte.

— Exatamente. Segundo contam, o avô do juiz Penrose era casado e arranhou uma amante. Para tê-la sempre perto dele, deu bastante dinheiro à esposa e lhe disse para ir a Londres comprar roupas novas. Na ausência dela, mandou construir as passagens atrás dos quartos, depois contratou a amante como governanta. Assim ele pôde manter discretamente sua vida dupla. A esposa, vaidosa, continuou a ir a Londres e gastava cada vez mais com roupas. O marido não reclamava.

— Incrível. — Caroline comentou, incrédula.

Bess riu e foi ajudar o irmão que começava a dar pontos na cabeça de Bennett.

— Ah, ele está acordando. — observou Treath — Pena que eu já esteja no fim. Queria que ele sofresse a dor de cada agulhada.

— Benjie, isto é coisa que um médico diga ao paciente?

— Ora, Bess, o nosso beerrão merece um castigo pelo que tentou fazer.

Bennett gemeu e quis levantar-se.

— Quietos! — ordenou Treath — Estou quase terminando. Pode gemer à vontade, mas não se mexa. Pronto. Agora a bandagem.

Quando o médico terminou, Bennett olhou cheio de ódio para Caroline que estava de pé, do lado da cama.

— Você vai pagar caro por bater na minha cabeça com aquele banquinho.

— Lamentei não ter uma pistola para atirar em você, seu miserável.

— Me escute, Caroline, a pequena ordinária queria aquilo. Ela me...

Caroline pegou outro banquinho que estava na frente da *bergère*.

— Sim, Bennett. Ela, o quê?

Ele olhou para o banquinho e deu de ombros.

— Acredite no que você quiser, Caroline, e vá embora. Ai! Minha cabeça dói terrivelmente e as costelas queimam como o inferno.

Treath não receitou láudano e ordenou a Bennett que ficasse na cama durante vários dias.

— Nada de bebida, nada de mulheres. Você não quer ter uma infecção, quer? Uma infecção no cérebro em geral leva à morte.

Deixando o quarto de Bennett, ele examinou Alice e pediu a Bess que lhe desse apenas uma gota de láudano no leite.

— Ela dormirá tranqüilamente. É disso que está precisando. Está tudo bem com ela e com o bebê. — ele voltou-se para Caroline — Agora quero examiná-la.

— Estou ótima, Dr. Treath. — Caroline alegou.

— Mesmo assim. Você vai se casar e já que estou aqui, não me custa examiná-la.

O médico acompanhou-a até o quarto dela e apenas auscultou-a. Na verdade, queria falar com ela a sós.

— Estou muito preocupado e sei que você também está. Amanhã você e North irão se casar. Acho que esta casa...

— Vai ficar tudo bem. — Caroline o interrompeu, tocando no braço do médico e sorrindo — Eu sei qual é a sua preocupação e lhe asseguro que ela é desnecessária. Resolverei o problema, o senhor verá. Alice e eu demos uns bons chutes nas costelas de Bennett. Ele sentirá dores por algum tempo e não nos aborrecerá. Pode ir tranqüilo.

Depois que Bess e Benjamin Treath saíram, Caroline, acompanhada pela Sra. Trebaw, certificaram-se de que a porta da frente, e as demais portas e janelas do primeiro andar estavam trancadas e seguras.

Depois que a Sra. Trebaw foi deitar-se, Caroline verificou que Alice já estava quase dormindo, mandou Evelyn e Mary Patrícia para as respectivas camas, e foi para o próprio quarto. Estava exausta. Massageou o pescoço e começou a desamarrar o robe.

— Não tire a roupa Srta. Caroline.

Ela virou-se depressa, com a mão no peito.

— Oh, Sr. Flash! Que susto! Como entrou aqui?

— Já faz algum tempo que estou nesta casa. Vim revistar o quarto de Bennett. Tive de ficar escondido porque se o bom doutor me visse, poderia não entender. É verdade que você quase quebrou a cabeça daquele safado?

— É. Ele tentou violentar Alice, uma garota de catorze anos e grávida. Deixei-a chutar as costelas dele. Ela sentiu-se melhor. Deu-lhe uma sensação de poder.

— Fez bem, Srta. Caroline. E Owen, onde está?

— Ah, me esqueci dele. Mande-o chamar o Dr. Treath e não o vi mais. Certamente ele foi a Mount Hawke.

— Tem razão. O rapaz foi buscar lorde Chilton. Seu noivo parece zangado, senhorita.

North estava mais do que zangado. Abriu a porta do quarto de Caroline e ao vê-

la de robe, com os cabelos soltos, esbravejou:

— O que há com você, Caroline Derwent-Jones? Não posso deixá-la sozinha por uma hora que seja sem que você arranje problemas! Desse jeito vou ficar de cabelos brancos antes dos trinta. — só então ele viu Flash — E você, Flash, o que faz no quarto de minha noiva? Se você tocou nela, seu bastardo...

Caroline correu ao encontro do noivo e abraçou-o.

— Está tudo bem, North. Se Owen tivesse me avisado que iria buscá-lo, eu não o deixaria fazer isso. Mas é muito bom vê-lo. Meu Deus, você ainda está ofegante. — ela o beijou sem se importar com a presença de Flash e de Owen.

North segurou as mãos dela, obrigando-a a afastar-se.

— Conte-me o que aconteceu e me explique o que faz no seu quarto esse bastardo sorridente.

— Vamos descer e eu lhes sirvo conhaque.

Depois de duas doses de conhaque e muitas perguntas, North pareceu satisfeito.

— Vamos, Flash. Nós dois revistaremos o quarto daquele inútil. — disse ele, por fim.

— Eu os ajudo. — Owen ofereceu-se.

— Ótimo. E você, Caroline, trate de dormir. Daqui a seis horas estaremos nos casando e não quero ver minha noiva dormindo na igreja. Ou, melhor dizendo, antes de nos...

— North!

Durante meia hora Flash, Owen e North revistaram o quarto de Bennett, que dormia e roncava. Flash encontrou uma caixa quadrada e tirou-a do armário.

— Ora, o que temos aqui?

North pegou a caixa e abriu-a.

— Cartas! Parece que são seis. — ele pegou a de cima, desdobrou a folha de papel e leu a carta — Droga! Vocês não vão acreditar. — exclamou, desapontado — Vejam.

Flash pegou a carta, leu-a e suspirou.

— Isto quer dizer que o nosso rapaz escapou do anzol, não é mesmo?

— Exatamente. A carta prova que ele estava em Londres quando Eleanor Penrose foi assassinada. A não ser que esta carta seja falsa, o que não deve ser o caso.

— Ele era o nosso suspeito número um. — Flash murmurou — Para onde iremos, milorde?

— Para casa e para a cama, Flash. Afinal, vou me casar amanhã.



Na manhã seguinte, às dez horas, no salão de Mount Hawke, o bispo Horton, de Truro, uniu em matrimônio Frederick North Nightingale, barão Penrith e visconde Chilton à Srta. Caroline Aiden Handerson Derwent-Jones. A cerimônia durou precisamente oito minutos e meio. O bispo falou sobre a santidade do sacramento do matrimônio. Estendeu-se lembrando os noivos de que o casamento era a união de duas pessoas para compartilhar o amor, o respeito e formar uma família dentro dos preceitos cristãos, era um compromisso sério feito perante Deus e os homens.

Terminada a predica, o bispo perguntou se alguém teria algum fato que impedisse aquela união. Para alívio de todos ninguém se manifestou, nem mesmo Falkes. Por fim, o bispo deu a bênção nupcial. Fechou a Bíblia, olhou para North e fez um leve aceno com a cabeça. Ele entendeu e beijou a noiva.

Caroline sentia-se ainda extasiada. Como o curso de sua vida tinha mudado em tão pouco tempo.

Os criados de Mount Hawke, todos homens, estavam de pé a um lado do salão. Do outro lado achavam-se a governanta de Scrilady Hall, as moças grávidas, as criadas, o jardineiro e Robin. Para o casamento também tinham sido convidadas diversas pessoas da localidade. Entre elas estavam a Sra. Freely, o Sr. Peetree, Bess e Benjamin Treath, o Sr. Brogan, sir Rafael Carstairs e a esposa. A Sra. Freely, observadora e loquaz, praticava sua distração predileta, que era fazer comentários, tanto sobre o que via, como sobre o que imaginava. Levava a mão à frente da boca e as palavras fluíam. No momento o objeto de seu comentário era a noiva. Estava muito elegante, embora o vestido fosse simples. Estranho o casamento ter sido realizado às pressas. E a noiva não usara véu cobrindo-lhe o rosto. Sorte ser tão magra...

Caroline não se cansava de olhar para North, maravilhada. Ele agora era seu marido. Chegava a ser assustador a vida de uma pessoa mudar tão de repente. North, por fim, lhe pertencia. Ela observou o marido de perfil. Ele conversava com sir Rafael e ria. Desejou tocá-lo, beijá-lo até perder o fôlego. Beijo de língua. Queria sentir seu calor, seu gosto e aspirar seu cheiro. Lembrou-se da tarde na praia quando erguera a roupa e ele a acariciara. Oh, aquilo tinha sido incrível. Ela estremeceu e sorriu como uma tola. Continuou a olhar para o marido. Seu queixo era firme, reto. Queixo de homem decidido, obstinado. North não era um homem de ser derrubado. Um bom oponente sempre a estimulava.

— Caroline.

— Sim?

— Onde você está?

— Oh, North, eu o observava e dizia a mim mesma que teremos boas lutas. Você é forte, determinado, exatamente como eu gosto. Não toleraria um marido que eu pudesse jogar no chão. Você é perfeito.

— Obrigado. Em que mais você pensava?

— Em outras coisas muito impróprias.

— Coisas impróprias, hum? — North inclinou-se e beijou-a nos lábios. Em seguida empertigou-se. — Eu não devia ter feito isso aqui no salão. Gostaria de ficar a sós com você, mas só teremos privacidade depois do almoço. Não é justo. Estamos casados, é tudo legal, mas somos obrigados a esperar.

— Posso fingir que estou com dor de estômago. Então você pede desculpas aos convidados e me leva para nosso quarto. — Caroline sugeriu — Não é uma grande idéia?

— Sua mente é terrível. — disse North, rindo.

Tregeagle, que estava ali perto, virou-se para os colegas, horrorizado.

— Está vendo, Coombe? Polgrain? Ele está *rindo*. Os homens Nightingale raramente riem. E particularmente não riem das coisas ditas por uma mulher. — ele suspirou — O pai de Sua Senhoria não tolerava que rissem na sua frente. Que dia infeliz!

— Essa mulher é uma influência perniciosa. — completou Polgrain.

Coombe passou o lenço na cabeça calva para enxugar o suor.

— Não sei se suportaremos a presença dela aqui por muito tempo. É demais.

— Suportaremos. — Tregeagle afirmou.

— É melhor eu ir para a cozinha. — Polgrain balançou a cabeça, desgostoso — Vocês sabem como foi penoso preparar este banquete. Não queremos que saiam daqui falando mal dos homens de Mount Hawke.

Coombe olhou para a jovem que era agora lady Chilton, senhora de Mount Hawke.

— Não acredito que milorde se casou com ela. Se ele queria levá-la para a cama, não precisava se casar. Agora temos de suportar sua presença todos os dias.

— Ah, mas ela é uma lady. É aí que os homens acabam caindo. Um homem só leva uma lady para a cama depois de se casar com ela. — comentou Tregeagle.

— Ela é uma lady, mas irá mudar. Todas elas mudam. Não devemos nos aborrecer. Ela não ficará aqui por muito tempo. — contrapôs Polgrain — Vocês não se lembram? O pai de milorde trouxe a esposa para visitar Mount Hawke apenas uma vez. Logo viu como eram as coisas e mandou-a embora.

— Ah, isso foi porque o *pai* dele ainda era vivo e dono de Mount Hawke. Ele não permitiu que a nora continuasse aqui. Mas o nosso atual patrão não sabe de nada nem

acredita em nós. Eu lhe dei o diário, porém ele achou que era tudo tolice.

— Sua Senhoria aprenderá. — assegurou Coombe — Lembro-me de todas as histórias que meu pai me contou sobre os homens Nightingale. Felizmente eles eram bem informados e vigilantes. Quando nascia o primeiro herdeiro, certificavam-se de que era mesmo um legítimo Nightingale e não de outro qualquer. E estava assegurada a linhagem.

A um canto do salão, estava Owen, tenso, do lado do pai. Era visível a raiva nos olhos de Falkes. Entretanto, ele mantinha-se controlado. Observando o pai, Owen achou que ele envelhecera e parecia ter encolhido. Brogan aproximou-se dos dois.

— Sou o advogado de sua ex-tutelada, Srta. Derwent-Jones, atual lady Chilton. Com o casamento, o marido dela, lorde Chilton, assume o controle de todas as suas finanças e herança.

— Aquele ladrão não terá a fortuna dela por muito tempo! — rosnou Falkes.

— Papai... — disse Owen.

— Fique quieto, seu ingrato, imprestável! — Falkes voltou-se para Brogan — O senhor irá me pagar por tudo o que fez para me prejudicar...

Com a calma de um bispo, Brogan interrompeu-o e entregou-lhe um envelope.

— Sr. Falkes, aqui neste envelope há uma declaração de tudo o que o senhor fez contra lady Chilton. Nada foi esquecido. Felizmente seus planos falharam. O documento está assinado por lady Chilton, lorde Chilton e Owen Falkes. Se alguma coisa acontecer a lorde Chilton, o senhor será enforcado. Portanto, é do seu interesse que lorde Chilton permaneça perfeitamente saudável. Porém, se alguma coisa acontecer a ele e o senhor não for enforcado, não pense que sairá lucrando. As propriedades dele não ficarão para a esposa, mas para o conde de Chase. Entendeu, senhor?

— Isso é uma tolice e o senhor está mentindo. Sou parente dela. Sua propriedade não lhe pode ser tirada. Vou contestar e serei o vencedor.

— Está tudo de acordo com a lei. Se o senhor entrar com uma ação, fará papel de tolo. Peço-lhe que avalie sua situação e deixe a Cornualha. Terminou. Não há nada aqui para o senhor. — assim dizendo Brogan curvou a cabeça numa reverência e afastou-se.

— Maldito. — Falkes murmurou por entre os dentes, ergueu o grosso envelope na frente do nariz do filho — Owen, você me traiu!

— Não, papai. O senhor pode não acreditar, mas tudo que eu fiz foi para protegê-lo. Há mais uma coisa. Caroline pediu-me para conversar com o senhor.

— Sobre o quê?

— Ela quer que o senhor administre Honeymead. Ela disse que a Sra. Tailstrop o admira e acha o senhor um cavalheiro educado.



— Ora, aquela velhota.

— Velha? Ela é mais nova do que o senhor.

— Quando se trata de idade há grande diferença entre um homem e uma mulher.

— Bem, o senhor faça o que quiser. Eu continuarei morando em Scrilady Hall. Agora sou administrador. Logo serei sócio de Caroline.

— Você é um idiota, um fracol!

Owen empertigou-se.

— Não sou, papai. Estou cada vez melhor. Caroline e North me elogiam. Há homens dependendo de mim. As moças de Scrilady Hall precisam da minha ajuda. Eu sou útil e gosto muito do que estou fazendo.

Falkes olhou bem para o filho, mandou-o para o inferno e deixou o salão sem olhar para trás.

Owen aproximou-se de North e de Caroline.

— Ele foi embora.

— Vi quando ele saiu. — disse North.

— Não sei o que ele pretende fazer, Caroline.

— Se ele deixar a região ficarei tranqüila. North mandou um homem segui-lo para saber se ele foi embora da Cornualha. E agora, meu marido, vamos para o salão. Polgrain e seus ajudantes prepararam um banquete divino. Ele me disse que nenhum esforço foi poupado para que este evento fosse inesquecível.

De fato, tudo estava perfeito, Caroline reconheceu, admirando as grandes travessas de prata reluzentes com peru e purê de castanhas, paleta de cordeiro recheada, porco com maçã e sálvia e um belíssimo creme cor-de-rosa, feito com nata e groselha, em homenagem à noiva, dissera Polgrain.

O clima à mesa era de descontração e alegria. A loquaz Sra. Freely tinha um comentário para tudo: o pouco apetite de lady Victoria, os óculos do Sr. Brogan que lhe assentavam tão bem, o fato de um homem tão bonito não ser casado.

Se os convidados estavam contentes, aproveitando aquela festa, os noivos não viam a hora de tudo terminar e eles ficarem a sós.

North dirigiu a Caroline um olhar significativo, arqueou as sobrancelhas, inclinou de leve a cabeça e esboçou um sorriso resignado. Ela entendeu a mensagem e em resposta assumiu uma expressão que dizia:

"O que se pode fazer?" E tomou seu champanhe.



Onde estava North?

Caroline acabara de vestir a camisola nova, cor de pêssego, decotada e sedutora, enfeitada com rendas valencianas. Tinha certeza de que o marido iria olhar para ela com interesse.

Mas onde estava ele?

Queria tanto que ele a admirasse, a abraçasse e a beijasse. O que aconteceria depois, não saberia dizer, mas certamente iria dar-lhe imenso prazer. Indo até a penteadeira, escovou os cabelos novamente até deixá-los brilhantes e com pequenas ondas. Olhou para a porta e franziu a testa.

Onde estava North?

Ela ocupava o quarto da viscondessa que tinha uma porta de comunicação com o quarto do marido. Era um aposento sombrio, malcuidado, a tinta verde das paredes estava desbotada e começava a descascar. As peças do mobiliário eram a cama estreita com uma colcha dourada, a penteadeira com a banqueta, e uma cadeira sem estofamento. Tudo ali era velho e deprimente.

E o noivo, onde estava?

Caroline foi até uma das cinco janelas, altas e estreitas, e olhou para fora. Estava tudo escuro e o único som que se ouvia era o farfalhar das folhas das árvores que havia junto à parede. Subitamente viu algo que a deixou petrificada. Deu um grito, saltou para trás, mas tropeçou na camisola e caiu sentada no tapete.

North entrou correndo no quarto.

— Meu Deus, você está bem? O que aconteceu?

Caroline tentou responder, mas era tão grande seu terror que a voz ficou presa na garganta. Tudo o que conseguiu fazer foi apontar para a janela do meio e levantar-se.

North correu até a janela, empurrou o trinco enferrujado e abriu a vidraça. Inclinou-se no parapeito e ficou por algum tempo olhando para a escuridão, observando. Por fim, virou-se para Caroline.

— O que você viu?

Ela continuava a tremer e estava gelada.

— Caroline, o que você viu? — North abraçou-a para aquecê-la — Estou aqui, não precisa ter medo.

Assustada, ela escondeu o rosto no peito do marido.

— Eu estava olhando pela vidraça me perguntando onde você poderia estar, e

então vi um monstro. Oh, North, por que você desapareceu? Eu queria tanto que você me abraçasse, me beijasse...

— Que monstro era esse?

— Era uma criatura horrível que apareceu na minha frente. Havia algo de humano, mas era deformada, tinha uma boca enorme, arreganhou os dentes para mim e ficou balançando na minha frente.

— E isso a deixou aterrorizada, pobre virgem.

— Você não acredita em mim?

— Não vi nada lá fora. Mas está escuro. Será que você comeu algum cogumelo estragado e está com febre?

— Não comi cogumelos.

— Bem, seja o que for, amanhã vou examinar toda esta área.

— North?

— Humm... — ele estava forçando-lhe a cabeça para trás para roçar os lábios no pescoço macio.

— Onde você estava? Achei que estivesse louco por mim. Pensei que desejasse erguer minha saia e se perder em meu corpo durante a tarde toda, após o jantar e também à noite.

— Estava lendo em meus aposentos, ou melhor, estava estudando.

— Estudando? — Caroline reclinou-se no círculo formado pelos braços musculosos — Estudando o quê? Como ousa?! É nossa noite de núpcias!

— Um livro de instruções ilustrado.

Ela piscou, confusa.

— Um livro que ensina o que um homem deve fazer com uma mulher. — North explicou — São instruções passo a passo sobre como fazer amor. Claro que eu sabia o que fazer de modo geral, mas queria detalhes. Não pretendo fazer nada errado em nossa noite de núpcias.

Caroline ficou na ponta dos pés e o beijou com ardor. Continuou a beijá-lo até senti-lo abrir bem a boca e retribuir o gesto com a mesma paixão.

Parecendo entender perfeitamente a mensagem que ela enviava, North a segurou pelas nádegas, comprimindo seus corpos um contra o outro, ao mesmo tempo em que vasculhava a boca deliciosa com sua língua exigente.

Ao sentir-se quase sem fôlego, Caroline afastou-se um pouco e murmurou:

— Quer saber de uma coisa? Não estou muito certa de que estamos fazendo isso de maneira apropriada. Talvez você devesse voltar para o tal livro e estudá-lo um pouco mais.

Ele a encarou, aborrecido. Os olhos refletindo um brilho de desejo que antes não estava ali.

— Santo Deus, talvez eu precise voltar a estudá-lo, sim, mas apenas para descobrir como fazê-la ficar de boca fechada.

— Ah, isso é muito mais fácil. E só você me tocar e beijar que dará certo.

— Creio que talvez seja uma boa idéia. — ele concordou, pegando-a no colo e começando a seguir para a cama, antes de fazer uma breve pausa para observar o colchão estreito com certa desconfiança. Então, de repente, deu meia-volta e seguiu para o próprio quarto.

Por um instante, Caroline ficou atordoada ao vê-lo parar diante da enorme cama, e perguntou-se o que iria acontecer. Então, sentiu uma onda de calor espalhar-se por todo o seu corpo, subindo de suas partes mais íntimas, passando pelo ventre, pelo seio, até chegar aos lábios que pulsavam como se tivessem vida própria. Olhou de soslaio para North assim que foi colocada no colchão macio e o viu despir-se com movimentos ágeis.

Céus, ele estava nu sob o traje que usava.

O calor aumentou e o coração passou a bater ainda mais depressa. Ah, nunca antes vira um homem nu, exceto por Falkes, a quem achara deprimente. Mas, bom Deus, North era magnífico, algo que nem mesmo sua imaginação poderia antever.

— North, eu...

— Sim, Caroline...

Ela não teve tempo de responder, porque naquele exato momento North estava ao seu lado, soltando-lhe as fitas da camisola e desvencilhando-a do traje diáfano.

— Ah, Caroline. — ele gemeu, jogando a camisola no chão e voltando a beijá-la, ao mesmo tempo em que a fazia deitar-se de costas para se posicionar sobre seu corpo.

Caroline estremeceu ao sentir o contato íntimo de seus corpos desnudos. Era delicioso ter a pele quente de North junto a sua, o peito viril pressionando seus seios, as pernas musculosas enroscando-se em suas coxas, a masculinidade rija insinuando-se junto a sua virilha, deixando-a ainda mais úmida. Eram muitas as emoções e sensações de uma só vez e Caroline teve medo de não saber lidar com aquilo, por isso, balbuciou contra os lábios carnudos que sugavam os seus com urgência:

— O... oh... North, será que poderia se afastar um pouco e não me tocar?

O pedido foi tão inesperado, que ele parou e a encarou com expressão aturdida.

— Muito bem. — aquiesceu, deixando-se cair ao lado dela na cama e fechando os olhos — É isso o que você quer? Será que eu deveria estar segurando um lírio antes de fazer amor com minha esposa?

— Não, por favor. Fique onde está, nada de flores. Deixe seus braços e mãos

bem quietinhos, ouviu?

Com um suspiro exasperado, ele a observou sentar-se na cama. Os cabelos caíam como uma cascata reluzente sobre os ombros delgados, ao mesmo tempo em que os caracóis das pontas enroscavam-se em volta dos bicos rosados dos seios macios.

— Você é a mulher mais linda que já vi. — sussurrou ele, erguendo a mão para tocar a curva sensual dos belos seios.

— Por favor, não.

— Por quê?

A expressão do rosto bonito e feminino era de medo quando ela o encarou e confessou:

— Estou assustada, não sei o que fazer nem como reagir.

North sentiu o coração bater forte dentro do peito. E agora, o que poderia fazer para convencê-la de que era normal se sentir daquela maneira na noite de núpcias?

— Já sei! — exclamou ele, de repente — Aquele maldito livro de instruções está em algum lugar por aqui e deve ter algum capítulo que fale sobre como acalmar uma noiva que fica assustada com os arroubos do noivo.

— Ah, não, não precisa pegar livro nenhum. Fique onde está. Quero apenas olhar para você. Desejo descobrir como realmente é. Preciso entender seu corpo antes de... Bem, sabe o que quero dizer.

North riu, tentando relaxar os músculos tensos. Então, observou-a estudá-lo com tanta avidez que sentiu uma comichão espalhar-se por seu abdômen e projetar-se na extensão de sua virilidade. Por mais que se sentisse excitado, forçou-se a deitar de costas e ficar bem quieto, enquanto a deixava estudá-lo de alto a baixo.

Após alguns segundos de hesitação, Caroline tocou-o no peito com a ponta dos dedos, depois, muito lentamente, passou as mãos espalmadas sobre o tórax coberto de pelos, e, ao fazê-lo, curvou-se um pouco, deixando os seios livres, a poucos centímetros dos lábios trêmulos de North.

— Você é maravilhoso, mas bem diferente de mim. Gosto da maneira como os pelos formam pequenos caracóis em seu peito e como se enroscam em meus dedos ao acariciá-los. E também de como formam uma trilha que desce de seu estômago até seu abdômen. — ela fez uma pausa, prolongando a carícia até o umbigo, e dali para o ponto junto à virilha — Aqui eles voltam a ficar grossos e encaracolados. — completou num fio de voz.

O coração deu um salto no peito de North. Sentia-se quente, pulsante, pronto para amá-la como ensinava o livro, mas o bom-senso o prevenia de que deveria dar um tempo a ela.

— Será que lhe causo repulsa, Caroline? Acha todos os meus pelos e a maneira

como minha masculinidade se projeta quando você me toca desagradável?

— Masculinidade se projeta? — repetiu, confusa. Então, de repente, um risinho mostrou que havia entendido. — Ah, sim, palavra interessante para descrever o que está acontecendo.

— Claro que existem muitas outras formas de se referir as minhas partes íntimas, mas prefiro falar de uma maneira que a não a choque tanto. O mesmo acontece com os detalhes e segredos de sua feminilidade.

Ela nada disse, mas continuou a estudá-lo com interesse e avidez. Então, de súbito, curvou-se e roçou os lábios quentes e úmidos no abdômen do marido. Deixando-se levar pelos instintos, recostou a face nos pelos encaracolados, e abriu um pouco mais a boca para que a língua úmida tocasse a pele.

North gemeu alto e arqueou-se na cama. Sua respiração estava tão ofegante e o pulso tão acelerado quanto se tivesse subido em um ringue de boxe para enfrentar um campeão.

Assustada, Caroline ergueu-se e o encarou.

— Oh, querido, eu o machuquei?

— Não seja tola. Se fizer isso de novo, vou inverter nossas posições rapidinho e serei eu quem irá tocá-la... Não, não me toque aí, pois não poderei responder por mim se passar os lábios neste local. Certo, pode me beijar um pouco mais, intensificar as carícias, talvez, até roçar os lábios neste ponto mais abaixo. Seus lábios são tão quentes e úmidos que... — ele não pôde prosseguir, pois a sentiu beijá-lo num ponto da virilha e fechar os dedos sobre o que acabara de chamar de a extensão de sua masculinidade.

Caroline ergueu um pouco o rosto e sorriu para ele, antes de voltar a enlouquecê-lo com seus lábios e dedos.

Os cabelos sedosos caíam como uma espessa cortina sobre o abdômen de North, ocultando a face da mulher que o deixava ensandecido de desejo. Consumido pelas ondas de prazer que lhe varriam o corpo, ele segurou as madeixas longas e afastou-a do rosto delicado, pedindo:

— Por favor, Caroline, você precisa parar, não conseguirei me conter por muito mais tempo. E um noivo não deve chegar ao auge do prazer antes de levar a noiva ao mesmo ponto de satisfação, não na noite de núpcias. Seria horrível se isso acontecesse.

Sorrindo de forma lânguida, ela ergueu-se para encará-lo e continuou a segurar o membro rijo em suas mãos durante mais um segundo, antes de colocar o corpo sobre o dele, numa posição que os deixava preparados para consumir o ato de amor.

O triângulo escuro que se formava no centro da virilha dela encaixou-se no ponto exato em que o membro rijo pulsava quente e úmido, prestes a explodir de prazer.



— Você é maravilhoso North. — ela disse, segurando o rosto anguloso entre as mãos e depositando pequenos beijos nos lábios trêmulos do marido — Eu só queria conhecê-lo um pouco melhor, mas agora acho que posso deixá-lo tomar as rédeas da situação. Estou pronta para recebê-lo dentro de mim. Por favor, me ame.

Ele riu, um riso rouco e sensual, do tipo que só um homem que estava tomado pela insanidade do desejo poderia emitir.

— Você é sempre uma doce surpresa, minha Caroline. Agora venha até aqui e abra seus lábios para mim.

Foi o que ela fez. Sem titubear, a língua ávida invadiu-lhe a boca e mãos insaciáveis percorreram-lhe o corpo numa ânsia voraz. E Caroline parou de pensar tão logo os dedos sedutores exploraram o caminho para o âmago de sua feminilidade, preparando-a para recebê-lo dentro de si.

— North, por favor... — pediu, comprimindo-se contra a mão habilidosa e querendo senti-lo por inteiro dentro de si.

Ele a provocou durante mais alguns segundos antes de atender ao pedido. Por fim, quando se ajustou a ela e a penetrou com toda a extensão de sua virilidade, a viu estremecer e agarrar-se a seus ombros.

— Isso Caroline... É assim... Chegaremos juntos ao prazer. Viveremos juntos este momento, minha querida.

E aquela não foi uma promessa vã.

No momento seguinte, o prazer que experimentaram foi tão mágico e intenso que nenhum dos dois teve forças para falar. Seus corpos foram sacudidos por ondas do mais inebriante prazer até que, enfim, caíram extasiados nos braços um do outro.

Mas, afinal, era assim que deveria ser uma noite de núpcias.

North acordou e não viu Caroline na cama. Pensou no monstro sobre o qual ela havia falado na noite anterior e chamou-a.

— Caroline!

Não houve resposta. Ele olhou para o relógio do lado da cama. Não eram nem oito horas. Droga, queria acordar, beijar a esposa e fazer amor com ela novamente antes de descerem para tomar o desjejum.

Nesse instante Tregeagle abriu a porta e ficou parado, rígido como uma tábua, olhando para North, horrorizado.

North ficou carrancudo.

— O que você quer? Onde está minha esposa?

— Sua esposa está com *elas*. Todas as *três* estão aqui. Isto é inaceitável. Não estamos acostumados. Este é um lar Nightingale, não um tipo de estalagem para Maria Madalenas.

North esperou que Tregeagle terminasse seu discurso cáustico, depois sorriu.

— Ah, Caroline está com as nossas três moças grávidas.

— Sim, milorde. Ela forçou Polgrain a preparar um café da manhã excelente. Nós permitimos a presença *delas* aqui apenas para a cerimônia do casamento. O lugar *delas* é Scrilady Hall. Então me diga, milorde, o que *elas* vieram fazer em Mount Hawke às sete e quarenta e cinco da manhã?

— Ora, Tregeagle, elas estão se mudando para cá. Eu não lhe falei sobre isso?

Tregeagle ficou pálido e as pernas começaram a tremer. North teve a impressão de que ele ia desmaiar.

— Controle-se, homem! Mande Timmy trazer água para o meu banho. E vá se acostumando, não será tão ruim. Vocês três irão gostar de ouvir vozes e risos femininos nesta casa. Não é verdade?

— Não, milorde.

North riu à vontade. Parou, tendo percebido que rir tornara-se para ele uma coisa muito natural. Sentia-se ótimo.

North parou à porta da sala de desjejum e olhou a cena. Caroline ocupava a cadeira dele e conversava animadamente com Mary, Evelyn e Alice. Todas pareciam de excelente humor. Caroline tinha motivos para estar no melhor estado de espírito possível, depois da noite de núpcias maravilhosa que eles haviam tido.

— Bom dia, senhoras. Estão apreciando o café da manhã?

Caroline riu para o marido.

— Tudo está delicioso, North. Polgrain já esteve aqui três vezes para saber se estamos satisfeitas, se alguma coisa não está do nosso agrado. Posso lhe servir o café?

Ele assentiu e foi até o aparador. Ficou impressionado com a variedade de pratos. Serviu-se de arenque, bacon, ovos mexidos, torradas com geléia e pãezinhos de nozes.

— Você deve estar se perguntando por que Polgrain nos serviu tudo isso, não é mesmo?

— De fato, estou muito surpreso. Como você conseguiu isso?

— Pedi a Coombe que dissesse a Polgrain para preparar-nos um café da manhã digno da casa de um visconde. Se ele não fosse capaz de fazer isso, as três moças grávidas iriam ajudá-lo na cozinha. — Caroline riu.

— Pensei que Coombe iria quebrar aquele vaso chinês enorme na minha cabeça, mas ele conteve-se.

— Graças a Deus, Coombe é um homem controlado. — ele seguiu para a mesa.

— Oh, sentei-me na sua cadeira, querido. Desculpe. Lamento deixá-lo, mas tenho

de levar as três moças para seus aposentos. — Caroline chegou mais perto de North para evitar que as moças os ouvissem — North, falei com Tregeagle sobre o monstro que apareceu à minha janela ontem à noite. Ele olhou nos meus olhos e permaneceu impassível sem mover um músculo, com a cara mais inocente deste mundo.

— Eu já lhe disse que iria cuidar do assunto. Vou ver se encontro alguma coisa lá fora. Depois conversarei com Coombe e Polgrain.

— Boa sorte. Eles são muito dissimulados.

— Mas você está se impondo.

— Claro. Não há agora quatro mulheres morando em Mount Hawke? — Caroline deu uma risadinha marota — O que eles dirão quando souberem que irão chegar três criadas?

— Não sei e prefiro não saber.

Duas horas mais tarde, North estava na biblioteca, sentado na *bergère* com Caroline no colo. Ele havia tirado a meia de seda da esposa para examinar-lhe o pé.

— Ótimo. Cicatrizou perfeitamente. Mas tenha cuidado. — recomendou — Já vi um jovem soldado morrer com infecção por causa de uma bolha no pé.

— Terei cuidado.

— Se você estivesse em posição mais confortável, eu poderia morder seus dedos. Devem ter gosto de lavanda.

— Tem mesmo. Pedi a Timmy para por essência de lavanda na água do banho e ele despejou quase meio vidro na banheira.

— Bem, tirei a meia esquerda, acho melhor tirar a direita também.

— Milorde? O senhor está na biblioteca? Milorde? Ah, talvez esteja bem à minha frente, sentado na *bergère*.

North puxou depressa a mão que estava debaixo das saias de Caroline, e disse bem alto:

— Tregeagle, espere só eu me levantar para ir até você, e dar um murro nessa sua boca insolente.

— Milorde, eu não viria perturbá-lo sem motivo. — murmurou o criado, parecendo ressentido.

— O que você quer? Diga logo porque meu punho está coçando de vontade de esmurrá-lo.

— O Sr. Bennett Penrose está aqui e deseja vê-lo, milorde.

— Ora, vá até ele e diga-lhe para esperar. Digamos, umas duas horas?

— Seria uma ofensa, milorde. Ele gritou comigo e exigiu que eu fosse buscar aquelas vadias e...

— Pare com isso, Tregeagle. Não tem graça nenhuma. — disse Caroline, indo para junto de North.

— Sim, milady.

— Está bem. Vou vê-lo. Espere aqui, Caroline. Não precisa calçar as meias. E você, ainda está aí, Tregeagle?

Caroline pôs o pé na frente de North.

— Você não irá vê-lo sozinho, North Nightingale. O assunto me diz respeito. Também quero falar com Bennett.

— Então vá, Tregeagle, traga-o aqui. — North ordenou.

— Sim, milorde. — Tregeagle virou-se e caminhou muito empertigado para a porta. Antes de sair, olhou por sobre o ombro e comentou: — Descalça, sem as meias, na biblioteca de Mount Hawke. Isso é muito impróprio.

Nem dois minutos depois, Bennett Penrose, com a aparência de um anjo, entrava na biblioteca, armado para a batalha.

— O que faz aqui, Penrose?

— Estou furioso. — Bennett gritou — Você, Caroline, trouxe as minhas pombinhas para cá. Não se lembra de que era desejo de tia Eleanor que nós *dois* fôssemos responsáveis por elas? Como se não bastasse, aquele miserável Roland Falkes passou a noite em Scrilady Hall e jogamos uíste. Ele é um trapaceiro de marca. Ficou com meu último guiné. A todo instante me servia conhaque para me deixar bêbado, sem poder raciocinar e tomar decisões. Esta manhã riu para mim com ar de superioridade e aconselhou-me a nunca beber quando estivesse jogando. E foi embora com todo o meu dinheiro.

— Graças a Deus. — disse Caroline — Espero que ele tenha voltado para o solar Honeymead.

— Por que está agradecendo a Deus? Por acaso você é conivente com aquele salafrário? Você o aconselhou a trapacear no jogo e me embriagar para me deixar sem nada?

— Chega, Penrose! — North disse, a voz calma, mas firme — Agora me escute. As três moças estão aqui em Mount Hawke porque você não é uma pessoa confiável. Estou sabendo que tentou violentar Alice, o que o torna um ser desprezível. Uma lesma.

— A vadiazinha se esfregou em mim, pediu para eu ir para cama dela. Eu nem queria ir por causa do bebê. Depois pensei melhor e reconheci que poderia me divertir sem correr o risco de ser acusado de ser o pai da criança.

— Bennett, ouça-me com toda atenção. — Caroline se aproximou dele — Vou lhe pagar cinco mil libras, desde que você renuncie à parte que tia Eleanor lhe deixou, e saia da Cornualha. Não seremos mais sócios. Você não será mais responsável pelas três

moças que estão aqui, nem por nenhuma outra que possa aparecer no futuro.

— Cinco mil libras?!

— Não é a quantia que você queria?

— É muito pouco. Dez mil libras, nem um guinéu a menos. Certamente a minha parte de Scrilady Hall vale o dobro disso ou mais: Você quer levar vantagem por que estou precisando do dinheiro.

North olhou para as unhas e disse muito calmo:

— Deixe-me matá-lo, Caroline. Ele não vale dez mil libras. Posso enterrá-lo debaixo das macieiras, e você nunca mais terá o desprazer de olhar para a cara dele. De mais a mais, quem sentirá falta de um tipo como este?

Bennett engoliu em seco e disse depressa:

— Está bem. Sete mil, então.

A negociação continuou por mais alguns minutos e Bennett aceitou seis mil e trezentas libras. Porém não perdeu a chance de reclamar:

— Esse dinheiro não será suficiente para eu conquistar uma herdeira.

— É um bom dinheiro. — North contrapôs — Se você usar o cérebro e não perder tudo no jogo, poderá viver confortavelmente durante muito tempo.

— Ora, Bennett — Caroline caminhou até a porta da biblioteca —, você me disse que conquistaria a sua herdeira com cinco mil libras. O que há? Não confia mais no seu charme?

— Não é isso. Para mim seria melhor ser conhecido como dono de metade de uma grande propriedade. Isso me tornaria mais importante aos olhos de meu futuro sogro.

— Entendo, Bennett.

Caroline adiantou-se e abriu a porta da biblioteca. Tregeagle e Coombe estavam ali parados e não ficaram constrangidos por terem sido apanhados escutando a conversa dos patrões.

— Quero que você mande buscar o Sr. Brogan, imediatamente, Coombe. — disse ela.

O mordomo ignorou-a.

— Milorde?

— Faça o que Sua Senhoria ordenou, Coombe!

— Não sei se eu quero realmente vender a minha parte. Deixar Scrilady Hall para sempre. — Bennett resmungou.

North apenas olhou para ele, parecia calmo e relaxado. Caroline receou que Bennett o provocasse. Mas o rapaz era esperto e calou-se. North segurou-o pelo

braço, levou-o para o hall e lhe disse:

— Sente-se, Penrose e fique de boca fechada até Brogan chegar.

Voltou para a biblioteca, fechou a porta e se recostou nela.

— O que foi? — Caroline perguntou.

— A porta está sem a chave. Quero mantê-la trancada para termos privacidade.

— Ponha uma cadeira debaixo da maçaneta. — ela sugeriu.

— Não. Preciso de uma boa chave. Uma que tranque esta porta e impeça Coombe, Tregeagle ou mesmo Polgrain de entrar para nos aborrecer. Mais tarde encontrarei essa chave. Agora, venha e sente-se no meu colo.

No fim da tarde, Bennett Penrose deixou Mount Hawke, levando as seis mil e trezentas libras, tendo assinado todos os papéis apresentados por Brogan. Logo depois de sua partida, Tregeagle aproximou-se de North para dizer que as novas criadas não estavam contentes com as acomodações reservadas para elas.

Caroline franziu a testa.

— Como? Eu mesma escolhi o quarto de cada uma. São ótimos.

O criado ficou mudo como uma porta.

— Tregeagle, é melhor você explicar o que houve. — North pediu, calmamente.

— Milorde, achamos que as mulheres não deviam ocupar aqueles quartos. Escolhemos para elas quartos no terceiro andar, logo abaixo do sótão.

Para surpresa de North, Caroline riu.

— Quer dizer que você está tentando se livrar delas? Acreditou que esses ardis tolos dariam resultado?

— Nós queríamos apenas que elas nos detestassem e fossem embora. — Tregeagle suspirou.

— Leve cada criada ao quarto escolhido por mim, por favor. E tenha um pouco de paciência. Eu sei que é difícil, mas Sua Senhoria está casado e haverá mulheres nesta casa. É natural.

— Pare com suas tolices, Tregeagle. — North advertiu o criado — A propósito, venha comigo. Temos alguns assuntos para tratar. Também quero falar sobre vultos que apareceram junto à vidraça do quarto de minha esposa.

Qualquer que tivesse sido a conversa entre North e o criado, o resultado foi muito bom. Os pratos apresentados ao jantar estavam deliciosos, principalmente o frango ao molho cremoso de *curry* e o pato ao vinho tinto.

Todos conversavam, contentes, até Tregeagle atravessar a sala de jantar com o queixo erguido e parar junto de North. Inclinando-se levemente, sussurrou:

— O Dr. Treath acaba de chegar, milorde. Parece que outra pessoa feminina foi



assassinada.

— O quê?! Impossível, Tregeagle. Você está inventando esta história.



O corpo da Sra. Nora Pelforth estava de bruços na praia do promontório St. Agnes. Tinha sido arremessado ali pela maré. Os cabelos longos estavam embaraçados, parecendo cordas vermelhas enroladas na faca que se projetava das costas da mulher. As roupas tinham sido rasgadas pelas ondas e pelas rochas, deixando à mostra partes do corpo inchado, com escoriações grandes e profundas.

North ajoelhou-se do lado de Benjamin Treath.

— O senhor pode dizer há quanto tempo ela esteve na água, doutor?

Não houve resposta e North olhou surpreso para o médico que estava curvado, de olhos fechados, com os lábios comprimidos.

— Ela era minha amiga, North. — disse Treath, por fim, emocionado — Depois que Eleanor morreu, ela foi muito atenciosa comigo, me visitava, estava sempre ao meu lado, ajudando-me a superar a perda de minha querida Eleanor. Estou tão cansado de mortes. E agora, mais uma. É demais.

— Vamos levá-la daqui, doutor.

Treath parecia em transe. Olhou para North e balançou a cabeça.

— Tem razão. Ela não deve ficar aqui por mais tempo. Que lindos cabelos Nora tinha. Ela orgulhava-se deles e agora estão trançados nas algas.

Do alto do rochedo, Caroline, Owen e um grupo de homens acompanhavam, incrédulos, a cena na praia.

— Outra de nossas mulheres foi assassinada. — comentou um dos homens.

— Por que será que a mataram? — indagou um mineiro.

Um dos empregados da estalagem da Sra. Freely respondeu:

— Por maldade. Só pode ser por maldade.

North, seguido por Treath, subiu devagar a trilha íngreme, carregando no ombro a mulher morta, enrolada em um cobertor. Os homens silenciaram. North colocou gentilmente o corpo de Nora Pelforth na carroça. Conhecia a Sra. Pelforth, mulher muito bonita, devia ter trinta e cinco anos, era alegre, tinha olhos azuis e calmos. Era viúva havia alguns anos. O marido tinha sido um comerciante de tecidos, em Trevellas. Agora estava morta. Fora assassinada, da mesma forma que Eleanor Penrose. Deus do céu, o que estava acontecendo ali?

Pellet, um dos mineiros que trabalhava na mina David aproximou-se de North.

— Quem matou a Sra. Pelforth, milorde? O senhor é o magistrado. O que vai fazer?

— Tudo o que eu puder, Pellet. Se um de vocês tiver alguma, informação que ajude a esclarecer este caso, por favor, me procure em Mount Hawke. — North virou-se para Owen — Verifique onde está Bennett Penrose.

Era quase meia-noite quando North e Caroline foram para seus aposentos. Assim que entrou no quarto, North quase tropeçou num banquinho.

— Certamente foi Tregeagle quem deixou este banquinho à entrada do quarto, de propósito, para que você tropeçasse e caísse. — disse ele, zangado.

Ele parou e prestou atenção às doze fortes batidas do grande relógio do hall de entrada.

— Em que você está pensando, North?

Ele foi até a lareira e ajoelhou-se para acender o fogo.

— São essas mortes. Pedi a Owen para descobrir o paradeiro de Bennett. Temos certeza de que ele não matou sua tia, mas pode ser que tenha matado a Sra. Pelforth.

— Que motivo ele teria para matá-la?

— Quem sabe? Talvez ela estivesse dando dinheiro para ele. Talvez fossem amantes e brigaram. Seja como for, pela manhã saberemos onde Bennett estava nos dois últimos dias. Agora, vamos para a cama. Você quer dormir neste quarto ou no seu?

— Depende de onde você for dormir. Quero ficar com você.

— Então ficaremos aqui.

Ele ergueu os longos cabelos de Caroline e começou a beijar-lhe o pescoço, a nuca e quando lhe tocou a orelha com a língua, ela estremeceu e virou-se.

— Espere. Quero ver todo o seu corpo.

North arqueou as sobrancelhas.

— Você quer me ver nu novamente? Como ontem à noite?

— Sim. Você é magnífico, admirável. Quero ter você à minha disposição.

Em três minutos North estava nu e rindo para ela.

— Pronto. Estou a seu dispor. O que devo fazer.

— Deite-se.

Ele esparramou-se no meio da cama enorme.

— Você quer *amarrar* meus pulsos nas colunas da cama? — ele perguntou.

Caroline inclinou a cabeça para o lado, sua expressão indagativa.

— Por que eu haveria de querer isso?

North riu da inocência da esposa.

— Assim você terá completo controle sobre mim. Não poderei, de repente, virar-me e subjugar-lá. Sou mais forte e posso me exceder, movido pelo desejo.

— Não sei nada sobre isso, North, e me parece algo estranho. Talvez não seja discreto nem casto... Mas, onde estão suas gravatas?

Caroline estava aninhada nos braços do marido, ambos felizes, saciados e ofegantes, as gravatas soltas nas colunas da cama.

— North?

— Sim? — ele murmurou, surpreso por Caroline ter-se recuperado tão depressa.

Afinal, tinham feito amor como loucos, e ele tentava concentrar-se em respirar para manter-se vivo.

— Vamos ter doze filhos. Está bem para você?

— O quê?!

North achou que não tinha entendido bem o que ela dissera. Sentia-se mais relaxado e pronto para dormir uma década.

— Filhos, North. — Caroline beijou-o na boca e mordiscou-lhe o lábio — Vamos ter muitos filhos. Sou filha única e senti falta de irmãos. Sempre vivi só. Isso é triste. Lembro-me de que minha mãe engravidou duas vezes, mas perdeu os bebês e quase morreu também. Espero não ser como ela.

North estava com os olhos fechados e não era capaz de dizer o que quer que fosse. Beijou os cabelos da esposa, aspirou o perfume de lavanda e adormeceu.

Caroline puxou-o para bem junto dela. North tivera um dia exaustivo e precisava descansar. Veio-lhe à mente a imagem de Nora Pelforth, morta. O que estava acontecendo?

— Que tolice está dizendo? E claro que você não é como sua mãe. Não fale assim, droga! Teremos muitos filhos.

Caroline levou um susto tão grande que se afastou depressa do marido. Ele apoiou-se nos cotovelos e olhou para ela, zangado. No instante seguinte adormeceu novamente. Caroline entendeu que ele havia falado sem estar completamente desperto.

Aconchegou-se a ele de novo, muito feliz com a reação de North. Ele não a desejava apenas. Com toda certeza também sentia por ela algo mais, quem sabe afeição e carinho.

Mas, e ela? Por certo sentia desejo, isso era natural. Mas também nutria por ele sentimentos mais elevados, tanto humanos quanto espirituais. Muitos deles não eram físicos, eram puros, vindos do coração e da alma. Ah, e como tinha gostado de admirá-

lo esparramado na cama com os pulsos amarrados. North era realmente magnífico.



— Senhorita? Quero dizer, Vossa Senhoria?

Caroline pôs de lado o livro com os registros deixados pelos antepassados Nightingale sobre o rei Mark e olhou para Timmy, parado à porta do quarto.

— Boa tarde, Timmy. Você conseguiu mais lavanda para meu banho?

— Não, milady. Pensei que a Sra. Mayhew fosse preparar seu banho de agora em diante.

— Prefiro que seja você.

— Obrigado, milady. Vejo que a senhora está lendo um livro muito importante.

— Suponho que para os antepassados Nightingale era importante. Você já ouviu falar sobre o rei Mark?

— Não, milady.

— Muitas pessoas acreditam que ele tenha sido rei da Bretanha e da Cornualha, no século sexto. Mas esta não é uma história interessante. O que você quer, Timmy.

— Eu estava pensando se milady poderia me dar aquela pistola. O velho Sr. Falkes já foi embora e com certeza não vai tentar seqüestrar a senhora outra vez.

— Ah. — Caroline levantou-se e pegou a arma — Aqui está, Timmy. Você me disse que precisava de uma arma, pois a de seu pai quebrou. É isso mesmo?

— Sim, milady.

— Conversei com Coombe sobre sua família, e ele me disse que seu pai tem muitas armas, inclusive um bacamarte enorme.

Timmy baixou a cabeça.

— Coombe também me disse que seu pai não é um homem bom.

Timmy ergueu depressa a cabeça e sua expressão transformou-se.

— Meu pai bebe até não poder mais, no bar em Goonbell. Então a Sra. Freely manda ele embora. Ele vai para casa cambaleando e bate na minha mãe e nas minhas irmãs. Em mim ele não bate porque eu venho correndo para Mount Hawke. Mas a minha mãe e as minhas irmãs não podem ir para lugar nenhum. Eu quero ter uma arma para protegê-las.

— Está certo, Timmy. Você precisa desta arma mais do que eu. Porém, tem de prometer que terá muito cuidado. Não atire no seu pai. Se quiser que ele pare de maltratar a família, atire para o alto. O barulho é tão forte que ele ficará com medo.

Se o primeiro tiro não der resultado, atire novamente. Promete que fará isso?

— Prometo, milady. Não quero matar meu pai. Só quero assustá-lo. Mas a senhora disse que eu posso atirar outra vez. Posso mesmo?

— Sim, Timmy. Esta pistola tem o tambor duplo, para duas balas. Você sabe atirar?

— Não, senhora. Nunca peguei numa arma antes.

— Nesse caso, vamos até o pomar. Vou ensiná-lo a limpar esta arma e a carregá-la. Em seguida vamos praticar um pouco.

Uma hora mais tarde, North ouviu um tiro vindo do lado leste e sentiu os pelos da nuca se arrepiar. Correu até o pomar, na direção de onde viera o tiro. Logo viu Caroline e Timmy praticando tiro ao alvo.

Ouviu-a dizer:

— Muito bem, Timmy, você quase acertou na garrafa. Segure a pistola com firmeza. Olhe bem para o alvo e aponte a arma na direção dele. Só então aperte o gatilho.

Timmy seguiu as instruções de Caroline e desta vez a garrafa espatifou-se, espalhando ao redor uma centena de cacos de vidro.

North começou a andar na direção de Caroline, mas então parou. Não. Não precisava ir até lá. Podia adivinhar qual era a intenção de sua esposa. Teria uma conversa com ela.

— Então você entregou a pistola a Timmy, deu-lhe lições de tiro ao alvo e lhe disse para não atirar no pai quando estivesse maltratando a esposa e a filha. — North disse, devagar, calmo como o olho de uma tempestade — Acha que agiu sensatamente, Caroline?

— Claro. Timmy não é idiota. — ela respondeu — Agora pelo menos, ele sabe atirar. Continuarei a ensiná-lo até que ele tenha plena confiança em si mesmo. O importante é que o pai dele terá uma surpresa na próxima vez que chegar em casa bêbado, pronto para bater na mulher e nas filhas.

North olhou para a esposa e meneou a cabeça. Não adiantava continuar com aquela conversa. Cabia a ele fazer uma visita à família de Timmy. Assim pensando, saiu de Mount Hawke.

Caroline estava sentada com Mary na sala de estar, ajudando-a a costurar roupinhas para o bebê quando Coombe entrou na sala.

— Milady, Polgrain quer conversar com a senhora para decidir o cardápio da semana, uma vez que lorde Chilton não está em casa.

— Lorde Chilton nunca escolheu cardápio nenhum com Polgrain, você sabe disso, Coombe.

— De fato, era Tregeagle quem cuidava disso, milady. Mas agora lorde Chilton está casado...

— Está bem, Coombe. Diga a Polgrain que o encontrarei na sala das senhoras em quinze minutos.

— Não há sala das senhoras em Mount Hawke, milady.

— Agora há. E aquela sala ensolarada que fica do lado da biblioteca.

— Mas...

— Em quinze minutos, Coombe.

— Sim, milady.

Assim que a porta se fechou, Mary riu.

— Ele é um militar, não é mesmo? Ontem eu estava na vila de Mount Hawke e vi Coombe flertando com a dona da confeitaria da High Street. Ouvi-o dizendo a ela alguma coisa sobre a virilidade dos homens carecas.

Caroline também riu.

— Os três são rígidos militares. Mas Tregeagle é o pior do trio. Eles ficarão loucos de raiva quando os tapeceiros chegarem para decorar a nova sala de estar das senhoras.

— É o outro cômodo que a senhora disse que iria decorar?

— Uma coisa de cada vez. Apreendi isso com meu professor de italiano, na Academia Chudleigh. Nossos militares ainda nem se recuperaram do choque que levaram com a chegada das criadas. Tenho certeza de que a Sra. Mayhew não permitirá que pisem no seu calo. Expliquei a ela como era o trio, ao que ela respondeu que todos na região conhecem a fama de Coombe, Tregeagle e Polgrain. Eles odeiam as mulheres.

— Sete mulheres na casa. Os três devem estar rangendo os dentes.

— Se estão. Isso não é ótimo?

Polgrain não podia estar mais infeliz. Era penoso entrar naquela sala da qual *ela* se havia apoderado e iria *arruinar* em breve. O pobre patrão, jovem, inexperiente, estava cego e perdido de desejo por aquela pessoa feminina, a ponto de lhe dar carta-branca para fazer o que bem entendesse na casa.

Desolado, ele olhou ao redor.

— Esta não é uma sala de senhoras. Foi sempre uma sala masculina. Não há aqui nada feminino.

— Amanhã à tarde se tornará uma sala de senhoras. — Caroline argumentou — Haverá cortinas claras, almofadas de seda, papel de parede em tons pastel...

Polgrain engoliu em seco. Caroline notou sua expressão de dor. Ele era tão velho



quanto Tregeagle, porém mais baixo e igualmente magro, tinha cabelos grisalhos e queixo pontudo. Coombe era o mais novo dos três e mais elegante tanto no trajar como nas maneiras.

Ela sentou-se numa poltrona com as mãos cruzadas no colo.

— Diga-me o que você tem em mente para o nosso jantar, Polgrain. — o cozinheiro olhou para ela, mudo — Muito bem. Gosto muito de carne de caça.

— Não temos carne de caça no momento, milady.

— Você é muito criativo, Polgrain. Tenho certeza de que arranjará carne de caça.

— Criatividade é herança de minha família, milady, porém receio não encontrar carne de caça.

— Isso é inaceitável. Mary aprecia carne de porco com maçãs e sálvia. Evelyn é louca por torta de carne com batatas e ervilhas. Quanto a Alice, adora rabada.

— Não temos sálvia, milady.

— Mande alguém à vila para comprar. A Sra. Crimm tem uma horta com todo tipo de condimentos.

— Sua Senhoria detesta rabada.

— Então faça sopa de tartaruga para ele. Ele gosta muito dessa sopa, não é mesmo?

Polgrain mordeu o lábio e ficou em silêncio, olhando para o papel de parede que ele sempre havia admirado e que iria para o lixo.

— Ah, Polgrain, não deixe faltar pão italiano, pãezinhos de minuto e bolo de laranja. E para Alice, bolo de limão e gengibre. Talvez seja difícil para você preparar tudo isso ou aprender novas receitas. Afinal, os homens não se adaptam bem na cozinha. Se precisar de ajuda, não se acanhe, fale com a Sra. Mayhew...

— Asseguro-lhe de que sou o melhor cozinheiro de todo o condado, milady. — disse Polgrain com orgulho — Posso preparar...

— Ótimo! Então acrescente à lista bacalhau assado e mexilhões. Deixo os acompanhamentos a seu critério. Aqui está a lista dos pratos que pedi. Obrigada. Na próxima semana, a esta mesma hora, nos reuniremos aqui. Mais uma coisa, as novas criadas farão as refeições na copa, com vocês, naturalmente. Elas não gostam de receber a bandeja no quarto. Querem se sentir parte da família Nightingale. E lembre-se, seremos seis à mesa.

Caroline deu uma palmadinha no braço de Polgrain e deixou-o parado, pensando no que mais iria acontecer no castelo.



Após servir-se da carne de caça, aliás, muito elogiada por North, Owen observou:

— Os homens, nas vilas, estão armados. Eles dizem que tudo estava calmo por aqui até...

— Eu sei o que eles pensam. — North o interrompeu — Fui eu quem encontrou o corpo da tia de Caroline no promontório St. Agnes. Ainda me consideram um estranho na região. Não os culpo por suspeitarem de mim.

Evelyn foi em defesa de North.

— Mas quando a outra mulher foi assassinada, milorde, o senhor estava na guerra, longe daqui. Eles suspeitaram de Bennett Penrose.

— Como você sabe disso, Evelyn? — North perguntou.

Evelyn corou até a raiz dos cabelos.

— Foi o Sr. Savory quem me contou.

Flash não deveria ter feito aquilo, North pensou. O assunto era confidencial. Ele observou Evelyn discretamente. Ela era muito bonita, e Flash, com toda certeza, encantado com a garota, dissera o que não devia. Enfim, já estava feito mesmo.

— Há outra coisa, milorde. O Dr. Treath também era amigo íntimo da Sra. Pelforth.

— Eu sei disso. Quando encontramos o corpo de Nora Pelforth, o Dr. Treath ficou abalado. Ele me contou que a Sra. Pelforth tinha sido muito amável com ele depois da morte de Eleanor. Mais uma pessoa querida estava morta.

— O Dr. Treath gostava de Eleanor Penrose e também de Nora Pelforth e as duas foram assassinadas. — Owen observou — Acha que ele talvez seja louco, North? Seria do tipo que ilude as mulheres e depois as mata?

— Que absurdo! Aprecie o seu jantar, Owen. Você está deixando Alice assustada.

Owen pôs a mão sobre a de Alice como se fosse um tio ou um padre confessor.

Uma questão, porém, começou a importunar Caroline. Teria o Dr. Treath amizade com Elizabeth Godolphin?



North olhou para Tregeagle, Coombe e Polgrain que estavam parados à porta.

— O que foi?

Tregeagle pigarreou.

— Milorde, foi impossível não ouvir o que a moça disse há pouco. Como aqueles bufões podem pensar que o senhor seja culpado de alguma coisa? Isso é ridículo!

— Obrigado, Tregeagle, mas vocês não têm outras tarefas que exijam sua atenção?

— Há sempre o que fazer numa casa tão grande como esta, milorde. E com a chegada de tantas pessoas, as tarefas se multiplicaram.

Caroline não perdeu a chance de dizer:

— Posso pedir à Sra. Mayhew...

— De modo algum, milady. — Coombe interrompeu-a — Conseguiremos realizar nossas tarefas como sempre, mesmo nas mais desesperadas e extenuantes circunstâncias.

— Minha admiração por vocês é impressionante. — North disse — Polgrain, a carne está excelente, bem como os bolinhos que acompanham o prato, e a sopa de tartaruga tem um sabor incomparável.

— Se os pratos estão do seu agrado, milorde, para mim é o bastante.

— Na verdade, parece que tudo o que minha esposa pede ou sugere, é do meu inteiro agrado, Polgrain. — North completou.

Para surpresa de todos, a tímida Alice manifestou-se.

— A rabada também está ótima, Polgrain.

O cozinheiro empertigou-se e ergueu o nariz.

— O tempero faz toda a diferença. Sua Senhoria não gosta de rabada.



Evelyn acordou Caroline assim que o dia clareou, para avisar que Alice estava passando mal, vomitando muito.

Timmy foi depressa chamar o Dr. Treath.

Em poucos instantes, o médico chegou acompanhado de Bess, como sempre. Owen entrou correndo no quarto de Alice.

— O que está acontecendo? Alice está doente?

Nem mesmo Bess Treath impediu-o de ficar no quarto, segurando a mão de

Alice e confortando-a enquanto o médico a examinava.

Felizmente Alice não corria o risco de perder o bebê, o que era sua maior preocupação, informou Treath pouco depois, na sala de estar.

— Não sei, Benjie, talvez fosse melhor para ela se isso tivesse acontecido. — Bess opinou — Ela é uma criança. O que lhe acontecerá?

— Oh, Bess, é claro que Alice não ficará desamparada. Continuaremos a cuidar dela, do bebê, e ela receberá orientação profissional. — Caroline respondeu.

Após a saída do médico e da irmã, North e Caroline voltaram ao quarto de Alice. Ela estava dormindo e Owen ainda segurava sua mão.

— O Dr. Treath acha que Alice comeu alguma coisa que lhe fez mal. Talvez tenha sido a rabada.

— Foi o que eu pensei. — North murmurou, sombrio, o cenho franzido.



North entrou no estábulo, e Timmy, que cuidava de Treetop, entregou-lhe um bilhete.

— Um moço com fala de esquilo me deu esse papel e disse que era para o senhor.

— Que moço, Timmy?

— Eu não o conheço, milorde.

— O que é fala de esquilo?

— Ele falava gaguejando.

North leu o bilhete, amassou-o, guardou-o no bolso da calça de montaria. Saltou para a sela de Treetop e seguiu na direção nordeste, no fim de sua propriedade, onde havia meia dúzia de montes. Diziam que na base daqueles montes havia túmulos muito antigos, anteriores ao período dos romanos e até mesmo dos celtas. North lembrou-se de ter lido que no monte Silbury, o maior deles, havia um cemitério e possivelmente ali fora enterrado um tesouro. No século anterior o duque de Northumberland reunira um grupo de mineiros para perfurar e escavar o monte, mas nada tinham encontrado.

Ocasionalmente os moradores da vila encontravam na área, cacos de cerâmica, pedaços de ferro e aço, obviamente partes de armas muito antigas. Não fazia muito tempo, fora encontrada na base de outro monte, uma câmara mortuária estreita e comprida com inúmeros esqueletos, peças de cerâmica, mas nada de valor.

Teria o rei Mark sido enterrado na base de um daqueles morros?

North refreou Treetop e olhou ao redor, esquecendo-se da arqueologia, do rei

Mark e de tesouros.

O bilhete que Timmy lhe entregara dizia que Caroline estaria naquele lugar para encontrar-se com seu amante. Ele olhou para o bosque de carvalhos. Na antiguidade, os druidas costumavam prender os inimigos em gaiolas, penduravam-nas nos galhos daquelas árvores e então os assavam vivos.

Onde estaria Caroline? Aquilo só podia ser mentira, ele sabia disso. Mesmo assim, esperava ver a esposa com alguém.

Quando avistou Reggie e outro cavalo amarrados a uma das árvores, sentiu o coração querer saltar de dentro do peito. Estaria Caroline com o amante? Deus do céu, aquilo era loucura! Alguém queria arruinar seu casamento. Provavelmente um dos três militares.

Caroline não iria traí-lo, ela o adorava, o amava. Eles estavam casados havia apenas três semanas.

North tocou Treetop bem devagar para surpreender Caroline e o outro homem.

Viu Benjamin Treath perto de Caroline com o braço estendido. Ele parecia mostrar-lhe alguma coisa. Aquilo não era um encontro clandestino.

Mas o que ele poderia estar mostrando à sua esposa? E por que ali, num lugar isolado, no fim da propriedade? Caroline não era como as outras esposas Nightingale. Não! Ela era fiel. Ele apostava tudo o que possuía na lealdade dela.

Quando Treath inclinou-se e pôs a mão no ombro de Caroline, aquela mão tão grande, North não gostou. Eles pareciam estar falando seriamente sobre alguma coisa. Então Treath beijou-a no rosto, mantendo aquela mão grande no ombro dela. North sentiu-se enregelar. Por fim, o médico afastou-se, acenou para Caroline, sorriu, montou o animal e partiu.

O que significava tudo aquilo?

Naquele momento, as palavras que North tinha lido nos diários que Tregeagle lhe entregara, vieram-lhe à mente com toda clareza. As mulheres não eram confiáveis. Sua mãe, sua avó e sua bisavó haviam traído os esposos. Tudo o que fora escrito sobre a perfídia das mulheres, sobre a desonra, passou por sua cabeça.

Não, ele pensou, fugira de Mount Hawke para escapar daquele maldito legado. Não lhe fora mais possível suportar o pai com sua amargura, sua solidão, o menosprezo pelas mulheres e as contínuas acusações feitas à esposa: uma prostituta, uma vadia. Ah, a justiça se fizera e a ordinária estava morta.

Aqueles dez anos afastado de casa tinham sido difíceis, mas qualquer coisa era melhor do que permanecer em Mount Hawke com o pai.

Ele não era como o pai, nem o avô ou o bisavô. O legado Nightingale terminava com ele, Frederick North Nightingale. Ele tocou Treetop e foi ao encontro de Caroline. Certamente ela não estava pensando em Benjamin Treath.

Caroline gostava daqueles morros, daquelas colinas ondulantes e dos muros de pedras, muitos deles centenários, feito com tanta habilidade. Quem teria assentado aquelas pedras, uma sobre a outra com tanta precisão? Olhando para o lado, ela viu North se aproximando. Deu um grito de alegria e correu na direção dele. A saia de montaria a atrapalhava e ela não hesitou um segundo. Ergueu-a até os joelhos sem parar de correr.

North refreou Treetop, saltou da sela, ergueu a esposa nos braços e rodopiou com ela.

— Senti sua falta. — disse, beijando-a na boca.

— Demorei a encontrá-la.

Ela o beijou também, tornou a beijá-lo e ainda uma terceira vez, por garantia.

— E como foi que você me encontrou?

— Alguém me escreveu um bilhete, dizendo que você viria a este lugar para encontrar-se com seu amante.

Caroline o fitou, surpresa.

— Você está brincando?

North entregou-lhe o bilhete amassado. Ela alisou a folha de papel, leu e releu o que estava escrito.

— Meu Deus, estou atônita. Isto é uma tolice.

— Foi o que pensei.

— Que imbecil poderia ter escrito este bilhete?

Antes de North responder, Caroline começou a rir, enquanto agitava a folha de papel.

— O imbecil não sabe que eu tenho como marido o homem mais maravilhoso que existe no mundo e que me satisfaz plenamente. Como poderia ter um amante se todas as minhas energias estão voltadas para você?

North apenas olhou para a esposa. Então ela pensava tudo isso a respeito dele?

— Isto é uma insensatez. Lamento, mas a meu ver o autor deste bilhete é um daqueles seus militares. Tenho certeza de que eles são os responsáveis pela aparição daquele monstro à minha janela na nossa noite de núpcias. Posso até imaginar Tregeagle ou Coombe deitado no teto, fazendo descer até a vidraça aquela figura assustadora, presa por barbante ou arame. — Caroline tornou a agitar a folha de papel — Isto só pode ser obra de Tregeagle, aquele pateta de nariz empinado. Agora, meu marido, me beije.

North beijou-a ardentemente. Caroline era sua e lhe era fiel. Toda a perfídia do passado, todo o legado de traição terminava ali, com ele e a esposa.

No mesmo instante a dúvida insinuou-se em seu coração. Ele vira Caroline com



Treath. Olhou para ela e as palavras, as insinuações do pai sobre as mulheres tornaram-lhe os olhos mais escuros, quase opacos, e sua expressão dura e assustadora.

— Oh, North, que expressão sombria e ameaçadora é essa? Prefiro você alegre, espirituoso e brincalhão.

— O que você estava fazendo aqui?

Ela deu um amplo sorriso, abraçou o marido pelo pescoço e beijou-o demoradamente. Só depois respondeu:

— Vim a este lugar, porque estive lendo aquele livro sobre o rei Mark e uma passagem, escrita por seu avô, deixou-me curiosa. Ele começa dizendo que, segundo os registros deixados por um monge, houve no passado, antes mesmo de os *vikings* governarem grande parte da Inglaterra, um terrível cataclisma em Fowey. Depois disso a região transformou-se. Esse monge afirma que o rei Mark não foi enterrado naquela região. Não há nada sobre esse rei no sul da Cornualha. Seu avô acreditava que teria sido no bosque de carvalhos que o rei Mark havia se encontrado com o sobrinho Tristão para exilá-lo da Cornualha, juntamente com Isolda. Ali também o rei Mark foi morto, supostamente vítima de uma flecha envenenada, disparada por um dos amigos de Tristão, e foi enterrado aqui. Ora, não ria, North. Estou tentando levar a sério as memórias de seus antepassados.

— Não estou rindo. Mas nunca ouvi falar de nenhum terremoto por aqui. Meu avô mencionou o nome do monge ou da ordem à qual ele pertencia? Há na biblioteca alguma referência sobre o assunto?

— Não sei. Não tive tempo de olhar os volumes de todas as estantes. O que tem me deixado intrigada é aquele bracelete de ouro. Seu bisavô nunca mencionou onde foi encontrado. Por que seu pai nunca disse uma palavra sobre seu desaparecimento? Pois bem, vim até aqui para ver o que eu poderia encontrar.

— Encontrou alguma coisa?

— Nada. Nem um pedaço de ferro que poderia ter pertencido a uma espada antiga. Os seus antepassados podiam ter escrito coisas mais interessantes, mas parece que eram obcecados pela idéia de traição feminina. Você sabe disso.

— Claro. Eles detestavam as mulheres. Meu bisavô transmitiu esse ódio a meu avô, e este, a meu pai. Assim eram os homens Nightingale.

— Esses homens Nightingale eram extremamente belos como você?

North beijou-a na testa e perguntou:

— Eu sou extremamente belo?

— É. Acho que eu corro o risco de ficar mais apaixonada por você agora, do que antes.

Os olhos de North quase se fecharam, tal o seu desejo. Ele imaginou-se na cama

com Caroline, tendo os pulsos amarrados, enquanto ela o acariciava até deixá-lo a ponto de explodir de prazer, para só então desamarrá-lo.

— North, sua respiração está acelerada. Você está se sentindo bem?

— Não.

— Nesse caso... — Caroline tirou depressa o casaco de montaria, estendeu-o sobre a relva, deu um sorriso malicioso e começou a tirar os grampos que prendiam o chapéu.

North ficou imóvel, olhando para ela.

— Caroline, aqui é muito aberto...

Ela segurou a mão dele e puxou-o.

— Então vamos até o bosque de carvalhos. Lá é muito aconchegante e eu poderei beijá-lo até perder o fôlego.

Os dois saíram correndo. O riso alegre e solto de Caroline aqueceu o sangue de North, aumentando seu desejo por ela. Um desejo incessante, insaciável.

## *Capítulo V*

Passava da meia-noite e North ainda estava acordado, olhando para o teto. Acabara de lembrar-se de que não havia perguntado a Caroline o que o Dr. Treath estava fazendo no bosque de carvalhos, o que ele lhe havia mostrado e por que ele lhe dera um beijo no rosto.

North sacudiu a cabeça. Seria ele igual aos outros homens Nightingale no que dizia respeito às mulheres, particularmente à esposa? Estaria ele envenenado pela desconfiança?

Droga!

Não iria pensar mais nisso. No mesmo instante lembrou-se de que jamais fora possessivo com suas amantes. A questão de fidelidade nunca fora para ele algo inquietante. Afinal, um *caso amoroso* não era duradouro, a vida era feita de risos e lágrimas, os homens e as mulheres não eram santos.

Mas Caroline era sua esposa, e ele, como marido, devia preocupar-se em saber se ela lhe era fiel.

Inferno!

Caroline o amava e era fiel. Ele desejou nunca ter lido nem uma pequena parte do diário que Tregeagle lhe dera. Havia veneno naqueles registros. O ódio que os antepassados nutriam pelas mulheres era uma doença, e ele não podia deixar-se contaminar.

North beijou a testa de Caroline e trouxe-a para junto de si. Surpreendeu-se quando ela perguntou:

— O que há de errado, North? Por que você não consegue dormir?

— Suponho que seja porque eu ainda a deseje, Caroline. Você não fez seu dever de esposa. Não fazemos amor há pelo menos seis horas. Estou muito necessitado. Provavelmente não dormirei o resto da noite, sentindo sua falta.

Teria essa torrente de palavras saído mesmo de seus lábios? Por que ele não respondera à pergunta de Caroline de modo simples e breve? E por que se mostrava tão bem-humorado, e até divertido? Onde estava o North taciturno? Ele mal podia acreditar no que estava acontecendo consigo. Ainda não se acostumara com este novo North que fazia gracejos, que provocava e ria bastante. Felizmente deixara para trás seu temperamento sombrio, seu ceticismo e sua melancolia. Esquecera suas cismas e desconfianças. Tudo o que importava era ter Caroline aconchegada a seu peito, e poder acariciá-la e receber suas carícias.

— Perdoe-me, North, por não tratá-lo como devia. Também anseio por ter você.

Bastou North sentir o calor do hálito de Caroline e ouvir-lhe a voz sensual para vibrar de desejo.

— Quero seus lábios, quero você. Venha.

Ela assim o fez e ambos se beijaram, se acariciaram, se amaram loucamente, num torvelinho de paixão.

— Ah, minha Caroline, você é muito mais do que um homem merece.

— E você é o único homem que eu desejo. — ela respondeu num sussurro.



Era outono, aproximava-se o feriado de Todos os Santos. A temperatura havia caído sensivelmente, ventava muito e havia intensa neblina ao amanhecer. Caroline não conhecia todos os cômodos de Mount Hawke, seu novo lar, e naquela manhã decidiu dar uma volta pelo castelo.

Mary achava-se em seu quarto dando aulas a Alice e a Evelyn, Owen estava em Scrilady Hall e North havia saído com Savory Flash, para interrogar as pessoas que

tinham conhecido Nora Pelforth, na tentativa de descobrirem alguma pista sobre seu assassinato.

Caroline subiu ao terceiro andar da ala leste. Tudo ali era tão silencioso e lúgubre que chegou a dar-lhe arrepios. Ninguém usava aquela ala havia muito tempo. Ela espirrou ao abrir a porta do último cômodo do longo corredor. Não era um quarto, parecia um depósito. As pesadas janelas de madeira estavam trancadas e cobertas por cortinas muito velhas. Caroline afastou-as, conseguiu destrancar as janelas e deixou a luz do sol entrar no cômodo. Encostada a uma das paredes havia uma pilha de caixotes e, perto destes, alguns quadros. Ela pegou um deles. Era o retrato de uma mulher, pintado no início do século anterior. A mulher, jovem e muito bonita, tinha olhos e cabelos escuros, uma covinha na face direita e estava sentada. O cavalheiro alto que se via atrás dela, sem dúvida um Nightingale, tinha a mão apoiada no ombro da moça.

Caroline afastou da parede, outros retratos e passou a observá-los. Eram todos de mulheres, pintados a partir do século XVI. O mais antigo era o de uma senhora com semblante severo, lábios finos e comprimidos. Usava um traje escuro com a gola de rufos ao redor do pescoço e três longos fios de pérolas. Parecia uma harpia. Havia ali cerca de duas dúzias de retratos, todos eles, obviamente, de esposas Nightingale. Sem dúvida tinham sido removidos dos cômodos principais do castelo e jogados naquele depósito. Pelo menos não estavam perdidos nem tinham sido queimados. O retrato mais recente encontrado por ela, era o de uma senhora com os cabelos empoados, nariz erguido, devia ser a avó de North.

Mas onde estaria o retrato da mãe de North? Teria sido destruído? Mais provavelmente o avô de North nem permitira que o retrato fosse pintado.

Que homens detestáveis teriam sido o bisavô e o avô de seu marido, tão cheios de ódio pelas mulheres. Caroline afastou o pensamento e voltou a observar os retratos. A maioria estava em mau estado. Só dois deles, pintados havia pouco menos de cem anos, não precisavam de restauração. Ela pegou ambos e desceu com eles para seu quarto. Ainda ofegante por causa do esforço, tocou a campainha chamando a Sra. Mayhew.

— Venha cá, meu senhor. — Caroline chamou o marido — Tenho uma surpresa para você.

A expressão de North era de espanto ao ver a esposa com o rosto sujo, as mãos imundas e o vestido de musselina coberto de pó. Ela sorria de modo triunfante. Atrás dela estavam as moças grávidas, a Sra. Mayhew e as duas criadas. Ao lado da esposa North viu Polgrain, Tregeagle e Coombe.

— Você parece um moleque de rua. O que esteve fazendo? — indagou.

Caroline simplesmente apontou para os retratos que estavam na parede. North manteve o olhar preso a eles. Sentiu a garganta apertada. Um dos retratos era do bisavô e da bisavó, ambos jovens. O outro era do avô e da avó, também jovens. Com certeza os dois retratos tinham sido pintados logo depois do casamento. Os dois

casais eram muito bonitos e pareciam felizes. Não havia sombra nenhuma em seus olhos.

Subitamente ele desejou ver o retrato da mãe. Ansiava por saber como era seu rosto, pois não se lembrava de suas feições. Havia na casa só o retrato do pai, na meia-idade, o rosto amargurado, os olhos escuros, estreitos, traduzindo sua raiva.

— Onde você encontrou esses dois retratos?

— Em um cômodo do terceiro andar da ala leste. Lá deve haver duas dúzias de retratos de mulheres Nightingale, desde o tempo da rainha Elizabeth. A maioria precisa de restauração.

North olhou novamente para o retrato da avó.

— Minha mãe... — ele parou — Você sabe que ela está morta. Não encontrou nenhum retrato dela?

— Sinto muito, mas o retrato mais recente é este de sua avó e seu avô.

— Ela parece tão feliz com o marido. A expressão de minha bisavó também é de felicidade.

— É verdade. Achei estranho o fato de todas as outras esposas Nightingale terem sido retratadas mais de uma vez. A primeira quando jovem, com o marido e depois, sozinha, na meia-idade. Mas de sua bisavó e sua avó só há um retrato de cada.

— Claro, elas deixaram Mount Hawke ainda jovens. Lembro-me de que minha mãe se chamava Cecília. Imagino que se ela tivesse sido pintada antes de morrer, devia parecer tão feliz como minhas bisavó e avó.

— Milorde?

— Sim, Tregeagle?

— Posso falar com o senhor?

— Talvez mais tarde, Tregeagle.

— Milorde?

— Sim, Coombe?

— Gostaríamos que milorde nos desse um minuto de sua atenção. Em particular.

— Agora, não, Coombe.

— Pois bem, milorde. O senhor obriga-me a falar-lhe diante de todas estas mulheres. Não queríamos que estes retratos fossem retirados lá de cima. Nós sabíamos que eles estavam guardados no terceiro andar. Tentamos explicar para milady, que seu bisavô exigiu que todos eles fossem removidos das paredes deste castelo. Ele proibiu que se pendurasse um retrato de mulher aqui em Mount Hawke. A porta daquele cômodo estava trancada ela a abriu. Não entendemos como isso aconteceu.

— Como você sabe de tudo isso, Coombe?

— Estou repetindo o que seu bisavô deixou escrito, milorde. O senhor não leu o diário que Tregeagle lhe deu antes de milady vir morar em Mount Hawke?

Para surpresa de North, Caroline riu.

— Ora, pare com isso, Coombe. E você, Tregeagle, entenda que estamos vivendo em outra época. São novos tempos. O passado é passado e toda a infelicidade do século anterior deve ser esquecida. Não faz mais parte de nossa vida, nem desta casa. Vocês devem acabar com essa tolice. Dêem as boas-vindas ao que é bom e correto. Alegrem-se com o que é belo e saudável. Todas as ladies retratadas foram esposas Nightingale, foram mães.

— Não gostamos disso. As mães Nightingale não eram dignas. Elas eram, lamento dizer, vadias. — replicou Tregeagle — Foram esposas Nightingale apenas temporariamente. Então os homens Nightingale perceberam que elas eram pérfidas. Num passado recente não houve uma esposa que fosse leal ao marido. Os homens Nightingale carregam consigo uma maldição, ou bênção, depende de como isto seja visto. É o legado de um Nightingale. É o seu legado, milorde.

— Basta, Tregeagle. — ordenou North, a voz calma, fria e mortal.

— Mas, milorde, ela tem um caso com o Dr. Treath! — Coombe exclamou — Todos sabem disso.

— É verdade, milorde. Ela é como as outras. É esse o fardo que um Nightingale deve carregar. — sentenciou Tregeagle em tom funesto.

North olhou bem para os três serviçais.

— Creio que vou levá-los para fora e matá-los. Vocês não tem jeito. Jamais irão mudar. Caroline, empreste-me a pistola.

— Lamento, North, não a tenho mais. Lembra-se de que a dei para Timmy?

— Então me arranje um pedaço de corda. Vou enforcar estes três miseráveis nas macieiras e deixá-los lá pendurados até caírem no chão como maçãs podres.

Gotas de suor surgiram na testa de Tregeagle.

— Milorde, isto deve ser uma brincadeira.

— Não estou brincando.

A Sra. Mayhew deu um passo à frente e olhou para os três criados.

— Por favor, me ouçam. Sua Senhoria tem sido mais do que paciente com vocês. Mas agora, basta. Lady Caroline está certa. Mount Hawke não é mais um santuário masculino. Sugiro que os senhores voltem para a cozinha, tomem um cálice de conhaque para acalmar os nervos. Talvez passem a ver as coisas na perspectiva correta. Aconselho-os a aceitarem minha sugestão, porque Sua Senhoria parece disposto a torcer-lhes o pescoço.



— Ele não fará isso. — murmurou Polgrain — Sua Senhoria está um pouco perturbado, o que não é de admirar, estando vocês tagarelando o tempo todo e fazendo coisas que não devem ser feitas nesta casa.

— Sua Senhoria não nos maltratará. — acrescentou Coombe — Ele é um Nightingale, e todos os homens Nightingale têm sido civilizados.

— Cavalheiros, parem com isso. — Caroline ordenou — Sua Senhoria e eu estamos no limite e não toleraremos suas arbitrariedades e imposições. Como eu já disse, estes são novos tempos. As mulheres Nightingale do passado terão seus retratos de volta às paredes.

As seis mulheres bateram palmas e os criados, bastiões de Mount Hawke, olharam para elas, atônitos, pareciam petrificados. North ergueu a mão. Fez-se silêncio imediatamente. Afinal, ele era o senhor do castelo.

— Lady Caroline está certa. O que aconteceu no passado, terminou. Esta casa voltará a ser saudável e, com a bênção de Deus, haverá aqui muitas crianças, não apenas o herdeiro Nightingale obrigatório. Considerem seriamente o que lhes foi dito. E agora, saiam. Apreciem um bom conhaque como sugeriu a Sra. Mayhew e saibam que Mount Hawke voltará a ser do modo que era antes da época de meu bisavô.

Tregeagle, Coombe e Polgrain voltaram para a cozinha, empertigados e silenciosos. As seis mulheres também deixaram o hall.

Assim que ficou a sós com Caroline, North observou.

— Não entendo por que o retrato de minha mãe não foi pintado, nem mesmo logo que ela se casou com meu pai. — ele fechou os olhos por um momento — Ou melhor, eu sei o que aconteceu. Meu avô estava vivo quando meu pai se casou e não permitiu que minha mãe viesse para Mount Hawke. Li o que meu pai escreveu naquele diário. Depois que eu nasci, minha mãe traiu meu pai, e meu avô expulsou-a daqui. Meu pai me disse várias vezes que ela era uma prostituta e que eu devia esquecê-la. Disse também que ela estava morta. Lembro-me de ter ouvido meu pai e minha mãe brigando, discutindo, e minha mãe chorando. Eu odiava morar em Mount Hawke. Aqui era um lugar horrível. Quando meu avô morreu, meu pai tornou-se como ele, talvez até pior.

— Sinto muito, North. — Caroline abraçou o marido — Mas agora as coisas serão diferentes. Nós mudaremos tudo por aqui.

— Caroline, por que você estava com o Dr. Treath, sob aqueles carvalhos, no limite de nossa propriedade?

Ela olhou para o marido, muito séria.

— Algum idiota mandou-lhe aquele bilhete, dizendo que eu iria me encontrar com meu amante. Você acreditou que isso podia ser verdade?

— Não.

— Você não é como seu pai, nem como seu avô ou bisavô. Nem eu sou como

aquelas pobres esposas Nightingale.

— Eu sei.

— O Dr. Treath me disse que precisava falar comigo sobre Nora Pelforth. Por isso nos encontramos no bosque de carvalho. Lá ele me explicou que Nora tinha sido uma ótima amiga, depois da morte de tia Eleanor. Entretanto, algumas pessoas comentavam que ele e a Sra. Pelforth estavam tendo um caso. Isso não era verdade. Ele quis deixar claro que amava demais minha tia e que não a esquecera. Portanto, eu não devia pensar que ele era um homem leviano. O Dr. Treath estava muito confuso e muito aborrecido. Tentei confortá-lo e assegurei de que o compreendia. Ele beijou-me no rosto e disse que gostaria muito que eu fosse sua sobrinha.

— Obrigado, Caroline, por me contar isso.

— Teria lhe contado antes, mas você começou a me beijar e me esqueci de tudo. Você tem um grande poder sobre minha mente, North Nightingale.

— O que o Dr. Treath lhe mostrou?

— Uma carta escrita por Nora Pelforth, dizendo que ela sabia o quanto ele amava Eleanor Penrose, e que sentia muito por ele ter perdido seu grande amor. Você quer ver essa carta?

— Não.

— Obrigada por dar essa resposta. Para mostrar-lhe a carta eu teria de pedi-la ao Dr. Treath, e isto seria embaraçoso.

— Esqueça. Não preciso ver essa carta.

Caroline beijou-o, depois colocou a mão sobre o braço dele.

— North, você me disse que veio para Mount Hawke com seus pais aos cinco anos de idade. Onde vocês moravam antes disso?

— Não sei. Com certeza nós morávamos em uma das propriedades de meu pai, que agora me pertencem.

— Que propriedades são essas?

— Tenho um pavilhão de caça nas colinas de Cotswolds, perto de Lower Slaughter, uma casa em Brighton e um solar em Yorkshire, perto de Northallerton. Meu Deus, estive em Yorkshire há um mês e meio, visitando meu amigo Marcus Wyndham, conde de Chase e sua esposa, Duquesa, e nem me lembrei de ir até a minha propriedade.

— Duquesa?

— É assim que Marcus a chama desde que ela era criança. O nome dela é Josephina.

— Fale-me sobre esses amigos.

— Mais tarde. Quem sabe no inverno, quando estivermos abraçadinhos, diante

da lareira. Como eu estava dizendo, não me lembro onde morei antes de vir para Mount Hawke com meus pais. Vou escrever a meu advogado. Ele me dará as informações de que preciso.

— Talvez possamos ir a Yorkshire para ver uma das casas e para visitar seus amigos Wyndham. — Caroline pôs as mãos ao redor do rosto de North — Agora, me ouça. Eu o amo e sempre o amarei. Sempre. Nunca, nunca o trairei. Sou capaz de matar quem lhe fizer algum mal. Você é meu, e o que é meu ficará comigo eternamente. E agora me beije muito, muito.

— Caroline... — a respiração de North tornou-se acelerada.



Era tarde da noite e Caroline estava na biblioteca lendo, à luz de velas, a versão da história de Tristão e Isolda escrita por Gottfried de Strassbourg, no reinado de John I.

Essa versão da história de Tristão e Isolda era mais sombria e mais feia do que a escrita posteriormente por John Mallory sobre os dois amantes condenados. A única pessoa merecedora de compaixão e respeito fora o desonrado rei Mark. O paciente e virtuoso rei, apesar de traído pela esposa e pelo sobrinho, em vez de matar os traidores, apenas os mandara para o exílio. Bem, mitos e lendas costumavam ser mais sutis e duradouros, porque eram habilmente entrelaçados com os temas clássicos do amor trágico, da traição, com apenas uma alusão ao triunfo, mas, finalmente, a morte.

Caroline achava que o bisavô de North devia ter escolhido o rei Arthur para seu ídolo, cuja história era mais conhecida. E, se o tema era a traição, Arthur também fora traído por seu valoroso cavaleiro e melhor amigo, sir Lancelot, e a esposa, Guinevere. Por que o rei Mark que poucas pessoas conheciam? Afinal, a perfídia das esposas era a mesma em ambas as histórias.

Caroline tinha de concentrar-se na leitura, em francês medieval, difícil de decifrar. Leu que Tristão, no exílio, havia jurado ser fiel a Isolda e pertencer-lhe de corpo e alma por toda a vida. Porém o bom e velho Tristão conheceu outra Isolda, por quem se apaixonou e com quem manteve o chamado *amor cortês*. Ora, os homens e sua lealdade, ela pensou, sonolenta, bocejando, com as pálpebras pesadas e os olhos ardendo.

Havia tanto ainda para ler, fruto, certamente, da imaginação do autor, Gottfried, mas cujo trabalho fora visto com seriedade nos tempos medievais.

O livro caiu-lhe das mãos.

Caroline acordou com um grito e caiu do sofá.

Ela ficou de pé imediatamente. Arregaçou as saias e correu para o hall. Parou de repente ao ver Owen montado sobre Bennett, batendo a cabeça dele no piso de mármore marrom-claro e branco. Bennett tentava defender-se, sem sucesso.

— Owen! Pelo amor de Deus, pare com isso ou você o matará. — Caroline gritou.

— Esse miserável merece apanhar. — Owen respondeu e continuou a bater a cabeça de Bennett no piso.

— Merece, é verdade, mas não quero que você vá para a forca por matar um traste como ele.

Caroline tocou no braço de Owen e notou que ele estava rígido, além de furioso. Era a primeira vez que o via tão descontrolado.

— Foi Bennett quem deu aquele grito?

— Sim. Ele berrou assim que o agarrei. — Owen saiu de cima de Bennett.

Bennett conseguiu levantar-se. Tinha o belo rosto contorcido de raiva e o nariz sangrando.

— Oh, pegue o lenço para estancar o sangue do nariz e vamos para a cozinha. Não quero que o lindo piso de mármore fique manchado. — disse Caroline.

Os três foram para a cozinha. Owen obrigou Bennett a sentar-se à grande mesa onde a Sra. Mayhew e as duas criadas tomavam as refeições.

Caroline pegou uma toalha de mão, umedeceu-a e entregou-a a Bennett.

— Limpe o rosto e nos diga o que estava fazendo aqui.

— Eu não estava fazendo nada. Este idiota saltou sobre mim, começou a me esmurrar e quase quebrou meu nariz. — Bennett replicou, parecendo um menino amuado — Ele me pegou de surpresa. Se eu pudesse me defender, ele estaria com o nariz sangrando e o crânio rachado.

Owen fez um ar de pouco-caso e ergueu os punhos.

— Não, Owen! Não bata nele novamente. — Caroline pediu e voltou-se para Bennett — É melhor você dizer por que veio a esta casa. Nós fizemos um negócio, eu lhe dei o dinheiro para ir embora. Agora você aparece, entra aqui sorrateiramente, tarde da noite. Teve sorte de North não estar em casa, pois ele seria capaz de matá-lo.

— Eu sabia que ele não estava.

— Ora, seu patife, você admite que entrou nesta casa, porque sabia que Caroline estava sem o marido? — Owen gritou.

— Vamos, Bennett, você ainda não disse o que veio fazer aqui. — Caroline insistiu.

— Seu cão danado, não me diga que você veio atrás de Alice novamente. — disse Owen.

— É claro que não. Aquela vadia deve estar feia e com uma barriga imensa. Eu não quero nem olhar para a cara dela. Perdi dinheiro. Fui tapeado e roubado.

— Você perdeu dinheiro no jogo e veio aqui para roubar? — Caroline indagou.

— Não para roubar, propriamente. Pensei que talvez eu encontrasse alguma coisa pequena e de valor que pudesse levar comigo. Queria encontrar o cofre de lorde Chilton, mas este idiota me atacou.

— Que interessante!

Os três olharam para trás e viram North encostado ao batente da porta da cozinha com os braços cruzados.

— Bennett, você é um verme nojento. — continuou North, calmamente — Caroline, minha querida, esse verme a perturbou?

— Sim. Eu estava lendo na biblioteca e adormeci. Acordei com o berro que o idiota do Bennett deu, e caí do sofá. Saí correndo da biblioteca e vi Owen sentado sobre o peito de Bennett, esmurrando-o e batendo a cabeça dele no piso de mármore.

— Eu não devia ter parado. Este miserável será sempre um problema para nós. — observou Owen — Pelo menos ficamos livres de meu pai. Ele me escreveu dizendo que está muito bem em Honeymead.

— Será verdade o que ele disse na carta? — Caroline questionou.

— Acredito que sim. Ele vai se casar com a Sra. Tailstrop. — Owen respondeu.

— Escrevi à Sra. Tailstrop. Veremos o que ela tem a nos dizer. — North comentou.

Caroline olhou para Bennett, que estava muito quieto, com o lenço no nariz.

— O que faremos com ele? — indagou.

Owen massageou os punhos.

— Se me deixarem, continuarei a bater nele até deixá-lo transformado numa massa informe.

— Podemos enforcá-lo com os três criados nos pés de maçã e deixá-los pendurados, apodrecendo. — Caroline sugeriu.

— Não é má idéia, porém sem nenhuma *finesse*. — North olhou demoradamente para Bennett, depois disse: — Por que não o mandamos para Honeymead? Ele poderá morar com Falkes.

Owen deu uma boa risada.

— Meu pai manterá Bennett sob o chicote.

— North, que tal mandá-lo para as Colônias da América? — Caroline indagou.

North dirigiu-se a Bennett.

— Você tem alguns centavos pelo menos, Penrose?

— Não.

— Quer ser exilado para as Colônias?

Fez-se um longo silêncio. Depois Bennett respondeu:

— Irei para Honeymead. Nunca ouvi dizer que há herdeiras nas Colônias da América.



Uma semana depois North deu a notícia a Caroline.

— Flash encontrou o rapaz com fala de esquilo. É filho de um sitiante que mora em Trevellas.

— Quem deu o bilhete a ele?

— Coombe.

Caroline sentiu alívio e tristeza.

— Coombe?

— Você quer estar presente quando eu conversar com ele sobre este assunto?

— Claro. Oh, North, notei que os três andam tão quietos ultimamente. Espero que eles estejam conformados com a situação.

— Não acredito nisso. Eles nunca aceitarão mudança nenhuma em Mount Hawke.

— É uma pena.

Uma hora depois, Coombe apresentou-se diante de North, na biblioteca. Vendo Caroline ao lado do marido sentiu imensa raiva. Aquela garota conseguira prender o inocente e nobre lorde Chilton, arruinando a vida dele. O que estaria acontecendo agora?

— Encontrei o rapaz chamado Johnny Trilby. — North começou — Ele é gago, entrega leite para o pai e também faz pequenos trabalhos, dá recados, em troca de umas moedas.

Coombe ficou mais empertigado do que já estava e manteve-se calado.

— Johnny me disse que você pagou-lhe para ele entregar-me aquele bilhete. O que me diz, Coombe?

— É um engano, milorde. — o mordomo defendeu-se, voz macia como veludo — Não tenho culpa de nada. A culpa do que tem acontecido de errado e de ruim em Mount Hawke é dela. Esta casa ficou de cabeça para baixo desde a noite em que ela apareceu aqui pela primeira vez, fingindo que estava em choque por causa da morte da tia e...



— Ora, Coombe, pare com isso. — North cortou — Estou curioso para saber uma coisa. Você acredita, realmente que todas as esposas Nightingale traíram o marido?

— Tenho certeza disso. Elas foram desleais.

Caroline não se conteve.

— E você é leal ao seu patrão, Coombe? Mentiu para ele, dizendo que eu ia me encontrar com meu amante, quando, na verdade, era tudo uma armação sua. Uma cilada.

— Irá trair seu marido. É uma questão de tempo. Eu queria apenas que lorde Chilton ficasse livre de você. Isso evitaria que ele sofresse uma decepção, tornando a vida dele miserável.

— Quer que lorde Chilton se livre de mim, antes de eu dar-lhe um herdeiro?

— Não. Nunca. Eu...

— Parece que você agiu impensadamente, Coombe. — disse North — Vejo que não gosta de minha esposa por causa das mudanças que está havendo em Mount Hawke. Não é isso?

— Sim, milorde. Eu queria que ela fosse embora para que o senhor voltasse a ser feliz.

— Feliz? Quando eu fui feliz nesta casa? Tive de fugir daqui para não ser influenciado pela loucura de meu pai. Eu também não era feliz quando meu avô era vivo. O velho era um lunático, odiava as mulheres. Ele não permitia nem que a esposa do vigário entrasse em Mount Hawke. Também não fui feliz no Exército, tendo sido ferido várias vezes. Eu soube o que era alegria e felicidade com Caroline, minha esposa. Está entendendo, Coombe?

— Não pode ser. Este não é o tipo de felicidade que o senhor merece, milorde. Essa euforia é temporária. Temos visto o senhor rir e fazer gracejos sem o menor constrangimento. O senhor deixou de ser um homem comedido, ponderado...

North abanou a cabeça.

— Já vi que esta conversa não nos levará a nada. O fato é que eu não confio mais em você, Coombe. Você me traiu, mentiu para mim. Está dispensado de seus serviços. Receberá uma pensão e uma quantia considerável, suficiente para comprar uma casa. Pode continuar nas minhas terras, se desejar ou pode se mudar. Sinto muito que tudo isto tenha acontecido. Eu esperava que você admitisse que estava errado.

— Seu pai nunca faria isso comigo, tampouco seu avô. Os dois teriam acreditado em mim. Compreenderiam que ela causará a sua ruína, milorde. Nem seu pai nem seu avô confiavam na esposa mais do que confiavam em mim. Ambos eram homens santos, piedosos.

— Os dois eram pobres de espírito. Basta, Coombe! Não vou mais tolerar suas acusações! — North esmurrou a escrivaninha e ficou de pé, visivelmente furioso.

Coombe entendeu que estaria morto se não se calasse. Curvou-se para North, olhou com ódio para Caroline, e deixou a biblioteca.

Assim que a porta se fechou atrás dele, Caroline perguntou ao marido:

— Qual será a reação de Polgrain e Tregeagle quando souberem que Coombe foi despedido?

— Vou conversar com os dois. Se você não se importar, prefiro falar com eles a sós.

— Nem eu quero estar presente. Mas não vá agora. — Caroline começou a beijar o marido — Temos coisa muito melhor para fazer. Vamos namorar um pouco.

Naquela noite Caroline sonhou que Timmy apontava a pistola para North. Ela gritou para ele não atirar, mas o rapazinho estava confuso e puxou o gatilho. O tiro ecoou pela casa. Ela acordou assustada e sentiu alguém lhe tocando o ombro. Viu à tênue luz da manhã o rosto de Mary.

— Chegou a minha hora, lady Caroline. Meu Deus, está na hora.

O Dr. Treath e Bess chegaram a Mount Hawke dentro de uma hora. Mary estava em trabalho de parto, comportando-se estoicamente, sem gritar ou chorar. Caroline não teve permissão de permanecer no quarto.

— Você não sabe o que é dar à luz um filho, Caroline. — disse o médico com firmeza — No devido tempo aprenderá o que for preciso. Antes disso, não.

— Meu irmão acha que se uma jovem vir outra mulher dando à luz, nunca permitirá que um homem toque nela. — observou Bess, rindo. Depois acrescentou: — Talvez Benjie esteja certo. Ter um filho não é agradável. Creio que eu só concordaria em ter um filho de um homem muito especial.

As palavras de Treath e Bess deixaram Caroline impressionada. Ela olhou para o lado e viu que Owen estava sentado a um canto da sala de visita, distraído Alice e Evelyn, conseguindo até fazê-las rir. Voltou-se para North e perguntou em voz baixa:

— North, ter um filho é realmente assustador?

— É terrível.

— Como você sabe disso?

— Quando nós estávamos nas colinas de Portugal, uma mulher entrou em trabalho de parto e sofria muito. Ela havia perdido o marido, estava só no mundo. Meus homens armaram uma barraca e eu... Bem, tentei ajudar a pobre mulher.

— O que aconteceu?

— O bebê nasceu morto. A mulher morreu pouco depois.

— Morreu? Por quê?

— Ela já estava muito mal, exausta, sem o marido, sem o bebê. Creio que não teve mais vontade de viver.

Notando que Caroline empalidecera, North abraçou-a e beijou-a.

— Que tolice a minha contar-lhe essa história tão triste. Você não é como aquela mulher. Quando ficar grávida, eu estarei por perto para cuidar de você. O Dr. Treath acompanhará a gravidez e fará o parto. Trazer um ser ao mundo não é uma tragédia. E você é saudável, corajosa, tem quadris largos e poderá dar à luz muitos filhos.

Era quase meio-dia quando Bess Treath entrou na sala, sorridente, tendo nos braços um bebê e anunciou:

— É um anjinho saudável, de cabelos negros. Mary quer que ela se chame Eleanor, em homenagem à sua tia, Caroline.

— Oh... — Caroline ficou emocionada e, para surpresa de North, começou a chorar.

A pequena Eleanor dormia em seu berço, do lado da cama de Mary. Owen tinha voltado para Scrilady Hall e Bennett Penrose, viajava para Honeymead com Flash Savory, que levava consigo uma carta escrita por North, pedindo a Falkes para aceitar Bennett no solar. North e Caroline conversavam na biblioteca.

— Você acha que Bennett ficará em Honeymead com Falkes?

— Ele não tem para onde ir. Na carta que escrevi a Falkes pedi-lhe para dar trabalho ao rapaz e pagar-lhe um ordenado. Sugeri a Falkes que seria interessante ensinar o tolo do Penrose a jogar. Também mencionei que Penrose, além de boa-vida, reclama demais, e Falkes era a pessoa perfeita para curar esse defeito do rapaz.

Caroline riu.

— Você pensou em tudo, North. Foi perfeito!

— Veremos o que acontece. Agora quero contar-lhe sobre a conversa que tive com Polgrain e Tregeagle. A princípio eles estavam muito tensos e não se atreveram a me olhar dentro dos olhos. Perguntei-lhes se eles queriam continuar trabalhando em Mount Hawke, tendo Coombe sido despedido. Tregeagle assegurou de que não tinha nada a ver com o tal bilhete. Sabia, sim, do monstro com o qual Coombe quis assustá-la. Ele disse que não aprovara a idéia de Coombe. Polgrain, por sua vez, disse que tinha sido Coombe quem havia colocado alguma coisa na rabada que fez mal a Alice.

— Mas eles querem continuar em Mount Hawke?

— Sugeri que eles decidissem com calma. Mas, se aceitarem continuar aqui, terão de se comportar de acordo com as nossas exigências, claro. Se preferirem aposentar-se, lhes darei o dinheiro para comprarem uma casa perto do rio e eles poderão aprender a pescar. Acredito que Tregeagle e Polgrain concordarão em permanecer aqui, aceitando você como a senhora de Mount Hawke. Ambos irão nos surpreender.

— Prefiro não apostar nisso, North.



Tregeagle e Polgrain decidiram continuar em Mount Hawke. Pareciam resignados, aceitando todas as mudanças feitas ali. Polgrain mostrou-se gentil com a Sra. Mayhew e até pediu sua opinião ao preparar o molho de damasco que seria servido ao jantar. Tregeagle disse a Molly que ela havia polido a prataria com perfeição. Os dois criados tratavam Caroline por "milady".

Ela, entretanto, não acreditava na sinceridade deles, tampouco confiava neles.

Era novembro e fazia muito frio. As lareiras eram acesas em todos os cômodos. Evelyn entrou em trabalho de parto ao meio-dia de doze de novembro e à hora do jantar havia em Mount Hawke mais um bebê que recebeu o nome de Frederick North.

Após o jantar, North foi para o quarto com Caroline e mostrou-lhe a carta que tinha recebido de Marcus Wyndham, conde de Chase.

— Eu já lhe falei sobre meu amigo Marcus e sua esposa, a Duquesa. Você gostará deles.

— Quero muito conhecê-los. Marcus diz na carta que virá nos visitar daqui a uma semana. Vou deixar tudo pronto para recebê-los. — Caroline dobrou a carta — Ah, North, estou preocupada com Mary. Ela parece deprimida. O que acha de mandá-la para Scrilady Hall? Evelyn irá com ela, e as duas administrarão a casa que se tornará de fato uma instituição para abrigar e orientar mães solteiras, como era o desejo de tia Eleanor.

— E quanto a Alice? Que planos você tem para ela?

Caroline ficou em silêncio. Só de pensar em Alice lembrou-se da rabada que lhe fizera mal, e sentiu enjôo. Fechou os olhos esperando que o mal-estar passasse. Então lembrou-se de que, desde a semana anterior não se sentia muito bem do estômago.

— Caroline?

Ela abriu os olhos.

— Bem, ela deve continuar aqui até o bebê nascer. Dr. Treath e eu estamos preocupados. Ela está tão fraca.

— Nesse caso eu acho que Mary e Evelyn também devem ficar aqui. Alice não se sentirá bem sozinha. O bebê deve nascer dentro de um mês. Depois disso, as três se mudarão para Scrilady Hall com seus bebês.

— Você tem razão. Alice sentirá falta de Mary e Evelyn se elas se mudarem. E verdade que ela tem a companhia de Owen. Ele tem ficado mais em Mount Hawke do que em Scrilady Hall.

— Será que ele está sempre aqui por causa da comida excelente de Polgrain?

— Não. — Caroline sorriu para o marido — Você não percebeu que ele está apaixonado por Alice? Owen cresceu, North. Está se tornando um homem determinado e capaz.

North abraçou a esposa e a manteve junto do peito.

— E você, Caroline? Quando vai decidir me contar sobre o bebê?

— Que bebê?

— O meu bebê. O nosso bebê.

— Ora, North...

— Você sabe que um bebê é o resultado da atividade que nós dois fazemos sem moderação.

— Você tem certeza de que estou grávida?

North riu.

— Bem, você não tem se sentido bem. Ontem, às três da tarde, seu rosto ficou verde. Quando foi sua última menstruação?

— Já faz bastante tempo.

— Pode ser mais precisa?

— Tanta coisa aconteceu que não prestei atenção. Talvez tenha sido há um mês e meio.

— Então você está grávida.

— Será mesmo que vou ter um bebê?

— Vai.

— Você está feliz, North?

— Muito. E você, como se sente agora?

— Estou ótima.



North ergueu-a nos braços e começou a dançar uma valsa, rodopiando com ela pelo quarto, ambos rindo, felizes.

Coombe tinha desaparecido.

Depois de receber das mãos de Brogan a quantia considerável que North lhe pagara como pensão, ele alugara um quarto na estalagem da Sra. Freely. Estava sem-

pre calado, sozinho e taciturno. Então, simplesmente desaparecera.

Naquela manhã a Sra. Freely foi a Mount Hawke para conversar com North em particular. Explicou que tendo ficado dois dias sem ver Coombe, fora ao quarto dele e constatara que o hóspede não estava lá. Ele não ficara devendo nada, deixara pago um mês adiantado para ela manter o quarto disponível.

North foi a Goonbell com a Sra. Freely para examinar o quarto de Coombe. Quando voltou a Mount Hawke todos estavam reunidos no hall, ansiosos para saber o que teria acontecido ao ex-mordomo.

— O que tenho a lhes dizer não é agradável. — North começou — Parece que Coombe matou todas aquelas mulheres.

— Não é possível. — discordou a Sra. Mayhew, a voz surpreendentemente aguda — Coombe às vezes era um homem estranho, mas seria incapaz de matar alguém! Quantas mulheres foram assassinadas?

— Três. — Polgrain respondeu — Todas receberam uma facada nas costas. Mas a Sra. Mayhew tem razão, milorde. Coombe não era um homem violento.

North balançou a cabeça.

— Bem, ele desapareceu, e encontramos no quarto dele, além de roupas e um par de chinelos, uma carta de natureza amorosa, escrita por Elizabeth Godolphin, a mulher que foi assassinada há três anos. Supomos que essa carta tenha sido endereçada a Coombe. Também havia uma faca com manchas de sangue, já seco, enrolada numa camisa, no fundo do guarda-roupa.

Essas palavras deixaram Caroline atordoada e, pela primeira vez na vida ela desmaiou. Ouviu North chamando-a pelo nome antes de ser envolvida por completa escuridão.



Marcus Wyndham, conde de Chase, admirou-se ao ver North tão mudado.

— Ora, velho North, nem bem voltou para a Cornualha, você se casou e tornou-se um homem risonho, brincalhão, deixou de ser sombrio, entediado e taciturno. Não sei o que pensar.

North riu. Foi um riso amplo, espontâneo, contagiante.

— O que lhe posso dizer, Marcus, é que depois de conhecer Caroline, aquela nuvem negra que flutuava sobre a minha cabeça, dissipou-se, deixando o sol brilhar. O sorriso de Caroline me aquece dos pés à cabeça.

O conde olhou para a esposa que estava entretida, tomando chá com Caroline.



— Surpreendente. Conheço Duquesa desde que éramos crianças e não mudei nesses anos todos. Ela nada fez para melhorar o meu espírito ou o meu caráter.

— Você sabe que para mim você é perfeito. — disse Duquesa — Mas agora queremos saber as novidades, North. Vocês estão tendo problemas, não?

Duquesa deixou a xícara sobre a mesa. Foi um gesto tão elegante e gracioso que Caroline sentiu inveja. Na sua opinião, Duquesa era a mulher mais linda que já conhecera. O conde também era um homem muito bonito. Ele e North eram velhos amigos, sentiam-se à vontade quando estavam juntos, brincavam um com o outro com aquela familiaridade e certas brincadeiras pesadas que os cavalheiros tanto apreciavam. Ambos eram altos, atléticos e confiantes, mas aos olhos de Caroline, North era o mais admirável espécime que poderia haver.

— Realmente, estamos tendo uma série de problemas. Mas de uma semana para cá a minha preocupação tem sido com Caroline. Quatro dias atrás ela desmaiou e quase me matou de susto. — North respondeu.

— Por que ela desmaiou? — quis saber Duquesa.

— Caroline vai ter um bebê.

— Que maravilha! — Duquesa alegrou-se — Meus parabéns a vocês dois. Marcus tem se esforçado para termos um filho, mas até agora não engravidei. O que eu posso dizer é que se esse bebê ainda não veio, não é por falta de empenho e determinação de meu marido.

— É verdade. Esse é um exercício que pratico com o maior prazer. — disse Marcus com um brilho malicioso no olhar — Porém, confesso que não penso em bebês quando estou amando minha esposa.

— Ora, Marcus, contenha-se. — pediu Duquesa, calma e serenamente — Você está me deixando sem graça.

Caroline deu uma risadinha. Marcus olhava para esposa com um sorriso nos lábios, feliz, como se fosse um jogador que tinha uma carta alta e estava prestes a vencer a partida. Ele disse a Caroline:

— Eu sei que para você é difícil imaginar Duquesa fazendo outra coisa que não seja sentar-se à mesa do chá, segurando a xícara delicadamente. Você olha para ela e nota que é uma mulher tão calma, que jamais ergue a voz, que tem uma legião de criados cercando-a de atenções, sempre dispostos a satisfazerem o menor dos seus desejos. O que você não sabe é que ela grita comigo, já atirou em mim uma sela espanhola, me bateu com o freio e...

— Marcus! — protestou Duquesa, desta vez nada serena — Você está fazendo com que Caroline tenha uma péssima opinião a meu respeito.

North deixou de lado o cálice de conhaque.

— Caroline, minha querida, você ainda não conhece Marcus e deve estar

surpresa com os modos dele. Mas logo se acostumará com seu jeito irreverente.

O conde esmurrou o ombro de North, de leve.

— Eu posso aceitar uma coisa dessas? — Marcus voltou-se para a esposa — Você concorda com ele, querida?

— North é seu amigo e, pelo visto, o conhece muito bem.

— Para mim North é um deus.

— Um deus? — questionou Duquesa.

Caroline olhou para o marido. No seu rosto transparecia todo o amor que ela sentia por ele.

— North é o melhor homem do mundo, e eu sou a mulher mais feliz sobre a face da Terra por tê-lo encontrado naquela hospedaria em Dorchester.

— Hum, esta conversa está sendo enjoativa. — o conde queixou-se — Será mais interessante vocês nos colocarem a par dos problemas que estão tendo.

North dirigiu-se a Caroline.

— Já contei a Marcus sobre os assassinatos e sobre o desaparecimento de Coombe. Marcus e Duquesa nos ajudarão. Quem sabe enxergarão coisas que para nós passaram despercebidas.

Caroline balançou a cabeça. North viu o temor em seus olhos e abraçou-a.

— Nossos problemas serão resolvidos, querida, esteja certa disso.



Caroline apanhou um forte resfriado e sentia-se péssima. A garganta doía, ela suava muito, tinha febre e tremia. North forçava-a a tomar os remédios, o caldo que Polgrain preparava e ordenava-lhe que ficasse na cama.

Dois dias depois ela estava melhor, sentindo-se mais humana. North autorizou-a, então, a levantar-se, desde que ficasse no quarto. Duquesa foi visitá-la. Enquanto tomavam chá, ela perguntou:

— Ouvi North contando a Marcus que segundo registros deixados pelo bisavô dele, o rei Mark foi enterrado com seus tesouros aqui nas terras Nightingale. O que você sabe sobre isso?

Caroline contou o que tinha lido sobre o infeliz rei, no diário escrito pelo bisavô, pelo avô e pelo pai de North e deu sua opinião:

— Acho essa história sobre o rei Mark uma fantasia, fruto da mente torturada dos três Nightingale que escreveram esse diário. Eles eram misóginos e esse horror às

mulheres começou com o bisavô de North.

— Conte-me mais. — pediu Duquesa — Essa história é muito interessante.

Caroline atendeu ao pedido. As duas conversaram durante uma hora. Por fim, notando que Caroline estava cansada, Duquesa aconselhou-a a deitar-se e saiu do quarto.

No dia seguinte, à hora do almoço, Duquesa disse:

— Ontem à noite eu li todo o diário que North me emprestou.

— Para ler esse diário ela me mandou ficar dormindo e bem quieto para não perturbá-la. — o conde queixou-se e levou à boca um pedaço do delicioso pato assado com acompanhamento de agrião e laranjinhas.

— Bem que você gostou. Virou-se para o lado e dormiu imediatamente.

Caroline, que estava muito melhor, perguntou:

— O que você achou?

— O que eu li excitou a minha curiosidade. Acho que devemos ir ao lugar onde o empregado do bisavô de North encontrou o tal bracelete de ouro. É uma pena que não há referências exatas a esse lugar.

— Você está levando a sério essa bobagem? — indagou o conde — Aposto minhas excelentes botas hessianas que esse bracelete só existiu na mente de seu bisavô, North.

— Concordo com você, Marcus. Acho que meu bisavô já estava com a mente confusa quando começou a escrever o diário. Todas aquelas coisas horríveis que ele escreveu sobre a esposa, só poderia vir de um cérebro perturbado. Talvez ele tenha escolhido o rei Mark como seu herói por se identificar com ele. O rei também foi traído pela esposa, Isolda e pelo sobrinho, Tristão. Acredito que o meu pobre bisavô ficava contente de comparar-se ao torturado rei e criou essa história de que o rei Mark foi enterrado na propriedade Nightingale com seus tesouros. Era uma forma de ele se engrandecer.

— Eu já fui algumas vezes ao lugar onde supostamente o rei Mark teria sido enterrado. — Caroline disse — Há ali vários morros, um bosque de carvalhos e um muro de pedras muito antigo, mas nunca encontrei nem mesmo um caco de cerâmica ou um pedaço de metal.

— Não importa. Quero ir a esse lugar. — Duquesa insistiu — Essa história é muito excitante. Marcus também não acreditava que havia um tesouro em nossas terras, mas estava enganado.

— Por que vocês falaram em tesouro? Agora Duquesa não descansará enquanto não andar por toda a propriedade. — Marcus avisou — Caçar tesouro está no sangue de minha esposa. Ela não desiste. Ainda bem. Vocês precisavam vê-la usando o belíssimo cordão de pérolas que encontramos. Só o cordão, mais nada...

Duquesa cobriu depressa, com a mão, a boca do marido indiscreto.

Pela manhã Duquesa foi sozinha ao bosque de carvalhos, e North levou Marcus até as minas de estanho. Caroline montou Reggie e foi a Goonbell. Queria ver o quarto onde Coombe tinha se hospedado antes de desaparecer.

A Sra. Freely a recebeu com um largo sorriso e contou-lhe que, graças a lorde Chilton, Jeb Peckley, pai de Timmy, estava mudado. Tornara-se um marido quase decente, bebia pouco e não batia mais na esposa nem nas filhas. Caroline alegrou-se. A Sra. Freely levou-a para a cozinha, ofereceu-lhe uma caneca de vinho quente para espantar o frio e fez-lhe perguntas sobre o conde e a condessa de Chase que estavam hospedados em Mount Hawke. Ao acompanhar Caroline ao segundo andar da estalagem, a Sra. Freely manifestou o desejo de conhecer o conde e a condessa. Caroline convidou-a para jantar em Mount Hawke naquela noite, certa de que Duquesa gostaria muito de ficar a par de tudo o que acontecia na região.

Chegando ao quarto que tinha sido ocupado por Coombe, a Sra. Freely disse ao abrir a porta:

— Tenho certeza de que Sua Senhoria levou tudo o que encontrou aqui. Tipo estranho esse Coombe. Os moradores de Goonbell e dos arredores não falam em outra coisa a não ser nele, o assassino das três mulheres. Todos acreditam que ele era louco e estão aliviados porque ele foi embora. O quarto está vazio e ninguém quer ocupá-lo. Dizem que há fantasmas aqui. Odeio perder dinheiro e um quarto sem hóspede é sempre um prejuízo.

— Fantasmas?

— Os habitantes da Cornualha amam nossos fantasmas e contam histórias sobre eles. Em toda casa, em toda hospedaria, em toda árvore retorcida deve haver pelo menos um fantasma, senão não é a Cornualha. Pode ser Devon ou Dorset, lugar de gente sem imaginação. Mas fique à vontade, milady. Preciso descer.

Entrando no quarto, Caroline olhou ao redor. O cômodo, muito limpo, era amplo e na face leste havia quatro janelas altas com cortinas de renda. A mobília era antiga e bem conservada.

— Você matou minha tia, Coombe? — Caroline perguntou em voz alta — Todos estão dizendo que você era louco e matou as três mulheres, porque elas o rejeitaram, ou o traíram. North não sabe em que acreditar. Eu também não. Meu marido leu a carta escrita por Elizabeth Godolphin e está cheio de dúvida, confuso. Para onde você foi? Como pode fugir deixando provas incriminadoras? Não faz sentido. Você é esperto e jamais deixaria no quarto a faca suja de sangue, instrumento dos crimes. Gostaríamos tanto de saber o que aconteceu.

O silêncio no quarto era absoluto. Caroline suspirou e abriu o guarda-roupa. Estava vazio, claro. Foi até a escrivaninha, revistou as gavetas, nada encontrou. O quarto estava gelado, em seguida ela ouviu um ruído e deu um pulo. Logo constatou que um ramo de árvore havia batido de leve numa das janelas.

Ao sair do quarto, desapontada por sua busca ter sido infrutífera, mas parou. Não costumava desistir facilmente. Olhou para a cama antiga, muito bonita, em estilo Hepplewhite. Notou que as quatro colunas de madeira, artisticamente entalhadas, que deviam ter no passado suportado um dossel, tinham sido cortadas e estavam arrematadas com pinhas de madeira. Aproximando-se da cama, ela tentou tirar uma das pinhas e não conseguiu. Fez o mesmo com outra pinha. Também estava firmemente colada. Indo até a coluna da cabeceira da cama, puxou a pinha e esta saiu facilmente em sua mão. Seu coração bateu acelerado. Viu que no orifício onde a pinha se encaixava na coluna, havia o que lhe pareceu uma folha de papel bem dobrada. Tirou-a devagar e com o maior cuidado para não rasgar o papel que estava amarelado pelo tempo. Sentou-se na cama, desdobrou a folha de papel, a cabeça trabalhando febrilmente. Teria encontrado um documento importante? Ou uma simples carta de amor, talvez de despedida?

Não demorou muito, e viu que tinha em mãos uma carta escrita em maio de 1726 pelo visconde Chilton, bisavô de North, dirigida a um homem chamado Griffin. A caligrafia do visconde era muito ornamentada e, em vários pontos, o papel estava manchado e a tinta preta borrada, tornando leitura difícil. Porém o trecho que Caroline pôde ler, deixou-a atônita. Esse trecho dizia:

*Griffin, fique longe de minha esposa ou eu atravessarei seu coração negro com a minha espada. D. Nightingale, visconde Chilton.*

"D" era a abreviatura de Donniger. Esse era o nome do bisavô de North, Caroline lembrou. Mas quem era Griffin? E por que a carta tinha sido escondida na pinha de madeira entalhada que arrematava uma das colunas da cama?

Ela desceu depressa para o andar térreo. A Sra. Freely assustou-se ao vê-la tão ofegante.

— Meu Deus, o que aconteceu, milady?

— Veja esta carta, Sra. Freely. Encontrei-a dentro de uma das pinhas que arrematam as colunas da cama. Foi escrita pelo bisavô de North.

A Sra. Freely pegou a folha de papel.

— Ah, Griffin! Ouvi muitas vezes minha avó contando histórias sobre esse homem.

— Quem era ele?

— Um sedutor. Ainda falam sobre ele aqui na região, pois era um jovem lindo, boa-vida, com muito dinheiro. Seduziu mais mulheres do que o próprio Casanova. Pelo que diz esta carta, imagino que tenha sido com ele que a viscondessa traiu o marido. Depois disso ele foi embora e nunca mais voltou à Cornualha. A pobre viscondessa ficou sozinha para enfrentar a fúria do marido. Pouco depois ela morreu. O que eu não entendo é como esta carta foi colocada na coluna daquela cama.

— De onde veio a cama?



— Não sei, mas posso descobrir, milady. Tome uma xícara de chá enquanto procuro nos livros de minha mãe. Ela anotava tudo o que era comprado para a estalagem e deixava observações que podiam ser úteis.

Caroline estava excitada e triste ao mesmo tempo. A carta era uma prova de que a bisavó de North tinha, realmente, traído o esposo. Quando a Sra. Freely voltou, disse que a cama pertencera à família Griffin. Eles haviam empobrecido e vendido tudo o que possuíam, e em 1780 mudaram-se para Boston, onde tinham parentes.

Bem, Caroline pensou, aborrecida, a bisavó de North tinha sido infiel, dando início a toda a história de traição, que durante três gerações envenenara os homens Nightingale.

Naquela noite, aninhada no colo de North, Caroline observou:

— Reli toda a parte daquele diário escrita por seu bisavô. Ele fala inúmeras vezes em traição, mas nunca mencionou o nome de Griffin. Também não o matou. Segundo a Sra. Freely, Griffin mudou-se da Cornualha. Quanto à viscondessa, sua bisavó, morreu cerca de um mês depois que o amante foi embora. Que história trágica.

— Estou pensando em escrever uma carta para os Griffin. Eles foram para Boston, não?

— Foi o que a Sra. Freely disse. — Caroline suspirou — Oh, North, tudo indica que a história de traição de sua bisavó é verdadeira. Seria tão bom se a história do rei Mark e seu tesouro também fosse real. Os Wyndham, sim, tiveram sorte. Imagine, eles leram em livros antigos referências a um tesouro e não desistiram enquanto não o encontraram.

— Lamento desapontá-la, querida, mas não há tesouro nenhum em nossas terras. Isso não passa de fantasia, principalmente de meu bisavô. Tanto ele como meu avô e meu pai eram uns lunáticos, amargos e mal-amados. Se continuarmos a revolver o passado, só encontraremos decepções e corações partidos.

— Que maneira de falar de seus antepassados. Eu realmente tinha esperança de que sua bisavó não havia sido uma esposa infiel, mas agora parece que não há mais dúvida.

— Não há dúvida, mas eu acredito que tenha havido razões para sua traição. Enfim, como saber?



Duquesa voltou para o castelo desapontada. Tinha andado por toda a área indicada por Caroline e não encontrara nem mesmo um vestígio de um túmulo antigo, muito menos de algum objeto.



— Entendo que se passaram mais de mil anos e o lugar já foi muito explorado. Ora, North, seu bisavô poderia ter escrito pelo menos onde, exatamente, aquele bracelete foi encontrado. — disse ela.

— Sinto muito, Duquesa, mas não acredito que aquele bracelete tenha existido. Se existiu, não tem nada a ver com o tesouro do rei Mark.

Marcus acariciou a mão da esposa.

— Pelo menos você tentou, minha querida.



Eram sete horas da noite e o grande relógio que soava como se tivesse engolido um sapo, começou a bater. Alice estremeceu.

— Odeio o som desse relógio. É áspero, agourento. Ele sempre teve esse som, milorde?

— Que eu me lembre suas badaladas foram sempre assim. Já pensei em jogar esse relógio fora.

— O relógio funciona muito bem, só precisa de lubrificação. — apontou Caroline.

Depois de um excelente jantar com *carbonnade* de carne, torta de anchova, cordeiro assado com feijão branco, inúmeros acompanhamentos e tendo como sobremesa manjar branco e bolo de amêndoas, o conde anunciou que ele e a esposa iriam para Londres na quarta-feira.

Caroline ficou desalentada. Gostava de Duquesa, sentia-se à vontade com ela e ambas tinham muita coisa em comum. Também gostava do conde que dizia exatamente o que pensava, provocava a esposa, era muito divertido, deixava todos alegres e sorridentes.

Logo, porém, ela reagiu. Devia alegrar-se e aproveitar os dois dias em que ela e North teriam a companhia dos bons amigos. Por isso, quando Duquesa, que era uma mulher determinada, lhe disse não iria embora sem voltar ao velho muro de pedras, Caroline concordou em acompanhá-la até lá na manhã seguinte.

E Duquesa, naquela manhã, salvou a vida de Caroline.

Caroline e Duquesa cavalgavam na estrada estreita dos rochedos, perto do mar. Refrearam os cavalos e pararam por um momento para admirar o mar da Irlanda. Enquanto isso, conversavam. Ventava muito e elas tinham de segurar o chapéu de montaria para não voar.

— Não entendo como Coombe pode deixar aquela faca no guarda-roupa, se isso é uma evidência de sua culpa. — comentou Duquesa.

— Realmente, não faz sentido.

— E Bennett Penrose? Será que não foi responsável pelo menos pela morte de sua tia?

— Não. North investigou tudo com cuidado. Só faltou examinar os dentes de Bennett. Ele não estava aqui quando mataram tia Eleanor. Ele também não matou Nora Pelforth. Muitas pessoas testemunharam que ele estava em Goonbell na ocasião do crime. Tinha bebido tanto que não podia nem andar direito.

— Que pena.

— Ele é um verme. North recebeu uma carta de Falkes, dizendo que está contente por ter Bennett em Honeymead. Imagino que Falkes esteja torturando o infeliz rapaz. Pelo menos o está ensinando a ser esperto no jogo. Assim o idiota não perde todo o seu dinheiro ao virar uma carta. Parece que o boa-vida tem trabalhado e até ganhou um pouco de músculos nos braços.

— Pelo que você me disse sobre os dois, eles se merecem.

— É verdade. Sinto pena da Sra. Tailstrop, que aliás, agora é a Sra. Falkes. Não deve ser fácil suportar aqueles dois.

— Nunca estive na Cornualha antes. Este lugar é diferente de tudo o que já conheci. Aqui há uma beleza selvagem, vigorosa, encantadora. Sente-se o cheiro do mar e ouve-se a música das ondas em qualquer lugar que você esteja. Eu morava perto de Dover, mas não é como aqui. Há na Cornualha um encanto natural que nos enfeitiça.

— Para mim, aqui há uma atmosfera mágica.

— Caroline, acho que chega de enaltecer a Cornualha. Voltemos a Coombe. Todos acreditam que ele está louco e matou as três mulheres pelo fato de elas o terem rejeitado e traído. Haveria até certa lógica se ele, estando mentalmente perturbado e tendo trabalhado para os Nightingale, obcecados pela idéia de traição, tivesse matado as três mulheres porque elas o haviam traído. Seria até uma forma de vingar os patrões, a quem ele era devotado. Mas, e sua tia? Você me disse que ela o Dr. Treath estavam namorando e iam se casar. Como isso se encaixa na loucura de Coombe?

— Realmente, não se encaixa.

— E para onde ele foi? Sei que andam dizendo que ele se matou e deixou a faca para ser encontrada, assim todos saberiam que o assassino das três mulheres tinha sido ele. Uma espécie de expiação.

Elas continuaram a cavalgar, indo na direção dos montes e do bosque de carvalho e interromperam a conversa.

De repente, Reggie caiu de joelhos, atirando Caroline fora da sela. Duquesa desmontou depressa, tropeçou e tombou para a frente, com o rosto no chão. Ergueu-se e correu para junto de Caroline, que estava inconsciente com a saia erguida, mostrando as anáguas, as meias brancas e as botas pretas.

Duquesa pegou no pulso de Caroline e ficou aliviada ao sentir o batimento forte e regular. Ela tirou o chapéu de Caroline que estava amassado, e notou que ela batera a parte de trás da orelha em uma pedra. Examinou-lhe os braços e as pernas. Não havia nada quebrado. Tudo o que podia fazer no momento era esperar.

Não demorou muito, Caroline gemeu e abriu os olhos.

— Estou bem. — disse ao ver Duquesa, olhando para ela, preocupada — Só me sinto uma idiota por ter deixado Reggie me derrubar tão facilmente. Ai, minha cabeça.

— Fique deitada mais um pouco. Você bateu a cabeça e pode desmaiar novamente.

— Por que levei esse tombo? Como pude ser tão descuidada? Será que Reggie pisou em alguma toca de coelho? Espero que ela esteja bem.

— Continue quietinha. Vou ver Reggie.

Quando Duquesa voltou estava pálida, com raiva e apreensiva.

— Reggie não pisou em toca de coelho coisa nenhuma.

North assustou-se a ver a esposa e Duquesa montadas no lombo do mesmo cavalo, sem a sela. Reggie seguia logo atrás delas.

— Marcus, venha depressa! — ela gritou, chamando o conde.

Ele correu ao encontro das duas, o coração aos saltos. Não se acalmou enquanto não viu Caroline na sala de visitas, deitada no sofá revestido de brocado, coberta com uma manta de tricô.

— Diga-me de novo, Caroline, não está sentindo dor? E o bebê, está bem?

— Só bati a cabeça, está tudo bem, North.

— Então tome este chá que Polgrain fez. Tregeagle já foi buscar o Dr. Treath. E você, Duquesa, acalme Alice.

O Dr. Treath e Bess chegaram a Mount Hawke às quatro da tarde. Depois de examinar Caroline, o médico sorriu para ela.

— O bebê está bem e o calombo na sua cabeça não é tão grande. Repouse e, se tiver sangramento, mande me chamar. Que falta de sorte. Tregeagle me disse que a égua pisou numa toca de coelho.

— Sim, foi isso. — respondeu Duquesa.

Assim que os Treath foram embora e Alice tinha ido para seu quarto, Duquesa virou-se para o marido.

— Por favor, Marcus, feche a porta.

— O que há, meu amor? — North indagou.

Foi Caroline quem respondeu.

— Reggie não pisou em nenhuma toca de coelho, como tínhamos pensado.

— Havia um arame bem esticado indo de um dos carvalhos até o muro de pedras — Duquesa completou — Vamos manter isso em segredo por enquanto.

— Caroline cavalga por lá quase todos os dias. — North observou com tanta raiva, que sentia um nó no estômago.

— Isso quer dizer que esticaram o arame para que ela sofresse um acidente. — concluiu o conde.

— Como seu cavalo não tropeçou no arame, se você estava com ela, Duquesa?

— Caroline ia um pouco à minha frente porque a passagem ali é muito estreita. Quando ela caiu, eu desmontei, tropecei no arame e também caí.

O conde balançou a cabeça.

— Que droga, North, não estou gostando disto.

— Eu menos ainda. Há quatro meses estou lidando com morte, mistério e tragédia. — North deu um profundo suspiro — Fazia duas semanas que eu havia voltado para casa, encontrei a tia de Caroline morta no promontório St. Agnes. Depois houve a morte de Nora Pelforth, então Coombe desaparece, e encontro aquela faca suja de sangue no quarto dele. Tudo isto é uma loucura. Creio que o assassino quer me atingir.

— Engana-se, North. Você não mencionou Elizabeth Godolphin, assassinada há três anos. Nessa época você não estava aqui. — Caroline lembrou.

— Então o que pode ser? Haverá alguém querendo vingar-se de meu pai ou de meu avô? Seja como for, Marcus, acho melhor você e sua esposa deixarem Mount Hawke. Sinto o sangue gelar só de pensar que algo terrível possa acontecer à Duquesa.

— Acho que não, North. — discordou Duquesa.

Tregeagle apareceu à porta.

— Milorde.

— Droga! O que é, Tregeagle?

— Eu não viria perturbá-lo se o assunto não fosse importante, milorde. Alice acha que sua hora chegou.

— Oh, não! E cedo para o bebê nascer. — Caroline levantou-se do sofá.

Duquesa pensou logo em Owen, e Caroline mandou Timmy ir correndo a Scrilady Hall.

Quando o Dr. Treath chegou, logo viu que o parto seria muito difícil e não saiu do lado de Alice.

Owen, pálido e tenso, andava de um lado para outro no corredor como se fosse o pai da criança.

O bebê nasceu só no fim da tarde seguinte. Não suportando aquela agonia,

Caroline desaparecera. North encontrou-a no último andar da ala leste, polindo as molduras dos retratos das esposas Nightingale, e abraçou-a.

— Caroline, sinto muito.

— Ela está morta?

— Ainda não, mas não há esperanças. O bebê é um menino e não é tão pequeno como o Dr. Treath esperava. Você não quer dizer adeus a Alice?

Alice abriu os olhos assim que Caroline sentou-se na cama do seu lado.

— Você teve um lindo garotinho, querida. Que nome quer dar a ele? — Caroline perguntou.

Alice segurou no pulso de Caroline.

— Seu nome é Owen. — Alice sussurrou — Cuide dele, por favor.

— Cuidarei, claro, e você também cuidará de seu filho. Agora irá descansar e ficará bem.

— Eu sei que não. Fale sobre mim para meu filho. Diga a ele que o amo.

— Seu filho irá lembrar-se de você, sempre. Agora você deve ver Owen. Ele quer dar-lhe um beijo.

— Não, eu não quero que ele me veja assim. Diga-lhe que nunca homem algum me tratou tão bem quanto ele.

— Alice? — Owen chamou-a.

Tudo o que ouviu foi uma única palavra sussurrada: *Amor*.

— Não! Minha doce e inocente Alice! — Owen lamentou, os olhos fixos no rosto calmo e doce, sem vida. — Meu Deus, não é justo. Não é justo.

Caroline decidiu não usar preto no enterro de Alice. A jovem não tinha completado quinze anos, era pura e inocente. Iria honrá-la trajando-se de branco.

Todas as mulheres de Mount Hawke também usaram roupas brancas. Embora não tivesse sido chamado, o vigário chegou ao castelo com a Sra. Plumberry, para fazer as orações fúnebres e ficou escandalizado ao ver Caroline e as outras mulheres de branco.

— Que desrespeito. Vocês deviam usar traje preto. É uma forma de se honrar o Senhor, mais do que honrar a pecadora que morreu.

Caroline olhou com firmeza para o vigário. Ele inclinou a cabeça na direção de Mary e de Evelyn e continuou:

— Suponho que essas duas a tenham influenciado, milady. A senhora não vê maldade nelas. Mas não tenha piedade dessas ordinárias. Elas não tem idéia do que seja decente e a enganaram...

Caroline ergueu o braço e deu um murro no queixo do Sr. Plumberry que caiu

como uma pedra.

A Sra. Plumberry ajoelhou-se do lado do marido, gritando para Caroline.

— Como você ousou fazer isso? Meu querido Plumberry veio até aqui por um dever cristão para fazer as orações fúnebres pela alma dessa vadia! Vocês não merecem um homem piedoso como ele!

— Tregeagle! Polgrain! — Caroline gritou — Venham até aqui e ajudem este casal a sair das terras de Mount Hawke.

— Não se atrevam a tocar em mim! Miseráveis!

— Por favor, North. — Caroline chamou o marido — Você poderia carregar o Sr. Plumberry e jogá-lo no assoalho do coche?

North fez exatamente o que ela havia pedido. Jogou o vigário aos pés da esposa sem a menor consideração. A Sra. Plumberry pôs a cabeça para fora da janela e gritou:

— Vocês todos irão pagar! Pecadores horríveis! Ímpios! Vocês, mulheres, usando roupa branca, como pagas. O meu pobre Horace irá mandar todos vocês para o castigo eterno do inferno!

O bispo Horton veio de Truro para encomendar o corpo de Alice. Fez as orações fúnebres e, com sua voz possante, leu as palavras escritas por Owen e Caroline, deixando todos comovidos.

— Alice deve estar feliz. O bispo fez as orações por sua alma e cinquenta pessoas estão aqui, orando por ela. — Owen comentou.

A manhã estava fria, nublada, úmida e ventava muito. Um dia próprio para um funeral, Caroline pensou, com o braço apoiado no de North. Só percebeu que estava chorando quando sentiu o gosto de sal e a mão enluvada de North limpando-lhe as lágrimas.



Aquela era a terceira tarde que Caroline ia à costureira em Goonbell buscar mantas, cobertores e fraldas para os bebês, e só então percebeu que estava sendo seguida.

Apressou o passo, entrou em um beco entre duas casas e aguardou. Segundos depois viu a sombra do seu seguidor. Com o coração aos saltos, tirou a pistola do bolso da capa, saltou para a frente, agarrou o braço do infeliz e encostou a arma em seu rosto.

Timmy quase caiu de joelhos.

— É você, Timmy!



— Milady, que susto! Meu coração quase saiu pela boca. A senhora pode tirar isso aí da minha cara?

— Oh, Timmy, eu não queria assustá-lo. — Caroline guardou a arma — Por que está me seguindo? Ora, não precisa responder. Sua Senhoria mandou você me seguir, não é mesmo?

— Sim, milady. Acho que não faz mal contar a verdade. A senhora já me pegou mesmo.

— Muito bem, então você é meu guarda-costas. Descobriu quem esticou aquele arame para me derrubar do cavalo?

— Não, milady. Sua Senhoria está ficando maluco com essa história. Ele acha que não foi o Sr. Coombe quem matou aquelas mulheres. Então, quem está querendo acabar com a senhora?

Caroline suspirou.

— Vamos até a costureira, Timmy. Quero que me ajude a carregar os pacotes.

Naquela noite, ao jantar, sentaram-se à mesa só os Nightingale e os Wyndham. Mary, Evelyn e Owen cuidavam dos bebês. Dos três, o pequeno Owen parecia ser o mais exigente; estava sempre com fome, demonstrando ser um glutãozinho e tinha pulmões respeitáveis.

Caroline contou ao marido e aos Wyndham que surpreendera Timmy seguindo-a.

— Não me agrada ter como guarda-costas um garoto de doze anos, North. Prefiro que Timmy apenas me acompanhe.

— Ele é pequeno, mas é veloz e poderá socorrê-la se algo acontecer. — North argumentou.

— North tem razão. — disse Duquesa — Se Timmy a acompanhar, também estará correndo perigo. Ele deve continuar seguindo-a discretamente. Caso alguém tente alguma coisa contra você, ele estará por perto.

Caroline deu um profundo suspiro. A conversa à mesa girou em torno dos preparativos para o Natal que seria dali a duas semanas. Marcus e a esposa decidiram permanecer em Mount Hawke mais dez dias, então iriam para Chase Park onde passariam o Natal com os parentes.

— Voltaremos logo depois do ano novo e permaneceremos aqui até que todos esses mistérios sejam esclarecidos. — prometeu Duquesa.

North balançou a cabeça.

— Não, Duquesa, não quero que você corra risco. — ele discordou — Marcus, leve sua esposa para casa ou para Londres e a mantenha por lá.

Caroline sorriu.

— Parece que você não conhece seus amigos, North. Eles voltarão depois do ano

novo e não nos deixarão enquanto não descobrirmos quem é o autor de todos esses crimes. E não podemos nos esquecer de que Duquesa está determinada a encontrar o tesouro do rei Mark.



Todos os empregados e arrendatários de Mount Hawke, até o velho e surdo Pa-Du festejaram, gritaram, provocaram uns aos outros, discutiram alegremente enquanto o enorme tronco de Natal, arrastado por dois cavalos, foi, finalmente, colocado na enorme lareira do grande hall, para ser aceso e continuar ardendo até o dia vinte e seis de dezembro.

Polgrain preparou vinho quente e todos brindaram e beberam quando North, por fim, conseguiu acender o colossal tronco. O riso alegre misturado aos berros e choro do pequeno Owen, que estava sempre com fome, ecoavam pelo castelo.

Caroline nunca ficava sozinha. Havia sempre duas ou três pessoas com ela até mesmo quando andava por perto apenas para fazer um pouco de exercício.

Todos cuidavam dela e isso era reconfortante. Cansava-se facilmente, mas as náuseas tinham cessado. Naquela noite, ela estava no quarto, sentada no colo de North com a cabeça recostada no seu peito.

— Seus seios estão bem maiores. — ele observou — Eles doem?

— Não. — ela respondeu e beijou o marido.

— Diga a verdade, Caroline. O Dr. Treath recomendou-me...

Ela ergueu a cabeça e olhou para o marido, constrangida.

— Você e o Dr. Treath estiveram falando sobre os meus seios?

— Naturalmente. Não seja tola. Ele me disse para ter cuidado ao acariciá-la. Durante a gravidez os seios da futura mamãe ficam mais sensíveis.

— Oh, North. Isto é horrível.

Ele riu.

— Eu também perguntei quando a sua barriga iria ficar bem redonda. Ele explicou-me que cada mulher era diferente e assegurou-me de que eu poderia fazer amor com você até meados de abril. O que me diz?

Caroline mordeu o queixo do marido. Em seguida começou a beijá-lo e, por fim, respondeu:

— Acho que é melhor começarmos a fazer amor, agora.

North adorou a idéia.



Caroline saiu para andar pelos jardins com Duquesa. Quando entrou em casa estava corada por causa do frio e sentia-se com ótima disposição. Os cabelos, porém, estavam um horror e ela subiu ao quarto para penteá-los. Foi diretamente até o toucador, cantarolando e viu uma folha de papel dobrada debaixo do porta-jóias. Desdobrou-a, a testa franzida, e leu:

*Você pode pensar que está bem protegida, mas engana-se. Meu bilhete está aqui, não está? Você é uma prostituta como as outras e morrerá da mesma forma que elas. Eu a matarei como matei sua tia.*

Caroline dobrou o bilhete, guardou-o no bolso, desceu a escada devagar e foi até a biblioteca onde estava North juntamente com Brogan, revendo os últimos documentos referentes à herança dela. Ao ver a esposa tão pálida, North pediu licença ao advogado, foi depressa ao encontro dela e levou-a para o hall.

—O que houve? Você está doente, Caroline? Ela simplesmente entregou-lhe a folha de papel.



Era a tarde de Natal. Os três bebês estavam deitados num grande cobertor na frente da lareira, na sala de visitas. No aparador havia uma grande poncheira com vinho quente e uma enorme bandeja de prata repleta de bolos, doces e biscoitinhos.

Polgrain estava no seu elemento. Contratara seis ajudantes para preparar um banquete e os aterrorizara com suas implicâncias e exigências. Mas o resultado foi delicioso.

Reuniram-se em Mount Hawke todos os que ali residiam e ali trabalhavam, os empregados, mineiros e arrendatários de Scrilady Hall. Caroline e North distribuíram presentes. O conde e a condessa tinham ido para Chase Park havia quatro dias. Caroline sentia falta deles, mas estava feliz por ter North dando-lhe atenção o tempo todo. Polgrain exultou ao receber de presente um relógio feito na Bélgica, tendo seu nome gravado em ouro. Caroline sorriu para ele, embora não tivesse muita certeza de que ele era merecedor de um artigo tão fino e bonito.

Tanto Mary como Evelyn ganharam uma caixa contendo uma chave amarrada

com uma fita de veludo preto. Cada moça ergueu sua chave e olhou para Caroline com expressão indagativa.

— É a chave de Scrilady Hall. — North explicou — Caroline e eu queremos que Mary seja a diretora da casa que se tornará uma instituição para abrigar e orientar mães solteiras. Evelyn, você cuidará das crianças e ajudará Mary.

— Há muito trabalho a ser feito. — Caroline continuou — É claro que vocês poderão contar conosco. O que acham?

— Estou certa de que Eleanor Penrose teria muito orgulho de você, Caroline. — respondeu Mary.

— Que maravilha! Prometo, milorde e milady, que Mary e eu tornaremos Scrilady Hall o melhor abrigo de toda a Inglaterra. — Evelyn começou a rodopiar pela sala, acordando o pequeno Owen, que desatou a chorar, faminto, como sempre.

Naquela mesma tarde, Owen anunciou:

— Neste dia de Natal quero comunicar a todos que vou adotar o pequeno Owen. Ele será meu filho.

— Oh, Owen, eu sei que Alice ficaria muito feliz. Você tornou-se um homem admirável. Orgulho-me de você.

Os gritos de protesto do pequeno Owen convenceram Evelyn de que ele queria mamar e subiu com ele para o quarto.

Tarde da noite, North e Caroline recolheram-se aos seus aposentos, exaustos e felizes. North beijou a nuca da esposa e sussurrou-lhe:

— Não lhe dei meu presente de Natal. Espere um momento. — ele foi ao quarto de vestir e voltou com uma pequena caixa embrulhada em papel vermelho — Aqui está. Abra.

Caroline ficou em silêncio olhando para a caixa, depois começou a desembulhá-la.

— Meu Deus! O bracelete! — exclamou, erguendo um bracelete de ouro no qual havia a inscrição *REX* — Onde você o encontrou? Não é justo. Duquesa e eu andamos por aqueles montes e nada encontramos.

— Na verdade foi Marcus quem o achou. Ele abriu a caixa daquele relógio do hall e lá estava o bracelete enroscado no mecanismo. É impossível saber por quantas décadas o bracelete esteve escondido ali. Por isso as batidas do relógio tinham aquele som rouco e áspero, horrível. Achei que você iria gostar dessa jóia. *Rex* quer dizer *rei*.

— É incrível, North. Então é verdade o que seu bisavô escreveu no diário sobre o bracelete. Mas quem o escondeu no relógio? E por que ninguém nunca mencionou que ele havia desaparecido?

— Boas perguntas, mas não sei as respostas. Marcus e Duquesa acharam que você merecia este presente por ter tentado provar que o rei Mark poderia mesmo ter

sido enterrado em nossas terras.

— Confesso que cheguei a duvidar dessa história.

— Bem, talvez agora todos acreditarão nela e quem sabe o túmulo do rei Mark com o tesouro ainda será encontrado.

— Quem sabe? Feliz Natal, North.

Na manhã seguinte todos, inclusive os criados de Mount Hawke aproveitaram para descansar. North atravessava o hall para ir à biblioteca e sorriu ao ver Tregeagle sentado numa cadeira de espaldar alto, massageando os pés. Nesse instante, o som de fortes batidas da aldrava na enorme porta dupla de entrada, ecoou pelo hall. Tregeagle suspirou, desalentado.

— Pode deixar, Tregeagle. Eu atendo. Talvez seja o príncipe regente que veio até aqui para saborear o que sobrou do delicioso almoço de Natal. — North brincou.

Abriu a porta e surpreendeu-se ao ver à sua frente uma mulher alta, com seios grandes, cabelos castanhos bem claros, fitando-o com expressão de incredulidade.

— Frederick?

— Meu nome é North. — respondeu ele, o olhar preso àquela senhora.

— Eu lhe dei o nome de Frederick em homenagem a Frederick, o Grande, da Rússia. Seu pai e eu o admirávamos. Provavelmente seu avô decidiu chamá-lo de North.

O coração de North começou a bater forte e mais depressa. A senhora à sua frente estava envelhecida, havia rugas em seu rosto, doçura nos olhos escuros e humor em sua boca.

— Eu sei que você está muito surpreso, Frederick. Sou Cecília Nightingale, sua mãe.

Tregeagle aproximou-se de North e exclamou:

— Milady! A senhora, aqui?!

— Olá, Tregeagle. Vejo que está muito bem. Parece que os anos não pesaram para você.

Caroline, que chegara ao hall, juntou-se ao marido.

— Ela é sua esposa, Frederick?

— Sim. Esta é Caroline e vai ter um bebê.

— Parabéns. Você é linda, Caroline.

— Obrigada, senhora.

— Caroline, apresento-lhe minha mãe, Cecília Nightingale.

— Sua mãe! Meu Deus! North pensou que a senhora estivesse morta. Este é o presente de Natal mais maravilhoso que North poderia ganhar. Por favor, entre, milady.

North afastou-se para o lado, e só então viu a mocinha que estava atrás de lady Cecília.

— Frederick, esta é Marie, sua irmã.

O olhar de Caroline foi de Marie para North e voltou para Marie.

— É incrível como vocês dois se parecem, North. Podem até passar por gêmeos. Isto quer dizer que a senhora não traiu seu marido! Eu sabia disso.

— É claro que não o traí. Eu estava grávida quando deixei Mount Hawke.

— Por que a senhora não me procurou antes? — North perguntou.

— Eu a trouxe, milorde. — disse Coombe, aparecendo à porta. Tinha os ombros eretos, a cabeça erguida e uma expressão de desafio — Fui a Surrey buscá-la.

Caroline abraçou-o.

— Eu sabia que você não tinha matado minha tia nem as outras mulheres, Coombe. Também não foi você quem me fez sofrer um acidente tampouco deixou em meu quarto um bilhete me ameaçando de morte, pois estava longe daqui. O que andam dizendo a seu respeito é mentira.

— Milorde, parece que tem havido grande alvoroço por aqui.

— É verdade. — disse North — Sabe que puseram uma faca suja de sangue no guarda-roupa do seu quarto, na estalagem da Sra. Freely, para incriminá-lo?

— Nenhum de nós acreditou nisso, Coombe. — Tregeagle disse, depressa — Logo saberá do que aconteceu na sua ausência.

— Muito bem, Tregeagle. Lady Cecília e Marie estão aqui, e isso é motivo de alegria. — observou Caroline.

Cecília Nightingale olhou emocionada ao redor do grande hall.

— Eu amava Mount Hawke e queria morar aqui com você e seu pai, Frederick. Infelizmente seu avô não permitiu, e seu pai decidiu me levar embora.

— Eu não lembrava onde eu havia passado os primeiros cinco anos de minha vida. Então escrevi a meu advogado e ele me informou que a senhora, meu pai e eu morávamos em Brighton antes de nos mudarmos para Mount Hawke.

— Exatamente. Depois seu pai me levou para Surrey e disse a você que eu tinha morrido. Ele me mandava todo início de ano uma quantia para eu me manter. Este ano o dinheiro não chegou e deduzi que ele havia morrido.

— O que estamos fazendo aqui? Está frio. Vamos para a sala de visitas. Vocês podem se aquecer diante da lareira. — propôs Caroline — Tregeagle, por favor, diga a Polgrain para nos servir chá e algumas daquelas delícias que ele preparou para o Natal.

Enquanto tomavam chá com bolos, os três continuaram a conversar.

— Por que a senhora não escreveu a meu pai, contando que Marie era filha dele?



— North perguntou — Ela é muito parecida com ele e comigo. Se meu pai a visse, teria certeza de que a senhora não o havia traído.

— Escrevi-lhe muitas cartas. Eu o amava. Sabia que ele estava sofrendo. Ele queria acreditar no meu amor e na minha lealdade, mas o pai o envenenou. Seu pai, North, nunca viu Marie. Seu avô, sim, foi a Surrey e a conheceu. Na ocasião ela estava com cinco anos. Era muito parecida com ele, com o pai e com você, quando tinha a idade dela. Entretanto, meu sogro ofendeu-me, disse que eu estava mentindo, que Marie não era sua neta e meu marido não queria me ver nem conhecer minha filha, pois não era filha dele. Chamou-me de prostituta e proibiu-me de escrever para meu marido.

— Como ele pôde dizer isso? — Caroline questionou — É evidente que Marie é irmã de North. Basta olhar para ela para ver que é uma Nightingale.

— Vocês não devem ter percebido que Marie é diferente. — observou Cecília.

North e Caroline olharam para Marie que estava sentada junto da mãe, com as mãos no colo, a cabeça curvada, os olhos voltados para baixo.

— O que há de errado com ela? — North indagou.

— Quando ela estava para nascer, o médico da localidade tinha viajado e a parteira que me atendeu, uma velha senhora quase cega, machucou a cabeça de Marie. Por isso, ela não teve um desenvolvimento mental perfeito. Mas ela sempre foi muito meiga e apegada a mim. O que está acontecendo aqui é estranho para ela, pois vivemos sempre isoladas. Eu sei que a deficiência de Marie foi mais um motivo para o avô não reconhecê-la como neta. Eu já lhes havia dado o herdeiro Nightingale. Você era um garoto de dez anos, perfeito, saudável e inteligente. Marie os envergonharia.

— Que miserável! — disse North com veemência — Oh, Deus, estou assustando minha irmã.

North ajoelhou-se na frente de Marie e segurou a mão dela.

— Marie, você não quer olhar para mim?

Devagar ela ergueu a cabeça, e North observou-a.

A irmã tinha olhos e cabelos escuros, nariz e queixo parecidos com os dele, porém mais delicados.

— Você é minha irmã e é linda, Marie.

Ela inclinou a cabeça para o lado, como se refletisse sobre o que ele dissera. Subitamente, sorriu. North ficou maravilhado. Marie tinha um sorriso encantador.

— Marie não está acostumada a ouvir elogios, mas entende o que lhe dizem. Sua irmã tem grande sensibilidade. — explicou Cecília, calmamente.

— A senhora devia ter-me procurado depois que meu pai morreu.

— Tive receio de encontrá-lo tão amargurado e cheio de ódio como seu pai e seu avô. Quando Coombe me pôs a par das mudanças operadas em Mount Hawke,

compreendi que era hora de voltar para casa. E aqui estou com Marie.

— Sejam bem-vindas a Mount Hawke. Privaram-na do que era seu por direito, minha mãe. Agora Caroline e eu queremos que a senhora e Marie morem conosco. Estamos vivendo novos tempos. O legado Nightingale não existe mais.

No fim da tarde, Marie estava sentada no grande cobertor colocado na frente da lareira, na sala de estar, e segurava Eleanor com muito cuidado. Perto dela estavam o pequeno North e o pequeno Owen. Evelyn sentara-se ao lado do cobertor, atenta aos bebês. Mary costurava um casquinho de lã para o filho. Caroline, North e lady Cecília conversavam ao redor da mesa do chá.

Coombe entrou na sala para levar a enorme bandeja. Caroline chamou-o:

— Um momento, Coombe. Diga-nos por que você desapareceu sem dizer uma palavra e foi buscar a mãe de North.

— Tive receio de não encontrar lady Cecília. Afinal, vinte anos haviam passado. Com a graça de Deus ela e Marie estavam bem. Ao ver Marie compreendi que ela era realmente uma Nightingale e não filha de um amigo do marido de lady Cecília, como o sogro dela havia afirmado. Lady Cecília não havia traído o esposo.

— Por que você nunca me disse que minha mãe estava viva?

— Seu avô obrigou-nos a jurar que nunca iríamos revelar ao senhor, milorde, que lady Cecília não tinha morrido.

— O que o fez mudar de idéia, Coombe? — North perguntou.

— Vi que o senhor e lady Caroline eram tão felizes e disse a mim mesmo que talvez eu estivesse enganado. Lady Caroline me parecia uma esposa leal, incapaz de magoá-lo, milorde. Então fui a Chiddingfold, em Surrey e, felizmente lady Cecília me recebeu. Confesso que tive medo de que ela batesse a porta na minha cara.

— Por um instante tive vontade de fazer isso. — admitiu Cecília — Mas eu estava ansiosa para receber notícias de Mount Hawke e de meu filho. Além disso, quase não tinha dinheiro. O que eu recebia ensinando piano mal dava para cobrir as despesas. E eis que aparece Coombe à minha porta, chapéu na mão, parecendo feliz em me ver.

— Mais feliz fiquei ao conhecer Marie, milorde. Então convenci lady Cecília a voltar comigo para Mount Hawke e ajudar-me a corrigir os erros do passado. Como disse lady Caroline, estes são novos tempos em Mount Hawke. Aqui haverá riso e alegria. Quem sabe Tregeagle, Polgrain e eu nos acostumaremos até a fazer alguns gracejos.



Aquela noite, vinte e nove de dezembro, era, sem dúvida, a mais fria do ano, Caroline pensou. Só ela estava sentada na sala de visitas, esperando por North e ouvindo o vento forte vindo do mar. Toda vez que os galhos desnudos das árvores batiam nas vidraças, ela estremecia.

North, sir Rafael e Savory Flash tinham ido a Goonbell para investigar um homem suspeito de haver matado a facadas mulheres infiéis.

O velho relógio fez soar onze badaladas, agora melodiosas, uma vez que Marcus Wyndham encontrara o bracelete que emperrava o mecanismo.

Aliás, sobre a cornija da lareira estava o bracelete de ouro num estojo forrado de veludo vermelho. Caroline o colocara ali naquela tarde para ser visto e admirado. Era também uma evidência de que o rei Mark fora enterrado em Mount Hawke.

Caroline suspirou. Fazia três horas que North tinha saído e ainda não voltara. Detestava esperar por ele.

Coombe entrou na sala com uma bandeja.

— Está frio, milady, um chá quente lhe fará bem. — disse ele — Começou a chover e Sua Senhoria está fora com este mau tempo.

— Estou preocupada, Coombe. Não quero que ele fique doente. — tomou o chá e levantou-se — Acho melhor eu ir para debaixo dos cobertores. Pode recolher-se também, Coombe. Não sabemos quando Sua Senhoria irá voltar.

O mordomo empertigou-se.

— Não, milady. Vou esperar por Sua Senhoria. Quando ele chegar terá uma dose do seu excelente conhaque devidamente aquecido.

Bem que apreciaria um pouco de conhaque em vez daquele chá amargo, Caroline pensou. Deu boa-noite a Coombe e saiu da sala.

Subiu a escada cantarolando baixinho, mas quando chegou ao primeiro patamar sentiu que as pernas estavam pesadas. Cada passo que dava exigia mais esforço. Ela franziu a testa. O bebê a estava deixando cada vez mais lenta e cansada. Não estava gostando daquilo.

Chegou à porta do quarto tão trêmula e exausta que mal conseguiu girar a maçaneta. Pensou em chamar uma das criadas para ajudá-la a trocar de roupa, mas achou que era muito tarde. A lareira estava acesa e ela foi até lá quase se arrastando. O calor do fogo certamente iria fazê-la sentir-se melhor. Estendeu as mãos para aquecê-las e notou que estava vendo tudo embaçado.

Alguma coisa estava errada. Ouvindo um leve ruído, imaginou que devia haver um rato no quarto. Sentou-se na *bergère* esperando recuperar-se e ouviu o ruído novamente, desta vez mais perto. Parecia vir do biombo, atrás do qual ficava a banheira.

Ficou imóvel, tentando prestar atenção ao ruído. Seguiu-se um instante de

silêncio e ela achou que o som que ouvira antes tinha sido fruto de sua imaginação. Era melhor ir para a cama.

Estremeceu ao ouvir um murmúrio a seu lado. Podia jurar que alguém lhe tocara os cabelos. .

— Quem está aí? — perguntou.

— Prostituta... Você é uma prostituta e vai morrer... — uma voz sussurrada respondeu.

— Não...

Caroline sentiu um cheiro enjoativo e alguém a colocou deitada sobre o tapete.

— North. — ela murmurou.

Inclinou a cabeça para o lado e não viu mais nada.



O vento uivava. Grãos de areia rodopiavam no ar.

Caroline sentia muito frio e nos lábios secos um gosto de sal. Os olhos ardiam, mas ela conseguiu abri-los. Estava escuro. Ela percebeu que estava encostada em uma grande rocha, com as mãos e os tornozelos amarrados. Aos poucos a mente clareou e ela lembrou-se do que havia acontecido. Alguém tinha colocado um sonífero em seu chá. Alguém fizera uns leves ruídos em seu quarto, depois a chamara de prostituta e dissera que ela ia morrer. Alguém a carregara de Mount Hawke até aquele lugar.

Mas quem?

Devia ser um homem que tinha acesso a Mount Hawke.

Coombe, talvez?

Coombe voltara todo sorrisos e atenções, trazendo a mãe e a irmã de North, tudo para mostrar que estava mudado.

Caroline interrompeu o pensamento. Não podia perder tempo com conjecturas. Estava sozinha e tinha de fugir antes de o assassino voltar para matá-la. Mas como iria fugir se estava amarrada?

Bem, se não estava disposta a ficar ali esperando a morte, o jeito era tentar soltar os pulsos. Com as mãos livres poderia desamarrar os tornozelos.

Assim pensando, ela começou a esfregar na extremidade da rocha, a corda que lhe prendia os pulsos. Era tão grande o seu pavor de não conseguir libertar-se a tempo, que trabalhou febrilmente, ficando com os pulsos esfolados. Só parou quando a corda estava esgarçada. Com mais alguns movimentos e puxões, ficou com as mãos

livres. Quase chorou de alívio e alegria. Rapidamente desamarrou os tornozelos e ficou de pé, porém caiu sentada.

Estava fraca, gelada de frio e com os pés adormecidos. Massageou-os, movimentou as pernas e levantou-se devagar, apoiando-se no rochedo. Desta vez não caiu. Deu um passo, outro, e mais outro.

O som de um cavalo se aproximando apavorou-a. O assassino viera atrás dela.

Não podia ficar ali, no alto do rochedo. Mas para onde iria?

A praia! Ergueu os lados da capa, as saias, segurou tudo junto da barriga para proteger o bebê e começou a descer para a praia pela trilha íngreme.

O cavalo estava mais perto. Ela ouviu um grito seguido de pragas. Se o assassino chegasse à borda do rochedo e a visse, ela estaria perdida. Tinha de andar depressa.

Escorregou e caiu várias vezes, mas nem pensou em parar. Chegando à praia olhou para cima. O assassino havia desmontado e estava no alto do rochedo, com a capa esvoaçando. Parecia um demônio.

Caroline correu pela areia molhada, olhando para o chão esperando encontrar alguma coisa que pudesse usar como arma. Vendo um pedaço de madeira, agarrou-o e continuou correndo. Chegou à base dos penhascos, ao fundo da praia, pensando em esconder-se em algum vão entre as rochas. Quando o assassino se aproximasse, o atacaria de surpresa.

As nuvens escuras se afastaram, permitindo a ela ver, à luz da lua, que em certos pontos as grossas camadas de xisto e arenito eram salientes, formando patamares. Havia inúmeros vãos entre as rochas. Em muitos deles cresciam arbustos. Ela calculou que seria possível escalar aquela parede. Como não havia tempo para refletir, começou a subir sem muita dificuldade. Parecia até que aqueles vãos e saliências tinham sido escavados e esculpidos de propósito para possibilitar a escalada ao alto do extenso rochedo.

Vendo que não podia subir e segurar o pedaço de pau, virou-se e atirou-o no assassino, logo abaixo dela. Ouviu-o praguejar ao receber o golpe que certamente não tinha sido forte, mas o retardou, e ela avançou mais um pouco na sua escalada.

O desespero deu-lhe alento, e ela continuou a subir com determinação. De repente, não encontrou lugar nenhum onde colocar os pés ou se agarrar, e o assassino vinha em sua perseguição.

Então ouviu gritos de homem. A voz soou-lhe familiar, mas não era a voz de North. Alguém viera à sua procura e a estava chamando. Em seguida um tiro ecoou.

A mão de Caroline escorregou, ela não conseguiu equilibrar-se na saliência do rochedo e caiu. Seu grito de fracasso misturou-se ao som do vento ululante.

Caroline agarrou-se desesperadamente a um pé de tojo, mas o arbusto cedeu com seu peso e ela ficou pendurada. Estava quase no alto do penhasco. À sua direita



havia uma rocha saliente onde poderia se apoiar. Balançou o corpo e saltou para a rocha que simplesmente se fragmentou.

Ela foi caindo, caindo, rolou por um declive e quando parou viu-se deitada de lado, num terreno arenoso. Havia no ar cheiro de bolor. Continuou deitada, ofegante, sem entender o que tinha acontecido. Que lugar era aquele? Teria caído dentro do rochedo? Isso não lhe pareceu aceitável.

Quando a respiração voltou ao normal, ela virou o corpo devagar e ficou sentada na areia. As pontadas que tinha sentido na barriga, cessaram. O bebê parecia bem. Olhou para as paredes de pedra. Aquilo seria um poço? Não. Devia ser uma caverna.

Ficou de pé. Tinha de encontrar uma saída antes que o assassino aparecesse para matá-la. Deu alguns passos e tropeçou em alguma coisa, mas não caiu. Abaixou-se, pegou o objeto redondo, que estava a seus pés, meio enterrado na areia, guardou-o no bolso e continuou a andar.

Nesse instante ouviu uma voz fantasmagórica atrás dela.

— Vou pegá-la e você vai morrer, Caroline. O pequeno bastardo morrerá com você.

Ela começou a tremer. A voz soou novamente.

— Você é muito mais esperta e mais habilidosa do que as outras mulheres. Ou talvez tenha mais sorte do que elas. A patética Elizabeth Godolphin chorou, ajoelhou-se à minha frente e implorou para eu não matá-la. Sua tia foi mais corajosa. Tentou salvar-se, mas foi inútil. Agora chega de conversa. Venha, Caroline, não me deixe zangado.

O homem, além de louco era determinado, Caroline reconheceu.

Uma arma. Tinha de encontrar alguma coisa para se defender. Deu mais uns passos. A caverna fazia uma curva e a partir dali o teto era bem mais baixo. Também não estava tão escuro. Certa de que havia uma abertura por perto, ela andou depressa e parou de repente, atônita.

Ali, diante dela, sobre uma rocha comprida e larga, havia montes de moedas de ouro, inúmeros cálices também de ouro, braceletes, pulseiras, colares e muitas outras jóias. Erguia-se no meio desse tesouro uma espada enorme com o cabo cravejado de diamantes, rubis e esmeraldas. Cerca de metade da espada parecia estar cravada na rocha.

Caroline esqueceu o terror por uns segundos. Encontrara o tesouro do rei Mark.

O bisavô e o avô de North estavam certos. O rei Mark tinha sido enterrado nas terras Nightingale com seu tesouro! Ela aproximou-se da pedra, fascinada. As jóias brilhavam, mas a magnífica espada reluzia ainda mais. Ela ergueu o braço para tocá-la, mas teve receio e baixou-o. Havia ali uma aura sobrenatural e de encantamento. Continuou imóvel, o olhar preso à espada que parecia nova e mortal, mesmo depois de mais de mil anos. E estava ali ao seu alcance como se esperasse para ser retirada de



sua prisão. Sem dar por si, ela colocou as duas mãos ao redor do cabo da espada e puxou-a. Para seu assombro, ela moveu-se. Puxou-a com mais força e a espada simplesmente soltou-se da rocha. Caroline deixou-a no mesmo lugar, sobre o monte de ouro e jóias. Não poderia segurar uma espada tão grande e pesada.

Contudo, era uma arma.

Com força e determinação segurou novamente o cabo da espada para tentar erguê-la. Constatou, incrédula, que não só podia erguê-la como movimentá-la. A preciosa espada, tão grande e ameaçadora, pesava pouco em sua mão. Não fazia sentido. Aquilo não podia ser real. Enfim, estava com a arma e era capaz de manejá-la sem esforço. Agitou-a no ar sentindo-se poderosa. Agora tinha como enfrentar o assassino. Logo lembrou de que ele estava com uma pistola e podia dispará-la a distância, sem lhe dar chance de erguer a espada.

Entretanto, aquela espada infundia-lhe confiança e coragem. Segurou-a junto do corpo e voltou para o lugar onde havia caído, ao encontro do homem que queria matá-la.

A voz lúgubre ecoou novamente pela caverna.

— Caroline, quanto tempo vou ter de esperá-la? Venha! Você não sofrerá. Todos ficarão livres de você, e felizes. Eu, mais ainda.

O homem estava agora bem perto. Caroline encostou-se à parede rochosa e começou a falar com voz grossa e espectral:

— Homem louco, como se atreve a entrar na minha câmara mortuária? Este lugar é para os eleitos. A moça que ousou entrar aqui está morta e você também irá morrer.

Silêncio.

— Quem é você? Por que veio profanar a minha câmara mortuária? — ela continuou.

— Está bem. Eu vou embora, mas quero levar o corpo da moça. Ela é uma maldição para este lugar.

— Você não levará ninguém. Prepare-se para morrer.

Novo silêncio.

De repente Caroline sentiu a respiração do homem na sua nuca e a pistola pressionada contra suas costas.

— Foi um bom espetáculo, mas acabou. Você não percebeu que eu me aproximava cada vez mais enquanto falava? Quero que você veja quem irá mandá-la para o inferno. Vire-se.

Caroline obedeceu e viu o rosto de Bess Treath que estava sem o capuz.

— Pensei que você fosse homem.

— Disfarcei minha voz para não ser reconhecida. Eu queria que você ficasse apavorada, imaginando que eu era um louco. Eu não sou homem nem sou louca. Você me deu muito trabalho, me deixou cansada, Caroline. Agora vai morrer e ficarei com o tesouro que você encontrou.

— Bess Treath! Por que me chamou de prostituta? Por que quer me matar? Por que matou minha tia? Ela era tão alegre, não traiu ninguém, já era viúva.

— Ela ia casar com meu irmão, e Benjie me abandonaria. Ele é meu, só meu! Eu não suportaria perdê-lo. Eu tinha onze anos quando nossos pais morreram, e Benjie foi tudo para mim: mãe, pai e meu grande amor. Certa noite me entreguei a ele. Benjie estava bêbado porque tinha perdido a esposa, uma ordinária pretensiosa que achava que podia ter meu Benjie só para ela. Dei um jeito de despachá-la deste mundo.

— Ela não morreu no parto?

— Sim, mas digamos que eu apressei sua ida para o inferno. O parto estava sendo difícil. Meu pobre Benjie estava exausto. A mulher dele era uma idiota, medrosa e não conseguia ter o bebê. Não era como eu. Ah, se eu tivesse a chance. Não, ela chorava, gritava e se debatia. Eu disse a Benjie que ficaria no quarto para ele poder descansar e o chamaria se acontecesse alguma coisa. Fiquei do lado da cama, quando minha cunhada abriu os olhos e me viu sorrindo para ela, soube que ia morrer. Eu não a desapontei.

O horror de Caroline era tão grande, que ela não conseguiu dizer uma palavra. Apertou o punho da espada sentindo-o quente em sua mão. Mas devia esperar.

— Você não quer saber mais nada? Não quer saber como eu matei a sua tia e as outras mulheres?

— Para quê? Você é louca, doente, pervertida, tem a mente podre.

— Cale-se! Maldita! Prostituta miserável!

Caroline sentiu um calafrio, mas sorriu.

— A meu ver a prostituta é você. Você é maldita. Você não seduziu seu irmão? Com que idade? Treze anos?

— Eu tinha a idade daquela vadiazinha, Alice. Não, não pense que eu despachei aquela uma. Não tive a chance, Benjie não saiu de perto dela nem aquele maldito Owen Falkes. A ordinária se foi por conta própria.

— Como eu disse, a prostituta é você. Começou cedo. Seduziu o próprio irmão aos catorze anos.

— Você é uma idiota, Caroline. Fica repetindo a mesma coisa. O que pretende? Quer me irritar? Quer que eu grite? Quer confundir a minha cabeça com suas manipulações? Não sou prostituta coisa nenhuma. Amo meu irmão, ele é só meu. Para mim isso basta. Ele não sabe o que aconteceu naquela noite. Estava tão bêbado que não se lembra de nada. Nem teve ereção. Deu-me trabalho torná-lo parte de mim. Benjie

foi meu e prometi a mim mesma que ele não pertenceria à outra mulher. Sim, houve mulheres interessadas nele, mas Benjie nunca as levou para cama. Então apareceu Elizabeth Godolphin. Quando percebi, a vagabunda já o havia agarrado. Ah, Benjie estava feliz, cantarolava, sorria, estava apaixonado pela ordinária. Mas eu cuidei dela. Na primeira oportunidade fui a sua casa, matei-a com uma faca e joguei-a do alto do penhasco, perto de Perranporth.

Era sordidez demais. Caroline inclinou-se e vomitou. Ficou de cabeça baixa por um instante, depois se voltou para Bess.

— Você é repugnante, Bess. Como se não bastasse ter cometido tantos crimes ainda se vangloria do que fez. Não quero mais ouvi-la falar nisso. Você veio até aqui para me matar, não veio? Pois tente fazer isso. Pode vir sua velha ressequida e louca. Saiba que eu também posso matá-la. Seu irmão não lamentará a sua morte, pode ter certeza disso. Quando ele souber de tudo o que você fez, a amaldiçoará para sempre. Se o Dr. Treath estivesse aqui, ele mesmo a mataria.

Bess não disse nada nem se mexeu.

— E então? Está com medo? Além de velha e louca, você é covarde? — Caroline provocou-a.

— Cale essa boca! Você quer morrer? Agora? Ótimo.

— Antes de você tentar me despachar, só me diga o que a faz pensar que eu tenho algum interesse no seu irmão. Ele tem idade para ser meu pai. Ainda não percebeu que eu adoro meu marido? Não quero nada com seu irmão.

— Isso é o que você diz. Mas acabará gostando dele. Eu sei que Benjie a deseja. Vejo nos olhos dele quando está perto de você. Eu o conheço bem. Ele não consegue esconder os próprios sentimentos de mim. Quando a examina ele tem prazer de tocá-la. Ele a acaricia. Eu desejaria que ele tocasse em mim do mesmo jeito.

— Ele é médico e eu detesto ser examinada por ele. Sinto-me constrangida.

— Mentira! Todas as mulheres querem o meu Benjie.

— Louca! Seu lugar é num hospício. Posso imaginá-la contando suas histórias sinistras para os pobres diabos, loucos como você, enquanto eles coçam a cabeça cheia de piolhos.

Bess deu um grito de ódio, jogou a pistola no chão e tirou uma faca do bolso da capa de lã para atacar Caroline.

— Não, Bess Treath! Deixe-a em paz. — Coombe gritou.

Bess virou-se depressa.

— Atirei em você, Coombe. Devia estar morto. Eu tinha planejado tudo tão bem, deixei a faca no seu quarto, em Goonbell e todos estavam acreditando que você era o assassino daquelas mulheres. Por que voltou?

— Eu não fugi, como você deve ter pensado. Fui buscar a mãe de Sua Senhoria.

Lady Chilton e a filha estão de volta a Mount Hawke.

— Mentira, seu bastardo! A mãe de lorde Chilton está morta. Ela também traiu o marido, como as outras prostitutas.

Bess avançou em Coombe com a faca erguida, pronta para matá-lo.

Caroline ergueu a espada que trazia escondida às costas.

— Venha cá, Bess! Coombe está ferido, não perca tempo com ele.

Virando-se, Bess viu a magnífica espada e ficou perplexa.

— Onde você achou essa espada?

— Ora, ela estava aqui esperando que eu a pegasse para matar você. Venha! — com a mão esquerda Caroline fez sinal para Bess se aproximar e com a direita agitava a espada.

Cada vez mais furiosa e enlouquecida, Bess não conseguiu refletir. Arremeteu-se contra Caroline, mas saltou para o lado, evitando ser partida ao meio pela poderosa espada. Teve apenas um corte no ombro.

— Maldita! — vociferou, cheia de ódio e dor — Eu é que vou matá-la, Caroline! Mas primeiro vou rasgar sua barriga e acabar com esse bastardo!

A essa altura, Bess estava completamente fora de si. Lançou-se para a frente e a espada traspassou-lhe o peito.

— Não é possível que você tenha... conseguido manejar... esta espada. Você é tão fraca. — foram essas as últimas palavras de Bess Treath.

Caroline puxou a espada do peito dela e foi até Coombe.

— Seu ombro está sangrando. Você precisa de cuidados. Temos de voltar para o alto do rochedo.

— O ferimento não é sério. — ele respondeu, esforçando-se para manter-se em pé — Desci até aqui por uma corda e tive muito medo de chegar tarde demais. Que lugar é este?

— É o túmulo do rei Mark. Encontrei o tesouro. Venha, vou lhe mostrar.

— Milady, quero lhe dizer...

Antes de terminar a frase, Coombe suspirou e caiu no chão.

— O que você tem para me dizer, Coombe?

Ele abriu os olhos e antes de fechá-los de novo, murmurou:

— Tregeagle...

Caroline enrolou Coombe na capa de Bess para mantê-lo aquecido. Ele havia mencionado o nome de Tregeagle antes de perder os sentidos. Por quê? Certamente ia dizer-lhe que Tregeagle havia colocado alguma coisa no seu chá para fazê-la dormir, ela deduziu. Tregeagle não a suportava. Não duvidava de que ele tentara matá-la

esticando aquele arame que havia derrubado Reggie e também deixara aquele bilhete sobre a penteadeira.

Coombe viera salvá-la e por pouco Bess não o matara. Agora era sua vez de salvá-lo. Tinha de sair dali o mais depressa possível para buscar socorro.

Vendo a corda por onde Coombe havia descido começou a subir por ela, apoiando os pés na parede rochosa. Seus braços e as mãos doíam tanto, que ela teve medo de não conseguir alcançar a abertura e sair dali.

— Caroline!

Era a voz de North. Ela criou novo alento, encheu-se de energia e gritou chamando o marido. No instante seguinte sentiu a mão dele agarrando-a. Ele a puxou para fora da abertura, e ambos se afastaram da beirada do penhasco.

— Pensei que você estivesse morta. — disse ele abraçando-a — Fiquei desesperado quando li o bilhete deixado por Coombe, dizendo para eu vir imediatamente ao promontório St. Agnes.

— Coombe veio me salvar, mas está ferido.

— Onde ele está?

— Lá embaixo. Você não vai acreditar, encontrei o tesouro do rei Mark. Mas isso não importa agora, temos de socorrer Coombe. Antes de perder os sentidos ele mencionou o nome de Tregeagle. Não tenho dúvida de que foi ele...

Caroline não terminou a frase ao ver Tregeagle se aproximando, furioso. A pouco mais de um metro de distância estava sir Rafael caído, inconsciente.

— Vadia maldita! Você tem mais sorte do que um ser humano merece ter. Mas logo estará tudo acabado e nós teremos paz.

— Sim, em breve teremos paz. Eu matei Bess Treath. — disse Caroline — Ela estava completamente louca. Você sabia que Bess tinha assassinado aquelas mulheres? Sabia que ela quase matou Coombe? Sabia que ela amava o irmão de maneira obsessiva?

North ouviu tudo aquilo, perplexo, mas Tregeagle não se mostrou surpreso.

— Coombe devia ter morrido. Ele tentou interferir nos meus planos, o traidor. Quando ele soube o que estava acontecendo, ficou chocado. Chocado! Me chamou de louco. Disse que eu era tão louco quanto Bess. Mas Bess não era louca. Ela fez justiça, matando aquelas prostitutas. Só não matou você, *milady*. Eu farei isso.

— Por que quer me matar? O que eu fiz?

— Você roubou o meu precioso garoto e o transformou. Como se não bastasse, temos agora em Mount Hawke a mãe dele, outra prostituta, e aquela filha dela, retardada. Tudo culpa sua!

— Chega, Tregeagle! — North vociferou — Quero saber se você ajudou Bess

Treath a matar aquelas mulheres.

— E claro que não, milorde. Não sou um assassino.

— Como descobriu que era ela a assassina?

— Eu a vi entrando na estalagem da Sra. Freely e a segui. Ela estava com aquela faca suja de sangue enrolada em uma camisa. Compreendi tudo e disse a ela que eu queria vê-la morta, *milady*. Bess concordou, mas tínhamos de esperar uma oportunidade. Sua Senhoria nunca a deixava sozinha, havia sempre muitas pessoas ao seu redor. Exceto esta noite. Você adormeceu, Bess e eu a enrolamos na capa e a trouxemos aqui. Bess teve de ir embora porque o irmão a esperava e ela não queria que ele suspeitasse de nada. Ficou de voltar assim que ele se recolhesse, pois queria ter o privilégio de matá-la, *milady*. Como você estava dormindo eu a amarrei, mas não fortemente, e voltei para Mount Hawke. Encontrei Coombe muito nervoso, porque você havia desaparecido. Ao me ver ele me encarou cheio de suspeitas e eu lhe contei tudo, não escondi nada. O covarde ficou branco, me golpeou com alguma coisa e veio até aqui para salvá-la.

— Sabe que lady Chilton encontrou o tesouro do rei Mark, Tregeagle? Está lá embaixo, numa câmara, atrás do rochedo.

— Impossível! Ela mentiu para o senhor, milorde. Mas não tente desviar a minha atenção. Eu tenho de matá-la.

Tregeagle ergueu a pistola. North saltou sobre ele e os dois rolaram no chão. North conseguiu virar-se, montou sobre o peito de Tregeagle e começou a esmurrá-lo. Tregeagle ergueu as duas pernas e arremessou-as para trás, batendo os pés nas costas de North, lançando-o na beirada do rochedo. Caroline correu, conseguiu agarrar a perna do marido e começou a gritar.

— Rafael! Socorro!

Mas quem puxou North para trás foi Tregeagle. Olhou para ele com expressão sombria.

— Eu não podia ter batido no senhor, milorde. Eu quase o matei. — ele voltou-se para Caroline — Você roubou meu garoto, mas o salvou. Ele cairia lá embaixo se você não o segurasse. Não posso fazer nada contra você.

Dizendo isso, Tregeagle foi para a beirada do penhasco e deu um passo no vazio...

— Meu Deus, vocês estão bem?

North e Caroline estavam chocados, olhando para o corpo de Tregeagle estendido na praia e voltaram-se para sir Rafael que se aproximava, andando sem muita firmeza.

— Estamos vivos, Rafael.

— Vi Tregeagle saltar daqui de cima. Por que ele fez isso? O que aconteceu? E



você, Caroline, onde estava? Vim com North para ajudá-lo a procurá-la, mas Tregeagle me pegou de surpresa e me golpeou. Sinto muito, não pude fazer nada.

— Explicaremos tudo mais tarde. — North respondeu — Preciso da sua ajuda. Coombe está ferido, temos de tirá-lo de uma câmara, no interior do rochedo. Eu vou descer até lá e você puxa Coombe para cima, em seguida leve-o à casa do Dr. Treath.

Rafael ajudou North e Caroline a descerem até a câmara com a corda amarrada sob os braços. Os dois encontraram Coombe tremendo de frio, mas desperto.

— Lady Chilton me salvou, milorde. — disse Coombe.

— Depois você me conta o que aconteceu. Agora vou passar esta corda sob seus braços para tirá-lo daqui. Rafael irá levá-lo à casa do Dr. Treath.

Ao ouvir o nome, Coombe estremeceu.

North e Caroline respiraram aliviados quando viram Coombe em segurança no alto do rochedo. Rafael jogou a corda para baixo e afastou-se caminhando devagar, amparando Coombe.

Só então North chegou perto do corpo de Bess Treath, caído, numa poça de sangue.

— Estranho, ela está serena. Não parece louca.

— Mas estava louca. Ela me disse coisas horríveis, North. Confessou que tinha matado a própria cunhada. Depois seduziu o irmão. Tinha um amor obsessivo por ele. Por isso matou todas as mulheres que demonstraram gostar dele. Você acha que o Dr. Treath sabia disso?

— É difícil dizer. Mas, por que Coombe disse que você o salvou? Não foi ele quem matou Bess?

— Não. Eu a matei.

— Como?!

— Com uma espada. Uma espada mágica. Ela é enorme e pesada, mas pude segurá-la facilmente.

North sacudiu a cabeça.

— Você disse que encontrou o tesouro do rei Mark, o que já é incrível. Mas encontrar uma espada mágica? Isso é demais!

— Você duvida, não é? Pois vou lhe mostrar. — Caroline contornou o corpo de Bess Treath e deu um grito — A espada desapareceu! Tirei-a com cuidado do corpo de Bess e deixei-a no chão. O que aconteceu? Ninguém pode tê-la levado daqui.

Caroline correu para o lugar onde encontrara o tesouro. North a seguiu. Quando viu a grande pedra tendo sobre ela aquele monte de jóias, moedas e cálices de ouro, prendeu a respiração.

— O tesouro do rei Mark!

— Sim, mas não acredito que o rei esteja enterrado aqui. Isto parece um santuário feito especialmente para guardar este tesouro.

Subitamente Caroline deu um passo para trás, atônita.

— O que foi, Caroline?

Ela ergueu o braço apontando na direção da pedra.

— Não pode ser!

Mas ali estava a espada firmemente cravada na pedra, a lâmina de aço e as pedras preciosas do cabo, brilhando.

— Como a espada voltou para cá? Não compreendo, North. Deixei-a do lado do corpo de Bess. Onde está o sangue na lâmina? Parece que a espada foi polida. Está como eu a vi pela primeira vez.

Caroline segurou o cabo da espada com as duas mãos e puxou-o. A espada não mexeu. Estava firmemente enterrada na pedra.

North gentilmente segurou as mãos de Caroline e afastou-as do cabo da espada.

— Não tem importância, querida. Bess Treath está morta e Coombe salvo.

Caroline ficou em silêncio por um momento tinha um estranho sorriso nos lábios. Estendeu o braço novamente e tocou o cabo da poderosa espada.

— North, há alguma coisa escrita aqui. Você pode ver o que é?

Ele chegou mais perto e olhou com atenção o lugar indicado por Caroline.

— Parece que está escrito *Excalibur*. Não, não pode ser real! Não acredito. Isto é fruto de nossa imaginação. Este lugar estranho simplesmente confundiu nossa cabeça.

— É a espada do rei Arthur. — Caroline murmurou, maravilhada, passando devagar os dedos sobre as letras em relevo — Mallory escreveu sobre isso. O rei Mark nada tem a ver com o que encontramos aqui. Excalibur, a espada mágica soltou-se da pedra só para o rei Arthur Mas por que veio para a minha mão tão facilmente? Por que eu estava em perigo? Não sei, mas que outra explicação pode haver! Se a espada voltou para cá é porque este é o seu lugar. Não deve sair daqui.

— Seja como for, ninguém pode tirá-la daí mesmo. — disse North, reticente.

Não gostava de pensar em magia, nem em fenômenos sobrenaturais, ou qualquer coisa que ele não pudesse explicar. Entretanto, a espada era real, o nome estava ali, gravado no aço reluzente. Mas teria Caroline puxado a espada, e ela viera para suas mãos por que era mágica?

Isso era demais para sua cabeça. Ele apenas sorriu para a esposa.

— As jóias e todo esse ouro não estão presos na pedra. O que pretende fazer

com o tesouro, Caroline?

— Ainda não sei.

Ela lembrou-se da peça que tinha guardado no bolso da capa e pegou-a. Era um bracelete muito parecido com o que estava no estojo de veludo, na sala de visitas e tinha a palavra *REX* gravada nele.

— O que acha disto, North? — perguntou, entregando a jóia ao marido.

— É igual ao que temos em casa. Deve ser o par daquele. Onde o encontrou?

— Estava meio enterrado na areia; tropecei nele e guardei-o no bolso da capa. Aqui há uma gravação. Dá para você ler?

North observou o bracelete com cuidado e passou os dedos sobre a inscrição.

— Não acredito. Detesto dizer isso, mas este bracelete ficou quente em minha mão, como se estivesse vivo. Pegue-o, Caroline e leia você o que está escrito. — devolveu o bracelete a ela — Não preciso ler nada. Se no outro bracelete está escrito *REX*, ou seja: "Rei", não duvido que neste esteja escrito *REGINA*, ou seja, "Rainha".

— Não. É muito mais preciso. Está gravado *GUINEVERE*.

North e Caroline decidiram que parte das jóias e das moedas iria para o Museu Britânico; os cálices seriam doados à catedral de Salisbury; um belíssimo colar de ouro seria dado a Duquesa; Cecília Nightingale podia escolher as jóias do seu agrado e a parte restante do tesouro ficaria em exposição em Mount Hawke para ser admirada por todos que ali viessem.

Cecília não se interessou por nada para si, escolheu apenas uma pulseira para Marie.

Quanto à espada *Excalibur* Caroline e North concordaram que ninguém deveria saber de sua existência. Além deles dois, apenas Coombe e Bess Treath tinham visto a prodigiosa espada, mas Bess estava morta e Coombe prometera jamais dizer alguma coisa sobre o que presenciara naquela câmara. Também, se dissesse, iriam achar que ele era maluco.

— Não basta guardarmos segredo sobre a espada. — disse Caroline ao marido, naquela noite — Você já imaginou o que acontecerá se alguém, acidentalmente, encontrar aquela câmara? A última coisa que queremos é ter aventureiros na propriedade, tentando roubar a espada. Bem que poderia haver uma explosão como há nas minas de estanho, para soterrar aquele lugar, você não acha?

— Acho que precisamos de um milagre. Agora vamos dormir. Amanhã pensaremos no assunto.

O que aconteceu foi considerado por North e Caroline um verdadeiro milagre. Naquela noite, logo depois que eles se deitaram, desabou uma tempestade. A chuva e o vento eram tão fortes, que árvores foram arrancadas pela raiz, grandes rochas rolaram do alto do penhasco para o mar e para a câmara onde estava a espada

*Excalibur*, selando sua entrada para sempre.

Caroline olhou para o estojo forrado de veludo onde estavam agora os dois braceletes: aquele com a inscrição *REX* e o outro onde estava gravado o nome *GUINEVERE*, e comentou:

— Creio que nunca saberemos quem escondeu o bracelete no relógio do hall.

— Eu o escondi. — revelou Cecília Nightingale.

North e Caroline ficaram perplexos.

— Por que o escondeu, mamãe?

— Ouvi seu avô e seu pai conversando, North. Eu me aproximei da porta que estava entreaberta e vi meu sogro com o tal bracelete na mão, contando que o pai dele tinha achado a jóia. Ele falava sobre ela como se fosse a coisa mais preciosa do mundo. Olhava para ela com olhos cheios de cobiça e a acariciava como um homem acaricia uma mulher. Era obsceno e patético ao mesmo tempo. Bem, vi quando ele guardou o bracelete no cofre. Tarde da noite, abri o cofre, peguei a jóia e a escondi na caixa do relógio. Eu queria me vingar de meu sogro e tirei dele a jóia que ele tanto amava. Ele passou o resto de seus dias ouvindo as batidas horríveis do velho relógio sem saber que a sua jóia preciosa estava tão perto.

Coombe, com o braço apoiado na tipóia, mas muito garboso, entrou na sala e anunciou que o jantar estava servido.

— Ah, Coombe, como estão você e Polgrain? — North perguntou-lhe.

— Sobreviveremos, milorde. Está sendo difícil aceitar a traição de alguém em quem confiávamos. Pensávamos que o conhecíamos, mas nos enganamos redondamente. O pobre Polgrain não se conforma por ter adormecido quando Vossa Senhoria mais precisava dele. Mas como vocês sabem, Tregeagle também o drogou. Só não fez o mesmo comigo, porque imaginou que me convenceria a tomar parte no seu plano diabólico. Polgrain e eu estamos desolados.

A lembrança daquela noite estava nítida na mente de Caroline: o terror, o sofrimento e, finalmente, o triunfo do bem sobre o mal. Ficaria com ela para sempre a imagem de si mesma tirando a *Excalibur* da pedra e a sensação de que a miraculosa espada tinha sido feita para ela. Jamais abandonaria a certeza de que tinha sido tocada por algo sobrenatural, por uma mágica antiga, sem explicação, mas que fora real. Salvava-lhe a vida.

Depois do jantar North estava a sós com Caroline e a trouxe para o círculo de seus braços.

— Estive com o Dr. Treath. — ele começou — Ele vai embora da Cornualha na próxima semana. Ainda não se recuperou do golpe que sofreu. Ele se culpa por ter sido tão cego e não ter percebido que todas as mulheres assassinadas tinham tido um envolvimento com ele. Eu fui discreto e não lhe perguntei se ele se lembrava de haver dormido com a irmã. Também, isso não tem mais importância.

— Realmente, o Dr. Treath não pode continuar aqui depois do que aconteceu. Ele não teria paz.

North beijou a testa da esposa.

— Quero lhe dizer que a amo e a admiro, Caroline. Você é corajosa, leal, criativa e generosa. Foram essas qualidades e a sua beleza interior que me atraíram logo que a conheci. Mas agora há algo novo em você. Estou certo de que é resultado de tudo o que passou naquela noite. Vejo em uma nova força, um brilho em seus olhos e ao mesmo tempo uma serenidade própria de pessoas amadurecidas que compreendem por que nós, mortais, estamos neste mundo.

Caroline beijou os lábios do marido e aninhou-se nos seus braços.

*Reconheço que sou abençoada, ela pensou, há um toque de magia em minha vida.*

## ***Epílogo***

### ***Mount Hawke — Cornualha Março, 1815***

Caroline bordava na sala de estar quando North veio ao encontro dela.

— Veja North, bordei um rouxinol no seu lenço. Dá para ver que é um pássaro, não dá? Eu sei que os homens Nightingale detestam lembrar que seu sobrenome quer dizer *rouxinol*. Mas o que se pode fazer? — ela notou que o marido parecia distante e tinha umas folhas de papel na mão — North? O que houve?

— Acabo de receber esta carta. Veio de Boston. — North sentou-se ao lado de Caroline e colocou a mão na barriga dela. Esse gesto tornara-se habitual. — Lembra-se de que descobrimos que minha bisavó teve um romance com um homem chamado Griffin?

— Sim, me lembro, claro. A família Griffin mudou-se para Boston em 1780. Essa carta é de parentes desse Griffin?

— De meus parentes também. Segundo esta carta, minha bisavó e Griffin foram juntos para Boston. Ele era mesmo um sedutor, mas apaixonou-se por minha bisavó, viveram juntos e tiveram muitos filhos. Depois que meu bisavô morreu, eles se casaram.

— E pensar que seu bisavô chegou a fazer o enterro da esposa... — Caroline murmurou — Ela e Griffin devem ter sido muito felizes.

— Não duvido disso. O que você acha de irmos a Boston para conhecer esses parentes? A guerra terminou no outono passado.

North sentiu o bebê dar um chute e disse, rindo:

— Viu só? Nosso filho quer conhecer todos os primos.

— Pelo menos esse lado da família não tem o sobrenome Nightingale. Não gostei de bordar pássaros em lenços. Mas agora, North, vou lhe contar uma novidade.

North arqueou uma sobrancelha.

— Coombe vai se casar com a Sra. Mayhew.

— O quê? — North inclinou a cabeça para trás e deu uma sonora risada — Imaginei que a minha esposa tivesse tido todas as experiências mágicas desta casa, mas parece que a Sra. Mayhew conseguiu a maior magia de todos os tempos.

